ESTELA NATALINA MANTOVANI BERTOLETTI

A PRODUÇÃO DE LOURENÇO FILHO SOBRE E DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL (1942 - 1968): FUNDAÇÃO DE UMA TRADIÇÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE MARÍLIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MARÍLIA/2006

ESTELA NATALINA MANTOVANI BERTOLETTI

A PRODUÇÃO DE LOURENÇO FILHO *SOBRE* E *DE* LITERATURA INFANTIL E JUVENIL (1942-1968): FUNDAÇÃO DE UMA TRADIÇÃO

Tese apresentada à Comissão Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP, campus de Marília, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Profª Drª Maria do Rosário Longo Mortatti

1410001826



Marília/ 2006



UN001453960

Nº cham. 808,068
B546p

Nº Tombo 1826
Aquisição D
Preço CR$,00
Data 10/04/06
Proced. autor

275p. il.
- Literatura infantil juvenil - História
- Lourenço Filho, manuel Bergstrom 1897-1970

Bertoletti, Estela Natalina Mantovani
B546p A produção de Lourenço Filho sobre e de literatura infantil e juvenil (1942-1968): fundação de uma tradição / Estela Natalina Mantovani Bertoletti – Marília, 2006.
275 f. ; 30 cm.

Tese (Doutorado em Educação)– Faculdade de Filosofia e Ciências -- Universidade Estadual Paulista, 2006.
Orientadora: Profa. Dra. Maria do Rosário Longo Mortatti
Bibliografia: f. 237-241
1.Literatura infantil e juvenil. 2. Lourenço Filho
3. Historia da literatura infantil e juvenil I. Autor. II. Título.

CDD 372.1

ESTELA NATALINA MANTOVANI BERTOLETTI

A PRODUÇÃO DE LOURENÇO FILHO *SOBRE* E *DE* LITERATURA INFANTIL E JUVENIL (1942-1968): FUNDAÇÃO DE UMA TRADIÇÃO

COMISSÃO JULGADORA

TESE PARA OBTENÇÃO DE GRAU DE DOUTOR

Presidente e Orientador: Profª Drª Maria do Rosário Longo Mortatti (UNESP/Marília)

2º Examinador: Profº Dr. Edmir Perrotti (USP/São Paulo)

3º Examinador: Profª Drª Diana Gonçalves Vidal (USP/São Paulo)

4º Examinador: Dr. João Luís Cardoso Tapias Ceccantini (UNESP/Assis)

5º Examinador: Drª Claudete Cameschi de Souza (UFMS/Aquidauana)

Resultado: .....

Marília, ... de ..... de 2006

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

Aos meus pais, Waldomiro e Elza, pela base sólida que propiciaram à minha formação; aos meus filhos, Eduardo e Enzo, por perpetuarem a minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a quem recorri várias vezes e sempre fui atendida;

à professora Doutora Maria do Rosário Longo Mortatti, minha orientadora, a quem devo grande parte de minha formação acadêmica e que, ao longo desses quatro anos, com paciência, respeito, incentivo, crítica, sugestões, orientação segura me ajudou a produzir esta Tese;

ao professor Doutor Ruy Lourenço Filho pela gentileza com que atendeu a minhas solicitações, pelas valiosas informações que me prestou e pelo material raro que me forneceu;

ao Doutor João Luís Cardoso Tapias Ceccantini, pelo incentivo, pelos elogios, pela oportunidade de um instigante momento de discussão e pelas excelentes sugestões, que me apresentou durante o Exame Geral de Qualificação;

aos membros do Grupo de Pesquisa "História do ensino de língua e literatura no Brasil" pela amizade, pelas contribuições e sugestões oferecidas à minha pesquisa;

ao meu esposo, Erivelton, pelo apoio;

aos meus irmãos, Laércia, Cleuza, Caetano, Plínio, Neusa, Cleide, Carlos e Alexandre, pelo amor incondicional;

ao CNPq, pela concessão de bolsa para a realização do Doutorado;

a todos os que de alguma forma contribuíram para a conclusão de mais esta etapa de minha formação acadêmica.

O presente e o futuro não se tornam inteligíveis sem que as coisas do passado se levem em conta.
(LOURENÇO FILHO, 1968)

unesp

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *A produção de Lourenço Filho sobre e de literatura infantil e juvenil* (1942-1968): fundação de uma tradição. 2006. 260f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

Resumo

Apresentam-se, nesta Tese, os resultados de pesquisa de fundo histórico sobre a produção de Manoel Bergström Lourenço Filho (1897-1970) *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil, publicada entre 1942 e 1968, que tem por objetivos: contribuir para a produção de uma história, teoria e crítica específicas da literatura infantil e juvenil brasileiras; compreender a produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil, mediante análise da configuração textual do corpus eleito; e compreender a relação entre essa produção e o lugar ocupado por seu autor no âmbito da história da literatura infantil e juvenil brasileira. Para a consecução dos objetivos, a abordagem histórica do tema está centrada em pesquisa documental e bibliográfica, desenvolvida mediante procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação da produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil e da bibliografia especializada sobre Lourenço Filho, sua obra e sua atuação profissional, assim como sobre literatura infantil e juvenil. Conclui-se que, em sua produção *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil, Lourenço Filho funda uma tradição, característica de determinada época, que serve de referência a seus pósteros, influenciando sobremaneira a produção *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil até os dias atuais.

Palavras-chave: Literatura infantil e juvenil; Lourenço Filho; Literatura infantil e juvenil: história

unesp

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Lourenço Filho's production about and of infantile and juvenile literature* (1942-1968): foundation of a tradition.2006. 260 pg. Thesis (Education Doctorate) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

Abstract

This thesis presents the results of historical fund research about Manoel Bergstrom Lourenço Filho's (1897-1970) work *about* and *of* infantile and juvenile literature, published between 1942 and 1968 aiming: to contribute to the production of a history, theory and specific criticism of the Brazilian infantile and juvenile literature; to comprehend the production of Lourenço Filho's *about* and *of* infantile and juvenile literature, through the textual configuration analysis of the elected *corpus*; and to comprehend the relation between this production and the place held by its author in the infantile and juvenile Brazilian literature history. In order to achieve the aims, the historical approach of the theme is focused on documentation and bibliographical research, developed through localizational procedures, recuperation, assemblage, selection and ordering of the Lourenço Filho's production *about* and *of* infantile and juvenile literature and specialized bibliography about Lourenço Filho's production, his work and professional performance, as well as infantile and juvenile literature. It follows that, in his production *about* and *of* infantile and juvenile literature, Lourenço Filho establishes a tradition, characteristic of an specific time as a reference to the coming generation, extremely influencing the production *about* and *of* infantile and juvenile literature until nowadays.

Key words: Infantile and Juvenile Literature; Lourenço Filho; Infantile and Juvenile Literature: history.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13

PARTE I
LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: PROBLEMAS E PROPOSTAS

1. **A produção *sobre* o gênero no Brasil** 27
2. **Aspectos teórico-metodológicos** 44

PARTE II
LOURENÇO FILHO E A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

1. **Aspectos da vida e obra de Lourenço Filho relacionados com sua produção *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil**
   - **1.1 Formação e atuação de Lourenço Filho** 56
   - **1.2 O escritor Lourenço Filho** 66
     - **1.2.1 Literatura (para adultos) e crítica literária** 72
     - **1.2.2 Literatura infantil e juvenil** 77
     - **1.2.3 Livros didáticos para o ensino da leitura** 81
     - **1.2.4 Textos *sobre* literatura infantil e assuntos correlatos**
       - **1.2.4.1 Capítulo de livro, artigos, conferências, separatas, periódicos** 83
       - **1.2.4.2 Introdução, apresentação e prefácios** 87
       - **1.2.4.3 Pareceres** 88
   - **1.3 O presidente da Comissão Nacional de Literatura Infantil** 96

2. **Aspectos do contexto histórico da produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil**
   - **2.1 Aspectos sócio-políticos** 111
   - **2.2 Urgências culturais e educacionais**
     - **2.2.1 Educação e escolarização** 116
     - **2.2.2 Literatura e literatura infantil** 121
     - **2.2.3 O mercado editorial de livros para crianças** 124

PARTE III
A PRODUÇÃO DE LOURENÇO FILHO *SOBRE* LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

1. **Os textos**
   - **1.1 "Como aperfeiçoar a literatura infantil"** 129
   - **1.2 "O valor das bibliotecas infantis"** 132
   - **1.3 "Literatura infantil e juvenil"** 133
   - **1.4 "Inquérito sôbre livros para crianças"** 134
   - **1.5 "Oração do acadêmico Lourenço Filho"** 136
   - **1.6 "Um livro básico sobre literatura infantil"** 137

unesp

2. Circulação e influência exercida 140

3. Temas e problemas abordados
3.1 Histórico da literatura infantil e juvenil 143
3.2 Crítica à literatura infantil brasileira 146
3.3 A literatura infantil e juvenil como gênero 151
3.4 Conceituação e caracterização da literatura infantil e juvenil 154
3.5 A função formadora da literatura infantil 158
3.6 A criança "consumidora" da literatura infantil e juvenil 160
3.7 O escritor de literatura infantil 161
3.8 Escola, mercado e literatura infantil 163

4. O "especialista na matéria" 165

PARTE IV
A PRODUÇÃO DE LOURENÇO FILHO *DE* LITERATURA INFANTIL

1. A Série Histórias do Tio Damião
1.1 Trajetória editorial 170
1.2 Projeto gráfico 175

2. A narrativa
2.1 As histórias 180
2.2 Personagens 184
2.3Tempo 196
2.4 Espaço 198
2.5 Núcleos temáticos 200

3. O modo de narrar
3.1 Organização da narrativa 204
3.2 Narrador e ponto de vista 208
3.3 Linguagem 211

4. Relações intertextuais 214

5. O escritor Lourenço Filho na produção *de* literatura infantil 218

PARTE V
AS POSSÍVEIS RELAÇÕES ESTABELECIDAS

1. Aspectos da produção de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil
1.1 Pioneirismo e influência 221
1.2 Influências recebidas 222
1.3 As concepções ambíguas 223

1.4 Permanência 226

2. Aspectos da produção de Lourenço Filho de literatura infantil
2.1 Diálogo 228
2.2 Importância 229
2.3 Influências recebidas 230
2.4 Permanência 231

3. O possível diálogo entre as produções 234

CONSIDERAÇÕES FINAIS 237

REFERÊNCIAS 241

BIBLIOGRAFIA
I. Apoio teórico 250
II. Obras de Referência 254

ACERVOS, INSTITUIÇÕES E *SITES* CONSULTADOS 255

APÊNDICE:
PRODUÇÃO DE LOURENÇO FILHO *SOBRE* E *DE* LITERATURA INFANTIL E JUVENIL 257

ANEXOS 275
Anexo 1: "20 livros que poderão ser tradusidos ou adaptados para crianças entre 8 e 14 anos".
Anexo 2: "Biblioteca Escolar Recreativa – Editorial Paulista/SP".
Anexo 3: Formato do livro *Totó*.
Anexo 4: Capas dos livros da Série Histórias do Tio Damião
Anexo 5: Quartas capas dos livros da Série Histórias do Tio Damião
Anexo 6: Página do livro *No circo*.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: População total, número de habitantes da zona urbana, população ativa e população empregada na indústria, entre 1940 e 1960..... 114

QUADRO 2: Crescimento da população em idade escolar no Brasil, entre 1940 e 1960..... 117

QUADRO 3: Expansão da matrícula no ensino primário, médio e superior, entre 1940 e 1960..... 118

QUADRO 4: Evolução do analfabetismo no Brasil, entre 1940 e 1960..... 118

QUADRO 5: Número potencial de leitores, dentre as crianças matriculadas, aprovadas e concluintes do curso primário fundamental, entre 1932 e 1965..... 124

QUADRO 6: Número de livros de literatura infantil publicados no Brasil de 1930 a 1950..... 126

QUADRO 7: Edições e reedições dos títulos da Série Histórias do Tio Damião, por ano..... 171

QUADRO 8: Tiragem total de exemplares de cada título da Série Histórias do Tio Damião..... 172

QUADRO 9: Crianças em idade escolar alfabetizadas, na população do estado de São Paulo..... 173

QUADRO 10: Ilustradores dos 11 livros analisados da Série Histórias do Tio Damião..... 178

unesp

INTRODUÇÃO

Meu interesse pela literatura infantil e juvenil de Manoel Bergstrom Lourenço Filho (1897-1970) vem pelo menos desde 1997, quando encerrei o curso de pós graduação em nível de mestrado, na UNESP/Marília, sob orientação da professora Drª Maria do Rosário Longo Mortatti, com pesquisa sobre as contribuições de Lourenço Filho para a educação brasileira no âmbito da alfabetização[1].

À época, como membro do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (GPHELLB)[2] e depois como membro da Equipe Executora do Projeto Integrado de Pesquisa "Ensino de língua e literatura no Brasil: repertório documental republicano" (PIPELLB)[3], tive oportunidade de estabelecer longo diálogo com a coordenadora de ambos, a professora Drª Maria do Rosário Longo Mortatti, e expor meu interesse em continuar com estudos a respeito de Lourenço Filho e sua obra, especialmente aspectos relacionados à leitura e à literatura infantil e juvenil.

A coordenadora do GPHELLB e do PIPELLB apontou a oscilação da classificação dos livros para crianças produzidos por Lourenço Filho entre literatura escolar e literatura infantil e ressaltou a necessidade de se problematizar esse aspecto da obra do educador, relacionado à

---

[1] Dessa pesquisa resultou a Dissertação de mestrado intitulada *Cartilha do povo e Upa, cavalinho*! – o projeto de alfabetização de Lourenço Filho (1997). Nela, mediante análise da configuração textual de ambas as cartilhas, cujas primeiras edições datam de 1928 e 1957, respectivamente, busquei compreender e explicar o projeto de alfabetização de Lourenço Filho, concluindo que esse projeto foi reiterado por Lourenço Filho ao longo do tempo, passando por poucas modificações e atualizações e adquirindo um caráter de permanência e sucesso que lhe garantiu durabilidade e presença até os dias atuais.

[2] O GPHELLB entrou em atividade em 1994 e permanece em funcionamento até os dias atuais, estando cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil (CNPq).

[3] O PIPELLB (apoio e auxílio financeiro CNPq; auxílio financeiro FAPESP), desenvolvido entre agosto de 1999 e julho de 2003, derivou das atividades do GPHELLB. Teve como objetivo geral organizar, ampliar, sistematizar e divulgar, por meio impresso e eletrônico, uma obra de referência, com caráter de repertório de fontes documentais produzidas entre as últimas décadas do século XIX e os dias atuais, relativa às suas cinco linhas de pesquisa: 1. Formação de Professores de Língua e Literatura; 2. Alfabetização; 3. Ensino de Língua Portuguesa; 4. Ensino de Literatura; e 5. Literatura Infantil e Juvenil. A obra de referência resultante das atividades desse projeto contém um total de 2.025 referências distribuídas entre suas cinco linhas de pesquisa e encontra-se disponível no acervo do GPHELLB.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

gênese da literatura infantil brasileira. Destacou, dentre os muitos títulos de livros de Lourenço Filho para crianças, a Série Histórias do Tio Damião e ressaltou, ainda, a necessidade de desenvolver pesquisas de fundo histórico que contribuam para a compreensão dos problemas envolvidos no processo de constituição da literatura infantil e juvenil brasileiras e suas relações com a educação e a escola.

No GPHELLB e no PIPELLB, encontravam-se, então, em desenvolvimento ou concluídas, pesquisas que, mediante análise da configuração textual de textos desse gênero literário, buscavam contribuir para a produção de uma história, teoria e crítica específicas da literatura infantil e juvenil brasileiras. Os resultados dessas pesquisas evidenciavam um campo fecundo e promissor, apontando ainda para um conjunto de aspectos da história ainda não explorados desse gênero.

Em 1998, fui convidada por uma professora da disciplina "Literatura Infanto-Juvenil" do curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), na Unidade de Cassilândia/MS, para, em uma de suas aulas, apresentar a seus alunos as idéias de Lourenço Filho sobre leitura e literatura, especialmente difundidas entre meados de 1920 e meados de 1970.

Baseando-me, principalmente, na bibliografia de Lourenço Filho, por mim localizada, recuperada, reunida, selecionada e ordenada à época do mestrado, pude fazer algumas reflexões junto àqueles alunos sobre a importância e relevância da contribuição desse intelectual relativamente à leitura — que se avultou como preocupação fundamental em sua obra — e assuntos correlatos, dentre os quais, a literatura infantil. Dessa maneira meu interesse começou a se concentrar no estudo do que considerei inicialmente como literatura infantil produzida por Lourenço Filho.

unesp

Em 1999 e 2000, ministrei a disciplina "Literatura Infanto-Juvenil" na UEMS, Unidade de Cassilândia, aprofundando minhas reflexões sobre literatura infantil, seus problemas teóricos e impasses constitutivos. Observei, então, que, nos estudos acadêmicos *sobre* o gênero à época considerados, embora houvesse referências à produção de Lourenço Filho, tratava-se de citações esparsas, em livros sobre a história da literatura infantil e juvenil, não havendo nenhum estudo mais extensivo sobre essa produção. Nessa época, ainda, localizei apenas um estudo mais sistematizado, que dedica apenas um de seus capítulos ao assunto.

Esse estudo foi realizado no âmbito do GPHELLB e do PIPELLB e resultou na Tese de Doutorado em Letras, intitulada *O patinho feio de H. C. Andersen*: o "abrasileiramento" de um conto para crianças, de Ana Maria da Costa Santos Menin, defendida em 1999, na UNESP, campus de Assis/SP, sob a orientação da professora Dr. Maria do Rosário Longo Mortatti. Mediante análise da configuração textual de quatro recriações brasileiras de *O patinho feio* — sendo uma de Lourenço Filho —, Menin (1999) discute a tese de apropriação e "abrasileiramento" a que esse conto foi submetido.

A constatação desse quase-silêncio, propiciou alargamento do horizonte de minhas reflexões e aumentou o meu interesse por desenvolver pesquisa vinculada à linha Literatura Infantil e Juvenil, no âmbito do GPHELLB e do PIPELLB, tendo como tema a produção de Lourenço Filho a respeito de literatura infantil.

Desse modo, no final de 2001, inscrevi-me no processo de seleção para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação, nível de doutorado, da UNESP/Marília, com projeto que propunha discutir o caráter pedagógico e/ou literário da Série Histórias do Tio Damião, de Lourenço Filho, mediante análise da configuração textual de seus 12 títulos: *Totó* (1942a), *Baianinha* (1942b), *Papagaio Real* (1943a), *Tão pequenino...* (1943b), *Saci-Pererê*



(1944a), O *indiozinho* (1944b), *A irmã do indiozinho* (1946a), *A Gauchita* (1946b), *A formiguinha* (1946c), *No circo* (1946d), *Maria do Céu* (1951a), *E eu, também...* (1951b).

Aprovada e sob a orientação da professora Drª Maria do Rosário Longo Mortatti, matriculei-me, em 2002, na disciplina "Filosofia da Educação no Brasil", no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da UNESP, campus de Marília, ministrada pelo professor Dr. Pedro Ângelo Pagni, na qual se discutiu a apropriação de correntes filosóficas por intelectuais brasileiros, dentre outros, Lourenço Filho, Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, para o tratamento de problemas da nossa realidade social (ou cultural) e educacional.

No segundo semestre de 2002, cursei a disciplina "Literatura infantil brasileira", no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da UNESP, campus de Marília, ministrada pela professora Drª Maria do Rosário Longo Mortatti. Essa disciplina focalizou o processo histórico de constituição da literatura infantil brasileira como gênero literário e objeto de estudo, analisando discursos *de* e *sobre* o gênero, representativos de momentos cruciais nesse processo, dentre eles, o de Lourenço Filho.

Em 2003, cursei a disciplina "Teoria da Narrativa", no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, da UNESP, campus de São José do Rio Preto/SP, ministrada pelo professor Dr. Sérgio Vicente Motta, que propiciou o estudo de autores e obras no processo de construção da prosa literária brasileira, abrangendo características formais, estilísticas e temáticas e considerando aspectos de formação, afirmação e ruptura em relação à série literária brasileira e aos códigos estéticos.

Nesse período também, localizei um outro estudo que dedica um de seus capítulos à literatura infantil de Lourenço Filho. Trata-se da Tese de Doutorado em História Social, de

unesp

Gabriela Pellegrino Soares, defendida em 2002, na USP, sob a orientação da professora Drª Maria Lígia Coelho Prado e intitulada *A semear horizontes*: leituras literárias na formação da infância, Argentina e Brasil (1915-1954). Mediante análise comparativa da produção e circulação de obras literárias para crianças na Argentina e no Brasil, entre 1915 e 1954, e análise do conteúdo de alguns pareceres a livros do gênero emitidos por Lourenço Filho, em sua função como consultor editorial junto à Companhia Melhoramentos de São Paulo, Soares (2002) o reconhece como "mediador" da literatura infantil brasileira produzida na primeira metade do século XX.

Ainda nesse período inicial de Doutorado, organizei um instrumento de pesquisa referente à produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil (em Apêndice), a partir, especialmente, de dados presentes na coletânea *Por Lourenço Filho*: uma biobibliografia, organizada por Carlos Monarcha e Ruy Lourenço Filho (2001). Por meio da análise preliminar das referências constantes na coletânea e no instrumento de pesquisa, pude constatar a quantidade e a variedade da produção escrita de Lourenço Filho relativa à literatura infantil e a importância de que se reveste essa produção, assim como sua atuação profissional nesse âmbito, devido à significativa influência que exerceu sobre escritores de literatura infantil de sua época e, sobretudo, devido à atuação direta e indireta do escritor na constituição da literatura infantil brasileira.

A elaboração e divulgação[4] do instrumento de pesquisa e as disciplinas cursadas não apenas trouxeram à tona problemas e impasses relativos ao método de abordagem do objeto de

---

[4] Esse instrumento de pesquisa propiciou diferentes reflexões sobre variados aspectos do tema que foram apresentados em eventos científicos, publicados sob a forma de resumos ou de textos completos, quais sejam: BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. A produção de Lourenço Filho de e sobre literatura infantil. In.: GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (GEL), 50, 2002, São Paulo. *Resumos*... São Paulo: USP, 2002. p. 41; _____. _____. In.: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 5, 2002, Águas de Lindóia. *Anais eletrônicos*... Águas de Lindóia: Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2002.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

estudo dada a especificidade da literatura infantil e dada também a complexidade e a variedade de questões relativas ao gênero — como, por exemplo, a predominância ou não do substantivo "literatura" sobre o adjetivo "infantil" e o que diferencia literatura infantil e juvenil de "literatura" didática —, mas também propiciaram uma melhor delimitação do tema de pesquisa a ser desenvolvida em nível de doutorado: a produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil publicada entre 1942 e 1968.

Para o desenvolvimento do tema, elegi como *corpus*:

a) os textos "Como aperfeiçoar a literatura infantil" (1943c), "O valor das bibliotecas infantis" (1948a), "Literatura infantil e juvenil" (1957), "Inquérito sôbre livros para crianças" (1959a), "Oração do acadêmico Lourenço Filho" (1966a) — em recepção ao acadêmico Francisco Marins, na Academia Paulista de Letras —, "Um livro básico sobre literatura infantil" (1968), para análise da produção de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil; e

b) 11 livros infantis da Série Histórias do Tio Damião (1942-1951), para análise da produção de Lourenço Filho *de* literatura infantil.

---

1 CD-ROM; _____. Literatura infantil brasileira – a produção de Lourenço Filho. In.: SEMINÁRIO DE PESQUISA, 3, 2002, Marília. *Cadernos de Área*... Marília: UNESP, 2002. p. 33-37; _____. O pensamento sobre literatura infantil dos "fundadores": Lourenço Filho e Cecília Meireles. In.: SEMINÁRIO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, 2, 2003, Três Lagoas. *Resumos*... Três Lagoas: UFMS, 2003. p. 42-43; _____. Como aperfeiçoar a literatura infantil, segundo Lourenço Filho. In.: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2, 2003, Campinas. *Caderno Resumo*... Campinas: Secretaria Municipal de Educação de Campinas, 2003. p. 23; _____. Lourenço Filho e a literatura infantil. In.: SIMPÓSIO DE FILOSOFIA E CIÊNCIA, 5, 2003, Marília. *Anais eletrônicos*... Marília: UNESP Marília Publicações, 2003. 1 CD-ROM; _____. Literatura infantil e Lourenço Filho. In.: CONGRESSO DA HISTÓRIA DO LIVRO E DA LEITURA NO BRASIL, 2, 2003, Campinas. *Resumos*... Campinas: UNICAMP, 2003. p. 317; _____. A literatura infantil segundo M. B. Lourenço Filho. In.: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL (COLE), 14, 2003, Campinas. *Resumos*... Campinas: UNICAMP, 2003. p. 144; _____. Sobre literatura infantil: o pensamento dos fundadores". In.: CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ (CELLIP), 16, 2003, Londrina. *Caderno de Programação e Resumos*... Londrina: UEL, 2003. p. 175.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

A eleição de 11 dos 12 livros que compõem a Série Histórias do Tio Damião se justifica na medida em que, apesar de todos os esforços, não foi localizado nenhum exemplar do último título da Série *E eu, também...* (1951b). A pouca preocupação com a memória nacional, o excessivo controle do acesso a acervos e a informação obtida a respeito de uma única edição com uma tiragem de 20.000 exemplares, parecem indicar que esse livro se "perdeu". A análise da Série como representativa da produção de Lourenço Filho *de* literatura infantil, no entanto, não ficou completamente prejudicada, pois todos os livros mantêm um mesmo projeto gráfico e "literário" como se poderá verificar na Parte IV, desta Tese, podendo-se inferir que o último título da Série mantém a mesma configuração que os livros que o antecederam, garantindo certa homogeneidade ao *corpus*.

Em vista disso, a escolha da Série Histórias do Tio Damião justifica-se pelo seguinte motivo: trata-se de produção *de* literatura infantil, publicada em um período quase inexplorado pelos pesquisadores do gênero, as décadas de 1940 e 1950, e que tiveram um significativo número de edições e tiragens, variando de uma a oito edições, com tiragens entre 5.000 e 20.000 exemplares. A escolha dos textos *sobre* literatura infantil, por sua vez, justifica-se pelo fato de tematizarem, entre as décadas de 1940 a 1960, a literatura infantil em um "primeiro plano", sendo, por isso, representativos dessa produção de Lourenço Filho e que respondem a finalidades e necessidades do gênero em consonância com a época, com o espaço de circulação e com o público a que se destinavam, além do caráter pioneiro de, pelo menos três deles, na produção *sobre* literatura infantil brasileira.

A partir da delimitação do tema, da escolha do *corpus* e de sua análise preliminar, formulei o seguinte problema: se a quantidade e a variedade de textos de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil apontam para a importância das facetas de teorizador e de escritor do

unesp

gênero, o que, então, Lourenço Filho concretizou e tematizou[4] nessa produção, quais as possíveis relações entre essa produção e o lugar ocupado por seu autor no âmbito da literatura infantil e juvenil e qual a relação dessas concretizações e tematizações entre si?

A partir da delimitação e problematização do tema, formulei as seguintes questões norteadoras da investigação:

Qual a formação e atuação profissional de Lourenço Filho e sua relação com a produção *sobre* e *de* literatura infantil?

A que finalidades e necessidades da época a produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil respondia?

Quais sentidos podem ser atribuídos às concretizações e tematizações de Lourenço Filho em sua produção *sobre* e *de* literatura infantil, mediante análise do *corpus* escolhido?

Quais as possíveis relações entre a produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e o lugar ocupado por seu autor no âmbito da literatura infantil e juvenil brasileira?

Qual a relação entre a produção *sobre* e a produção *de* literatura infantil de Lourenço Filho?

Qual a importância da produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil?

E estabeleci, também, os objetivos da pesquisa:

- compreender a produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil; mediante análise da configuração textual do *corpus* eleito; e,

---

[4] O uso dos termos "tematizações" e "concretizações" e suas variações foram inspiradas em Mortatti (2000), que os utilizou em relação ao conteúdo, finalidades e forma de veiculação de documentos relativos à alfabetização. Nesta Tese, adaptei-os aos documentos relativos à literatura infantil e juvenil, sendo que as *tematizações*, referem-se a capítulo de livro, artigos, conferências, separatas, periódicos, crítica literária, "recepção de acadêmico", introdução, apresentação e prefácios a livros *de* e *sobre* literatura infantil, manuscritos e correspondências; e as *concretizações*, referem-se a livros de literatura infantil e juvenil.

unesp

- compreender a relação entre a produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil e o lugar por ele ocupado no âmbito da história da literatura infantil e juvenil brasileira.

Por fim, foi possível formular a seguinte hipótese: em sua produção *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil, Lourenço Filho funda uma tradição[5], característica de uma determinada época, que serve de referência a seus pósteros, influenciando sobremaneira a produção *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil até os dias atuais.

***

Na redação desta Tese, optei por utilizar especialmente os procedimentos descritos a seguir:

- no início de cada capítulo, fiz uma rápida apresentação de seu conteúdo, a fim de situar os aspectos escolhidos, dentre tantos possíveis, para análise da configuração textual; na Parte V, como exceção, a apresentação foi feita no início da Parte, devido à uniformidade de tratamento dado ao conteúdo de cada capítulo;

- na denominação e análise da produção de Lourenço Filho, escolhi a expressão "produção *sobre*", seguida da expressão "produção *de*", em virtude de aquela ter sido produzida antes desta, nos artigos de crítica literária, em 1915 e 1916, nos textos sobre leitura e livros, a partir de 1920, e nas atuações de Lourenço Filho como editor da Companhia Melhoramentos de São Paulo, a partir de 1926 e como presidente da Comissão Nacional de Literatura Infantil, em 1936 e 1937;

---

[5] A expressão "funda uma tradição" foi inspirada em Mortatti (1997; 2000) que a utilizou em relação à alfabetização. No caso desta Tese, apliquei-a à produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil, atribuindo-lhe também o sentido empregado pela autora, como o de se desvencilhar do passado e se propor como novo, visando a impor-se como legado histórico a seus pósteros.

unesp

- nessa denominação, ainda, utilizei ora "literatura infantil" ora "literatura infantil e juvenil", respeitando a denominação do autor dos documentos analisados;

- na citação dos originais, dadas as características da pesquisa de fundo, histórico, busquei conservar a ortografia de época, sempre que possível. É necessário observar, no entanto, que, muitas vezes, essa ortografia não se apresenta uniforme, talvez devido a problemas tipográficos; de qualquer maneira, reproduzi-a conforme se apresentava nos documentos analisados;

- na apresentação dos documentos, dada a especificidade do *corpus* escolhido e a metodologia de análise empregada, assim como a dificuldade de acesso aos documentos, apresentei-os mediante descrição e, sempre que possível, mediante cópia em anexo, visando a proporcionar ao leitor condições mais adequadas de compreensão da produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil;

- por motivos técnicos, todas as páginas dos livros que estão em anexo foram reproduzidas em preto e branco.

Por outro lado, em virtude da organização de um Apêndice, contendo as referências completas — com todas as edições, quando for o caso — da produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil, optei por não arrolar separadamente as fontes documentais utilizadas, uma vez que elas podem ser consultadas nesse Apêndice.

***

Com base em todas essas considerações, a Tese está organizada em cinco partes, após esta Introdução.

A Parte I está dividida em dois capítulos que apresentam problemas e propostas da literatura infantil e juvenil. No capítulo 1, apresento aspectos da produção *sobre* literatura

infantil e juvenil, produzida por autores brasileiros, que possibilitem um mapeamento do pensamento *sobre* o gênero, bem como situem o tema e o problema investigados nesta Tese. No capítulo 2, explicito conceitos básicos que norteiam as opções teórico-metodológicas desta Tese.

A Parte II está dividida em dois capítulos que esboçam a produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil em relação a sua obra e sua época. No capítulo 1, apresento aspectos da vida e obra de Lourenço Filho relativos a seu processo de produção *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil. No capítulo 2, apresento um esboço histórico de aspectos políticos, econômicos, educacionais, culturais e literários, que considerei necessários para a compreensão da produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil.

A Parte III está dividida em quatro capítulos que analisam a produção de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil. No capítulo 1, descrevo aspectos do conteúdo, estrutura e forma e de publicação de cada texto de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil. No capítulo 2, analiso a circulação e a influência desses textos. No capítulo 3, descrevo e analiso os temas e problemas presentes nos textos de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil. No capítulo 4, analiso os sentidos dessa produção de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil em relação a sua atuação.

A Parte IV está dividida em cinco capítulos que analisam a produção de Lourenço Filho *de* literatura infantil. No capítulo 1, descrevo e analiso aspectos relativos à trajetória editorial e ao projeto gráfico da Série Histórias do Tio Damião. No capítulo 2, descrevo e analiso aspectos do conteúdo das narrativas da Série. No capítulo 3, descrevo e analiso aspectos do modo de narrar. No capítulo 4, descrevo e analiso aspectos intertextuais da Série.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

No capítulo 5, analiso os sentidos dessa produção de Lourenço Filho *de* literatura infantil em relação a sua atuação.

A Parte V está dividida em três capítulos que consideram a produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil, no âmbito da história do gênero, no Brasil, numa tentativa de ensaio, para compreender em que medida Lourenço Filho funda uma tradição nessa produção. No capítulo 1, analiso e interpreto as possíveis relações da produção de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil. No capítulo 2, analiso e interpreto as possíveis relações da produção de Lourenço Filho *de* literatura infantil. No capítulo 3, analiso e interpreto as possíveis relações entre a produção *sobre* e a produção *de* literatura infantil e juvenil de Lourenço Filho.

Após essas Partes, seguem-se: considerações finais sobre as tematizações e concretizações de Lourenço Filho em sua produção *sobre* e *do* gênero, bem como considerações gerais sobre esta Tese; referências; bibliografia; relação de instituições e acervos consultados; um apêndice que contém o instrumento de pesquisa da produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil e seis anexos.

unesp

PARTE I:

LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: PROBLEMAS E PROPOSTAS

1. A produção *sobre* o gênero no Brasil

Neste capítulo, busco situar a produção brasileira *sobre* literatura infantil e juvenil, destacando aspectos que, ao mesmo tempo, mapeiem essa produção ao longo do tempo e situem o tema e o problema investigados nesta Tese.

***

No Brasil, a literatura infantil e juvenil constitui-se num campo de conhecimento relativamente recente, quando comparado a outros campos de conhecimento. Segundo Magnani (1998), as primeiras tematizações do gênero, datadas do final do século XIX eram esparsas e episódicas estando subsumidas, muitas vezes, na discussão sobre a produção de livros para crianças. Na primeira metade do século XX, iniciou-se a publicação de artigos, manuais de ensino e livros de caráter ensaístico sobre o gênero, propiciando crescente sistematização de idéias, o que se intensificou a partir da década de 1970, acompanhando a produção de livros de literatura infantil e juvenil (MORTATTI, 2000b). Ao longo desse período, alguns autores foram-se destacando, e suas reflexões foram sendo referendadas em textos de autores a eles posteriores, tornando-se referências indispensáveis aos estudos e pesquisas *sobre* literatura infantil e juvenil.

Mediante mapeamento da produção brasileira *sobre* o gênero, selecionei autores e textos representativos das diferentes discussões sobre questões da literatura infantil e juvenil, optando pelos que seguem, apresentados em ordem cronológica de publicação: Lourenço Filho (1943c), Meireles (1951), Azevedo (1952), Arroyo (1968), Salem (1970), Zilberman (1981), Zilberman e Magalhães (1982), Lajolo e Zilberman (1984), Zilberman e Lajolo (1986), Cademartori (1986), Perroti (1986), Coelho (1987), Sandroni (1987), Magnani (1989). Além desses, optei por incluir os estudos de Magnani (1998), Mortatti (2000b) e Ceccantini (2000; 2004), por apresentarem reflexões contemporâneas de aspectos

unesp

sobre literatura infantil que dialogam diretamente com a discussão do tema e do problema abordados nesta Tese.

No artigo "Como aperfeiçoar a literatura infantil", Manoel Bergström Lourenço Filho (1943c), busca "[...] propor o problema da literatura infantil, e [...] oferecer sugestões a seu mais demorado estudo" (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 169).

Para Lourenço Filho literatura e literatura infantil têm o mesmo fim, o da arte, ou seja, o de exprimir o belo, o de comunicar emoção estética. Segundo esse autor, a literatura infantil, no entanto, é um "ramo de letras" *especialíssimo*, que deve receber tratamento específico, dadas as características específicas de quem a "consome": a criança, um ser em formação. Em vista disso, para Lourenço Filho, o "belo" destinado à criança, condiciona-se à necessidade de formação inerente à infância; é o "[...] belo das idades infantis" (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 157), sendo a literatura infantil "[...] instrumento de profunda ação educativa" (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 157). O autor critica a ausência, em sua época, de investigações e de medidas sistemáticas sobre o gênero no Brasil, "[...] tendentes à sua elevação" (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 165) e ressalta a importância de estudos e discussões sobre esse gênero.

No livro *Problemas da literatura infantil*[1] — ao que tudo indica, o primeiro produzido no Brasil em que se tematiza a literatura infantil — resultado de três conferências proferidas para professores em 1949, em Minas Gerais, a poeta e educadora Cecília Meireles (1951) aponta alguns dos "variados aspectos" da literatura infantil, mediante reflexões a respeito da gênese desse gênero literário, de sua conceituação e delimitação e de sua importância na formação das crianças.

---

[1] Neste texto, utilizei um exemplar da 2ª edição, Summus Editorial, de 1979; nessa edição não há alteração em relação à 1ª, razão pela qual optei por indicar a data de publicação dessa 1ª edição, garantindo a ordem cronológica de apresentação dos estudos e autores propostos para este capítulo.

unesp

Segundo Meireles (1951), a literatura oral precedeu o livro e muitas vezes o substituiu. Como essa literatura apresenta todas as qualidades para a formação humana, precisou ser "fixada" por escrito, não sendo, no entanto, por ele eliminada, uma vez que a literatura oral coexiste com a literatura escrita. Desse modo, para Meireles (1951), a literatura infantil tem sentido amplo, abrangendo o oral, o escrito e as representações teatrais, tanto em prosa quanto em verso. E, embora a autora não tenha feito distinção entre literatura e literatura infantil, insistindo que o que delimita esta é o que as crianças preferem, devendo a classificação do que pertence à literatura infantil ser feita "*a posteriori*", observou que nesse gênero coexistem os aspectos agradável e formativo que o tornam modelo de formação de um "humanismo infantil", transmitindo às crianças valores, por meio de exemplos. A autora, ainda, aponta a ausência de crítica da literatura infantil que "[...] deveria discriminar as qualidades de formação humana que apresentam os livros em condição de serem manuseados pelas crianças" (MEIRELES, 1951, p. 28).

No artigo "A literatura infantil numa perspectiva sociológica"[2], Fernando de Azevedo (1952) analisa a formação e o desenvolvimento do público infantil, por meio de uma perspectiva sociológica, indicando os problemas da expansão dos livros de literatura infantil, no Brasil.

Segundo Azevedo (1952), como as obras de arte são modeladas pelas formas de sociedade, a literatura infantil, como arte "difícil e soberana" é produto das sociedades modernas, impulsionada por causas sociais, econômicas e políticas desse modelo de sociedade. Para Azevedo (1952), a literatura infantil, situa-se no âmbito da literatura e é consagrada como tal pelas crianças que formam o seu público, embora sejam os adultos

[2] Esse artigo foi também publicado no livro *A educação e seus problemas* (195-), de Fernando de Azevedo, com o título "A formação e a conquista do publico infantil (A literatura infantil numa perspectiva sociológica)"

unesp

quem lhes põem os livros nas mãos "[...] conforme a 'sua' razão, isto é, as suas concepções de vida, suas idéias e seus sentimentos" (AZEVEDO, 1952, p. 53). O autor, ainda, demonstra preocupação com o aumento, em sua época, da produção de livros para crianças no Brasil, impulsionada pelo aspecto "flutuante" de seu público aparentemente homogêneo, que se "[...] renova a curtos intervalos [...]" (AZEVEDO, 1952, p. 53) e que, por isso, exige diversos "tipos e graus" de livros, em virtude do aspecto formativo da personalidade humana exercido pela literatura infantil.

No livro *Literatura infantil brasileira* - ensaio de preliminares para sua história e suas fontes — o qual oferece inúmeras possibilidades de estudos e pesquisas em literatura infantil e juvenil, caracterizando-se como obra de referência — Leonardo Arroyo (1968)[3] busca traçar uma história da literatura infantil, discutindo o processo de formação do gênero no Brasil, desde sua origem como literatura oral até a literatura escrita especialmente para crianças, seja como literatura escolar seja como literatura infantil propriamente dita.

De acordo com Arroyo (1968), a literatura infantil conserva o caráter formativo que a gerou no ambiente escolar, mantendo uma "íntima relação" com o ensino. Desse modo, a literatura infantil é expressão de arte, que, depois de interessar à criança, "[...] passa para um segundo grau: educar e instruir" (ARROYO, 1968, p. 40). No entanto, não pode ser confundida com literatura escolar; o único critério de aferição da literatura infantil, segundo Arroyo (1968), é o gosto da criança que a lê. O autor, ainda, aponta o preconceito que há em relação a esse gênero, considerado menor, e que, por isso, não havia encontrado, à época, seus críticos e historiadores, caracterizando uma escassez de estudos e pesquisas *sobre* o gênero.

---

[3] A edição utilizada é a 2ª, de 1988, mas pelas mesmas razões apontadas em relação ao livro de Cecília Meireles, optei por indicar a data da 1ª edição.

unesp

No livro intitulado *História da literatura infantil*, Nazira Salem (1970)[4] arrola autores e livros de literatura infantil, originais e adaptados, como "compêndio para consultas", após examinar sucintamente os sistemas e teorias educacionais, entrelaçando-os ao desenvolvimento da literatura infantil.

Segundo Salem (1970), no século XVIII inicia-se a literatura infantil, com obras que "[...] se caracterizavam por sua finalidade didática" (SALEM, 1970, p. 27) e, na segunda metade do século XIX, tem início a literatura infantil propriamente dita, "[...] pura, sem preocupação didática, mas conseguindo agradar simplesmente pela arte de despertar o interesse e prender a atenção da infância" (SALEM, 1970, p. 37). Assim, a literatura infantil, para a autora, é composta por obras originais e adaptadas, tendo sido desenvolvida, no Brasil, por autores que podem ser classificados em: "precursores", "pioneiros", "homens de letras" e "professores". A autora, ainda, ressalta a significativa influência das teorias educacionais de cada época na literatura infantil, bem como a influência do gênero para "[...] forjar os caracteres infantis" (SALEM, 1970, p. 61).

Em *A literatura infantil na escola*, por meio de reflexões sob a forma de ensaios, Regina Zilberman (1981)[5], discute questões que envolvem a literatura infantil e sua relação com a escola e com o adulto que a produz e a analisa, defendendo a necessidade de superação desses fatores que intervêm em sua produção, para o alcance da dimensão artística e estética desse gênero literário.

De acordo com Zilberman (1981), literatura e escola partilham da mesma natureza formativa. No entanto, literatura e escola não se identificam, porque esta é um lugar de

---

[4] Esse livro é a 2ª edição do livro *Literatura Infantil*, de Salem, cuja 1ª edição data de 1959. Optei por utilizar aqui a 2ª edição devido à ampliação e reformulação nela havidas.

[5] Adotei o mesmo procedimento utilizado para os livros de Cecília Meireles e Leonardo Arroyo, pelas mesmas razões apontadas, indicando a data da 1ª edição do livro de Zilberman e utilizando a 5ª, de 1991.

clausura, fechado para o mundo exterior e em que não se discutem, nem se questionam, os conflitos coletivos e, aquela, quando verdadeiramente literária, rompe com as barreiras entre escola e coletividade. Segundo a autora, a literatura infantil na escola, no entanto, tem servido de veículo para conceitos e padrões comportamentais comprometidos com valores do adulto, que produz e analisa os textos do gênero, conforme seus interesses, em consonância com os valores sociais que não emancipam o ser, não propiciam alargamento de horizontes, em virtude de estar presa às limitações pedagógicas de sua gênese e, por isso, não atinge sua função formadora.

Ainda para a autora, o estudo da literatura infantil deve ser privilegiado pela teoria literária, pois a importância e valor de suas obras são retirados de sua qualidade estética e "[...] somente a realização literariamente válida rompe os compromissos (que estão na gênese histórica da produção infantil) com a pedagogia e, sobretudo, com a doutrinação" (ZILBERMAN, 1981, p. 10).

Em *Literatura infantil*: autoritarismo e emancipação, por meio da reunião de cinco ensaios, Regina Zilberman e Lígia Cademartori Magalhães (1982) enfatizam o aspecto histórico da constituição da literatura infantil e juvenil e a relação entre o destinatário infantil e o emissor adulto, para alcançar a especificidade do gênero e seu valor estético.

De acordo com as autoras, o contexto universal em que surgiu a literatura infantil é caracterizado pela expansão da escola, pela ascensão da família e pelo espaço conquistado pela criança nessa instituição familiar. Em vista disso, Zilberman e Magalhães (1982) examinam as relações do gênero com a pedagogia e procuram redimensionar o problema, examinando os aspectos estéticos próprios da arte literária. Procedendo à discussão teórico-crítica sobre literatura infantil, as autoras analisam livros infantis e juvenis de diferentes autores, brasileiros principalmente, expondo e comparando questões que, segundo elas,

unesp

envolvem o gênero, tais como: literatura infantil e tradição pedagógica; formação e noção de sujeito; informação e atitude crítica; alguns pontos de estética da recepção; fantasia e exemplaridade; fantasia e realidade. Assim, segundo as autoras, literatura infantil e literatura (para adultos) são, antes de tudo, "expressão de arte" por meio do uso da linguagem.

No livro *Literatura infantil brasileira*: história & histórias, buscando um contraponto entre a literatura infantil e a "não-infantil", Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1984)[6] fazem um balanço da produção literária para crianças desde o final do século XIX, no Brasil, numa perspectiva sincrônica e diacrônica, selecionando autores e períodos mais significativos da história do gênero e procedendo à interpretação das principais tendências a eles subjacentes.

De acordo com as autoras, a literatura infantil brasileira, desde sua "inauguração" na segunda metade do século XIX, evoluiu em "ciclos" ou "períodos", influenciados pelo contexto das manifestações culturais brasileiras. Desse modo, para as autoras, a literatura infantil, é bastante permeável ao que a sociedade e a escola esperam dela, definindo-se por sua natureza peculiar de circulação, não por determinados procedimentos internos e estruturais dos livros do gênero. Lajolo e Zilberman (1984), ainda, apontam o "peso" do adjetivo "infantil", que, não somente define o público da literatura infantil, mas também contribui para o descaso da crítica, que costuma considerar esse gênero inferior ou marginal em relação à literatura "não-infantil".

Em *Um Brasil para crianças*: para conhecer a literatura infantil brasileira — livro que complementa o anterior — Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1986) traçam uma

[6] A edição utilizada é a 4ª, de 1993, mas pelas mesmas razões apontadas em relação aos livros de Cecília Meireles, Leonardo Arroyo e Marisa Lajolo e Regina Zilberman, optei por indicar a data da 1ª edição.

unesp

história da literatura infantil brasileira, desde meados de 1890 até 1980, subdividindo em quatro períodos. As autoras apresentam, para cada um desses períodos, um ensaio que delineia o período histórico-social e as tendências estéticas de cada época, além da reprodução, com ortografia atualizada, de textos escritos para crianças que, como marcos, ilustram o que as autoras pretendem apresentar e uma rápida biobibliografia dos autores citados. As autoras, ainda, comentam os "rumos" e "tons" da literatura infantil no Brasil, sucessivamente assumidos por diferentes intelectuais.

Segundo Zilberman e Lajolo (1986), a literatura, como todos os fenômenos culturais, articula-se com a sociedade que a produz e a consome. Ao longo dos períodos estudados, o "social" impõe-se de maneira ostensiva à literatura infantil, uma vez que sua produção e circulação são mediadas pela escola, instituição que incorpora e reproduz a estrutura social. Em virtude disso, para as autoras, a literatura infantil, desde seu nascimento, sob a égide da pedagogia, incorpora, como elemento interno, a dicotomia entre pedagogia e arte. Ainda de acordo com as autoras, a literatura infantil precisa se libertar de sua histórica dependência da pedagogia que faz do gênero veículo de ação docente e não objeto artístico.

No livro *O que é literatura infantil*, Lígia Cademartori (1986) busca conceituar a literatura infantil, problematizando esse conceito em sua relação com a escola e comentando algumas obras de autores brasileiros e estrangeiros, em suas "tensões e intenções".

Para Cademartori (1986), o adjetivo que define a literatura infantil, tradicionalmente, é que filtra o que o leitor deve ler, haja vista o fato de a criança ser dependente das "tensões e intenções" do adulto que manipula o gênero e o fato de a infância ser o "momento basilar e primordial" para formação de conceitos do

unesp

comportamento do ser humano que depende dos padrões que lhe foram oferecidos. No entanto, segundo a autora, a literatura infantil, enquanto "literatura", surge como um meio de superação da dependência da criança em relação ao adulto e também como superação de sua carência de conceitos, porque a literatura apresenta novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais à criança, garantindo sua autonomia de pensamento. Em vista disso, de acordo com Cademartori (1986), o inegável vínculo da literatura infantil com a escola não deve conduzi-la para o papel de subsidiária do ensino, porque a escola tem uma vocação conservadora, enquanto a literatura é um meio emancipatório, que "[...] possibilita uma nova ordenação das experiências existenciais da criança, [...] provoca a formação de novos padrões e o desenvolvimento do senso crítico" (CADEMARTORI, 1986, p. 18-19).

Em *O texto sedutor na literatura infantil*, mediante análise de *O caneco de prata* (1971), de João Carlos Marinho Silva, Edmir Perrotti (1986) objetiva assinalar o surgimento do "discurso estético" nas manifestações literárias dirigidas a leitores infantis e juvenis, a partir dos anos de 1970, em detrimento do "discurso utilitário", predominante até então.

Para Perroti (1986), o "discurso estético" não se orienta além de si mesmo, seu eixo encontra-se no discurso que oferece espaço para a participação do leitor para que esse se defina face aos problemas tratados. O "discurso utilitário", por sua vez, obedece a razões externas para agir sobre o leitor; seu eixo se encontra sobre o destinatário, para integrá-lo à ordem social dominante; é, portanto, um discurso "classista", identificado com as forças sociais dominantes. De acordo com o autor, o "discurso estético", retomado de Monteiro Lobato, por um grande número de escritores para crianças e jovens, na década de 1970, coloca em crise o "utilitarismo". No entanto, o comprometimento com a ordem formativa e

unesp

com os conteúdos sociais daquele momento levaram, muitas vezes, a um "utilitarismo às avessas". Segundo Perrotti (1986), não havia, até aquele momento, um referencial teórico que considerasse a especificidade da produção cultural para crianças. Para o autor, a literatura infantil precisa ter sua literariedade considerada em consonância com a especificidade de seu público, devido ao "dado etário" que atinge sua criação.

Em *Literatura Infantil*: história – teoria – análise, baseada em pesquisas comprovadas pela Psicologia Experimental, Nelly Novaes Coelho (1987)[7] chama a atenção para os diferentes "estágios" de desenvolvimento da criança, relacionados a sua idade cronológica, destacando a necessária adequação dos textos de literatura infantil à faixa etária de seu leitor/receptor e procurando relacionar aspectos teóricos a aspectos práticos de análise de textos do gênero.

Segundo Coelho (1987), a literatura infantil é, em essência, literatura, como arte. No entanto, o que a singulariza é a natureza do seu leitor/receptor: a criança, um ser em formação. Em vista disso, a literatura infantil, para a autora, é mais do que entretenimento, é aprendizagem, serve para formação, uma vez que, como literatura, atua sobre as mentes e sobre os espíritos, oportunizando a seus leitores/receptores ampliar, transformar ou enriquecer a vida; como literatura, não é gratuita, pois representa a tendência predominante de cada época. Coelho (1987), ainda, questiona o papel da crítica literária à época, que, precária e desorganizada, vinha sendo realizada por muitas "vozes críticas", sob muitos equívocos. De acordo com a autora, raramente realizada pela área de Letras, a crítica proveniente de "vários ramos" não estava interessada em literatura infantil enquanto fenômeno literário, mas enquanto veículo de idéias e padrões de comportamento. Para

[7] A 1ª edição desse livro de Coelho é de 1981. Optei por sintetizar aqui a 4ª edição, de 1987, por se tratar de uma edição revisada em que, segundo a própria autora, buscou-se aprofundar a relação entre teoria e prática do texto e revelar a literatura como fenômeno de cultura, vinculado à evolução do homem e da sociedade.

unesp

Coelho (1987), uma crítica da literatura infantil que se queira orientadora deve ser feita integrando os múltiplos aspectos da obra, valorizando as relações da obra com sua época. Propõe, então, uma "gramática de literatura infantil", para orientar a análise do texto literário.

No livro *De Lobato a Bojunga*: as reinações reinventadas, mediante exame da obra de Lygia Bojunga Nunes, Laura Constância Sandroni (1987), busca evidenciar que, do ponto de vista estético, não existem diferenças entre a obra literária escrita para adultos e aquela escrita para crianças, a exemplo da vertente de textos de Bojunga, cuja função lúdica está aliada à visão questionadora de falsos valores e comportamentos característicos da sociedade contemporânea.

Partindo de um esboço histórico da gênese da literatura infantil no mundo ocidental, para chegar ao desenvolvimento da literatura infantil no Brasil, Sandroni (1987) acusa as pretensões didáticas e moralistas, eminentemente pedagógicas, dos primeiros textos da literatura infantil e juvenil, apresentando Monteiro Lobato como o "[...] primeiro autor cuja obra apresenta características literárias" (SANDRONI, 1987, p. 14), no Brasil. Em seguida, mediante um "salto cronológico", aborda a década de 1970, por considerar que a obra de Lobato revestiu-se de tanta importância, que, a partir de então, a literatura brasileira para crianças e jovens permaneceu semi-estagnada, com tentativas frustradas de imitação, até o chamado *boom* do livro infantil, na década de 1970.

Em sua análise, Sandroni (1987) desconsiderou a literatura infantil brasileira produzida pós-Lobato e antes do *boom* do livro infantil, de 1970. Embora admitindo que o referido *boom* nada mais é do que resultado de "semeadura nada recente" do literário no Brasil, desconsiderou os autores e sua produção de literatura infantil responsáveis por essa "semeadura". Assim, a autora atribuiu a um número significativo de textos produzidos na

unesp

década de 1970 raízes preponderantemente lobatianas que "[...] sem perder de vista o lúdico, o imaginário, o humor, a linguagem inovadora e poética, tematizam os atuais problemas brasileiros levando o pequeno leitor à reflexão e à crítica" (SANDRONI, 1987, p. 61).

No livro *Leitura, literatura e escola* – sobre a formação do gosto, Maria do Rosário Mortatti Magnani (1989) investiga a relação entre leitura, literatura e escola, do ponto de vista da formação do gosto, procedendo a uma análise de três livros mais lidos nas séries finais do então ensino de 1º grau, em escolas do município de Campinas/SP e propondo, como possibilidade de ruptura em relação à formação do gosto no leitor infantil e juvenil, a interferência crítica do professor, "[...] a partir do trabalho com os 'disfuncionamentos' literários, enquanto caminho desestabilizador da dicotomia entre prazer e saber" (MAGNANI, 1989, p. 3).

Para Magnani (1989), a escola atua na formação do gosto do leitor de literatura infantil e juvenil, que gerará e moldará as necessidades do mercado para leitura dos textos desse gênero literário. Por enfatizar uma função conservadora e neutralizadora do "efeito estético", a escola propicia a produção e consumo de uma literatura trivial "[...] circunscrita por determinado tipo de 'funcionamento conforme'" (MAGNANI, 1989, p. 2). Nesse sentido, a autora aborda a "conformidade" extra/intra/inter textuais[8] de livros selecionados para análise[9], por considerá-los exemplares da trivialização do gênero infanto-juvenil e das "distorções (extra/intra/inter) textuais" capazes de "[...] recuperar os conflitos que emergem

[8] Como a autora explica no prefácio à 2ª edição, esta proposta de abordagem serviu de base, mais tarde, para a formulação do método de análise denominado "análise da configuração textual", sistematizado e aplicado na análise de diferentes textos ao longo de sua produção escrita.

[9] São os seguintes livros analisados: DUPRÉ, Maria José. *A ilha perdida*. São Paulo: Ática, 1974. (Série Vaga-Lume); ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Aventuras de Xisto*. São Paulo: Ática, 1957. (Série Vaga-Lume); e REY, Marcos. *O mistério do cinco estrelas*. São Paulo, 1981. (Série Vaga-Lume).

unesp

mediatizados através dessas distorções constitutivas do literário e, portanto, subversivas[...]" (MAGNANI, 1989, p. 88).

Em "Entre a literatura e o ensino: um balanço das tematizações brasileiras (e assisenses) sobre literatura infantil e juvenil", Magnani (1998) apresenta questões suscitadas por uma análise de aproximadamente 300 textos sobre literatura infantil e juvenil produzidos no Brasil, desde 1879 a 1996, a fim de apreender o movimento de constituição desse gênero como campo de conhecimento e pesquisa, " [...] contribuindo para uma melhor compreensão dos avanços, problemas e possibilidades desse campo ainda fecundo e promissor" (MAGNANI, 1998, p. 247).

Segundo Magnani (1998), as primeiras tematizações brasileiras sobre literatura infantil, produzidas entre 1879 e 1920, oscilavam entre os pontos de vista da crítica literária e os estudos em pedagogia e metodologia de ensino, oscilação que se manteve mesmo nas décadas de 1980 e 1990, ocasionando problemas, como: o não-reconhecimento (mais recentemente) do estatuto acadêmico-científico dos estudos e pesquisas sobre literatura infantil e juvenil, por parte de alguns pesquisadores de literatura; a identificação entre menoridade do público previsto e menoridade da literatura infantil e juvenil como gênero e como campo de conhecimento e pesquisa; a tendência à "escolarização" do texto de literatura infantil e juvenil; a falta de métodos, técnicas e procedimentos específicos para a análise desse gênero literário. Assim, para a autora, tanto o gênero quanto o campo de conhecimento da literatura infantil e juvenil são "filhos legítimos e diletos" das relações entre literatura e escola e, por isso, reivindicam estudos e pesquisas que privilegiem o termo "literatura", sem desconsiderar o adjetivo "infantil" e/ou "juvenil", "[...] responsável por assegurar a especificidade e identidade desse gênero" (MAGNANI, 1998, p. 255).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

No artigo "Leitura crítica da literatura infantil", por meio de problematização do movimento histórico de constituição da literatura infantil como campo de conhecimento, Maria do Rosário Longo Mortatti (2000b) apresenta a proposta de leitura crítica de textos do gênero, para a busca do reconhecimento da legitimidade do estatuto acadêmico-científico desse campo.

De acordo com a autora, a versão da história da literatura infantil inaugurada por Arroyo (1968) foi retomada e ampliada por outros pesquisadores, especialmente da área de Letras. Essas retomada e ampliação, no entanto, ocasionaram o que denomina de "mito da criação", que tem contribuído para uma idéia de menoridade da literatura infantil, dada a perspectiva "evolucionista" que tem prevalecido nos estudos do gênero, que buscam superar a condição de origem escolar da literatura infantil, opondo o "didatismo" à "literariedade" dos textos para crianças.

Para Mortatti (2000b), porém, a condição de origem da literatura infantil tem uma unidade múltipla em sua constituição, é simultaneamente literária e didática; os termos "literatura" e "infantil" são complementares e, por isso, cabe ao pesquisador uma atitude interdisciplinar, advinda de métodos e procedimentos da crítica e teoria literárias e da pesquisa em Educação, permitindo a leitura crítica de textos, por meio da análise da configuração textual, que se refere à busca de explicação para: quem escreve o quê e como, quando e onde, por quê e para quê e visando a qual leitor.

Na tese *Uma estética da formação*: vinte anos de literatura infantil brasileira premiada (1978-1997), discutindo sobre a falta de estudos e pesquisas acadêmicas sobre literatura infanto-juvenil, João Luís Cardoso Tapias Ceccantini (2000) procede ao estudo, à análise e à interpretação de 27 livros de autores nacionais lançados no mercado editorial, premiados entre 1978 e 1997 e sob a rubrica "literatura juvenil".

unesp

Submetendo o *corpus* a uma grade comum de análise, o autor conclui pela esteticidade da maioria dos livros que, apesar de produzidos para um destinatário explícito, não fizeram concessões às leis do mercado editorial. Em vista disso, Ceccantini (2000) caracteriza a produção analisada como constituindo "uma estética da formação", na qual "estética" diz respeito à ênfase à condição de "arte" dos livros e "formação" diz respeito a, pelo menos, três sentidos: um, como busca de identidade e processo de amadurecimento do jovem, "[...] do ponto de vista físico, intelectual, emocional, ético, entre outros aspectos [...]" (CECCANTINI, 2000, p. 436); outro, considerando-se a recepção dos livros pelo jovem, considerado pela psicologia do desenvolvimento como ser em formação, o que [...] acaba por orientar muitas das opções constitutivas da obra, tanto no nível temático quanto formal [...]" (CECCANTINI, 2000, p. 436); e, outro, ainda, que [...] tenta associar a noção de *formação* à literatura juvenil, em substituição à pecha de literatura *pedagógica* [...]" (CECCANTINI, 2000, p. 437, grifos do autor), baseado em Antonio Candido.

Em "Perspectivas de pesquisa em literatura infanto-juvenil", retomando a questão da falta de estudos e pesquisas acadêmicos sobre literatura infanto-juvenil e buscando apontar perspectivas de pesquisas nesse campo de conhecimento, Ceccantini (2004) sugere a necessidade da produção do que denomina de "Atlas" na área da literatura infanto-juvenil "[...] para que trabalhos de maior envergadura possam ser levados adiante" (CECCANTINI, 2004, p. 28).

Segundo o autor, nesse campo de conhecimento faltam estudos: históricos e de uma visada panorâmica a partir dos anos de 1980; a respeito da ilustração na literatura infanto-juvenil; a respeito de "subgêneros", como livros-documentário, livros de imagens etc; a respeito de autores e obras considerados "clássicos"; a respeito de autores que tiveram um papel pioneiro e importante na história do gênero, como: Figueiredo Pimentel, Tales de

unesp

Andrade, Viriato Corrêa, Orígenes Lessa; a respeito de educadores e intelectuais de renome que produziram literatura para crianças e jovens, a exemplo de Lourenço Filho, Leonardo Arroyo, Paulo Dantas e Bárbara de Vasconcelos; a respeito de autores que também produziram "literatura adulta", como: Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Jorge Amado.

Por meio da análise desses textos que abordam a literatura infantil e juvenil, pude constatar, dentre vários outros aspectos, que, embora muitos apresentem um "panorama histórico" da literatura infantil, há a escassez de abordagens explicitamente de fundo histórico. Pude constatar, também que, embora alguns desses estudos e pesquisas tomem uma espécie de texto para reflexão sobre suas características, a maioria das análises visa ao julgamento de valor do aspecto literário e/ou estético dos textos de literatura infantil.

Ainda pude observar que, mesmo de pontos de vista diversos, muitos são os aspectos em comum desses estudos que contribuem para a necessidade de continuidade de estudos e pesquisas nesse campo de conhecimento, porque apontam para a complexidade e variedade da literatura infantil: a discussão da gênese do gênero ligada à escola; a sua vinculação ou não à literatura (para adultos) e a busca de um estatuto literário próprio; a preocupação com sua função formadora e seu caráter literário e/ou pedagógico; a denúncia da escassez de história, teoria e crítica específicas da literatura infantil e juvenil; a quase total ausência de estudos e pesquisas da literatura infantil produzida após o "fenômeno Lobato" e antes do *boom* de 1970.

Além disso, pude constatar que os primeiros estudos *sobre* literatura infantil têm a preocupação em definir e delimitar o gênero, ressaltando sua importância para a formação da criança, assegurada pela estreita relação entre literatura e escola, desde sua gênese. A partir dos anos de 1980, os estudos e pesquisas buscam libertar a literatura infantil dessa "condição de origem" e defini-la sob patamares da literatura (para adultos), a fim de

unesp

garantir a formação estética da criança, em detrimento do adjetivo "infantil" que até então contribuía fortemente para a definição do gênero. Essas discussões, ainda, ressaltam a assimetria da relação entre o adulto e a criança e a superioridade e "presença maciça" do primeiro sobre a segunda.

A partir da década de 1990, as discussões apontam para possibilidades de pesquisas nesse campo de conhecimento, por meio de análise de textos do gênero ou balanço da produção sobre o gênero, bem como buscam definir o substantivo "literatura" em sua relação com o adjetivo "infantil" e/ou "juvenil", não como excludentes, mas como complementares entre si. É a partir dessas discussões que o tema e problema da pesquisa de que se originou esta Tese melhor se definem e se justificam.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

2. Aspectos teórico-metodológicos

Neste capítulo, considerando a especificidade do *corpus* eleito, a proposta de análise de que deriva a pesquisa que originou este texto e as questões e problemas suscitados nos textos que sintetizei no capítulo anterior, explicito alguns conceitos básicos que norteiam as opções teórico-metodológicas desta Tese.

***

Nesta Tese, o conceito de literatura infantil utilizado é o proposto por Mortatti (2000b):

> Por literatura infantil entendo um conjunto de textos — escritos por adultos e lidos por crianças — que foram paulatinamente sendo denominados como tal, em razão de certas características sedimentadas historicamente, por meio, entre outros, da expansão de um mercado editorial específico e de certas instâncias normatizadoras, como a escola e a academia. (MORTATTI, 2000b, p. 13)

Nesse sentido, a literatura infantil é "literatura" como um conceito fluido que se altera com o tempo e que, por isso, não pode ser definida objetivamente, como aponta Terry Eagleton (1997), em relação à literatura que "[...] pode ser tanto uma questão daquilo que as pessoas fazem com a escrita, como daquilo que a escrita faz com as pessoas" (EAGLETON, 1997, p. 9). Ou seja, sua definição depende da maneira pela qual alguém "resolve" escrever e/ou ler um texto que se apresenta como literário. Assim "[...] Alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros a condição é imposta" (EAGLETON, 1997, p. 12). A "literariedade" do texto, de acordo com Eagleton (1997), se manifesta não por seu caráter de ficção, não por uma linguagem que causa estranhamento, não pelo seu "não-pragmatismo", nem por uma "escrita bonita", mas sim por uma escrita que, de tempos em tempos e por certas pessoas em situações específicas, de

unesp

acordo com variados critérios e à luz de determinados objetivos seja valorizada como "literatura".

A literatura, segundo Antonio Candido (1965), é um produto social que exprime as condições de cada civilização em que ocorre, ou seja, a literatura depende da ação de fatores do meio e produz efeito prático sobre os indivíduos.

Assim, pode-se considerar que o fenômeno literário é historicamente analisável, de acordo com seu "funcionamento", que compreende as condições de emergência dos textos, as condições de aprendizagem da língua e da leitura, diferentes instâncias legitimadoras e a imagem implícita e pressuposta de leitor e de leitura, estando em constante transformação.

Essa literatura é "infantil" e "juvenil" sobretudo pela produção, difusão, circulação, premiação dos livros de literatura infantil e juvenil, dentre outras, como as opções temáticas e formais constitutivas dos livros dirigidos à criança e/ou ao jovem que não se desvinculam da representação que a sociedade em sua época faz da infância e da adolescência. Perrotti (1986) desafia a conjugarem-se, na análise de textos literários para crianças e jovens, a "literariedade" e a destinação ao seu público criança ou jovem:

> Ora, parece que, se continuarmos presos a uma concepção que considere o objeto artístico segundo critérios que o tomem independentemente de seu público, não há a menor condição de a literatura ser tomada como fato estético. (PERROTTI, 1986, p. 71)
>
> [...]
>
> Em tal situação, a literatura para crianças seria manifestação estética, dotada de especificidade. E esta seria definida pelo "público" — não pelo leitor —, condição que não a diminuiria face a outros fatos estéticos, mas a colocaria em pé de igualdade. O valor, o reconhecimento, caso fossem comparadas, por exemplo, a literatura para crianças e a literatura para adultos, seriam dados por critérios extra-literários e não por qualidades artísticas, superiores numa manifestação e inferiores noutras. Em outras palavras, como se trata de objetos diferentes, não podemos aplicar a ambos os mesmos pesos e as mesmas medidas. Se, nos dois casos, está sempre presente a relação obra-público no interior mesmo da narrativa, a diferença entre os públicos remete a critérios distintos de julgamento, já que ela conduz à realização de produtos finais que, mesmo se semelhantes, são distintos. (PERROTTI, 1986, p. 73)

unesp

> [...]
> [...] A invenção estética é condição que se impõe à literatura para crianças e jovens, ainda que esta deva levar em conta a especificidade de seu "público", como de resto faria toda obra artística. Não se trata de subordinação às expectativas do "leitor", como ocorre com obras sob medida, mas possibilidade de comunicação, em algum nível, com categoria que, [...] difere da do "leitor" — a do "público". (PERROTTI, 1986, p. 79)

Ceccantini (2000), aponta o paradoxo havido em relação à denominação "literatura juvenil" que, mesmo não tendo sido suficientemente analisada e pouco aceita no meio acadêmico é largamente utilizada pelo mercado editorial e aceita pelos escritores, pela escola, pelos professores, pelos bibliotecários, pelos "guias de leitura" e por instituições legitimadoras da literatura, como a Câmara Brasileira do Livro ou a Associação Paulista de Críticos de Arte.

Desse ponto de vista, a literatura infantil e juvenil não se define como tal, por estar "vinculada" ou não à literatura (para adultos), ou, ainda, por apresentar temas fantásticos ou por denotar uma puerilidade, devido a uma falsa identificação com a menoridade do público previsto ou a tentativas de compensação do adulto na imitação da criança. Definições dessa ordem têm acarretado o aumento de equívocos de escritores e teóricos na sua produção e análise, respectivamente, impondo à literatura infantil e juvenil grandes dificuldades de legitimação, seja como gênero, seja como campo de conhecimento e pesquisa. Considero, portanto, nesta Tese, literatura infantil e juvenil em sua relação com uma concepção de infância e adolescência que, conforme o fenômeno literário, precisa ser historicamente analisável, pois, como literatura *infantil* e *juvenil*, é um fato social, vivo e dinâmico; não eterno, nem tampouco imutável.

Vista desse modo, a assimetria entre produção — pelo adulto — e recepção — pela criança e jovem — dos textos de literatura infantil e juvenil, conflituosamente estabelecida

unesp

nas discussões *sobre* o gênero, é considerada aqui, conforme Arroyo (1968), como uma discussão teórica inútil do ponto de vista prático, principalmente quando a proposta é distinguir uma "literatura para crianças" de uma "literatura de crianças".

Assim, também, optar pelo conceito de literatura infantil conforme proposto por Mortatti (2000b), propicia o reconhecimento tanto do caráter interdisciplinar dos estudos *sobre* literatura infantil quanto da relação histórica entre literatura e escola que se estabeleceu desde as "origens" da literatura infantil, especialmente no caso brasileiro.

Conforme Arroyo (1968), no Brasil, a literatura destinada a crianças e produzida por professores brasileiros com a finalidade de proporcionar ensino útil de modo agradável à criança, ser em formação, encontra sua gênese ligada à escola, entre o final do século XIX e início do século XX. Essa "literatura escolar" — porque surge no e para o ambiente escolar —, é constitutiva, segundo Arroyo (1968) da literatura infantil brasileira e não a causa de seus males. A literatura infantil, desse ponto de vista, é um gênero simultaneamente literário e didático (MORTATTI, 2000b), dada sua "condição de origem" e a necessidade do gênero de submeter-se ao processo de escolarização para aprendizagem da leitura, "[...] enquanto prática sociocultural mediadora entre os textos produzidos por adultos com finalidades de formação e seus leitores infantis" (MORTATTI, 2000b, p. 13).

Desse modo, optar por discutir a ambigüidade do aspecto literário ou didático da literatura infantil é contribuir, como avalia Mortatti (2000), para o falso e pouco produtivo impasse que se instalou nos estudos *sobre* o gênero. Falso, porque a literatura infantil tem em sua condição de origem uma "[...] unidade múltipla determinantemente constitutiva do gênero — simultaneamente literário e didático —, a qual implica reconhecer que os termos *literatura* e *infantil* não se encontram em relação de oposição, mas de complementaridade [...]" (MORTATTI, 2000b, p. 13-14, grifos da autora); e pouco produtivo, porque a opção

unesp

pelo substantivo "literatura" ou pelo adjetivo "infantil", como excludentes entre si, tem-se constituído em entrave para os estudos sobre o gênero.

Essas considerações, entretanto, não buscam ignorar a existência, sob a denominação de "literatura infantil e juvenil", de textos didáticos, utilitários em sua constituição, ou seja, que obedecem a razões externas ao próprio discurso, organizados para agir sobre o leitor (PERROTTI, 1986), nem tampouco reduzir o fenômeno literário a pretextos que não levam em conta a totalidade do texto (LAJOLO, 1982), nem suas possibilidades de utilização, numa "função humanizadora", conforme propõe Candido (1972). As considerações até aqui visam a reconhecer a escola como lugar privilegiado de circulação e utilização do texto literário, porque é nesse espaço que se inicia a criança no mundo da leitura e da escrita e porque acaba se constituindo, dada a concorrência dos meios audiovisuais na maioria dos ambientes familiares e a falta de tempo e condições financeiras para aquisição de livros, revistas, jornais etc., em um dos poucos espaços, senão o único, em que ocorre leitura de textos diversos.

A "função humanizadora" atribuída por Candido (1972) à literatura, diz respeito à função formativa do gênero. Distante da formação "estritamente pedagógica", a literatura age "[...] com o impacto indiscriminado da própria vida e educa com ela [...]" (CANDIDO, 1972, p. 805).

> Dado que a literatura, como a vida *ensina* na medida em atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, enfrentando ainda assim os mais curiosos paradoxos, — pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem freqüentemente o que as convenções desejariam banir. Aliás, essa espécie de inevitável contrabando é um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe.
> [...]
> Paradoxos, portanto, de todo lado, mostrando o conflito entre a idéia convencional de uma literatura que *eleva* e *edifica* (segundo os padrões oficiais) e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada

unesp

> complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não *corrompe* nem *edifica*, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver. (CANDIDO, 1972, p. 805-806, grifos do autor)

Em vista dessas considerações, assumo a proposta de análise dos textos eleitos como fonte privilegiada de pesquisa e *corpus* para análise nesta Tese, conforme propõe Mortatti (2000b), com uma "atitude interdisciplinar", diante dos textos de literatura infantil, utilizando-me "[...] de métodos e procedimentos advindos da crítica e teoria literárias, especialmente, assim como da pesquisa em educação" (MORTATTI, 2000b, p. 16), com base no conceito de "configuração textual", que permite abordar a identidade dos textos do gênero, sua natureza e especificidade, buscando contribuir para a produção de uma crítica específica dos textos de literatura infantil como suporte para produção de uma história e teoria específicas da literatura infantil brasileira (MORTATTI, 2000b).

Desse ponto de vista, assumido como ponto de partida e de chegada do processo interpretativo, o texto é a materialização de um projeto discursivo,

> [...] concebido, executado e avaliado por um sujeito que, a partir de certas necessidades, movido por certos objetivos, sobressaltado pelas contingências e mediado pela linguagem, em determinadas condições históricas e sociais, escolhe — dentre as possíveis e conhecidas — as opções de dizer/escrever o que precisa escrever para outro(s). (MORTATTI, 2000b, p. 14-15)

Assim,

> [...] o que confere singuralidade a um texto é o conjunto de aspectos constitutivos de sua configuração textual, a saber: as opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais formais (como?) projetadas por um determinado autor (quem?), que se apresenta como sujeito de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?) movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?) e visando a determinado tipo de leitor previsto (para quem?), assim como a circulação, utilização e repercussão logradas pelo projeto do autor ao longo da história (de leitura) do texto. (MORTATTI, 2000b, p. 15)

unesp

Como se pode perceber, a análise da configuração textual permite a apreensão do sentido do texto a partir de seus diferentes aspectos, inclusive em suas relações com o contexto literário, histórico e social, proporcionando uma "leitura crítica" dos textos de literatura infantil (assim como de qualquer outro tipo de texto).

Não se trata, no entanto, de reduzir o processo analítico a aspectos isolados da configuração textual ou ainda a aspectos externos ao texto. Trata-se de "encontrar" os sentidos e as explicações no conjunto de aspectos constitutivos da configuração do texto.

> [...] o pesquisador deve interrogar os textos de literatura infanto-juvenil na posição de um leitor crítico e distanciado — porque envolvido —, que deve produzir um discurso crítico sobre um discurso literário específico [...] (MORTATTI, 2000c, p. XVIII)

Por isso, para Mortatti (2000b), partindo da "leitura crítica" dos textos de literatura infantil, propiciada pela análise da configuração textual, pode-se construir uma identidade específica desse campo de conhecimento e contribuir para o reconhecimento da "[...] legitimidade de seu estatuto acadêmico-científico" (MORTATTI, 2000b, p. 11).

Aplicado ao estudo do texto literário, o conceito de configuração textual proposto por Mortatti (2000b), aproxima-se do conceito de "crítica integradora" proposto por Antonio Candido (1965).

De acordo com Candido (1965), só podemos entender uma obra, fundindo texto e contexto. Dessa forma, os aspectos externos tornam-se internos; fatores sociais, psíquicos, religiosos, lingüísticos etc. tornam-se fatores estéticos, aos olhos do crítico interessado em interpretar: "[...] uma crítica que se queira integral deixará de ser unilateralmente sociológica, lingüística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente [...]"(CANDIDO, 1965, p. 8).

unesp

Assim, Candido (1965) defende a tomada do texto como ponto de partida e de chegada do processo interpretativo, buscando incorporar os elementos antes externos aos internos, combinando-os de forma a se complementarem na análise e interpretação da obra literária. "O alvo é analisar o comportamento ou modo de ser que se manifestam *dentro* do texto, porque foram criados nele a partir dos dados da realidade exterior" (CANDIDO, 1993, p. 10, grifos do autor).

Ainda para Candido (1965), os elementos indissolúveis na produção literária são: o autor, a obra, o público e o efeito da obra: "Não convém separar repercussão da obra de sua feitura" (CANDIDO, 1965, p. 25). O autor é o artista que ocupa uma posição social, e isso influencia diretamente nos temas e na forma da obra; esta depende do artista e das condições sociais que determinam sua posição. Seu conteúdo é ligado a valores e ideologias; sua forma, a modalidades de comunicação de uma sociedade; o público pertence a uma "massa" cujas reações obedecem a condicionantes do momento e do meio. Em outras palavras: a arte é social e os fatores sociais atuam na arte.

> [...] O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra.
> A obra, por sua vez, vincula o autor ao público, pois o interesse deste é inicialmente por ela, só se estendendo à personalidade que a produziu depois de estabelecido aquele contacto indispensável. Assim, à série autor – público – obra, junta-se outra: autor – obra – público. Mas o autor, do seu lado, é intermediário entre a obra, que criou, e o público, a que se dirige; é o agente que desencadeia o processo, definindo uma terceira série interativa: obra – autor – público" (CANDIDO, 1965, p. 45)

Dessa maneira, para Candido (1965) a "crítica integradora" ajuda a compreender a formação e o destino das obras e, nesse sentido, a própria criação literária.

unesp

Articuladamente a essas opções teóricas relativas à literatura infantil e juvenil, optei por uma abordagem de fundo histórico do tema e do problema de investigação, que se baseia em uma concepção de História que leva em conta toda experiência humana como história real construída por homens reais, "[...] vivendo relações de dominação e resistência" (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 1991, p. 17). Desse ponto de vista, a produção do conhecimento histórico

> [...] é capaz de apreender e incorporar essa experiência vivida, fazer retornar homens e mulheres não como sujeitos passivos e individualizados, mas como pessoas que vivem situações e relações sociais determinadas com necessidades e interesses e com antagonismos. (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 1991, p. 17-18)

Isso não significa, como adverte Marc Bloch (s.d.), buscar "resgatar" a "verdade", como uma "ingênua ilusão", mas buscar conhecer os fatos como se passaram (BLOCH, s.d.), interpretando o discurso perante sua relação com a "verdade", tendo o documento como suporte de possibilidades e de limites da interpretação historiográfica (BOTTO, 1994).

Assim, buscarei, de acordo com Botto (1994) abordar o passado em si mesmo, sem obsessão de conectá-lo ao "mito das origens" e buscando, também, vasculhar a diferença, abandonando a " [...] crença na superioridade do presente e da cultura atual sobre a época e a cultura do objeto investigado" (BOTTO, 1994, p. 31).

É importante frisar, ainda, que a abordagem de fundo histórico não visa ao julgamento de valor, nem à assunção do ponto de vista defendido pelos sujeitos envolvidos, nem à exorcização do passado. O objetivo é compreender as concretizações e tematizações em relação à literatura infantil, produzidas por um sujeito de outra época, que funda uma tradição, influenciando a produção *sobre* e *de* literatura infantil a partir de então.

unesp

Sem enquadrar nos parâmetros do presente, portanto, mas a partir de problemas percebidos neste tempo e que encontram no passado sua gênese, busca-se compreender uma produção em suas relações com sua época e sua permanência no tempo, reconhecendo, finalmente, os sentidos propostos por um sujeito para enfrentamento dos problemas de uma época e em que esses sentidos podem contribuir para o enfrentamento dos problemas do presente e construção do futuro da literatura infantil e juvenil em nosso país.

Desse modo, para a consecução dos objetivos da pesquisa, a abordagem histórica do tema está centrada em pesquisa documental e bibliográfica, desenvolvida mediante procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação da produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil e da bibliografia especializada *sobre* Lourenço Filho, sua obra, sua formação e sua atuação profissional, assim como *sobre* literatura infantil e juvenil e sobre aspectos educacionais, culturais, sociais e políticos do momento histórico em que Lourenço Filho produziu os textos em análise.

Esses procedimentos possibilitam a reunião de um conjunto de elementos que se organizam e se entrelaçam, permitindo a análise da configuração textual do *corpus* escolhido. Essa análise incidirá sobre os *temas* e *conteúdos* dos textos escolhidos, identificando-se os princípios que norteiam o pensamento do autor em sua produção *de* e *sobre* o gênero, diretamente relacionados à *estrutura* e *forma* dos textos, que organizam essas temáticas e conteúdos, visando a obter determinados efeitos nos *leitores previstos* para seus textos. Tenho como proposição a compreensão das articulações da linguagem literária e suas "inter-ações" com os demais elementos da configuração textual que envolvem o *lugar histórico-social* em que está inserida a produção do *autor sobre* e *de* literatura infantil e juvenil e temas correlatos, considerando sua formação e atuação

unesp

profissional e a hipótese de que movido por certas *necessidades* e *propósitos*, funda uma tradição, concretizada e tematizada em sua produção *de* e *sobre* o gênero.

PARTE II:

LOURENÇO FILHO E A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

1. Aspectos da vida e obra de Lourenço Filho relacionados com sua produção *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil[1]

Neste capítulo, busco evidenciar um dos aspectos menos estudados de Lourenço Filho: o de escritor *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil. Para isso, fiz uma retrospectiva da formação e atuação desse intelectual ao longo de sua vida, destacando aspectos ligados à literatura e literatura infantil e juvenil, a fim de realçar esses aspectos, o que resultou em duas subdivisões: o *escritor* de literatura (para adultos) e de crítica literária, de literatura infantil e juvenil, de livros didáticos para ensino da leitura, de textos *sobre* literatura infantil e juvenil e assuntos correlatos e o *presidente* da Comissão Nacional de Literatura Infantil. Ao longo dessa formação e atuação, no entanto, o educador e o psicólogo se sobressaem, uma vez que a produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil encontra-se inserida no projeto do educador Lourenço Filho, com base na psicologia. Optei por não aprofundar esses aspectos já bastante estudados e pesquisados, mas por apontá-los, situando-os como "pano de fundo" — não em sentido secundário, mas como base teórica — da produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil.

1.1. A formação e atuação de Lourenço Filho

Manoel Bergström Lourenço Filho nasceu em dez de março de 1897, na então vila de Porto Ferreira/SP.

Seus primeiros contatos com a literatura vieram pela tradição oral, como o próprio Lourenço Filho atesta em entrevista à revista *Formação*, em 1940.

> Meu avô possuía uma cultura acima da mediana. Na sua bagagem de imigrado trazia algumas dezenas de livros e um violino que tocava com maestria. Na pequenina cidade, onde foi fixar-se, inquietava-o a falta de uma escola primária. E, assim, embora não dominasse ainda de modo perfeito a língua do país, reunia, aos domingos, as crianças da

[1] As informações apresentadas neste capítulo foram extraídas especialmente de: Monarcha; Lourenço Filho (2001); Associação Brasileira de Educação (1959); Lourenço Filho (1940).

unesp

> vizinhança e procurava ensinar-lhes a leitura. *Lembro-me de ter aos seis anos tomado parte nesses amáveis exercícios, que meu avô entremeiava com a narrativa das "sangas" de sua terra e de suaves canções suecas ao violino...* (LOURENÇO FILHO, 1940a, p. 6, grifos meus)

Depois dessa "primeira escola", o acesso formal à leitura e à escrita veio, primeiramente, de aulas particulares, ministradas por um antigo escrivão de fazenda "[...] que perdera o emprêgo e a quem aconselharam abrisse uma 'escola', a três mil réis mensais por cabeça" (LOURENÇO FILHO, 1940a, p. 6) e, depois, em uma aula municipal, regida por mestre leigo. Após poucos meses, Lourenço Filho passou para uma escola estadual, então recentemente criada, regida pelo professor diplomado Ernesto Alves Moreira. Mais tarde, prosseguiu seus estudos primários na cidade vizinha, Santa Rita do Passa Quatro, com este último professor, a quem Lourenço Filho atribuiu grande influência por sua opção pelo magistério (LOURENÇO FILHO, 1940a).

A passagem do aluno Lourenço Filho da aula municipal para a escola estadual, como se pode inferir por seu depoimento, parece estar ligada a uma de suas primeiras produções escritas: o jornalzinho *O Pião*, do qual Lourenço Filho, aos oito anos e quatro meses, era "chefe", "unico redator" e "typographo" e que pretendia ser "Orgam critico, dedicado aos alumnos das escolas d'esta villa" (LOURENÇO FILHO, 1905, s.p.).

> [...] O professor estadual abriu a sua escola já nos meiados do ano e, sabendo que a aula municipal estava superlotada, foi ao nosso mestre e pediu os alunos excedentes. "Dê-me mesmo os piores, disse êle, em voz alta. Hei de arranjar-me com êsses mesmos, de qualquer geito."[...] Mal se havia êle retirado, o nosso velho mestre se dirigiu a nós, de maneira solene e disse que, naquele mesmo dia, queria se ver livre dos "maus elementos". Pagaríamos com o novo mestre tudo quanto tínhamos feito até alí! E começou a escolha. O primeiro a ser destacado foi um rapaz de dezesseis anos, forte, desabusado, que mal andava no primeiro livro de Felisberto de Carvalho. O terceiro fui eu. "O *senhor,* também! Ponha-se alí na fila para não andar mais com histórias de jornalzinho!..." Eu tinha oito para nove anos, uma prodigiosa imaginação, que não se compadecia com os problemas de aritmética que o nosso mestre nos dava, sôbre côvados, varas e canadas... Meu pai havia instalado uma tipografia, anexa à sua casa comercial e me permitira imprimir um jornalzinho, a que o meu mestre atribuia o meu desinterêsse pela *contas*... De seu julgamento, não tenho dúvida: era dos piores alunos em sua escola. (LOURENÇO FILHO, 1940a, p. 7, grifos do autor)

unesp

Os estudos de Lourenço Filho prosseguiram com todas as dificuldades de um aluno pobre até obter o diploma de normalista, em 1914, na Escola Normal Primária de Pirassununga/SP. No ano seguinte, passou a exercer o magistério, em Porto Ferreira, no Grupo Escolar, então recentemente criado, onde conheceu e manteve amizade com os professores Sud Menucci[2] e Tales de Andrade[3] (MONARCHA; LOURENÇO FILHO, 2001).

Lourenço Filho sentia, entretanto, que, embora amasse sua profissão, sua "[...] cultura era muito deficiente mesmo para ensinar crianças" (LOURENÇO FILHO, 1940a, p. 9). Por isso, em 1916, mudou-se para a cidade de São Paulo, a fim de cursar a Escola Normal Secundária na Escola Normal da Praça da República, cujo curso concluiu no ano seguinte. Já havia sido aluno de Antonio de Almeida Junior[4] na Escola Normal Primária de Pirassununga; na Normal Secundária de São Paulo, foi aluno de Oscar Thompson[5] e Antonio de Sampaio Dória[6] (MONARCHA; LOURENÇO FILHO, 2001). Nessa época, a opção pelo magistério se consolidou em Lourenço Filho pela influência especialmente desse último professor[7], como se pode verificar no depoimento que segue:

> [...] Na Escola Normal Secundária de São Paulo, defrontei professores como Oscar Thompson e Antonio de Sampaio Dória. Êste, sobretudo, ensinando psicologia e

---

[2] Sud Menucci iniciou sua carreira no magistério em 1910, atuando como professor em Porto Ferreira ao retornar da missão paulista que reorganizou as Escolas de Aprendizes Marinheiros de Belém/PA. Além de educador, Sud Menucci foi jornalista e escritor, atuando como redator e crítico literário no jornal *O Estado de S. Paulo*, de 1925 a 1931. A esse respeito, ver, especialmente: Vicentini; Lugli (1999).

[3] Tales Castanho de Andrade iniciou o magistério em escola rural isolada no bairro do Baranhão, em Jaú/SP, atuando depois no Grupo Escolar de Porto Ferreira e na Escola Normal de Piracicaba. Nessa cidade colaborou com as revistas *Cigarra*, *Vida Moderna* e *Revista de Educação*. Foi um dos precursores da literatura infantil brasileira com a publicação de *Saudade*, em 1919. A esse respeito, ver, especialmente: Salem (1970); Coelho (1984).

[4] Antonio de Almeida Junior foi professor de francês na Escola Normal Primária, de Pirassununga, de 1911 a 1914. Sobre esse educador, ver, especialmente: Gandini (1999).

[5] Além de professor, Oscar Thompson foi diretor efetivo da Escola Normal da Praça de 1901 a 1920 e Diretor-Geral da Instrução Pública de 1909 a 1911 e, depois, de 1917 a 1920. A esse respeito, ver, especialmente: Monarcha (1999).

[6] Antonio de Sampaio Dória ingressou na Escola Normal da Praça em 1914, assumindo a cátedra de Métodos e processos de ensino, Crítica pedagógica e Exercícios de ensino. A esse respeito, ver, especialmente: Carvalho (1999); Monarcha (1999).

[7] Lourenço Filho aderiu às proposições de Antonio de Sampaio Dória, não somente como professor, mas também como reformador da educação. A esse respeito ver, especialmente: Carvalho (1999).

unesp

> pedagogia, exercia grande influência sôbre os alunos. Eu conhecia Compayré e Rayot... As doutrinas e técnicas modernas eu as havia entrevisto apenas por um livro de Farias de Vasconcelos. Sampaio Dória nos apresentava William James, Clàparede, Van Biervliet, Ribot, Parker... E não era só a matéria: era o método. Sampaio Dória transformava todas as aulas em "seminário", com discussões, pesquisas, experiências. Comunicava, ademais, aos alunos, a convicção de que o Brasil só poderia ser construído pela educação. (LOURENÇO FILHO, 1940a, p. 10)

Em 1920, Lourenço Filho foi designado professor substituto de Pedagogia e Educação Cívica, na Escola Normal Primária, anexa à Escola Normal Secundária de São Paulo. Isso se deu porque o professor efetivo, Roldão Lopes de Barros, fora indicado para substituir Antonio de Sampaio Dória, na Escola Normal Secundária, enquanto Sampaio Dória estivesse exercendo a função de Diretor Geral da Instrução Pública de São Paulo. No ano seguinte, Lourenço Filho foi nomeado professor de Psicologia e Pedagogia, da Escola Normal de Piracicaba/SP, quando fundou a *Revista de Educação*. Nesse mesmo ano, casou-se com a professora Aída de Carvalho, com quem teve dois filhos: Ruy (1925-) e Márcio (1930-1960).

No período de 1915 a 1921, Lourenço Filho teve seus primeiros escritos publicados; eram textos de cunho social, pedagógico e literário[8]. Esses textos foram o resultado da intensa atividade jornalística de Lourenço Filho, a qual lançou seu nome em nível nacional, mediante a divulgação de suas idéias modernas em relação ao seu tempo. Essa atividade jornalística também propiciou a Lourenço Filho o convívio com grandes redatores, repórteres e colaboradores de jornais, como Júlio Mesquita, Júlio Mesquita Filho, Nestor Rangel Pestana, Plínio Barreto e Monteiro Lobato (MONARCHA; LOURENÇO FILHO, 2001), realizando, na prática, um bom curso de jornalismo, que, à época, não existia[9].

---

[8] Segundo Lêda Lourenço (2001), nora de M. B. Lourenço Filho, a análise desses artigos permite identificar algumas idéias que refletem as preocupações educacionais, bem como o pensamento social e político da época em que foram escritos. As idéias presentes nesses primeiros textos, ainda segundo a autora, continuaram a ser trabalhadas nos escritos posteriores de Lourenço Filho e foram, ora ampliadas, ora reformuladas, mas sempre estiveram relacionadas a seus primeiros textos. A esse respeito, ver, especialmente: Lourenço (2001).

[9] Almeida Junior atribui a essa intensa atividade jornalística de Lourenço Filho "[...] vantagens preciosas para sua formação" (ALMEIDA JUNIOR apud LOURENÇO FILHO, 1997, p. 40).

unesp

Nesse período, colaborou com a revista *Vida Moderna* (São Paulo)[10], produzindo textos de literatura e de crítica literária, com a *Revista do Brasil* (São Paulo)[11] e com os jornais *Jornal do Commercio* (São Paulo), *O Commercio de S. Paulo* (São Paulo), *A Folha* (Porto Ferreira/SP), *Jornal de Piracicaba* (Piracicaba/SP), *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), dentre outros, produzindo artigos de cunho político-pedagógico.

Na *Revista do Brasil*, tornou-se secretário de Monteiro Lobato, com quem passou a formar, juntamente com Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, o que Lobato chamou de uma "irmandade", com obrigações de ação e necessidade de se fazerem combativos (LOURENÇO FILHO, 1929). A partir dessa época, Lourenço Filho demonstrou grande preocupação com a leitura e sua disseminação. A leitura tornou-se seu instrumento de trabalho, por isso Lourenço Filho se empenhou em tematizá-la em seus estudos e escritos, em normatizar seu ensino ao ocupar cargos administrativos e em concretizá-la em livros didáticos e de literatura infantil, resultando numa numerosa e variada produção.

Em 1922, Lourenço Filho foi convocado para ir ao Ceará, a fim de reorganizar o ensino público daquele Estado, onde permaneceu até dezembro de 1923. Viajando pelo interior do Ceará para recenseamento escolar, Lourenço Filho encontrou-se com o Padre Cícero Romão Batista, então prefeito de Juazeiro, cujo desinteresse e proibição impediram o cadastro escolar em Juazeiro (Monarcha, 2001). Segundo Monarcha (2001), a realidade do sertão nordestino, a situação do sertanejo e a figura do Padre Cícero causaram impacto na "sensibilidade ilustrada" de Lourenço Filho, que, mais tarde, registrou essa experiência em dez artigos, publicados de

---

[10] A revista *Vida Moderna*, antiga *Sportman*, oferecia uma leitura mais acessível, por meio de prosa e poesia dos novos escritores que surgiam a cada dia, sendo o primeiro degrau para vários autores consagrados mais tarde. A esse respeito, ver, especialmente: Lima (1985).

[11] A *Revista do Brasil*, fundada com o nome de *Cultura*, iniciou suas atividades em janeiro de 1916, sob a direção de Plínio Barreto, Júlio Mesquita e Alfredo Pujol. Em junho de 1918, passou a ser dirigida por Monteiro Lobato. Este último prestigiava autores estreantes como forma de protesto contra a situação da cultura brasileira, viciada, segundo ele, em modelos importados. A esse respeito, ver, especialmente: Lima (1985).

unesp

novembro de 1925 a agosto de 1926, no jornal *O Estado de S. Paulo* e, depois, no livro: *Joaseiro do Pe. Cícero* (1926).

Ao retornar do Ceará, em 1924, Lourenço Filho voltou a Piracicaba e passou a desenvolver estudos em Psicologia, aprofundados e expandidos no ano seguinte, em São Paulo, quando, como professor de Psicologia e Pedagogia, na Escola Normal Secundária[12], realizou pesquisas referentes especialmente à hipótese de um nível de maturidade como pré-requisito indispensável para o aprendizado da leitura e da escrita, das quais derivou o livro *Testes ABC*- para a verificação da maturidade necessária ao aprendizado da leitura e da escrita (1934)[13].

Em 1926, respondeu a um inquérito sobre os problemas da instrução pública, promovido pelo jornal *O Estado de S. Paulo* e coordenado por Fernando de Azevedo[14]. Em sua resposta, Lourenço Filho criticou a escola tradicional "[...] individualista, verbalista, intelectualista e anarquisadora da mente e do caráter" (LOURENÇO FILHO, 1957b, p. 103) e divulgou suas idéias "modernas" a respeito da escola primária, como escola nova inspirada em novos ideais.

Ainda em 1926, assumiu, em substituição a Arnaldo de Oliveira Barreto, a organização da coleção Biblioteca Infantil — primeira coleção de literatura infantil do Brasil — editada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo[15]. E dois anos depois, preocupado com o ensino da leitura e da escrita para as "massas", teve publicada *Cartilha do povo* – para ensinar a ler rapidamente[16], cartilha destinada à alfabetização de crianças e adultos, publicada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo e que alcançou mais de 2.000 edições ao longo de sua trajetória

---

[12] Sobre a atuação de Lourenço Filho na Escola Normal da Praça da República, na cidade de São Paulo, ver, especialmente: Monarcha (1999).
[13] Análise da configuração textual desse livro de Lourenço Filho, encontra-se em: Magnani (1997); e Mortatti (2000).
[14] As respostas ao inquérito foram também publicadas em forma de livro, organizado por Fernando de Azevedo, sob o título *A educação na encruzilhada*, cuja primeira edição é de 1937.
[15] Análise da revisão feita por Lourenço Filho de *O patinho feio*, de H.C. Andersen, na coleção Biblioteca Infantil, encontra-se em: Menin (1999)
[16] Análise da configuração textual dessa e de outra cartilha de Lourenço Filho, encontra-se em: Bertoletti (1997).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

editorial. Nessa editora, Lourenço Filho assumiu a tarefa de consultor editorial, emitindo pareceres sobre originais de livros para crianças: didáticos e de literatura infantil.

> Em 1925 [a Companhia Melhoramentos de São Paulo] agregou uma das mais consolidadas reputações da Escola Nova, o professor Manoel Bergström Lourenço Filho. [...]
> Lourenço Filho aproximara-se da empresa chamado para renovar a Biblioteca Infantil, atualizando a linguagem, principalmente. Assumiu a tarefa de consultor editorial, emitindo pareceres sobre originais didáticos e para a infância. Ao longo de algumas décadas viria a emitir quase 30.000 pareceres.
> Organizou (1927) a Biblioteca de Educação, com a finalidade de introduzir no país correntes de filosofia da educação elaboradas em outros centros de debates. Preparou os 35 títulos da Biblioteca, assinou traduções, adaptações e revisões de texto. Hasso Weiszflog, que acompanhou os trabalhos daquele educador, afirmou haver sido ele um "segundo ego da editora". Esta, outorgou-lhe, em 1987, o Prêmio Lourenço Filho aos seus autores mais distinguidos pela preferência do leitorado.
> [...]
> Lourenço Filho editara a *Cartilha do Povo*. Fiel à proposta avançada no título, a cartilha alavancou durante mais de quarto de século os esforços oficiais, particulares, gremiais, religiosos e partidários no sentido da alfabetização massiva. Em 1990, a *Cartilha do Povo* superou 2.200 edições somando 20 milhões de exemplares. (DONATO, 1990, p. 87-88, grifos do autor)

Segundo Carvalho e Toledo (2004), como editor Lourenço Filho assumiu uma posição de "gestor" de política de reforma escolar e de profissional engajado no movimento de renovação educacional brasileiro. Ainda conforme essas autoras, em relação à coleção Biblioteca de Educação, a "etiqueta Lourenço Filho" funcionava como depósito de legitimação do empreendimento editorial, podendo mobilizar uma rede de autores para alimentar a coleção e divulgar essa publicação em outros espaços.

Em 1929, Lourenço Filho formou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — curso iniciado antes de sua partida para o Ceará — pela Faculdade de Direito de São Paulo. Em 1930, foi nomeado Diretor-Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo. Nessa função, reorganizou a Diretoria, mudando-lhe a denominação para Diretoria Geral do Ensino e fazendo-a compreender, dentre outros: a Biblioteca Pedagógica Central e o Museu da Criança.

unesp

Em 1932, foi um dos signatários do *Manisfesto dos Pioneiros da Educação Nova* — marco do movimento escolanovista no Brasil —, no qual, segundo Azevedo (1963), busca-se dar sentido à política brasileira de educação. Nesse mesmo ano, com Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, na cidade do Rio de Janeiro, organizou o Instituto de Educação do Distrito Federal, onde permaneceu, como diretor, até 1937 e, como professor de Psicologia Educacional, até 1938, tendo sido transferido, em 1939, para a Universidade do Brasil, também no Distrito Federal. Em 1933, fundou e dirigiu os *Arquivos do Instituto de Educação*.

A partir de 1935, recebeu os primeiros convites para ministrar cursos em universidades e institutos culturais estrangeiros, mostra de que o prestígio e respeito já alcançados por Lourenço Filho no Brasil extrapolavam nossas fronteiras e conquistavam novos espaços. Nos dois anos seguintes, foi presidente da Comissão Nacional de Literatura Infantil, órgão normatizador, ligado ao Ministério da Educação e Saúde, com objetivo de organizar, delimitar e selecionar a literatura infantil produzida à época, em nosso país.

De agosto de 1938 a janeiro de 1943, Lourenço Filho organizou e dirigiu, no Rio de Janeiro, o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), órgão de documentação e pesquisas no setor da educação; tendo fundado, em 1944, a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (RBEP)[17], publicação vinculada a esse Instituto. Dentre as muitas atuações de Lourenço Filho junto a essa revista, como a de diretor e redator de todos os Editoriais de seus números de 1944 a 1952, interessa para os objetivos desta Tese a sua orientação, como diretor da RBEP, na investigação acerca de jornais e revistas em quadrinhos para crianças e jovens, publicada de novembro de 1944 a fevereiro de 1945, nos números 5, 6, 7 e 8 da revista, sob o título "Uma investigação sôbre jornais e revistas infantis e juvenis", a qual compreende duas partes: análise

[17] Sobre a atuação de Lourenço Filho frente à *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, ver, especialmente: Gandini (1995)

unesp

da apresentação material, das ilustrações e do conteúdo de revistas e jornais para crianças e jovens; e descrição e análise do resultado da aplicação de questionário aos leitores de 8 a 16 anos, familiares e professores, para verificação da influência dessas leituras.

Em 1941, presidiu a Comissão Nacional de Ensino Primário e organizou e secretariou a I Conferência Nacional de Educação. No ano de 1946, assumiu o cargo de professor de Psicologia Educacional na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, onde permaneceu até se aposentar, em 1956.

Antes da aposentadoria, em 1947, como Diretor-Geral do Departamento Nacional de Educação, Lourenço Filho planejou e dirigiu a Campanha Nacional de Alfabetização de Adultos, "[...] primeiro movimento de educação popular de iniciativa do govêrno federal" (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, 1959, p. 230). No âmbito da Campanha, Lourenço Filho escreveu sua segunda cartilha: *Ler*, desta vez exclusivamente para adultos, além de dirigir e colaborar na elaboração dos textos *Saber* e *Viver*.

Em 1948, presidiu a Comissão para elaboração do anteprojeto da Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira e, em 1949, Lourenço Filho organizou e dirigiu o Seminário Interamericano de Alfabetização de Adultos, no qual recebeu o título de "Maestro de las Américas" e fundou a Associação Brasileira de Psicologia, tendo sido eleito seu presidente.

Em 1952, foi eleito presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura; em 1954, recebeu uma placa laudatória da "Câmara Brasileira do Livro" e, em 1955, presidiu o I Seminário Latino-Americano de Psicologia Aplicada. Em 1956 e 1957, foi membro da Comissão de Concurso de Literatura Infantil. Em 1956, quando se aposentou, a Universidade do Brasil concedeu-lhe o título de "Professor Emérito", e o Governo da República inaugurou com seu nome a Ordem Nacional de Mérito Educacional, no grau de Egregius. Ainda por ocasião de sua aposentadoria, Lourenço Filho recebeu o título de Professor Honorário da Universidade Mayor de

unesp

São Marcos de Lima, no Peru, e foi eleito membro da American Statistical Association of the United States.

Em todo esse período, a partir da década de 1930, Lourenço Filho intensificou o número de suas publicações. Teve publicados textos curtos sobre educação, psicologia, sociologia, leitura, livros e literatura, além de livros teóricos de grande destaque, como *Introdução ao estudo da Escola Nova* (1930), *Tendências da Educação Brasileira* (1940) e *A pedagogia de Rui Barbosa* (1954); livros didáticos, como os livros de matemática: *Aprenda por si!* Série A (1941) e Série B (1942c), *Nova Taboada e Noções de Aritmética* (1958); livros de literatura infantil e juvenil, sendo os já citados da Série Histórias do Tio Damião e *São Paulo* (1954) (Série Viagem através do Brasil); e livros para leitura escolar da Série de Leitura Graduada Pedrinho (Iniciada em 1953, composta por cinco livros, sendo uma cartilha de alfabetização intitulada *Upa, cavalinho*! (1957))[18].

A partir da aposentadoria, Lourenço Filho dedicou-se mais intensamente a sua produção escrita, bem como procedeu à revisão e ampliação de seus livros publicados que já alcançavam inúmeras edições. Segundo Ruy Lourenço Filho (2001), muitos escritos originais dessa época encontram-se dispersos em prefácios ou ensaios introdutórios de várias obras, em número superior a uma centena. Pelo conjunto de sua obra, em 1963, Lourenço Filho recebeu o prêmio "Ciência da Educação", da Fundação Moinho Santista, e, em 1978, com a criação da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, Lourenço Filho foi eleito patrono da cadeira nº 11.

O último trabalho de Lourenço Filho, antes de sua morte, em três de agosto de 1970, aos 73 anos de idade, "[...] foi o de presidir a comissão que organizou o programa de pós-graduação em psicologia no ISOP, da Fundação Getúlio Vargas" (PENNA, 1989, p. 30); seu último escrito

[18] Os títulos dos livros de leitura da Série de Leitura Graduada Pedrinho vêm explicitados mais a frente, neste capítulo.

unesp

foi o prefácio à tradução brasileira de Agostinho Minicucci do livro *Problemas e métodos no ensino da leitura*, escrito pela educadora argentina Berta Braslavsky, publicado, em 1971, pela Editora Melhoramentos, na coleção Biblioteca de Educação[19].

Em 1987, a Companhia Melhoramentos de São Paulo distribuiu o "Prêmio Lourenço Filho" a autores brasileiros e estrangeiros mais notáveis, pela consagração pública que tiveram seus livros publicados por aquela editora. A homenagem da editora a Lourenço Filho, dando seu nome ao prêmio, é assim justificada pelo Dr. Alfred Karl Ploeger, presidente do Conselho de Administração da Companhia Melhoramentos de São Paulo:

> A láurea é igualmente homenagem que prestamos ao notável intelectual Lourenço Filho. Além de escritor fecundo, foi um dos principais educadores e dos mais importantes renovadores do ensino brasileiro. (PLOEGER, 1987, p. 8)

Na ocasião, Lourenço Filho foi laureado postumamente com o "Troféu Platina", ao lado de outros escritores como Edy Lima, Francisco Marins, Renato Sêneca Fleury, Tales de Andrade e Ziraldo Alves Pinto, dentre outros.

1.2 O escritor Lourenço Filho

Segundo Ruy Lourenço Filho (1997a), o *escritor* Lourenço Filho parece ter um papel fundamental, dada a vastidão e importância de seus escritos, na constituição do *educador* Lourenço Filho. Admitido o escritor Lourenço Filho dessa forma, é possível afirmar que, após "puxar a fieira" d' *O Pião* (MARINS, 1997), Lourenço Filho iniciou a obra de sua vida.

Mais do que uma brincadeira de criança, quando observada sua duração no tempo, que, segundo Ruy Lourenço Filho (1997a), alcançou mais de um ano, *O Pião*, cujo primeiro número

---

[19] A Biblioteca de Educação foi organizada e implementada por Lourenço Filho, a partir de 1927, sendo a primeira coleção pedagógica criada no Brasil. A esse respeito, ver, especialmente: Monarcha (1997) e Carvalho; Toledo (2004).

unesp

data de 16 de julho de 1905, buscava "[...] dar algumas ferroadas em quem merecer, e também nos alumnos das escolas de P. Ferreira" (LOURENÇO FILHO, 1905, s.p), além de noticiar festas, aniversários, dar conselhos etc., mas não buscava tratar "[...] de cousas importantes, pois é dirigido por um menino que não está abilitado a isso" (LOURENÇO FILHO, 1905, s.p).

O menino Lourenço Filho cresceu e, muito jovem ainda, passou a aspirar à literatura, influenciado, dentre outras, pela leitura de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, cujos temas chegou a discutir com seus mestres na Escola Normal Primária, em Pirassununga (MARINS, 1987).

Assim, apesar da "cultura deficiente" modestamente autodenominada por Lourenço Filho na já referida entrevista à revista *Formação* (LOURENÇO FILHO, 1940), quando formado professor primário, ele começou, em 1915 e 1916, a publicar, não apenas literatura, mas também crítica literária na revista *Vida Moderna*.

Lourenço Filho teve publicados, nessa época, os seguintes contos e crônicas: "Suicida (das cartas de Noel Felix)" (1915), "Conto de Serão" (1915), "Clarita (notas para um conto)" (1916), "De Pierrete" (1916), "O Bock (notas para um conto)" (1916), "Carta de amor" (1916), "Presente de anos" (1916), "Chronica vadia" (1916) e os seguintes ensaios de crítica literária: "Impressionismo nas Letras" (1915), "Chronica (sobre estilo de Fialho de Almeida)", "Chronica (sobre estilo de Euclides da Cunha)" (1916)[20].

À literatura e crítica literária produzidas por Lourenço Filho vieram se juntar reflexões a respeito dos problemas da leitura e dos livros, que resultaram na publicação dos seguintes textos: "O que a criança lê" (1920); "Um inquérito sobre o que os moços lêem" (1927); "O problema do livro nacional" (1938); e "O cinema e a literatura na educação da criança" (1939).

---

[20] As referências completas desses e de todos os textos de Lourenço Filho citados neste capítulo, encontram-se ao final deste texto, em Apêndice.

unesp

O primeiro livro do escritor, intitulado *Joaseiro do Pe. Cícero*, foi publicado em 1926, Misturando literatura e ciência, Lourenço Filho exercitou sua "vocação de escritor", em estilo euclidiano, do ponto de vista de uma "mente ilustrada" (MONARCHA, 2001). Com esse livro de "literatura social", Lourenço Filho recebeu o prêmio *Ensaios*, em 1927, e passou a ocupar a cadeira nº 32, da Academia Paulista de Letras, em 1929, em substituição a Ezequiel de Paula Ramos (1846-1905).

> Nessa noite, o escritor Lourenço Filho, ao receber com os demais novos o alto título de pertencer à Academia Paulista de Letras, ocupando a cadeira n. 32, *passava a figurar entre os homens de letras do país*. (LOURENÇO FILHO, 1997a, p. 43, grifos meus)

Teve publicados, ainda, ao longo de sua carreira mais alguns textos de literatura ou com ela relacionados, como: "O carvalho arrancado" (1919) e "A Padaria espiritual" (1923); e textos de crítica literária, como: "O menino e o palacete" (1954), "O simbolismo de 'O menino e o palacete'" (1955), "Um romance paulista: 'Clarão da Serra'" (1962a), "Linguagem num romance paulista" (1964); e o texto de recepção ao acadêmico Francisco Marins na Academia Paulista de Letras "Oração do acadêmico Lourenço Filho" (1966a), no qual Lourenço Filho exercita a crítica literária à obra desse escritor.

Como já informei, a partir de 1926, a produção de literatura infantil passou a fazer parte das atividades do escritor Lourenço Filho, quando passou a revisar os textos da coleção Biblioteca Infantil. A partir de 1937, essa atividade se intensificou, por meio da revisão de textos e orientação a autores e/ou adaptadores, até 1957, quando a coleção totalizou cem títulos (ARROYO, 1968).

> [...] Esta revisão objetivou a simplificação do vocabulário, de modo a atingir maior público infantil em função da idade, e a expungir as estórias de certas passagens menos satisfatórias, por inspirarem sentimentos de medo, ou terror. Esse trabalho de Lourenço

> Filho se constata pelo confronto entre as edições originais até 1926, e as reedições a partir dessa data. (ARROYO, 1968, p. 187)

O exercício também da função de consultor editorial para livros destinados a crianças na Companhia Melhoramentos, nessa época e ao longo de várias décadas, estreitou os laços do autor com a literatura infantil. Lourenço Filho examinava os textos originais e também as traduções e adaptações de textos que aspiravam à publicação, submetendo-os a correções ortográficas e de "fundo" e "forma", mas sempre respeitando, segundo Marins (1997), os conceitos dos autores, e, quando Lourenço Filho pressentia um novo bom autor, "[...] propunha-se a orientá-lo e até reescrevia trechos de seus trabalhos" (MARINS, 1997, p. 86)[21].

Nessa tarefa, de acordo com Marins (1997), Lourenço Filho chegou a emitir "mais de cinqüenta mil pareceres"[22]

> Naquela tarefa [Lourenço Filho] haveria de remodelar textos, propor novas lições, limar períodos, acrescentar dados pertinentes, isto sem ferir a genuinidade das obras, nem provocar a crítica dos autores" (MARINS, 1987, s.p).

Essa atividade de Lourenço Filho ao longo de sua formação e trajetória profissional parece ter sido seu referencial para a atuação, em 1936 e 1937, como presidente da Comissão Nacional de Literatura Infantil. Ali, juntamente com os escritores Murilo Mendes (secretário), Manuel Bandeira e Jorge de Lima e as educadoras Maria Eugenia Celso e Elvira Nizinska[23], Lourenço Filho teve oportunidade de discutir aspectos do que se pode considerar o início de uma teoria da literatura infantil, o que será detalhado mais adiante, no tópico 1.3.

---

[21] No tópico 1.2.4.3 desta Parte, a descrição de alguns pareceres emitidos exemplificam as correções efetuadas por Lourenço Filho em alguns textos de literatura infantil, inclusive nos de Francisco Marins.

[22] Como se pôde observar, há divergências a respeito do número de pareceres emitidos por Lourenço Filho ao longo das várias décadas em que foi consultor editorial da Companhia Melhoramentos de São Paulo: Donato (1990) registra "quase" 30.000 e Marins (1997), "mais de" 50.000.

[23] Alguns documentos consultados atestam a participação também do escritor José Lins do Rego e da poeta e educadora Cecília Meireles, nessa Comissão.

unesp

Essas experiências oportunizaram a Lourenço Filho receber o convite, do presidente da Academia Brasileira de Letras, em 1943, para falar aos membros da Academia a respeito da literatura infantil e seus problemas. Nessa palestra, publicada na *Revista Brasileira* (Rio de Janeiro) sob o título "Como aperfeiçoar a literatura infantil", Lourenço Filho demonstrou grande conhecimento do assunto, sintetizando conceitos básicos sobre o gênero, o que torna esse artigo pioneiro na produção mais sistematizada *sobre* o gênero.

Depois disso, Lourenço Filho produziu uma série de textos *sobre* leitura e literatura infantil e juvenil, como: "O ensino e a biblioteca" (1945); "O valor das bibliotecas infantis" (1948a); "A criança da literatura brasileira" (1948b); "Literatura infantil e juvenil" (1957a); "Inquérito sobre livros para crianças"(1959a); "Lúcia Benedetti e o teatro infantil" (s.d.); "Como tornar cada criança e cada adolescente um bom consumidor de leitura (1966b); além de introdução, apresentação e prefácios a livros *de* e *sobre* literatura infantil, como, dentre tantos outros: "Prefácio" (1959b) — ao livro *Vamos recitar*: poesia e teatro infantil, de Maria de Lourdes Nunes de Andrade; "Introdução" (1962b) — ao livro *Brasil*: paisagens e costumes; "Prefácio" (1962c) — ao livro *Nuvens choronas*, de Luis M. Nery; "Apresentação" (s.d.) — ao livro *A história da árvore de Natal*, de Hertha Pauli; "Um livro básico sobre literatura infantil" (1968) — prefácio ao livro *Literatura infantil Brasileira* - ensaio de preliminares para sua história e suas fontes, de Leonardo Arroyo.

Em suas preocupações com a literatura infantil, as questões da educação continuavam a incomodar Lourenço Filho, uma vez que sua produção *sobre* e *do* gênero estava contida em um projeto maior de educação e cultura. Sintonizado com os anseios e as necessidades de sua época sobre a educação e seus problemas e, nesse âmbito, sobre a leitura e, conseqüentemente, a literatura e a literatura infantil, Lourenço Filho reconhecia que era preciso educar o povo para o progresso social e que o ensino da leitura era um dos elementos de educação popular

unesp

(LOURENÇO FILHO, 1928). Em vista disso, Lourenço Filho teve publicada, a partir de 1928, um extensa produção didática que abrange desde cartilhas de alfabetização até livros para leitura escolar. Importante é, no entanto, observar que ele não se descuidou de sua produção de literatura infantil, uma vez que esta constituía o meio para a leitura.

No âmbito dessa produção didática, teve publicadas: as já citadas *Cartilha do povo* – para ensinar a ler rapidamente (1928), *Ler* (1947) e *Upa, cavalinho*! (1957c); e os livros de leitura da Série de Leitura Graduada Pedrinho, com os títulos: *Pedrinho* (1953), *Pedrinho e seus amigos* (1954), *Aventuras de Pedrinho* (1955), *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* (1956), *Pedrinho e o mundo* (1957)[24].

Vale lembrar que, antes da série de leitura mencionada, teve publicada a também já citada Série Histórias do Tio Damião, com 12 títulos: *Totó* (1942a), *Baianinha* (1942b), *Papagaio Real* (1943a), *Tão pequenino...* (1943b), *Saci-Pererê* (1944a), *O indiozinho* (1944b), *A irmã do indiozinho* (1946a), *A Gauchita* (1946b), *A formiguinha* (1946c), *No circo* (1946d), *Maria do Céu* (1951a), *E eu, também...* (1951b).

Analisando a faceta do escritor Lourenço Filho, Ruy e Márcio Lourenço Filho (1959) afirmam que o que caracteriza a obra de seu pai é o esforço do "publicista pedagógico" com o propósito de contribuir para uma mentalidade esclarecida em matéria de educação. Para esses autores, essa obra pode ser "distribuída" em quatro categorias: "educação em geral", "psicologia", "pensamento social" e "escritos para crianças".

> Em todos seus escritos, Lourenço Filho tem mantido coerência de idéias e atitudes, e uma inabalável fé no valor da educação e da cultura. Mas, ao mesmo tempo, nêles traduz um empenho de renovação e atualização incessante.
> [...]
> O respeito pelo leitor, na exatidão que deseja imprimir a seus escritos, tem sido outra nota constante, o que explica por certo a autoridade de que se revestem seus trabalhos,

[24] Apesar de constar em vários anúncios da Série, o volume 5, *Pedrinho e o mundo*, parece não ter sido publicado. Deixo, no entanto, seu título registrado para demonstrar a totalidade do projeto editorial dessa série de leitura escolar.

unesp

> no país e no estrangeiro. (LOURENÇO FILHO; LOURENÇO FILHO, 1959, p. 203)

Para Peregrino Junior (1959), o escritor Lourenço Filho é também filósofo, sociólogo, psicólogo e pedagogo, sendo, por isso, um "escritor autêntico".

> A sua arte de escrever é sutil, isenta e preclara. Sabe escrever com fluência, elegância e correção, escrevendo muito bem, exatamente porque dá a ilusão de estar escrevendo sem a preocupação de *escrever bem*. Não se vêem, na sua prosa, os andaimes da construção. E êsse, no avisado conselho de Machado de Assis, é o melhor estilo: desataviado, claro direto. Aparentei-o sempre, pela erudição extensa, pela expressão fácil e pelo dom admirável da clareza, ao de Medeiros e Albuquerque. (PEREGRINO JUNIOR, 1959, p. 182-183, grifos do autor)

Já segundo Marins, Lourenço Filho se comunicava "[...] de maneira clara e objetiva, com vocabulário precioso e adequado, sinonímia rica, quando falasse ou escrevesse" (MARINS, 1987, s.p.), adotando o método do "contador de histórias".

O escritor Lourenço Filho, como se pôde verificar neste tópico, teve publicada uma numerosa e variada produção: de literatura (para adultos) e crítica literária; de literatura infantil e juvenil; de livros didáticos para o ensino da leitura; de textos *sobre* literatura infantil e assuntos correlatos; de introdução, apresentação e prefácios a textos *de* e *sobre* o gênero e de pareceres a textos *de* literatura infantil. Além disso, atuou como presidente da Comissão Nacional de Literatura Infantil.

1.2.1 Literatura (para adultos) e crítica literária[24]

A produção de literatura (para adultos) de Lourenço Filho, como se pôde ver, ocupou, predominantemente, o tempo da juventude do escritor — de 1915 a 1926 —, o que parece

[24] Como a produção de Lourenço Filho de literatura (para adultos) e de crítica literária não são objetos desta Tese, ative-me, neste tópico, a reproduzir alguns trechos e a fazer uma rápida descrição desses textos e considerações gerais sobre o estilo de seu autor. Essa produção merece um estudo mais aprofundado ainda a ser feito, para contribuir para a história da literatura em nosso país e também para se conhecer mais essa faceta de Lourenço Filho.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

justificar a constatação do escritor Josué Montello (1962) sobre a renúncia de Lourenço Filho à criação literária — "[...] a que ele poderia ter dedicado" (JOSUÉ MONTELLO apud LOURENÇO FILHO, 1997a, p. 44) —, em benefício de uma obra de educação. Apesar disso, sua produção de literatura é bastante significativa, pois revela o "nascimento" da veia literária do escritor, concretizada e tematizada, mais tarde, no âmbito da literatura infantil e juvenil. Assim, a produção de literatura "para adultos" e a crítica a textos do gênero podem ser considerados o "embrião" da produção de literatura infantil de Lourenço Filho.

No trecho do conto "Presente de anos" (1916) que segue abaixo, podem ser observados o estilo e a linguagem utilizados nos contos e crônicas escritos por Lourenço Filho, bem como a sensibilidade e poesia com que foram tratados os temas:

> [...] De sincero eu não devia escrever-te hoje, porque os grandes enlevos não permitem a consciência do tempo e do espaço. Mas força é substituir a ternura da emoção, pela rudeza do capricho, quando este traz alegria, senão, de seu cumprimento, emoção maior. E que crime é o de mandar-te duas linhas e um cumprimento? O de apontar o castigo do tempo que te faz mais velha? Ora, tu sabes, um ano que passa é nada. E posto que a lembrança de seus dias traga lembrança de dores que se têm sofrido, ainda assim é nada. Eu, de mim, posso dizê-lo. De ti, procura ao teu coração. Ele não marcou dores, e há de responder cantando lêdo uma canção de vida, que cantarás também [...] (LOURENÇO FILHO apud LOURENÇO FILHO, 1997b, p.36-37)

Joaseiro do Pe. Cícero, por sua vez, construído pela reestruturação dos artigos anteriormente publicados, demonstra maior maturidade literária, embora sua inscrição no campo científico e literário tenha ocorrido apenas à época de sua publicação (MONARCHA, 2001), acabando por ser incorporado à bibliografia de psicologia social, "[...] acolhido como fonte para análises sociológicas centradas nos temas do messianismo, cultura rústica, fanatismo religioso e cangaço [...]" (MONARCHA, 2001, p. 2).

Ao cientificismo dos dados precisos e comprovados por citações, à análise psicológica e sociológica do fenômeno do Padre Cícero, juntou-se uma linguagem pormenorizada, descritiva e

unesp

narrativa, entremeada de sensibilidade e poesia, além de refinada ironia, especialmente nos primeiros quatro capítulos, que conferem ao livro e ao seu autor qualidades literárias — talvez isso justifique os elogios ao livro à época (LOURENÇO FILHO, 1997a) —, como se pode comprovar no fragmento a seguir:

> Às primeiras caminhadas, sobrevem, rápida, a fadiga. Assalta depois o viandante estranho à terra certa ansiedade, quando não extrema excitabilidade geral e impressionante atividade da imaginação. E não raro é que se lhe apresentem miragens. No extremo dos tabuleiros escaldantes, ou sobre o emaranhado das caatingas ressequidas, compõe a ilusão os mais tentadores oásis, recortes de serras nunca existentes, jardins e pomares... A explicação do primeiro fato talvez esteja nas longas horas de sol, sempre ardente e cáustico, na mesmice do ambiente, cujas ondulações se copiam desconsoladoramente, e na secura do ar, intolerável a princípio a quem não esteja aclimado. O segundo, no contraste maravilhoso das noites, sobrevindas quase de chofre, sem ocaso duradouro, com céus incalculavelmente diáfanos e profundos, buliçosos de vida de astros incontáveis, sobre cuja luz hesitante meteoritos lançam riscos fantásticos, quando um luar embriagador não se derrame, como bálsamo sobre as coisas da terra, transfeitas em quadros de magia e sedução...
> Avisado dessas alternativas de angústia e consolo, o estranho se anima a transpor os sertões, no seio dos quais irá notar que a civilização daquelas paragens é um prodígio de tenacidade, teia de Penélope entretecida de sacrifícios e renúncias sem nome, mantidas gerações afora, não se sabe bem por que razões profundas.
> E compreenderá, num átimo, por que a vida ali estacionou em aparente bocejo de cansaço ou desânimo, e logo perceberá que a primeira impressão contra o filho da terra é descabida e injusta. (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 26-27)[25]

A inserção mais recente do livro no campo científico ou, quando muito, na "literatura social" talvez deva ter ocorrido em virtude, especialmente, da opção do escritor em dissertar sobre a educação, em detrimento da narrativa, na conclusão do livro. Na conclusão, Lourenço Filho explicita uma ampla concepção de educação e uma concepção de leitura restrita a simples instrumento de cultura, que não supre a totalidade das necessidades do povo; por isso, advoga a necessidade da formação de elites, nas ordens intelectual e moral, a serem estabelecidas por um sistema de cultura técnica e superior.

> Sem se descuidar do ensino primário e do ensino profissional, cuja extensão iria tendo marcha normal, esses aparelhos de verdadeira cultura acabariam por produzir não só a

[25] A ortografia atualizada do fragmento se justifica por tratar-se da 4ª edição do livro *Joaseiro do Pe. Cícero*, de 2002.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

> mais benéfica coordenação mental, como criariam o ambiente propício a um trabalho de educação popular extensa, pela escola, pela igreja, pelo livro, pelo cinema, pelo rádio... (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 144)

Dessa forma, o livro *Joaseiro do Pe. Cícero* é representativo do pensamento social brasileiro da época em que foi escrito "[...] em que a atitude fundamental residia na conciliação da pesquisa social com o empenho da reforma política e cultural articuladamente à criação de uma identidade nacional (MONARCHA, 2001, p. 3).

A crítica literária produzida por Lourenço Filho, por sua vez, consiste em análises de aspectos formais, estilísticos e estruturais, como "lições" e propaganda de produção literária, feitas pelo crítico "desavisado" — como se auto-denomina. A título de exemplo, seguem trechos de "Chronica" (sobre estilo de Euclides da Cunha), de 1916, "Um romance paulista: 'Clarão da Serra'", de 1962 e "Linguagem no romance paulista", de 1964, os dois últimos sobre o estilo do escritor Francisco Marins:

> Foi da leitura de notas simples sobre a vida íntima de Euclides da Cunha, que depreendemos com verdade, a força e a chave de seu estilo tão deslumbrante de artifício. Euclides achava-se uma vez em casa duma família de sua intimidade, quando lhe foi apresentada uma criança, dessa idade adorável em que as crianças têm tanto de graça e de encanto no mal-entender o mundo. [...] Assim como mimasse a criança que via, perguntaram-lhe os pais, nunca contentes de ouvir gabos à filha, o que dizia dela.
> O mal-aventurado escritor levantou os seus grandes olhos sempre animados daquele brilho estranho de nevrose, e encarou os genitores da bela menina. Sentenciou, depois:
> — É uma espiga de milho brotando, lindíssima, dentro de um trigal!...
> Era profundo e enigmático. A quem conheça o caso, e as eminentes pessoas com quem ele se deu, a frase tem clareza farta. E daí se vê que, nem mesmo ao emitir um juízo que deverá ser tão simples quão sincero, Euclides da Cunha perdia aquela postura de alma extraordinária. Era profundo e enigmático. A nós, toda a impressão que nos faz a sua, infelizmente, minguada obra, é a mesma, nascida por espontâneas reflexões, da frase amaneirada com que dizia da beleza de uma criança, linda como todas as crianças lindas... (LOURENÇO FILHO apud LOURENÇO FILHO, 1997b, p.35-36)

[...]

> Na carreira literária de Francisco Marins, o romance "Clarão da Serra" vem abrir uma nova fase. Ela não oferece, no entanto, qualquer descontinuidade com as anteriores. Pelo contrário. Nas histórias para pré-adolescente e novelas juvenis, que escreveu, já esse autor revelava os atributos essenciais do romancista de hoje.

unesp

> Muitos escritores estréiam com um romance. Raramente produzem, porém, como êste é o caso, uma complexa narrativa dotada de grande fôrça e beleza. Só uma longa experiência ensina o ofício de narrar bem, apurando a arte de juntar o estranho ao óbvio, em que principalmente reside o poder de comunicação do romancista com o grande público.
> Em "Clarão da Serra", êsse poder atrairá leitores das mais diversas condições. Não é obra, contudo, que se percorra uma vez para não mais a ela voltar-se. Sugere problemas, levanta dúvidas, deixa uma reflexão. (LOURENÇO FILHO, 1962a, p. 3)
>
> [...]
>
> Não se percebe na leitura [de *Clarão da Serra*] qualquer artifício de composição, por seleção deliberada das formas verbais. Marins narra pelo que ouviu na tradição familiar, ou pelo que diretamente tenha observado, tornando a linguagem, ela própria, como que protagonista da narrativa. Não há hiatos, com perda dos atributos de naturalidade de estilo.
> A unidade é obtida pela constância de algumas formas sintáticas, o gosto das imagens simples e diretas, e, sobretudo, a capacidade geral de narrar bem. Pouco importa a variação sucessiva do vocabulário, numas passagens quase insensível e, em outras, bem marcada. Só em autores amaneirados é que o vocabulário caracteriza o estilo.
> Assinale-se, por fim, algo que já não diz respeito diretamente à linguagem, mas a uma variação de perspectiva na construção literária, que decide do valor expressivo geral da obra. Nas primeiras partes do romance, está acentuado o império das coisas, a fôrça da terra, a influência de bandos — greis pioneiras, lotes de escravos, agregados de senhores e súditos... Aí menos interessa o desenho psicológico de cada personagem, ou nem menos é êle ensaiado.
> À medida, porém, que a narrativa prossegue, os sentimentos, propósitos e motivos individuais tornam-se cada vez mais nítidos. Os tons difusos dos primeiros embates e conflitos sangrentos transitam para a definição de caracteres. A análise psicológica vem a dominar.
> Essa marcha impõe ao romancista múltiplos e delicados problemas de composição, e conseqüentemente de linguagem, o que poderia determinar desgraciosas rupturas na maneira de escrever. Não é, porém, o que ocorre. E não ocorre precisamente porque, em *Clarão da Serra*, a invenção literária e a instrumentação verbal participam do mesmo ato de criação. (LOURENÇO FILHO, 1964, p. 81)

Embora o texto "Oração ao acadêmico Lourenço Filho" seja, como já informei, um texto de recepção ao acadêmico Francisco Marins na Academia Paulista de Letras e não um texto especificamente de crítica literária, esta está bastante presente, como se pode observar, a título de exemplo, no trecho a seguir:

> [...] Vossos livros para crianças, que admitimos sejam cinco e não mais, procedem de uma só e mesma motivação original, bem revelada pela constância do cenário e presença das mesmas personagens.
> [...]
> Em tôda a série infantil o discurso é indireto: o autor narra, na terceira pessoa sem maior interêsse por aspectos introspectivos, mesmo porque entre o mundo real e o mundo imaginário das personagens não havia maior transição.

unesp

> [...] a técnica de narrar era sempre a mais singela [...] (LOURENÇO FILHO, 1966a, p. 25-28)

A crítica literária produzida pelo escritor aponta para a autoridade de que foi se revestindo o nome de Manoel Bergström Lourenço Filho em matéria de literatura, timidamente em 1915 e 1916 e mais relevante e importante ao longo dos anos seguintes, vindo a ser consultor editorial, conforme já informado, da Companhia Melhoramentos, uma das seis maiores editoras de livros para crianças do país, à época.

1.2.2 Literatura infantil e juvenil[26]

O primeiro envolvimento de Lourenço Filho com a literatura infantil foi a organização da coleção Biblioteca Infantil, que, conforme já informei, foi a primeira coleção de literatura infantil do Brasil. Organizada, a partir de 1915, por Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925) e assumida, após sua morte, por Lourenço Filho, essa coleção constava de consagradas histórias tradicionais, orientadas e revisadas.

A experiência acumulada e os estudos e pesquisas realizados até então por Lourenço Filho o autorizavam a imprimir seu estilo e seu pensamento à literatura infantil publicada naquela coleção: simplificou o vocabulário dos textos, para atingir maior número de público infantil, eliminou passagens que inspiravam medo ou terror, substituiu lugares, acontecimentos, vegetação e clima opostos à nossa sociedade e cultura, nacionalizou os temas e conteúdos, aproximando-os da realidade brasileira, recriou, enfim, os textos, buscando produzir arte que contribuísse tanto para deleite quanto para formação (ARROYO, 1968).

---

[26] Neste tópico, apenas apresento a produção de Lourenço Filho *de* literatura infantil e juvenil, para, na Parte IV, analisar a configuração textual da Série Histórias do Tio Damião. A coleção Biblioteca Infantil e o livro *São Paulo* merecem um estudo mais pormenorizado, que não serão desenvolvidos nesta Tese.

unesp

De acordo com Marins (1997), Lourenço Filho se propôs a escrever para crianças, convencido da possibilidade de adaptação de "estórias tradicionais" aos novos "ditames didáticos", eliminando delas o "humor negro".

> Lourenço desejava que a leitura pudesse se tornar uma ponte entre o mundo da criança e o do adulto e não uma pinguela para derrubá-la no abismo. (MARINS, 1997, p. 83)
> [...]
> Lourenço Filho [...] levaria ao mais alto grau o conceito já explícito no Emílio, de Rousseau: a criança não só devia ser estudada mas antes, compreendida, e daí propor, como integrantes inseparáveis das narrativas — mesmo que de formas veladas — preceitos da Psicologia Infantil e da Pedagogia e afastando, como já dito, conceitos de terror e violência, e ainda, o sentido piegas ou moralista, muito a gosto de velhos catecismos aplicados à educação.
> Assim seu conceito de tal literatura era a de que devia exercer uma função humanizadora, porém com os ingredientes da fantasia, da evasão e do sonho e ser uma forma de fazer conhecer o próprio ser e o mundo e, assim, tornar-se uma ponte entre o mundo risonho da criança e o carrancudo do adulto. (MARINS, 1997, p. 85-86)

Para Menin (1999), a revisão de *O patinho feio* feita por Lourenço Filho na coleção Biblioteca Infantil não se caracteriza apenas pela revisão do texto de Barreto — recriador da primeira edição, em 1915, desse conto, na coleção —, mas trata-se de uma "recriação" devido à ampla modificação que processou em relação ao texto original de Hans C. Andersen, segundo seu projeto e sua autonomia de trabalho frente à coleção. No entanto, de acordo com a autora, como Lourenço Filho e Barreto "falavam" a partir de um mesmo "lugar" — o escolar —, demonstravam em sua atuação frente à coleção, preocupações similares, como as de preservar a arte e incentivar o gosto pela leitura nas crianças em situação escolar, por isso, n'*O patinho feio*, de Lourenço Filho, sobressaiu-se o tom didático com intenção de educar, evidenciando os papéis de quem ensina e o de quem aprende, num enfoque formativo, moralizante e de crítica social. Isso, no entanto, não prejudicou a contribuição significativa de Lourenço Filho "[...] para a constituição, manutenção e *maior idade* do gênero literário infantil" (MENIN, 1999, p. 169, grifos da autora).

unesp

Soares (2002), por sua vez, ao comentar as revisões de Lourenço Filho aos livros dessa coleção afirma que, nesse projeto editorial, "[...] o leitor em formação tinha etapas bem definidas a cumprir, guiado pela mão do mediador [Lourenço Filho], que convidava, mas controlava" (SOARES, 2002, p. 312).

Além dos títulos da coleção Biblioteca Infantil, Lourenço Filho orientou, também, um título da Série Pátria Brasileira, publicada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, em 1953: *Leitura V*, de Renato Sêneca Fleury.

A Série Histórias do Tio Damião, por sua vez, eleita como *corpus* da pesquisa que originou esta Tese, como explicitei na Introdução, configura-se como produção original de Lourenço Filho *de* literatura infantil. Produzida na maturidade intelectual do autor, essa Série circulou por 16 anos no mercado editorial brasileiro, com um total aproximado de 600.000 exemplares.

Suas histórias, indicadas para leitores de seis a oito anos, tematizam o cotidiano de Dedé, uma menina pequena, curiosa, esperta que vive algumas travessuras e aprende, por meio de histórias contadas pelo Tio Damião ou por outros contadores de histórias e por meio de diálogos com outras crianças, tipos, usos e costumes regionais, bem como aspectos do folclore brasileiro.

Pela produção dessa Série, Arroyo (1968) situa Lourenço Filho entre os autores que se destacavam por uma obra literária para crianças perfeitamente "definida e válida", ao lado de outros, como: Guilherme de Almeida, Lúcia Machado de Almeida, Menotti del Pichia, Hernâni Donato, Érico Veríssimo, Maria José Dupré, Malba Tahan, José Lins do Rego, Luís Jardim. "Em Lourenço Filho o tema histórico se junta ao da ficção e ao do folclore para resultar na série Histórias do Tio Damião para crianças até 8 anos de idade" (ARROYO, 1968, p. 226).

Já Lajolo e Zilberman (1984) avaliam que tanto essa Série quanto a Série de Leitura Graduada Pedrinho foram produzidas para completar a atuação como pedagogo de Lourenço

unesp

Filho. Para as autoras, a Série Histórias do Tio Damião "[...] transmite informações sobre usos e costumes regionais, reforçando as noções de comunidade brasileira e integração nacional, valores em evidência na época, que o livro de orientação didática acentua" (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984, p. 80). Acrescentam que, apesar de Histórias do Tio Damião não se destinar diretamente ao ensino, nos textos dessa Série predomina a finalidade educativa, "[...] somada ao dirigismo ideológico, os quais variam segundo as intenções dos setores que utilizam a literatura para difundir conceitos e posições que lhes interessam em particular" (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984, p. 80).

São Paulo, publicado em 1954 pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, segundo Afrânio Coutinho (1978) integra a produção de literatura juvenil de Lourenço Filho. Nesse livro, conserva-se a figura do Tio Damião, que narra aos meninos Benedito, Zezinho e Joaquim, aspectos geográficos, históricos e culturais do Estado de São Paulo. Segundo Afrânio Coutinho (1978), embora esse livro tenha sido escrito para jovens, pode também ser lido por adultos que vão, como os jovens, aprender e se encantar, dada a variedade de temas, os comentários agudos, as informações seguras e a linguagem elegante e apropriada.

São Paulo faz parte da Série Viagem através do Brasil, organizada e revisada por Lourenço Filho, toda ela publicada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo entre as décadas de 1940 e 1950. Essa Série, segundo consta na quarta capa desse livro, é um "Autêntico desfile das grandezas de nossa terra através de seus costumes, encantos naturais, formação histórica, acidentes geográficos, etc" (SÃO PAULO, 1954, s.p.), composta de "Volumes caprichosamente ilustrados, constituindo a coleção um precioso documentário" (SÃO PAULO, 1954, s.p.). Consta de 10 volumes, na seguinte ordem: Vol. 1 – Amazonas e Pará; Vol. 2 – Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe; Vol. 3 – Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro; Vol. 4 – Minas Gerais; Vol. 5 – Rio Grande do Sul; Vol. 6

unesp

– Santa Catarina; Vol. 7 – Paraná; Vol. 8 – Distrito Federal; Vol. 9 – São Paulo; Vol. 10 – Goiás e Mato Grosso. Com exceção dos volumes 8 e 9, de autoria de João Guimarães e de Lourenço Filho, respectivamente, todos os demais volumes foram escritos por Ariosto Espinheira.

Essa Série apresenta semelhanças com *Através do Brasil*, de Olavo Bilac e Manoel Bonfim, publicado em 1910 e "[...] leitura apaixonada e obrigatória de muitas gerações de brasileiros" (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 34). Essas semelhanças dizem respeito à tematização do nacionalismo em ambos, no sentido de conhecer as terras brasileiras, como meio de exaltá-las e valorizar sua natureza, seu povo e suas regiões; ou seja, trata-se de uma visão ufanista do Brasil, visando a garantir a unidade nacional em sua diversidade regional. Ao mesmo tempo informativos e de ficção, *São Paulo* e *Através do Brasil* buscam envolver o leitor e garantir sua adesão.

1.2.3 Livros didáticos para o ensino da leitura[27]

A produção didática de Lourenço Filho para o ensino da leitura iniciou-se em 1928, com *Cartilha do povo* - para ensinar a ler rapidamente, sendo esse aspecto — "autor didático" — o que mais se ressalta na obra de Lourenço Filho, segundo Ruy Lourenço Filho (1997a).

Cartilha do povo, conforme já informei, teve mais de 2.000 edições, tendo sido publicada por mais de seis décadas. Essa trajetória editorial permite a apreensão de uma história de permanência e sucesso, não somente por ter levado a leitura inicial a milhões de brasileiros, mas também por ter servido de parâmetro para outras cartilhas brasileiras em sua estruturação e princípios, influenciando a história da alfabetização em nosso país (BERTOLETTI, 1997).

---

[27] Neste tópico, apresento a produção didática de Lourenço Filho para mostrar que o escritor se envolveu com e concretizou uma produção didática "separada" de uma produção específica de literatura infantil e juvenil. Sobre a produção didática do autor, ver, especialmente: Bertoletti (1997); Magnani (1997); Mortatti (2000; 2001).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

A Série de Leitura Graduada Pedrinho, por sua vez, foi aplaudida e indicada como a "grande" produção de Lourenço Filho para crianças, à época de sua publicação e até os dias de hoje[28]. Não somente por sua exitosa trajetória editorial, mas também por seu caráter inovador, no que se refere, seja ao aspecto gráfico, seja aos princípios teóricos que concretizava (BERTOLETTI, 1997), a Série de Leitura Graduada Pedrinho estava sintonizada com sua época. Para Afrânio Coutinho (1978), essa Série tinha utilidade não apenas para disseminar a leitura, mas também para incutir o gosto por ela e permitir um contanto compreensivo com o mundo circunstante do seu interesse.

É importante ressaltar que o projeto editorial dessa Série foi levado adiante a partir de 1953, ou seja, dois anos depois de encerrado o projeto editorial da Série Histórias do Tio Damião. Assim, o intervalo de tempo que separa essa produção declaradamente didática da produção *de* literatura infantil de Lourenço Filho é indicativo de que, de acordo com o ponto de vista de seu autor, Histórias do Tio Damião foi produzida como literatura infantil e a Série de Leitura Graduada Pedrinho foi produzida como leitura escolar, de caráter didático.

1.2.4 Textos *sobre* literatura infantil e assuntos correlatos[29]

Os textos de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil e assuntos correlatos — leitura e livros — foram veiculados em capítulo de livro, artigos, conferências, separatas, periódicos, crítica literária, "recepção de acadêmico"[30], introdução, apresentação e prefácios e pareceres a livros *de* e *sobre* literatura infantil.

---

[28] Dentre os estudos mais recentes que destacam a Série de Leitura Graduada Pedrinho no âmbito da produção didática de Lourenço Filho, ver, especialmente: Coutinho (1978); Coelho (1984); Marins (1997).

[29] Neste tópico, apenas apresento um resumo do conteúdo e outros aspectos gerais dos textos de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil e assuntos correlatos, para, na Parte III, analisar a configuração textual dos textos eleitos como *corpus*.

[30] Os artigos de crítica literária e "recepção de acadêmico" já foram descritos no tópico 1.2.1 devido à subdivisão escolhida para este capítulo.

unesp

1.2.4.1 Capítulo de livro, artigos, conferências, separatas, periódicos

Nos artigos "O que a criança lê", publicado em 1920, no *Jornal do Commercio* e "O cinema e a literatura na educação das crianças", publicado em 1939, pela *Imprensa Oficial* (Rio de Janeiro), Lourenço Filho acusa os efeitos nocivos que os impressos e o cinema de má qualidade causam nas crianças, um ser em formação.

"Um inquérito sobre o que os moços lêem" , publicado em 1927 pela revista *Educação* (São Paulo) e também em separata, em 1928, é o resultado de um inquérito feito por Lourenço Filho com os alunos das últimas "classes" de duas escolas normais (uma do interior e outra da capital) e de um grande liceu paulista. Nesse inquérito, conclui que "[...] 'nossos moços lêem pouco e escolhem mal as obras que lêem'" (LOURENÇO FILHO, 1927, p. 3), em virtude de, segundo o autor, as escolas primárias terem condenado o livro de leitura.

A falta de leitura e de livros foi apontada na conferência do Dr. Levi Carneiro, ocorrida no Instituto de Estudos Brasileiros e publicada em "O problema do livro nacional", em 1938, da qual Lourenço Filho tomou parte como debatedor. Carneiro (1938) atribuía a falta de prestígio do livro à Escola Ativa, por sua reação anti-livresca, afirmação de que Lourenço Filho discorda, defendendo um ponto de vista de que na Escola Ativa não se combatia o livro, mas o livro único, e indica o aumento da produção de livros naqueles anos.

Na palestra "Como aperfeiçoar a literatura infantil", publicada em 1943, Lourenço Filho problematiza a questão da literatura infantil, a fim de contribuir para os estudos e debates em torno do gênero. Para tanto, o autor busca, a partir de dados históricos, conceituar e delimitar a literatura infantil e estabelecer suas funções e modalidades, além de fazer um balanço da situação então atual e sugerir medidas para aperfeiçoá-la.

No artigo "O ensino e a biblioteca", de 1944, mais do que tecer considerações a respeito do tema, título do texto, Lourenço Filho faz observações de ordem pessoal, apontando sua vida e

unesp

seus interesses voltados para a leitura e os livros e se autodenominando "ledor incorrigível". Esse texto resultou de uma conferência realizada em 05 de julho de 1944, na biblioteca do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) (Rio de Janeiro), sendo a primeira de uma série de conferências sobre o tema "A educação e a biblioteca". Foi publicado, ainda em 1944, na revista *Formação* (Rio de Janeiro), sob o título "Biblioteca e ensino", e em 1945, na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (Rio de Janeiro) e na *Revista da Academia Paulista de Letras* (São Paulo), sob os títulos "Ensino e biblioteca" e "Biblioteca e Ensino", respectivamente.

"O valor das bibliotecas infantis", publicado em 1948, pela EBSA (Rio de Janeiro)[31] foi o título dado à palestra de Lourenço Filho por ocasião de uma exposição de livros infantis. Nesse texto, o autor busca definir a literatura infantil como arte que serve à formação dos espíritos infantis, a partir de um esboço histórico da constituição do gênero.

Em "A criança na literatura brasileira", conferência de Lourenço Filho proferida na Federação das Academias de Letras (Rio de Janeiro), em 1948 e publicada na *Revista da Academia Paulista de Letras*, nesse mesmo ano, após fazer considerações teóricas sobre a infância e a delimitação dessa fase da vida humana, o autor destaca a imagem da criança na prosa brasileira, dividida entre: livros de memórias, auto-biografias romanceadas, contos e novelas. Para Lourenço Filho (1948b), a consistência cada vez maior dada, então, à criança na prosa brasileira retrata um fenômeno de vida social extensa, de aumento do nível de cultura do país.

Em "Literatura infantil e juvenil", publicado em 1957, como apêndice do livro *História da Literatura*, de José Marques da Cruz (1957), partindo de dados históricos das origens da literatura infantil, Lourenço Filho conceitua, delimita e traça as modalidades da literatura infantil e juvenil, fundamentando-se no conceito de *catarse*, como definido pela psicologia.

---

[31] Não obtive, até o momento, informações sobre o significado dessa sigla e qual entidade representava.

unesp

"Inquérito sobre livros para crianças", de 1959, é uma entrevista concedida por Lourenço Filho à revista *Leitores e Livros* (Rio de Janeiro). Respondendo a questões sobre o processo de produção de seus livros para crianças e sobre as bases teóricas que os sustentam, Lourenço Filho faz uma análise da produção de literatura infantil, compreendendo-a como ligada à criança e a sua necessidade inerente de formação.

No artigo "Como tornar cada criança e cada adolescente um bom consumidor de leitura", publicado em 1966, na revista *Educação* (Rio de Janeiro), Lourenço Filho destaca o processo evolutivo da leitura, que deveria culminar, a seu ver, na formação do "bom consumidor de leitura". Esse processo evolutivo, segundo o autor, leva em consideração três aspectos, de modo contínuo e progressivo: a maturidade da criança, a motivação para a leitura e o material de leitura. O "bom consumidor de leitura", por sua vez, não é aquele que lê por ler, mas que lê "[...] com maior refinamento de espírito crítico [...]" (LOURENÇO FILHO, 1966b, p. 12), com compreensão; desse modo, "[...] a ação cultural da leitura se exercerá em toda sua plenitude, passando assim a influir em maior integração de valôres lógicos, sociais e morais" (LOURENÇO FILHO, 1966b, p. 12).

> No mundo atual, com o desenvolvimento de outras formas técnicas de comunicação, como o cinema, o rádio e a televisão, oferecemos a crianças e adolescentes impressões muito mais numerosas que antes, mas tangendo o espírito de cada um de *fora para dentro*, sem que suas fôrças interiores de imaginação e de espírito crítico se expandam e se reforcem. Tudo isso freqüentemente representa a negação da própria cultura, ou a abolição de seus mais altos valores, e por uma razão muito simples: é que, industrializadas, essas formas modernas de comunicação têm normalmente o espírito de lucro, seja como fôr, não o de mais equilibrada formação das novas gerações.
> [...]
> Mais uma razão, portanto, para que se cuide de fortalecer o espírito crítico das novas gerações, o qual, ainda e sempre na leitura, poderá encontrar o seu instrumento de eleição. Devemos armar crianças e jovens a se defenderem de tais influências nocivas, assim como lhes ensinamos a preferirem a água limpa à suja e a comer o que realmente seja nutriente saudável. (LOURENÇO FILHO, 1966b, p. 12-13)

unesp

Em "Lúcia Benedetti e o teatro infantil", artigo datilografado por Lourenço Filho[32], o autor discorre sobre a importância das peças infantis dessa escritora. Para isso, procede a um apanhado histórico do teatro universal, assinalando sua associação geral com a educação, desde a idade média, quando se sustentava na ação social de "[...] propagação dos bons costumes e idéias religiosas do tempo" (LOURENÇO FILHO, s.d.., p. 1) e aponta a importância do teatro escolar no século XX, associado à idéia de jogo ou brinquedo.

> Deixava assim o teatro escolar de ser encarado como arte, para com maior freqüência tornar-se um artifício, sustentado apenas por interêsses didáticos imediatos ou por objetivos de diversão, em solenidades de fim de ano. Os especialistas do assunto passaram mesmo a substituir a denominação de teatro infantil pela de "exercícios de dramatização", úteis se bem empregados, mas caricaturais quando sob êsse pretexto estejam tentando praticar a representação cênica.
> Autores de mérito se associaram a êsse movimento. Bastará lembrar entre nós Bilac e Coelho Neto e [ilegível] com seus seguidores depois, muito numerosos, e de variável capacidade literária e artística. (LOURENÇO FILHO, s.d., p. 2)

De acordo com Lourenço Filho, no entanto, as peças de Lúcia Benedetti, representadas no Brasil pela primeira vez em 1948, pela companhia de Henrietti Morineau e que começavam a se projetar no estrangeiro, eram diversas dessa orientação escolar.

> [...] O que pretendeu foi apresentar o teatro, como teatro, com sua força criadora, plástica e dramática sôbre a criança, independentemente das representações escolares, que são outra coisa e para outros fins, menos ambiciosos. Dessa forma, entendeu de renovar a ação social do teatro nas crianças através das crianças.
> [...]
> Não se trata apenas da feitura teatral. O de que se trata é da concepção de ordem psicológica em que apoiou a já agora vencedora, de um teatro como contemplação estética para crianças, com todos os seus efeitos de natureza sugestiva.
> O que há de ressaltar, antes de tudo, na produção de Lúcia Benedetti, surpreendente por sua força, é a capacidade dessa projeção dramática com poesia. Em outro plano, o fenômeno é o mesmo que o da verdadeira "literatura infantil", não, é claro, o de sua contrafação. Quero dizer, de apresentação estética para fins educativos sem dúvida, e para divertir, sem dúvida também, mas pela emoção criadora que só a obra de arte chega a transmitir. (LOURENÇO FILHO, s.d., p. 2-3)

[32] Não obtive informações, até o momento, se esse artigo foi publicado.

unesp

1.2.4.2 Introdução, apresentação e prefácios

Em relação à introdução, à apresentação e aos prefácios a textos *de* e *sobre* literatura infantil e juvenil produzidos por Lourenço Filho, reuni, selecionei e ordenei cinco referências; no entanto, até o momento, foi possível localizar e recuperar apenas três textos: "Prefácio", ao livro *Nuvens choronas* de Luis M. Nery (1962), "Um livro básico sobre literatura infantil brasileira", prefácio ao livro *Literatura Infantil Brasileira* – ensaio de preliminares para sua história e suas fontes, de Leonardo Arroyo (1968) e "Apresentação", à tradução brasileira de Aída de Carvalho Bergström, de *A história da árvore de Natal*, da escritora inglesa Hertha Pauli[33].

No "Prefácio", de 1962, além de fazer uma apreciação sobre o livro *Nuvens choronas* e seu autor, Lourenço Filho tece considerações teóricas sobre o gênero literário para crianças:

> Escrever livros que de qualquer modo divirtam crianças é uma coisa. Como a literatura de gente grande, essas composições requerem espontaneidade, poder sugestivo, fôrça de comunicação poética.
> [...]
> [...] a província natal do espírito infantil se povôa de sonhos e fantasias. De fantasia, sim, no que possa a imaginação "recriar", no sentido etimológico dessa palavra, que é "criar de novo", com maior equilíbrio para a vida interior de cada menino ou menina. Não de um fantástico qualquer, grotesco e muitas vêzes mórbido, por isso mesmo nocivo às mentes em formação.
> [...]
> Claro que a verdadeira obra literária, para qualquer que seja a idade, não tem o intuito direto de ensinar. Como expressão de arte, seu papel é produzir emoção, possibilitando novas formas de sentir e pensar, equilibrando motivos e modos de compreender, com colaboração do leitor, mesmo quando de um pequenino leitor se trate. (LOURENÇO FILHO, 1962, s.p.)

No prefácio "Um livro básico sobre literatura infantil" (1968), Lourenço Filho busca conceituar a literatura infantil em sua acepção mais restrita e mais ampla, demonstrando a opção por essa última, por parte do autor do livro prefaciado, Leonardo Arroyo. Lourenço Filho, também, detalha os propósitos e as necessidades da tradição oral da literatura e a função da

[33] Esses textos localizados corroboram a afirmação de Ruy Lourenço Filho (2001) de que centenas de apresentações, introduções e prefácios escritos por Lourenço Filho encontram-se dispersos, possibilitando, a meu ver, inúmeras pesquisas.

unesp

literatura infantil em desenvolver o "mundo interior" do leitor; aponta possibilidades de pesquisa *sobre* literatura infantil e, ainda aponta, o caráter de reflexão que o livro prefaciado, a seu ver, possibilitava.

Na "Apresentação" ao livro *A árvore de Natal*, Lourenço Filho busca situá-lo em relação a outro livro da mesma autora, publicado em nosso país, e à tradução e adaptação feitas "[...] ao espírito corrente da tradição religiosa no Brasil" (LOURENÇO FILHO, s.d., s.p.). Ainda, Lourenço Filho recomenda sua leitura por crianças, jovens e adultos "[...] nos quais não se tenha apagado a chama poética que nos leva a entender os símbolos de fé e de compreensão entre os homens" (LOURENÇO FILHO, s.d., s.p.).

1.2.4.3 Pareceres

Neste tópico estarei considerando os seguintes pareceres: "Parecer a *João Pracinha*" (1959c), "Parecer a *Dona História da Silva*" (1961) e "Parecer a *Sempre alerta, Rondon*" (1962), todos de Francisca Rodrigues Gregory; "Parecer a *Simplicidade*" (1960), de Walter Nieble de Freitas; "Parecer a *Clarão da Serra*" (1961) e "Parecer a *Grotão do café amarelo*" (1963), ambos de Francisco Marins; "Parecer a *Cinguri, o indiozinho*" (1964), de F. Lyra Silva (pseudônimo de autor não identificado); e, "Parecer a *Os fósforos mágicos*" (196?), de autor desconhecido.

No parecer de 1959, ao texto *João Pracinha*, de Francisca Rodrigues Gregory, Lourenço Filho felicita a autora por sua "linguagem natural, viva e atraente", harmonia e graça da composição e, por isso, recomenda o livro para publicação pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, tendo enviado os originais à direção daquela Editora.

Nesse parecer, Lourenço Filho ressalta que para se escrever para crianças, além de certo gosto poético e capacidade de ligar o real ao imaginário, o autor deveria adequar o texto aos interesses infantis e adaptar à criança o vocabulário e a construção sintática.

unesp

Acreditando no valor literário desse livro, Lourenço Filho sugere "pequenas emendas", transcritas a lápis na cópia que remeteu à autora, especialmente no capítulo 2 daquele texto, no qual a visão de mundo sugeria a falsidade dos adultos em relação às crianças, o que Lourenço Filho preferiu amenizar.

> [...] Há mesmo esta observação quanto à atitude da mãe do menino para com êle: "Coitado! Como estava *sendo traído*!" Basta apontar essa única frase para que a Senhora veja que, realmente, a cena descrita não é feliz, num trabalho para crianças. A infância de hoje já é muito trabalhado (sic) por situações que a levam a desconfiar dos adultos. Não creio que os *livros de recriação*, que lhes dediquemos, devam acentuar essa impressão. (LOURENÇO FILHO, 1959c, s.p., grifos do autor)

Ademais, indicou emendas na forma, "[...] para que se evitem certos modismos de linguagem de sabor muito regionalista; ou, então, para que os sentimentos de conflito não se acentuem também" (LOURENÇO FILHO, 1959c, s.p.)

O parecer a *Dona História da Silva*, de 1961, da mesma autora, apresentou-se um pouco mais negativo que o primeiro e, nele, Lourenço Filho buscou observar a necessidade de a escritora tornar-se "autora de larga projeção", no sentido de escrever conciliando a expressão artística com os "interesses naturais" das editoras, pois "[...] O desejo de todo autor é que sua obra seja difundida; o desejo do editor é vender o livro em larga escala" (LOURENÇO FILHO, 1961, s.p).

Assim, embora tenha tecido muitos elogios ao estilo de Francisca Gregory, Lourenço Filho advertiu-a sobre a necessidade de adequação entre "tema e apresentação do tema" para a mesma faixa etária, uma vez que

> Para que o livro atenda a esses interesses comuns, será necessário, antes de tudo, que se escreva para uma clientela *definida*. Praticamente isso se define por *faixa de idades*. Há composições que satisfazem crianças de 6 a 8 anos; outras, de 9 a 11/12 anos; outras, de 12 a 14. Vem por fim a literatura juvenil, ou própria para adolescentes.
> Para cada uma dessas faixas de idades, importará a escolha do tema de modo a atender os interesses naturais das crianças e jovens mais ou menos amadurecidos, e, na conseqüência, da feitura geral da obra, extensão, tratamento lógico e recursos de

> linguagem, especialmente de vocabulário. (LOURENÇO FILHO, 1961, s.p., grifos do autor)

O tema e o tratamento dado a ele, segundo o parecerista, não se adequava a "faixa de idades" a que se destinava, naquele livro. O trecho que segue corrobora o ponto de vista de Lourenço Filho:

> [...] a montagem da história é para faixa de 9/11 anos, ao passo que o assunto central é para idades mais avançadas. Muitos trechos que nos parecem absolutamente claros (para nós, adultos), serão pouco percebidos pelas crianças. Ao contrário, para os adolescentes que possam compreender a intenção geral, a narrativa parecerá ingenua demais. Se a matéria informativa se referisse a assuntos já do conhecimento, embora rudimentar das crianças, história pátria, por exemplo, já não haveria dificuldade, ou tanta dificuldade de compreensão. (LOURENÇO FILHO, 1961, s.p.)

Ressaltando a falta de interesse comercial que essa inadequação acarreta, Lourenço Filho aproveitou para fazer observações de caráter geral do livro, segundo critérios de editores e, especialmente, da Companhia Melhoramentos, como os que seguem: nos livros recreativos infantis, não se deve reproduzir "o modo de falar errado" das pessoas, nem tampouco ressaltar aspectos de raça ou cor de personagens que possam alimentar preconceitos; não devem figurar nos livros infantis referências a dotes físicos; nem podem prescindir de glossários; e os livros devem se adequar às séries ou coleções, destinadas às "faixas de idade" da criança, com número de páginas, temas e linguagem próprios ou adequados a essas "faixas".

Ao livro *Sempre alerta, Rondon*, o parecer de 1962, de Lourenço Filho foi favorável, fazendo ressalvas apenas à técnica adotada pelo ilustrador que, segundo ele, "[...] não é a mais recomendável para crianças" (LOURENÇO FILHO, 1962c, s.p.).

O parecer de Lourenço Filho, de 1960, à 3ª edição do livro *Simplicidade*, de Walter Nieble de Freitas, foi solicitado pelo autor, por meio de uma carta a que Lourenço Filho respondeu particularmente. Em sua resposta, Lourenço Filho felicitou Walter Nieble de Freitas

pelos pareceres que apreciavam seu livro, divulgados na 2ª edição, acrescentando, no entanto, que o autor demonstrava muita preocupação em simplificar os textos e por isso "[...] retira-lhes muito do cunho sugestivo ou verdadeiramente poético" (LOURENÇO FILHO, 1960, s.p.).

Em vista disso, Lourenço Filho ensinou ao autor de *Simplicidade* que o pensamento infantil desenvolve-se num clima de imagens e fantasia, significando que "[...] as formas naturais de expressão e compreensão na criança são animadas de poder inventivo, em que as imagens, comparações e alegorias com freqüência se sucedem" (LOURENÇO FILHO, 1960, s.p); assim a simplificação demasiada prejudicaria a escolha dos temas e o tratamento dado a eles.

Continuando, Lourenço Filho aconselhou a exclusão de umas das poesias que compunham o livro, intitulada "Essa, não!", porque nela se evidenciava ausência de sentido poético, e aconselhou também a experimentação pelo autor, em futuras composições, de temas não propriamente didáticos. De qualquer modo, Lourenço Filho emitiu o parecer solicitado para a 3ª edição, o qual segue reproduzido abaixo, na íntegra:

> É difícil escrever para crianças. Mais ainda, fazê-lo em versos, quando deles se retire a alma das palavras, o valor sugestivo da frase, a harmonia do conjunto. Para que assim não aconteça, há de o autor compreender a alma infantil, possuir o domínio da forma poética e da plasticidade do estilo.
> Tudo isso teve em mente, por certo, o professor Walter Nieble de Freitas, no belo volume "Simplicidade". O título da coletânea sugere os temas tratados e a técnica que emprega. A julgar pelas duas edições que já teve o livro e os pareceres de competentes professôres paulistas, êsse trabalho vem correspondendo aos seus objetivos nas escolas primárias.
> Penso que mais ainda se poderá esperar do ilustre educador, em futuras edições dêsse livro e em outros, com que esperamos venha a enriquecer o difícil gênero a que com tanto esmero se dedica. (LOURENÇO FILHO, 1960, s.p.)

No parecer solicitado, em 1961, por Francisco Marins ao livro *Clarão da Serra*, Lourenço Filho felicitou o autor pelo excelente trabalho realizado no livro, quer pelo tema e estrutura, quer pelo aproveitamento dos efeitos regionais de linguagem, comparando-o com "obras" de igual

unesp

sentido, como a de José Lins do Rego e Guimarães Rosa. Para Lourenço Filho, no entanto, o livro de Marins encontrou nele maior repercussão em virtude de sua condição de paulista.

Por outro lado, Lourenço Filho sugeriu ao autor um possível "polimento" no livro, para maior harmonia e equilíbrio geral, aconselhando a retirada de minúcias ou expressões redundantes que enfraqueciam o estilo ou a força do narrador sobre o leitor, especialmente na terceira parte do livro. Mesmo assim, Lourenço Filho assegurou que essa apreciação final somente podia ser feita pelo autor, "[...] pois algumas delas podem ter uma intenção oculta, que o crítico não perceba" (LOURENÇO FILHO, 1961, s.p). Nesse parecer composto em forma de carta, Lourenço Filho prometeu a Marins, depois da publicação do livro, um artigo crítico sobre *Clarão da Serra*, o que concretizou em 1962.

Em 1963, por meio de duas cartas, Lourenço Filho enviou seu parecer ao livro *Grotão do café amarelo*, de Francisco Marins. Na primeira carta, de 25 de agosto, Lourenço Filho teceu sua apreciação sobre 130 páginas a ele enviadas, ressaltando a boa impressão geral que teve com esse livro, no qual se mantinham as mesmas qualidades de *Clarão da Serra*.

Ressaltou, no entanto, a necessidade de algumas retificações na estrutura e na linguagem, a seguir reproduzidas:

> Quanto à *estrutura*, peço sua atenção para os seguintes pontos:
> a) o episódio da pág. 4 fica muito abruptamente cortado, pois o seu seguimento, ou resolução, só vai aparecer na pág. 106. Isso dá ao leitor uma impressão menos satisfatória, que poderá ser evitada se na pág. 4 acrescentar três ou quatro linhas, mais ou menos como as que vão sugeridas a lápis. Com isso, o leitor poderá entender melhor tudo o mais que se segue, compreendendo também que o casa de Belinha (como se diz nas receitas culinárias), fica de *reserva*. Importante, mas só a juntar-se quando a massa estiver crescida...
> b) o episódio *da onça* está um pouco longo demais, pois é alguma simplesmente acidental, o que passa a figurar quase como principal. Veja se poderá comprimir um pouco, ou aliviar certos incidentes.
> c) Penso que a transcrição do diário de Maria Amélia, pág. 22, sôa como falso. Ademais, é a única transcrição, e, nas aperturas e fadigas em que ela se viu, não é verossímil que se ocupasse em escrever impressões. A narrativa em discurso indireto, com menção a recordações e propósitos da jovem esposa, talvez fique melhor. Examino.
> Quanto à *linguagem*:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

> Fiz várias sugestões a lápis, além das do Prof. Fleury, que considero muito boas. Logo na 1ª página, lembro que sereno *não cai*. Será melhor dizer, simplesmente, o sereno *era frio*. Também aí, como em outros pontos, por vezes sugiro algumas inversões de frases, e fragmentação de períodos, além da abertura de novos parágrafos.
> Também sugiro, no correr do texto, não em muitos casos, a substituição de algumas expressões que, a meu ver, não poderiam ser usadas pelos homens do tempo: "optar por", "tomar um líquido", "áreas de cultura", "subir para o planalto", "sondagem", "líder". Verifique.
> Igualmente não me parece que os homens do tempo pudessem falar na "situação econômica da nação", ou coisa semelhante. Aí não emendei, mas sugiro-lhe que troque essa expressão por "situação geral dos negócios", por exemplo. (LOURENÇO FILHO, 1963a, s.p., grifos do autor)

Na segunda carta, de 23 de setembro do mesmo ano, Lourenço Filho, de posse do texto completo de *Grotão do café amarelo*, completou seu parecer, ratificando a boa impressão que tivera antes, agora do conjunto. Do mesmo modo, também evidenciou sua apreciação, observando os seguintes aspectos:

> Fiz apenas algumas anotações a lápis, sugerindo-lhe, quase sempre o corte de alguns adjetivos, ou mesmo de algumas clausulas circunstanciais. Uma sua releitura talvez possa, com essa mesma orientação, cortar um pouquinho mais... É que, nalguns pontos, a narrativa *está explicada demais*. Será preciso deixar nela simples sugestões para que o leitor as complete com sua própria imaginação.
> Claro que esta questão é muito pessoal em cada autor, mesmo porque ele pode ter intenções diversas no escrever. Proust, por exemplo, num de seus romances, enche duas ou três páginas apenas com as impressões que a uma personagem provocou uma mancha de papel da parede... O que lhe desejo pedir é que veja que há algumas cenas com minúcias demasiadas, ou mesmo com enumerações que poderiam ser retiradas sem prejuízo. Por exemplo: na pág. 15 (parte anterior) há uma enumeração do nome das flores, logo seguida de outra de cheiros, ou tempêros... Penso que a primeira dessas enumerações poderia sair, com vantagens.
> Sobretudo quando escrevemos fatigados (parece paradoxal a afirmação) escrevemos demasiadamente. Claro que terá escrito algumas páginas um pouco cansado, e o próprio estilo o reflete. *Ôlho* nesses pontos!... como dizem os espanhóis.
> Agora, uma simples curiosidade. Acho que aproveitou bem a presença de Vital Brasil. Mas, segundo penso, quando êle foi para São Paulo, não recomeçou aí o trabalho no Butantã. Creio que trabalhou numa instalação provisória: a rua da Consolação. Ou não teria sido assim... A questão, é claro, não tem maior importância, mas [ilegível] possa ser esclarecida. (LOURENÇO FILHO, 1963b, s.p., grifos do autor)

O parecer de Lourenço Filho a *Cinguri, o indiozinho*, de 1964, de F. Lyra Silva, versou não somente sobre a história, mas também sobre a possibilidade de adaptação do texto em disco.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

Quanto a este último aspecto, Lourenço Filho manifestou-se favoravelmente, no entanto, foi contrário a sua utilização por crianças do jardim de infância, devido à complexidade da história, mais apropriada, segundo ele, a crianças do 3º ou 4º ano da escola primária.

Quanto à história, Lourenço Filho destacou haver naquele livro requisitos fundamentais em bons trabalhos de literatura infantil, como: ação viva e bem estruturada, boa linguagem e excelente dialogação. Atentou, porém, para a existência de situações que causavam sentimento de horror.

> Até pelo menos à idade de 10 anos, histórias com êsses conteúdos não parecem adequadas. Estudos especiais sôbre situações que inspirem sentimento de medo e terror mostram que essa prática não é salutar. Ainda para crianças maiores, as referencias a situações como essas devem ser atenuadas. Aí está, pois, um problema a examinar. (LOURENÇO FILHO, 1964, s.p.)

No parecer a *Os fósforos mágicos*, de autor desconhecido, Lourenço Filho buscou traçar uma série de considerações sobre a composição literária, enumeradas em 12 tópicos. Nessas considerações, evidenciou as qualidades do autor, mas ressaltou os seguintes aspectos:

> [...] 3. Em primeiro lugar, quando se escreve para crianças, deve-se verificar qual a faixa de idades a que a composição seja destinada. Entre 7 e 9 anos, há um nível; entre 10 e 11, outro, e daí por diante, outro ainda. Isso para não falar de historietas que se preparem para serem lidas a crianças de idades mais baixas.
> 4. Pois bem. Com relação a cada nível, há de se considerar a linguagem, o assunto e a estrutura geral da narrativa.
> 5. Quanto à linguagem, será preciso ter em mente o vocabulário e a construção sintática. As palavras usadas devem ser do vocabulário natural de cada idade, quer dizer do conjunto de palavras e expressões usuais no nível de desenvolvimento correspondente. Devem-se evitar, porém, os modismos infantis, as palavras de gíria e os regionalismos. Linguagem simples, natural, correntia.
> 6. Quanto aos assuntos, será preciso considerar os interêsses das idades, as tendências e preferências de cada fase evolutiva. Crianças de todas as idades (como todos os adultos) gostam de coisas de imaginação, mas será preciso que haja um justo equilíbrio entre as cenas reais que se descrevam e a criação fantástica. O fantástico deve ser usado para comunicar à narrativa poder simbólico, através de expressão poética. Quando dele se abuse, a história não agrada às crianças.
> 7. Quanto à estrutura, ou plano da história, deve-se atender também aos recursos de cada idade. Há assuntos que podem servir a diferentes idades, dependendo da estrutura e tratamento geral. Em cada caso, será preciso utilizar convenientemente de certos

> recursos: dialogação, notas descritivas, pequenas digressões. De modo geral, as crianças apreciam ação direta, narrativas movimentadas, com certa surprêsa. Condenam-se, porém, efeitos de terror ou cenas que causem medo, e, igualmente, tudo quanto pareça de mau gôsto. O andamento da narrativa tem grande importância. Será preciso que as personagens não sejam muito numerosas ou que não se atropelem umas às outras.
> 8. Ligada ao assunto e ao tratamento, está a questão do propósito ou intenção da história. Se a intenção é leitura recreativa, claro que a intenção geral será divertir, dando gôsto pela leitura e pela boa linguagem. Deve-se afastar a idéia de que os contos infantis devam ter sempre uma moralidade expressa ou que ensinem alguma coisa. A criança logo percebe essa intenção e se aborrece. O que atrai a criança é o fato de possuir o texto uma mensagem implícita, que a leve a refletir e a concluir por si, não uma moralidade expressa.
> [...]
> 10. Para escrever bem trabalhos de literatura infantil será preciso, em primeiro lugar, conhecer e compreender as crianças; em segundo lugar, saber usar de sua própria linguagem, narrando com naturalidade, graça e harmonia; por último, não estar preocupado em ensinar nada, senão o bom gosto, a elevação geral dos sentimentos, o equilíbrio emocional. (LOURENÇO FILHO, s.d., s.p.)

Por fim, aconselhou ao autor do livro que procurasse escrever muito, desenvolvendo o poder de auto-crítica para atender aos interesses das crianças, e não dos adultos, e também que buscasse ler bastante, livros de literatura infantil, inclusive, de autores como Arnaldo de Oliveira Barreto, Viriato Corrêa, Francisco Marins, Renato Fleury e Lucia Benedetti, cânones da literatura infantil, para Lourenço Filho.

Como se pôde perceber, o conteúdo dos pareceres de Lourenço Filho sintetizados acima, constitui "lições de produção literária para crianças", pois nesses pareceres, Lourenço Filho não apenas julgava os trabalhos em apreciação, como também discorria sobre aspectos teóricos da literatura infantil; nos textos dos autores, corrigia e fazia sugestões de mudanças. É importante ressaltar que nessas mudanças, o autor não se pautava em um critério único para apreciação dos livros, o que leva a reconhecer que, a meu ver, critérios paradoxais eram levados em conta quando Lourenço Filho avaliava os trabalhos: educacionais e literários, psicológicos e estéticos, mediados por critérios editoriais.

unesp

1.3 O presidente da Comissão Nacional de Literatura Infantil

Conforme já informei, Lourenço Filho foi presidente da Comissão Nacional de Literatura Infantil (CNLI)[34] no ano de sua criação, 1936 e no ano seguinte, 1937. Durante esse período, juntamente com Murilo Mendes, Maria Eugênia Celso, Elvira Nizinska, Manuel Bandeira e Jorge de Lima, organizou, delimitou e selecionou a produção *de* literatura infantil da época, produzindo a partir daí o que pode ser considerado o início de uma teoria da literatura infantil brasileira.

A CNLI foi criada em 1936 pelo então Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, após homenagem a Edmundo De Amicis, autor de *Cuore* (1886)[35]. O artigo "Palavras de quem tem uma creança", de Maria Eugenia Celso, publicado no *Correio da Manhã*, em 10 de maio de 1936, registra e avalia a iniciativa[36]:

> Commemorando, há cerca de mez e meio, o anniversario da morte de Edmundo de Amicis, teve o ministro Gustavo Capanema a feliz lembrança de o fazer da mais original, da mais proveitosa das maneiras.
> Não encommendou a literatos e críticos profissionaes o clássico estuda da vida e obra do autor de "Coração", nem sequer exigiu que das suas paginas famosas se fornecesse ao publico nenhum erudito e substancioso commentario.
> Aproveitando apenas o alto ensinamento que, para gerações e gerações de creanças, tem sido este grande livro, convidou um grupo de homens de letras e professores a em singela e expressiva homenagem a quem tão nobre lições de civismo soube dar aos meninos de sua terra, cuidar do empolgante problema da literatura infantil.
> A sessão realizou-se no salão nobre da Escola Nacional de Bellas Artes e, pela excellencia das opiniões expendidas e a opportunidade das idéas suggeridas redundou numa tarde verdadeiramente educacional, o que quer dizer, pródiga de conceitos eficazes, e geradora, por certo, de úteis iniciativas. (CELSO, 1936, s.p.)

---

[34] Daqui para a frente, sempre que me referir à Comissão Nacional de Literatura Infantil, ora utilizarei a denominação completa, ora apenas Comissão, ora a sigla CNLI, criada por mim.

[35] *Cuore*, do escritor italiano Edmundo De Amicis, foi um livro bastante difundido no Brasil, especialmente no final do século XIX e início do século XX, devido às várias traduções que teve em nosso país, sendo a de maior aceitação a de João Ribeiro, de 1891, sob o título *Coração*. A respeito desse livro e de suas traduções, ver, especialmente: Lajolo; Zilberman (1991).

[36] Embora esse artigo tenha sido publicado no referido jornal, a versão que utilizo é a do texto original, manuscrito.

unesp

Ligada ao Ministério da Educação e Saúde, portanto, a Comissão foi instalada no Rio de Janeiro e reuniu-se pela primeira vez naquele ano[37] para discutir e elaborar seu plano de ação, possível de ser visualizado no esquema do primeiro "Boletim da Comissão de Literatura Infantil".

O referido "Boletim", manuscrito por Murilo Mendes, secretário da Comissão, deixa clara a intenção opinativa, de intervenção e de produção de teses *sobre* literatura infantil idealizada pelos membros da Comissão para a literatura infantil, além do planejamento de criação de prêmios e concursos e estabelecimento de ficha-padrão para crítica dos livros infantis. Tudo isso norteado por um "Plano de ação de conjunto dos Estados do Brasil" com "Teses sem ideologia política [...]"(BRASIL, [1936], s.p.).

Nesse "Boletim" são arrolados, dentre outros, os seguintes aspectos a serem considerados pela CNLI:

> Definição de literatura infantil. Classificação de generos relativamente às idades.
> Raio de ação da literatura infantil.
> Meios de estímulo e desenvolvimento da literatura infantil no Brasil.
> O carater opinativo da Comissão.
> Intervenção junto aos jornais e radio.
> Creação de prêmios e concursos.
> Creação de uma ficha padrão para exame e juízo dos livros. (BRASIL, [1936], s. p.)

Essas preocupações demonstradas pela Comissão Nacional de Literatura Infantil atestam a falta de uma teoria mais sistematizada *sobre* literatura infantil, à época. Além disso, deixam entrever a influência de seu presidente, Lourenço Filho, que, com o prestígio alcançado e a experiência acumulada até então em seus estudos e pesquisas sobre livros e leitura e também em sua atuação como consultor editorial da Companhia Melhoramentos, encaminhou, de acordo com

---

[37] As reuniões da CNLI aconteciam às quartas-feiras, às 17 horas, no prédio do Ministério da Educação e Saúde (BRASIL, 1936).

unesp

suas preocupações, as considerações elencadas no "Boletim", para a organização, delimitação e seleção da literatura infantil então produzida em nosso país.

Em vista disso, os membros da Comissão passaram a discutir e buscaram organizar aspectos teóricos da literatura infantil em textos datilografados e manuscritos que circulavam nas reuniões[38]. Busquei sintetizar, em ordem cronológica, o conteúdo de alguns textos produzidos pelo membros da CNLI que circularam em suas reuniões, delimitando, definindo e/ou classificando a literatura infantil.

O primeiro desses textos, datado de 7 de maio de 1936 e intitulado "Literatura Infantil", é endereçado ao Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema. Ressaltando o "peso" da leitura sobre o futuro da criança, nele se sugere que o Governo Federal abra e patrocine uma casa editora, de modo a "[...] espalhar edições populares de bons livros infantis, pois somente as crianças de familias abastadas pódem no Brasil adquirir livros, devido ao alto preço dos mesmos" (BRASIL, 1936, s.p.).

Nesse texto, a Comissão busca problematizar a literatura infantil, comparando-a à "literatura para adultos", além de indicar a existência de livros não escritos para crianças que fazem parte da literatura infantil e de livros escritos por crianças que aumentariam muito o alcance do que é literatura infantil.

No texto, ainda, a CNLI demonstra a preocupação em distinguir literatura infantil do "sector didactico", de livros "propriamente tecnicos" e aponta o entrave do gênero em utilizar "[...] uma falsa e inabil exploração do mundo imaginario, conduzindo muitas vezes a criança (sobretudo na 1ª infancia) a reações psicologicas que devem ser evitadas, como as de medo [...]"

---

[38] Muitos textos de membros da CNLI foram publicados em *O jornal* (Rio de Janeiro), em 1936 (LOURENÇO FILHO, 1943c).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

(BRASIL, 1936, s.p.), além de criticar o aspecto moralizante de alguns livros "[...] em prejuízo da poesia da vida" (BRASIL, 1936, s.p.).

A Comissão se manifesta no texto, ainda, sobre a dificuldade de utilização de um critério único para classificação do gênero segundo as idades, devido às diferenças geográficas, pessoais, morais e materiais que cercam cada criança.

Em segundo texto, também de 7 de maio de 1936, intitulado "Literatura infantil – sua delimitação", Elvira Nizinska da Silva aponta que, para se delimitar o gênero deve-se considerar a finalidade da literatura na vida da criança. Assim, segundo a autora, não se deve somente conhecer o gosto da criança, mas observar em que sentido esse gosto deve ser cultivado e dirigido, despertando interesses sociais que tenham como fundamento tal gosto natural.

Desse modo, para Silva (1936), a literatura tem, como caráter essencial, o recreativo, porém ela pode enriquecer a experiência da criança, pois, dialogando com essa experiência, a literatura infantil

> [...] pode despertar e aperfeiçoar qualidades morais, artísticas; pode influir para convenientes atitudes em relação aos problemas sociais, históricos e científicos; pode aperfeiçoar e enriquecer as formas de linguagem e pode, até, proporcionar informações. (SILVA, 1936, s.p.)

Para isso, Silva (1936) enfatiza a necessidade da "beleza de forma" dos livros infantis e separa o livro didático e o livro de leitura dos livros de literatura infantil, ressalvando que, nos livros de leitura há alguns que podem ser considerados como literatura infantil, "[...] desde que a sua feitura material seja melhorada" (SILVA, 1936, s.p.).

Em um outro texto intitulado "Tipos de literatura infantil" e datado também de 7 de maio de 1936, Elvira Nizinska da Silva indica a necessidade de cuidadosos estudos de "fundo" e "forma" dos livros infantis, para posterior classificação segundo as idades da criança.

unesp

O texto "Literatura infantil e ideologia", datado de 29 de julho de 1936, é de autoria de Murilo Mendes, para quem as idéias de pátria e de família são necessárias ao desenvolvimento das sociedades. No entanto, o autor assegura que excessivas exaltações do conceito de pátria, podem degenerar um nacionalismo "estreito e feroz".

Assim, em seu nome, Mendes (1936a) afirma vetar todos os livros que levem às crianças a "doutrina comunista", que preguem a divisão do Brasil, incitando lutas regionalistas, que façam apologia dos governos totalitários e ditatoriais ou que insinuem o ateísmo.

Elvira Nizinska da Silva também escreveu o texto "O nacionalismo e a literatura infantil", datado de 5 de agosto de 1936. Para a autora, a literatura infantil, além de recrear, tem um alcance educativo e, por isso, a natureza brasileira "[...] pode e deve ser o fundo, o cenario para as nossas historias[...]" (SILVA, 1936, s.p.) para o alcance do nacionalismo. No entanto, o "alcance real" desse tema na literatura infantil, para Silva (1936), carece de uma boa dose de talento do escritor que necessita de um poder extraordinário de emoção e penetração, sendo raras as obras nacionalistas, de valor real.

Lourenço Filho, por sua vez, concentrou seus esforços em tematizar a questão da linguagem na literatura infantil. Desse modo, no texto "Literatura infantil e linguagem", Lourenço Filho salienta que a linguagem tem uma dupla função, a de significar e a de informar, de um lado, e a de sugerir e criar, de outro. Para o domínio desta última, segundo Lourenço Filho o homem necessita dos recursos da arte, e é dessa função que se nutre a literatura infantil.

Para o autor, a literatura infantil existe para "[...] exaltar ou sofrear o espirito, para liberta-lo e conduzi-lo" (LOURENÇO FILHO, s.d., s.p.) e somente como sugestão e criação a linguagem pode diferenciar o pensamento, "[...] colorindo diversamente as ideias, com os nossos proprios anseios e desejos" (LOURENÇO FILHO, s.d., s.p.) e assim incutir princípios de direção comum do sentir e do pensar.

unesp

Esses textos, por um lado, dão mostra do esforço dos membros da Comissão Nacional de Literatura Infantil em iniciar o delineamento de uma teoria para a literatura infantil e, por outro, apontam para a gênese do pensamento de Lourenço Filho especificamente sobre esse gênero. As discussões em torno das idéias expostas nesses textos serviram de base para a continuidade dos trabalhos da CNLI, como a elaboração de listas de livros recomendados para tradução e adaptação e a criação de fichas-padrão para o julgamento dos livros publicados no Brasil para a leitura de crianças, a fim de ampliar, melhorar e avaliar o acervo da literatura infantil produzida à época e divulgada no Brasil.

As listas eram apresentadas por membros da Comissão[39] e discutidas nas reuniões, visando a obter uma única relação de livros, como a de 20 livros de contos, biografias e romances franceses, ingleses e americanos (Anexo 1), "[...] que poderão ser tradusidos ou adaptados para crianças entre 8 e 14 anos" (BRASIL, [1936], s. p).

Além disso, para divulgação, estímulo e desenvolvimento da literatura infantil, a CNLI planejou a elaboração de um jornal ou revista infantil na reunião de 21 de maio de 1936[40]. No esboço desse plano, determinou-se que esse jornal ou revista deveria ser educativo e recreativo, com linguagem adaptada à realidade.

Assim, de formato cômodo e leve, com poucas, mas boas ilustrações, a revista ou jornal infantil deveria conter matérias sobre esporte, cinema, artes plásticas, jogos, divertimentos, anedotas, peças teatrais, "lições de coisas" e histórias de crianças célebres, reguladas por senso das realidades sociais, estímulo ao amor às artes e às letras, equilíbrio nacionalista e compreensão

---

[39] Tive acesso apenas à lista apresentada por Manuel Bandeira contendo um total de 31indicações de livros ingleses, holandeses, russos, franceses, suecos e espanhóis.

[40] Até o momento, não obtive informações que permitam assegurar que o jornal ou revista infantil tenha sido publicado. Isso indica a necessidade de maiores estudos sobre a produção de periódicos no Brasil, especialmente, os jornais e revistas para crianças.

unesp

social do amor ao próximo. A revista ou jornal deveria, também, estabelecer concursos e proporcionar o julgamento dos trabalhos feitos por crianças, por outras crianças.

Buscando interferir nos meios de comunicação, assim como divulgar seus trabalhos, a CNLI entrou em contato com a Associação Brasileira de Imprensa, a Confederação Brasileira de Radio Difusão e o Instituto Nacional de Cinema Educativo. As três instituições colocaram-se à disposição da Comissão, contribuindo com a divulgação de suas opiniões, com a ampliação de seu raio de ação, com o estímulo e desenvolvimento da literatura infantil no Brasil.

Os trechos dos ofícios que seguem, comprovam a autorização das três instituições para as contribuições mencionadas acima:

> Tenho em meu poder o officio que a Comissão de Literatura Infantil me enviou, assignado por V.S. e outros grandes nomes da pedagogia nacional. Diante da importância do assumpto, desde logo designei o meu brilhante confrade Sr. Pinheiro de Lemos para se entender com a Commissão e tenho certeza de que a sua collaboração será das mais uteis. Depois do relatorio do representante da A.B.I. designarei uma commissão, caso seja necessario, para colaborar na obra de V.S. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA, 1936, s.p.)
>
> [...]
>
> Em resposta ao vosso oficio s/n, de 15 de Julho p.findo, tenho a satisfação de comunicar-vos que o Conselho Diretor, em sessão ontem realizada, autorizou o Sr. Dr. Agenor Augusto de Miranda, Presidente desta Confederação, a aceitar o vosso honroso convite para um entendimento a respeito da organização de programas radiofonicos destinados ás crianças. (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE RÁDIO DIFUSÃO, 1936, s.p.)
>
> [...]
>
> De ordem do Snr. Director, tenho o prazer de communicar-lhe que foram reservados 10 minutos das irradiações da PRA 2 do Ministério da Educação para as irradiações da Comissão de Litteratura Infantil. (INSTITUTO NACIONAL DE CINEMA EDUCATIVO, 1936, s.p.)

Os trabalhos da Comissão continuavam a "todo vapor", e, como já afirmei, a criação de uma ficha-padrão que servisse de referência para a crítica literária ocupou grande parte das reflexões de seus membros. Na reunião de 4 de junho de 1936, José Lins do Rego, Murilo

Mendes, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Elvira Nizinska da Silva e Lourenço Filho apresentaram esquemas de uma ficha-padrão para julgamento e classificação dos livros infantis.

A apreciação geral, manuscrita por Murilo Mendes no "Comentario aos squemas de uma ficha padrão", apontou a convergência entre os membros da CNLI quanto ao modo de encarar a questão, apostando na "[...] tendencia convergente que facilitará o acordo para a fixação de um criterio basico" (MENDES, 1936b, s.p). Nesse "Comentario", Murilo Mendes, avaliou o trabalho de Lourenço Filho como o mais detalhado de todos, embora considerasse que a divisão por faixa etária proposta por ele devesse sofrer alterações, o que não ocorreu e acabou sendo o critério para o concurso de livros, como se verá mais adiante.

O estabelecimento de uma ficha-padrão possibilitou à CNLI o julgamento dos vários títulos originais e adaptados que passaram a compor o "acervo da literatura infantil brasileira", sob aprovação da Comissão. Assim, fixando em 100 o número máximo de pontos que um livro poderia receber, a Comissão passou a divulgar pela imprensa títulos de livros recomendados à leitura de crianças, como os listados a seguir:

Memórias de Emília, *Dom Quixote das crianças* e *Fábulas*, de Monteiro Lobato;

Meu torrão, *História do Brasil para crianças*, de Viriato Corrêa;

Era uma vez, de Viriato Corrêa, em colaboração com João do Rio;

Contos do país das fadas, de Gondim da Fonseca;

Lendas dos nossos índios, de C. Brandenburger;

Uma história verdadeira, de Olga Ferraz Kehl,

História de matto virgem, de Paulo Ribeiro de Magalhães;

Histórias *de Pai João*, de Erico Veríssimo;

Novellas infantis, de L. Contreras;

Pinocchio, de Collodi, traduzido por Mary Baxter Lee;

unesp

Pinocchio na África, de Cherubini, traduzido por Mary Baxter Lee;

A ilha do tesouro, de R. S. Stevenson, traduzido por Pepita de Leão;

Heidi, de Joam Spiri, traduzido por Pepita de Leão;

Faísca e Maneco, de Laboulaye, traduzido por Haidée Isac N. Lima;

Contos Orientaes, de G. Hanff, traduzido por Lina Hirah;

A árvore, de Júlia Lopes de Almeida;

Contos de Andersen e *Novos contos de Grimm*, traduzidos por Monteiro Lobato.

Nos meses de janeiro e fevereiro de 1937, Lourenço Filho teve a oportunidade de realizar viagens aos Estados Unidos, Itália, Alemanha e França e conhecer de perto a literatura infantil produzida na América do Norte e na Europa, relatando suas impressões[41] sobre o tema aos membros da Comissão, na sessão do dia 24 de fevereiro de 1937.

Em fins de 1936, buscando fomentar a produção de literatura infantil, no Brasil, a CNLI lançou um concurso de livros infantis, cujo edital distinguia três categorias: 1ª categoria - livros para crianças até sete anos; 2ª categoria - livros para crianças entre oito e dez anos; 3ª categoria - livros para crianças com mais de dez anos[42]. Estabelecia, ainda, dentre outros, o prazo de inscrição até 28 de fevereiro de 1937 e a necessidade da utilização de um pseudônimo para os autores.

O julgamento e apreciação dos livros foi minucioso e ocorreu durante vários dias do mês de março de 1937, havendo a Comissão, após rigorosa avaliação, chegado ao seguinte resultado, no mês de abril daquele ano:

---

[41] Não obtive, até o momento, documentos que contenham essas "impressões" de Lourenço Filho sobre a literatura infantil produzida e publicada nos países que visitou.

[42] Essa divisão obedecia à ficha-padrão proposta por Lourenço Filho, na reunião de 4 de junho de 1936, como informado anteriormente neste tópico.

unesp

1ª categoria:

1º lugar: *O circo*, de Santa Rosa;

2º lugar: *O tatu e o macaco*, de Luís Jardim;

3º lugar: *Carnaubeira*, de Paulo Werneck e Margarida Estrela.

2ª categoria:

1º lugar: *Fada Menina*, de Lúcia Miguel Pereira (pseudônimo: Vera Mendonça);

2º lugar: *A casa das três rolinhas*, de Marques Rebelo e Arnaldo Tabaya (pseudônimo: Carlos Henrique);

3º lugar: *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos (pseudônimo: L. Silva).

3ª categoria:

1º lugar: *O boi Aruá*, de Luís Jardim (pseudônimo: J. R. Alvez);

2º lugar: *As aventuras de Tibicuera*, de Érico Veríssimo (pseudônimo: Tio Luiz);

3º lugar: *A grande aventura de Luiz e Eduardo*, de Éster Costa Lima (pseudônimo: Macacaporanga).

A apreciação final da Comissão sobre os livros da 2ª e 3ª[43] categorias foi explicitada nos fragmentos que seguem:

> "A Casa das Três Rolinhas" compõe-se de histórias de animais em situações muito comuns à vida humana. Algumas representam charges a acontecimentos muito recentes: não serão porém compreendidas pelas crianças na sua verdadeira significação e apenas tomadas como fantasias, aliás bem interessantes. A primeira e ultima historias são

[43] Não obtive documentos que apreciassem os livros da 1ª categoria, nem tampouco informações a respeito dos pseudônimos adotados pelos autores. O estudo desses e dos outros livros premiados no concurso de 1936 é uma a lacuna a se preencher na história da literatura infantil brasileira.

> ótimas e se todas as outras se lhe aproximassem, o livro poderia ser considerado muito bom.
> "A Fada Menina" e "Na Terra dos Meninos Pelados" são livros feitos com a finalidade de satisfazer às exigências do maravilhoso nessa idade. São fantasias deliciosas. Exploram situações provenientes da fuga à realidade para um país maravilhoso que imaginam as crianças e no qual vivem as suas horas de quietude e de monotonia da vida de todos os dias. O primeiro deles se ressente da falta de capítulos, tornando-se um pouco massudo para crianças da idade a que se destina.(BRASIL, 1937, s.p.)
>
> [...]
>
> Dos livros de folclore apresentados, "O Boi Aruá" é o melhor; se suas histórias não são resultado de pesquisas folcloricas do próprio autor, têm o valor de serem ineditas para as crianças. Há muitas expressões regionais que dão maior merito literario ao livro.
> "As Aventuras de Tibicuera" são episódios da Historia do Brasil apresentados de maneira originalíssima. O autor poderia ter suprimido certos fatos, sem prejuizo do todo. O quadro sinotico que completa o livro destoa do conjunto: seria conveniente retira-lo para não causar impressão desfavorável às crianças e tirar o caráter didatico.
> "A Grande Aventura de Eduardo e Luiz" é um livro de aventuras, de argumento muito bem imaginado. Do meio para o fim é um otimo livro e o autor revela qualidades extraordinarias de narrador. A primeira parte, porem, peca pela prolixidade das informações de natureza didática e abuso de termos técnicos. Não fora isso e seria um livro digno de hombrear com "Ilha do Tesouro" de Stevenson. (BRASIL, 1937, s.p.)

A Comissão passou a ser reconhecida e a servir de referência para a produção e aprovação dos livros para as crianças brasileiras. A reprodução do ofício que segue, assinado pelo escritor Marques Rebelo e o ilustrador Santa Rosa, datado de 19 de maio de 1937, exemplifica a afirmação acima:

> Os abaixo assignados, autores de "A B C de João e Maria" – annexo á presente – desejariam conhecer a opinião dessa Commissão sobre o trabalho. Foi moldado dentro dos mais modernos ensinamentos pedagogicos, orientados, a principio, pelo Professor Venancio Filho, e com o auxilio de vario mateiral extrangeiro sobre o assumpto.
> Esperando que satisfaça plenamente as condições de um bom ABC para a meninada brasileira, pediremos que, caso fosse approvado, merecesse uma acta de approvação e a licença de collocar na capa, em lugar já reservado no original, os seguinte dizeres: Approvado pela Commissão de Literatura Infantil do Ministério da Educação. (REBELO; SANTA ROSA, 1937, s. p.)

A resposta ao ofício acima reproduzido, por sua vez, datado de 20 de maio de 1937, atesta o compromisso da Comissão com a delimitação da literatura infantil.

unesp

> [...] O referido trabalho escapa á alçada desta Comissão, visto o seu carater didatico, motivo pelo qual não podemos autorisar a divulgação publica de nosso parecer sobre o mesmo. Podemos, entretanto, com o maior praser, declarar que o "A B C de João e Maria" é um trabalho de grande valor, tendo sido executado de acordo com os modernos ensinamentos pedagógicos, pelo que os membros desta Comissão felicitam os seus autores. (BRASIL, 1937, s.p.)

Em 14 de setembro de 1937, buscando a organização de bibliotecas infantis, a Comissão aprovou e recomendou para constituição de seus acervos 68 títulos de livros publicados no Brasil. São livros dos seguintes autores: Paulo Ribeiro de Magalhães, Monteiro Lobato, Viriato Correia, Gondim da Fonseca, Osvaldo Orico, L. Contreras, Figueiredo Pimentel, C. Brandenburger, Érico Veríssimo, Olga Ferraz Khel, Malba Tahan, Rosa Maria, Arnaldo de Oliveira Barreto, Olavo Bilac, Manoel Bonfim, João Ribeiro, Pepita Leão, Tales de Andrade, José Lins do Rego, Emílio Pompéia, Benjamin Rabier, Matilde Garcia Rosa, Jorge Amado, Haidée Lima, Guilherme Hauff, Charles Dickens, Cherubini, M. Sibiriak. Além desses, há também livros sem indicação do nome do autor, publicados pelo Editorial Paulista (São Paulo).

Todos esses livros foram avaliados em "fundo", "forma" e "apresentação" por meio das fichas-padrão. O documento "Biblioteca Escolar Recreativa" (s.d.) exemplifica a avaliação de três títulos do Editorial Paulista. Nesse documento, dois títulos, *Catimatita* e *A cabana misteriosa,* são aprovados com nota 70 e constam da lista acima citada, e um deles, *Crianças modernas*, foi reprovado, com nota 38 e, por isso, não consta da referida lista (Anexo 2).

Além dessa listagem de livros aprovados e recomendados, a Comissão Nacional de Literatura Infantil, traçou normas para a organização de bibliotecas infantis. Os objetivos dessas bibliotecas foram traçados pela Comissão, em documento datado de 14 de setembro de 1937: permitir o aproveitamento útil das horas de lazer; estimular e desenvolver os interesses de leitura; despertar o gosto artístico; permitir o desenvolvimento segundo as tendências individuais; e dar hábitos de ordem e cooperação.

unesp

Segundo a CNLI, o aproveitamento útil das horas de lazer se fazia necessário devido à escassez das diversões saudáveis para a infância e a juventude, especialmente nos grandes centros urbanos, naquela época. Isso significava a necessidade, segundo a Comissão, de organização de Centros de Cultura e Recreação, funcionando em vários pontos das cidades, nos domingos e feriados, inclusive, com atividades atraentes, afastando crianças e jovens de "diversões malsãs".

O estímulo e desenvolvimento dos interesses de leitura, para a Comissão, deveriam ser proporcionados às crianças desde antes de saber ler, pela admiração de gravuras, pelo intermédio da narração de histórias e pela leitura de trechos em prosa e verso. Essas atividades, segundo a CNLI, levariam as crianças à leitura independente e silenciosa, segundo suas "[...] possibilidades e tendências, dando em resultado o domínio, cada vez mais perfeito, da técnica da leitura, e o hábito de pesquisa e auto-cultura" (BRASIL, 1937, p. 2)

O gosto da criança era despertado e desenvolvido, segundo a Comissão, pelo estímulo das qualidades artísticas dos livros, além da ornamentação das salas de leitura, graças à sensação de bem-estar e beleza que essa ornamentação proporcionava a crianças e jovens.

Para desenvolver as tendências das crianças, além de livros de literatura infantil, as bibliotecas, para a CNLI, deveriam ter livros didáticos para suprirem necessidades escolares e material de experiência e construção, em salas anexas.

O ambiente de liberdade das bibliotecas gerava, de acordo com a Comissão, hábitos de cooperação, ordem e respeito à liberdade alheia.

Assim, segundo esse documento, as bibliotecas deveriam funcionar em Centros de Cultura e Recreação que, além de salas de leitura nos moldes das bibliotecas escolares, deveriam constar de salas de jogos didáticos e campos de recreação. As salas de leitura deveriam ser instaladas em lugares amplos e ventilados, com mesas e cadeiras confortáveis, estantes baixas e um quadro negro para avisos gerais, reclames, explicações, sugestões e ornamentadas com

unesp

quadros de bons pintores e conselhos de ordem geral. O material deveria ser controlado de modo prático, sem perda de tempo, numerados no dorso, no sentido de habituar a criança à honestidade, e arrumado pelo próprio consulente, para habituá-lo à ordem. Além dos livros de literatura infantil, as bibliotecas deveriam ter livros didáticos, álbuns com material ilustrado, revistas nacionais e estrangeiras, que forneceriam gravuras, "lanterna mágica" e aparelho de projeções fixas.

Como se pode notar, a Comissão Nacional de Literatura Infantil empreendeu um grande esforço para organização, delimitação e seleção da literatura infantil brasileira nos anos de 1936 e 1937, enquanto Lourenço Filho esteve na sua presidência. Além disso, a CNLI fomentou o desenvolvimento do gênero e passou a exercer grande influência nos rumos dos livros de literatura infantil no Brasil, haja vista que os autores e títulos de livros de literatura infantil aprovados e recomendados pela Comissão, permaneceram como os grandes marcos da produção do período nas tematizações de literatura infantil que se seguiram. Especificamente na formação do pensamento de Lourenço Filho tematizado e concretizado em sua produção *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil, essa atuação como presidente da CNLI teve grande parcela de influência. Ali, convivendo com educadores e escritores, ele não somente teve oportunidade de organizar e melhor delimitar suas idéias, como de expô-las e ratificar seu reconhecimento como uma "autoridade em leitura" e, a partir de então, em literatura infantil; não é por acaso que, em 1943, seu nome foi lembrado para proferir uma palestra aos membros da Academia Brasileira de Letras: um educador falando a homens de letras...

Lourenço Filho deixou a Presidência da CNLI em meados de 1937 e em seu lugar assumiu o grande poeta, Manuel Bandeira. Embora não seja objeto desta Tese a atuação desse presidente na Comissão Nacional de Literatura Infantil, é importante mencionar que as atividades a respeito de literatura infantil continuaram a ser executadas, pautadas nos objetivos iniciais

unesp

delineados no primeiro "Boletim"[44], no entanto, com a vantagem de essa Comissão já ser reconhecida como o pólo das discussões sobre o gênero no Brasil, certamente graças à fase inicial dos trabalhos, presidida por Lourenço Filho. A solicitação do diretor de estatística do Ministério de Educação e Saúde, Teixeira de Freitas, ao presidente da CNLI, Manuel Bandeira, em 23 de junho de 1938, atesta o prestígio acima referido.

> O *Service de Littérature Enfantine*, do *Bureau International d'Education*, de Genebra, endereçou-me um pedido de informações sôbre a literatura infantil brasileira, para o qual tomo a liberdade de solicitar a valiosa atenção da Comissão sob a vossa esclarecida presidência.
> Trata-se, como verificareis pela documentação, que vos envio, por cópia, de um inquérito sobre o desenvolvimento e as condições atuais da literatura para a juventude na América latina, no qual será especialmente estudada a nossa produção nesse ramo de atividade literária.
> Nenhuma outra entidade julgo ser, no momento, mais competente para examinar o assunto nos vários aspectos compreendidos no questionário do *Bureau International d'Education* do que a Comissão de Literatura Infantil do Ministério da Educação e Saúde, e, assim, apelando para a colaboração desse órgão estou certo de que, sob um critério mais conveniente à nossa cultura e aos objetivos do inquérito em apreço, serão atendidos satisfatoriamente os desejos da referida instituição internacional.
> Confiando em vossa anuência à solicitação que vos transmito, muito agradeceria a gentileza de uma resposta urgente habilitando-me a comunicar a Mme. Blanche Weber, do *Service de Litterature Enfantine*, a boa notícia de haver essa comissão se incumbido de prestar, diretamente, as informações ao inquérito no prazo indicado, isto é, até 31 de julho próximo vindouro, afim de que o nosso país não fique sem o merecido lugar, quer nos trabalhos de divulgação daquele serviço, quer na respectiva exposição de livros para a juventude. (TEIXEIRA DE FREITAS, 1938, s.p., grifos do autor)

Assim, após a fase inicial de organização, delimitação e seleção da literatura infantil produzida e em circulação no Brasil feitas pela Comissão Nacional de Literatura Infantil, os estudos e pesquisas *sobre* o gênero começaram a melhor se delinear e a produção *do* gênero teve um aumento quantitativo. Como contribuição para esse aumento, Lourenço Filho produziu literatura infantil, a partir de 1942, e sistematizou, conforme já informei, as idéias ali desenvolvidas a partir de 1943.

---

[44] Os concursos de livros infantis, por exemplo, continuaram a ser realizados, e Lourenço Filho participou com seus pareceres da seleção e classificação dos livros concorrentes.

unesp

2. Aspectos do contexto histórico da produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil[45]

A produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil circula em uma época notadamente conturbada da história política e econômica brasileira e especialmente efervescente no campo da educação, cultura e literatura em nosso país: as décadas de 1940 a 1960.

Neste capítulo, faço um rápido esboço desse período, de modo tal que destaco aspectos políticos, econômicos, educacionais, culturais e literários presentes ou que podem ser vislumbrados nos textos da produção de Lourenço Filho que compõe o *corpus* desta Tese. Aponto também aspectos relevantes das décadas de 1920 e 1930, devido à retomada constante dos princípios e aspirações desse período na produção em foco e detenho-me especialmente em aspectos da década de 1940, por considerar esta década o momento crucial da produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil, que é reiterada por seu autor nas décadas posteriores. Sempre que necessário, apresento Quadros com dados quantitativos a respeito de aspectos das décadas de 1940 a 1960[46], a fim de apresentar uma visão de conjunto desses aspectos quantitativos, necessários para a análise da configuração textual dos textos do *corpus* escolhido.

2.1 Aspectos sócio-políticos

Como se sabe, as denominadas "Era Vargas" de 1930 a 1945 e "República Populista" de 1946 a 1964 estavam longe de serem períodos estáveis e tranqüilos da vida política nacional. O Governo Provisório, sob a presidência de Getúlio Vargas, instalado após a chamada "Revolução

[45] As informações deste capítulo foram extraídas especialmente de: Nagle (1974); Carone (1977); Romanelli (2003).
[46] E como já informei, sempre que necessário, apresento também dados da década de 1930.

unesp

de 30" foi caracterizado por uma instabilidade gerada pelo conflito de interesses das várias facções revolucionárias, especialmente "tenentistas" e "constitucionalistas" e driblada pela duplicidade de ação do governo. Os "tenentistas", apoiando a permanência de Vargas no poder, conseguiram impor-se nos primeiros anos; os "constitucionalistas", reivindicando uma constituição, após a "Revolução Constitucionalista de São Paulo", de 1932, ganharam forças e obrigaram o governo a se render aos interesses da região mais rica e produtiva do país. Os compromissos dúbios da política de Getúlio Vargas não lhe permitiam contentar interesses divergentes, o que radicalizou as posições revolucionárias, dando os motivos que o governo esperava obter para dar o Golpe de Estado de 1937.

O Estado Novo que se estende até 1945 é o primeiro período ditatorial de nossa história política brasileira, de caráter centralizador e autoritário que levou à extinção de todos os partidos políticos e da vida política democrática do país. De acordo com Carone (1977), esse período "[...] é hierárquico e mitológico, sem ser um regime fascista propriamente dito [...]" (CARONE, 1977, p. 3). Censura, perseguições políticas, torturas são algumas das características do período, asseguradas, dentre outras, pela ação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) que dava ao governo o poder de "falar sozinho" e, por isso,

> [...] dá inteira liberdade de ação ao governo, o que o torna praticamente único a se expressar publicamente durante o Estado Novo. Sem oposição, sem ninguém para poder constestar-lhe a propaganda e a verdade, o governo usa de todos os meios para se expressar e para impor a sua imagem. (CARONE, 1977, p. 169-170)

Segundo Carone (1977), o Estado Novo é o primeiro momento em que se tenta dar um sentido mítico ao Estado, não somente no que se denomina "Estado Nacional", como também na imagem de seus expoentes ou chefes.

unesp

> [...] Em cadeia, tenta-se mostrar como todos os traços e personalidades que se identificam com o Estado Novo apresentam traços e personalidades ímpares, que os distinguem dos outros, apesar de não atingirem o nível e qualidades do chefe da Nação. Mito e comemoração se conjugam. O primeiro acentua as qualidades, o segundo torna-os público. É assim que o Estado Novo marca a ação e o sentido do presidente Getúlio Vargas [...] (CARONE, 1977, p. 166-167)

Em virtude disso, de um lado, esse regime se compõe de grupos que o apóiam ou vêm a apoiá-lo: parte das oligarquias, do Exército, dos integralistas e da Igreja e, de outro lado, ficam excluídos da participação política, parte das oligarquias, os liberais e os comunistas, como oposições.

Segundo Carone (1977), essas oposições forçam a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, pois "[...] Ficar ao lado dos países democráticos significa oposição aos grupos totalitários do Estado Novo [...] Desta maneira, cada vez que os países totalitários de direita recuam militarmente, a ditadura brasileira perde força [...]" (CARONE, 1977, p. 4).

Ainda na análise de Carone (1977), as conseqüências dessa Guerra são a modificação da situação econômica interna: [...] A guerra é que diversifica as atividades fabris e permite o pleno aproveitamento da sua capacidade ociosa. Assim, neste momento, a indústria supera definitivamente as atividades agrícolas, tornando-se mais abrangente e complexa [...] (CARONE, 1977, p. 2).

A partir de então, a industrialização, vinculada ao aumento populacional, gera um processo de urbanização crescente.

O Quadro 1 apresenta o crescimento populacional, a urbanização, a população ativa e a população empregada na indústria, entre 1940 e 1960.

unesp

QUADRO 1: População total, número de habitantes da zona urbana, população ativa e população empregada na indústria, entre 1940 e 1960.

	1940	1950	1960
População total	41.236.315	51.944.397	70.119.071
Zona urbana	28.356.163	33.161.506	38.987.526
População ativa	14.758.598	17.117.362	32.624.263
População empregada na indústria	1.518.818	2.468.866	2.963.160

Fonte dos dados brutos: *Sinopse Estatística do Brasil*, 1971, *Ministério do Planejamento e Coordenação Geral*; IBGE; *Estatísticas da Educação Nacional*, 1960/1971, MEC (apud ROMANELLI, 2003).

Como se pode verificar, o crescimento populacional gerou o processo de migração da zona rural para a zona urbana, que aumentou o número da população ativa empregada na indústria ascendente. Esses dados permitem a constatação de um processo de ruptura político-econômica que marcou o ingresso do Brasil na era da civilização urbano-industrial (IANNI, 1971).

O nacionalismo, no sentido de "[...] restrição à iniciativa estrangeira [...]" (CARONE, 1977, p. 72) foi imposto a nossa economia e se refletiu em todos os setores sociais como forma de exaltação da terra e da natureza brasileiras, numa espécie de ufanismo nacionalista, entendido como "getulismo" (MENECOZI, 2000), embora a dependência estrangeira já marcasse o período e se mantivesse nas décadas seguintes afetando setores econômicos e culturais.

Em 1945, "caiu" a ditadura Vargas, substituída, logo depois, por um governo eleito, o de Eurico Gaspar Dutra. De acordo com Ribeiro (2001), o governo Dutra foi ao mesmo tempo uma reação à ditadura Vargas e um recuo. Esse recuo que propugnava pelo liberalismo econômico, já não podia ser sustentado e é o fator que tornou possível o retorno de Getúlio Vargas ao poder,

unesp

em 1951, pelo voto popular. Durante esse mandato, Vargas adotou uma postura acentuadamente nacionalista e de base populista, o que o levou ao suicídio, em 1954.

O nacionalismo desprovido de qualquer análise crítica para descrição do Brasil, preponderante até então, deu lugar a uma visão fragmentada do espaço brasileiro, por meio da utilização de dados estatísticos, com preocupação de informar e não de "formar". Essa passagem de uma visão ufanista e "neutra"[47] para uma visão estatística e também "neutra"[48] é a adequação de que o período desenvolvimentista brasileiro precisava para se fortalecer e consolidar um modelo econômico nacionalista-desenvolvimentista, enquanto projeto de uma classe dominante que trabalhava para o capitalismo financeiro internacional (MENECOZI, 2000).

Juscelino Kubitschek de Oliveira, eleito em 1955, tomou posse após um período bastante conturbado de nossa história política e adotou essa postura nacionalista-desenvolvimentista que criou um clima de otimismo populista. A indústria pesada acentuou sua implantação e o capital internacional ganhou forças para entrada e implantação em nosso país. As contradições do desenvolvimento brasileiro se acentuaram, e Jânio Quadros, que o substituiu em 1961, não conseguiu base de sustentação para seu governo, que durou apenas sete meses. O Vice-Presidente de Juscelino Kubitschek, João Gourlat, ao adotar uma postura política de cunho nacionalista e populista e uma duplicidade de ação, à maneira de Vargas, teve seu governo caracterizado por uma radicalização política, na qual as esquerdas tiveram um papel bastante saliente. Esse caráter e a falta de apoio das forças armadas resultou na deposição de Gourlat e a assunção do poder, por meio de Golpe de Estado, pelo governo militar do General Castelo Branco, iniciando-se, assim a Ditadura Militar, em 1964.

---

[47] A "neutralidade", nesse caso, diz respeito à falta de um posicionamento político capaz de analisar a sociedade de forma crítica, o que se configura em não-neutralidade devido ao compromisso desse caráter ufanista com o emergente populismo de Vargas, especialmente durante o Estado Novo. A esse respeito, ver: Menecozi (2000).

[48] A "neutralidade", nesse caso, diz respeito ao caráter quantitativo dos dados que informam, por exemplo, sobre a população apenas em número, nunca em pessoas ou em trabalhadores. A esse respeito, ver: Menecozi (2000)

unesp

2.2 Urgências culturais e educacionais

2.2.1 Educação e escolarização

No Brasil, nas décadas de 1920 e 1930, instaura-se um movimento "modernizador" de reforma da sociedade por meio da reforma da educação escolar, assumido por políticos e intelectuais da época, como "plataforma política" de toda uma geração (CARVALHO; TOLEDO, 2004).

Esse movimento ganha hegemonia, a partir de então, fomentado pelas mudanças político-econômicas ocorridas no Brasil em virtude do processo de industrialização e urbanização crescentes, que ocasionou aumento da demanda social de educação. Esse fator é analisado por Lourenço Filho (1965), para quem circunstâncias em que haja grupos de população dispersos e de economia incipiente, reduzidos à prática de agricultura, sem expectativas de melhoria de vida, não há maior sentido para a preparação formal que a escola proporciona; ao contrário, em grupos adensados, com economia ascendente e diferenciação no trabalho,

> [...] vêm a crescer as ocupações terciárias (administração, transportes e serviços em geral) cuja influência na integração das pequenas comunidades logo se faz sentir. Então a leitura e a escrita passam a ter preço, são sentidas como úteis e benéficas, e a demanda do ensino normalmente se eleva, ao mesmo tempo que maiores recursos, advindos de maior produção, possibilitam maior e mais diferenciada oferta (LOURENÇO FILHO, 1965, p. 265)

O crescimento da demanda social de educação, nesse período, pode ser visualizado no Quadro 2.

unesp

QUADRO 2: Crescimento da população em idade escolar no Brasil entre 1940 e 1960:

Grupo de idade	1940	1950	1960
De 5 a 9 anos	5.758.816	7.015.527	10.161.291
De 10 a 14 anos	5.328.030	6.308.567	8.573.877
De 15 a 19 anos	4.443.923	5.502.315	7.142.443
De 20 a 24 anos	3.813.355	4.991.139	6.160.742
Total	**19.344.174**	**23.817.548**	**32.038.353**

Fonte dos dados brutos: *Estatísticas da Educação Nacional*, 1960-1970, MEC (apud ROMANELLI, 2003)

Pode-se perceber um aumento crescente da demanda e relacioná-lo à análise de Lourenço Filho (1965), o que leva à constatação da educação escolar como uma das urgências do período.

Em vista disso, houve o crescimento da rede escolar, a valorização da escolarização, o aumento das matrículas, a criação de numerosos órgãos e serviços tendentes a estimular e coordenar as instituições de cultura, visando a fazer da educação "[...] um instrumento ativo de organização e direção social" (LOURENÇO FILHO, 1940b, p. 57).

No Quadro 3, o crescimento da rede escolar pode ser percebido pelo aumento da matrícula no ensino primário, médio e superior, entre as décadas de 1940 e 1960.

unesp

QUADRO 3: Expansão da matrícula no ensino primário, médio e superior, entre 1940 e 1960.

	1940	1950	1960
Ensino Primário	3.432.062[49]	5.144.324	7.783.736[50]
Ensino Médio	260.202	557.434	1.177.427
Ensino Superior[51]	21.235	37.548	86.603

Fonte dos dados brutos: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*; *Estatísticas da Educação Nacional*, 1960-1970, MEC (apud ROMANELLI, 2003).

No Quadro 3, o crescimento da rede escolar é evidente, no entanto, se comparados os níveis de ensino, percebe-se o "afunilamento" por que passou o sistema de ensino brasileiro, à época. E, se comparado este Quadro com o Quadro 2, percebe-se, também, que a oferta não condizia com a demanda, acentuando o problema do analfabetismo.

O analfabetismo pode ser constatado pelos dados do Quadro 4.

QUADRO 4: Evolução do analfabetismo no Brasil, entre 1940 e 1960.

	1940	1950	1960
População de mais de 15 anos	23.639.769	30.249.423	40.187.590
Analfabetos de mais de 15 anos	13.279.899	15.272.432	15.815.903
Taxa de analfabetismo	56,17	50,48	39,35

Fonte dos dados brutos: Censos demográficos de 1940, 1950 e 1960 extraídos de *Aspectos da Educação no Brasil*, MEC (apud ROMANELLI, 2003).

[49] Referente a 1945.
[50] Referente a 1959.
[51] Referente aos anos de 1939, 1949 e 1959, respectivamente.

unesp

Os dados sobre o analfabetismo do Quadro 4, demonstram que o aumento da população de mais de 15 anos representa o aumento do número de analfabetos, no Brasil, a cada década, embora demonstre também que os índices de analfabetismo decrescem ao longo do tempo, devido ao aumento dessa mesma população.

Assim, por um lado, a urgência da educação escolar era vista, à época, no sentido de difundir a instrução elementar para combate formal do analfabetismo e formar o cidadão, uma vez que o voto era proibido para analfabetos; e, por outro, a educação escolar pressupunha a formação de elites dirigentes, pela redefinição e aumento do ensino superior e, ainda, o desenvolvimento "[...] de uma educação da mocidade, de modo a orientá-la para atividades de produção econômica" (LOURENÇO FILHO, 1940b, p. 60).

Como se pode perceber, a reforma da sociedade era vista como resposta direta da reforma da educação escolar. Essa reforma, baseava-se em princípios "modernos", sobretudo no modo de compreender a educação, tendo por referência (para combate) a escola tradicional, sintetizados no movimento denominado Escola Nova.

De acordo com Nagle (1974), o movimento da Escola Nova brasileira significou um processo de remodelação das instituições escolares, como conseqüência da revisão crítica da problemática educacional. A oposição à escola tradicional se fundamenta na nova concepção sobre a infância.

> [...] Esta é considerada — contrariamente à tradição — como estado de finalidades intrínseca, de valor positivo, e não mais como condição transitória e inferior, negativa, de preparo para a vida do adulto. Com esse novo fundamento se erigirá o edifício escolanovista: a institucionalização do respeito à criança, à sua atividade pessoal, aos seus interesses e necessidades, tais como se manifestam nos estágios de seu "desenvolvimento natural". Parte-se da afirmação de que o fim da infância se encontra na própria infância; com isso, a educação centraliza-se na criança e será esta nova polarização que será chamada de a "revolução copernicana" no domínio educacional. (NAGLE, 1974, p. 249)

unesp

Assim, nessa "revolução",

- a criança passa de "homenzinho preformado", já completo ou com funções e capacidades inativas ou adormecidas, para aquela que apresenta "fases na evolução psicológica", determinadas "através das idades" (LOURENÇO FILHO, 1978);

> É evidente que o *conhecimento descritivo* das diversas idades é importante para o educador, embora maior significação prática apresente o da infância e adolescência. O educador, pai ou mestre, procura interferir num ser em evolução, ou em mudança gradativa mais sensível nessas primeiras idades. Conhecendo, ainda que de modo geral, as fases características da evolução humana, assim melhor se adequará a cada uma delas os seus planos, os objetivos que deva ter em vista e a seqüência de seus esforços, disciplinados pela visão de um processo de formação contínua, gradual e incessante. É de notar que a compreensão desse processo leva a uma atitude de respeito pelas capacidades da vida e do espírito, e faz perceber que as técnicas educativas devem ter um sentido cooperativo e progressivo, de auxílio à natureza não oposição a ela. Nisso, aliás, em grande parte se funda o sentimento de respeito à *personalidade* do *educando*, idéia que se tornou pacífica entre os propugnadores da educação nova. (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 69, grifos do autor)

- e a criança, então considerada em abstrato, do tipo ideal em todos os aspectos, passa a ser vista em suas "semelhanças humanas"e "diferenças individuais", características de suas possibilidades (LOURENÇO FILHO, 1978).

> [...] Hoje, o mestre sabe que está em face de educando similares *em grupos*, mas todos diferentes *entre si*, e que, em conseqüência, terá de adaptar o ensino não só em relação às fases evolutivas, mas também às diferenças em cada aluno em particular [...] (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 73, grifos do autor)

Essa nova concepção, aliada à aceitação de uma criança ativa numa escola ativa, tinha por base a psicologia, uma das "ciências fontes da educação" (NAGLE, 1974).

De acordo com o pensamento escolanovista, a psicologia aparece " [...] como o principal domínio científico que fornece recursos para transformar a escolarização numa técnica altamente racionalizadora [...]" (NAGLE, 1974, p. 247), deslocando o eixo do aspecto lógico, característico da escola tradicional, para o psicológico, e leva ao estudo e conhecimento da "[...] natureza da

unesp

criança, a dinâmica de seus interesses e desejos, às leis do seu crescimento mental, as suas tendências" (NAGLE, 1974), como subsídio às práticas pedagógicas.

Segundo Vasconcelos (1996):

> Refletia-se, no Brasil, o anseio escolanovista de promover mudanças, através da implementação de novas metodologias subsidiadas pela psicologia. Maiores alterações puderam ser observadas no Ensino Normal e na Escola Primária. Na Escola Normal, por exemplo, as mudanças atingiram fundamentalmente a estrutura curricular, com a introdução de novas matérias e a modificação das antigas, surgindo um conjunto de conhecimentos oriundos das ciências da educação.
> [...]
> No primário, que compreendia as quatro séries escolares iniciais, também por influência da psicologia, passou-se a valorizar a inclusão do trabalho livre, da atividade lúdica e do trabalho manual. Adotou-se o princípio da educação pela ação, que tem por base a atividade, os interesses e as necessidades infantis. Daí a noção de "aprender fazendo", que implica necessariamente mudanças na metodologia educativa. (VASCONCELOS, 1996, p. 28-29)

2.2.2 Literatura e literatura infantil

De acordo com Candido (1989), no Brasil, nas artes e na literatura os "fermentos renovadores" das décadas de 1920 e 1930 foram mais flagrantes do que em qualquer outro campo.

Assim, além da expansão da educação escolar e do modo "moderno" de se pensar essa educação, disseminado a partir de então, conforme demonstrado no tópico anterior, a partir de 1930, houve uma ampliação de setores como a vida artística e literária, dos estudos e investigações acerca da educação e assuntos correlatos, dos meios de difusão cultural, como o livro, o cinema e o rádio (CANDIDO, 1989), como esforço de modernização da sociedade brasileira.

O resultado é a aceleração desse processo de modernização, cuja equivalência, no plano artístico, é fornecida pelos intelectuais que denominam seus projetos de Modernismo, uma vez que almejam a modernização do Brasil e sua equiparação às nações civilizadas, por meio de um

unesp

processo que transcorre no interior da obra de arte, com contribuições da sociedade (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991).

Esse movimento de vanguarda, durante os primeiros dez anos, preocupou-se em esclarecer seus princípios, especialmente os formais e temáticos, em manifestos, conferências, exposições ou revistas.

> A incorporação das inovações formais e temáticas do Modernismo ocorreu em dois níveis: um nível específico, no qual elas foram adotadas, alterando essencialmente a fisionomia da obra; e o nível genérico, no qual elas estimulavam a rejeição dos velhos padrões. Graças a isso, no decênio de 1930 o inconformismo e o anticonvencionalismo se tornaram um direito, não uma transgressão, fato notório mesmo nos que ignoravam, repeliam ou passavam longe do Modernismo. Na verdade, quase todos os escritores de qualidade acabaram escrevendo como beneficiários da libertação operada pelos modernistas, que acarretava a depuração antioratória da linguagem, com a busca de uma simplificação crescente e dos torneios coloquiais que rompem o tipo anterior de artificialismo [...] (CANDIDO, 1989, p. 186)

O tema dominante consistia no nacionalismo, abordado de forma desigual, o que provocou a fragmentação do grupo modernista. De acordo com Lajolo e Zilberman (1991), a ênfase no nativismo, que se sustenta às custas da negação do presente, foi a vertente a que aderiu o governo Vargas, o que possibilitou a duração do movimento ao longo de toda a "Era Vargas", uma vez que, contra ou a favor, "[...] era em torno do patriotismo e do tema da imagem nacional que circulavam os intelectuais" (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 53).

Talvez por causa disso, a influência modernista alcançou os limites escolares pois, segundo Candido (1989), textos de autores desse movimento passaram a ser usados em compêndios e manuais a partir da década de 1930, "[...] ficando assim em pé de igualdade com os da tradição literária da língua" (CANDIDO, 1989, p. 187).

Quanto à literatura infantil, não foi diferente.

> [...] Aderiu aos ideais do período e expressou-os de modo literal, trazendo para a manifestação literária uma nitidez que ela raramente conhece nos textos não-infantis. Os livros para crianças foram profundamente nacionalistas, a ponto de elaborarem uma

> história cheia de heróis e aventuras para o Brasil, seu principal protagonista.[...] (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 54)

e, "[...] visando contar com o aval do público adulto, a literatura infantil foi preferencialmente educativa e bem comportada, podendo transitar com facilidade na sala de aula ou, fora dessa, substituí-la" (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 54).

Além disso, a expansão de diversos setores da sociedade, mencionados anteriormente, pressupunha a quantificação e qualificação do público leitor. A despeito da formação desse público, a literatura infantil manteve-se sob a égide da escola, ou seja, a necessidade de formação de leitores "reais" vinculou — e conteve — a literatura infantil ao projeto maior de educação e cultura da época.

Segundo Lajolo e Zilberman (1991):

> Os laços da literatura infantil foram indicados antes: ambos são alvo de um incentivo maciço, quando são fortalecidos os ideais da classe média. Para esse grupo, a educação é um meio de ascensão social, e a literatura, um instrumento de difusão de seus valores, tais como a importância da alfabetização, da leitura e do conhecimento (configurando o pedagogismo que marca o gênero) e a ênfase no individualismo, no comportamento moralmente aceitável e no esforço pessoal. Esses aspectos fazem da literatura um elemento educativo, embora essa finalidade não esgote sua caracterização [...] (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 76)

A formação desse público pode ser visualizada no Quadro 5, que contém dados a respeito do número de crianças aprovadas e o número de crianças concluintes da escola primária fundamental, entre 1932 e 1965.

unesp

QUADRO 5: Número potencial de leitores, dentre as crianças matriculadas, aprovadas e concluintes do curso primário fundamental, entre 1932 e 1965.

	1935	1945	1955	1965
Matrícula Geral	2.413.594	3.238.940	4.545.630	9.923.183
Matrícula Efetiva	2.045.551	2.741.725	–	9.061.530
Aprovação	991.693	1.503.118	–	5.973.811
Conclusão[52]	180.506	287.852	505.864	1.063.804

Fonte dos dados brutos: Instituto Nacional de Estatística, *Anuário Estatístico do Brasil*, ano V (apud RIBEIRO, 2001)

Vale lembrar que o curso primário era constituído de escolas isoladas, reunidas e grupos escolares que se dividiam em ensino fundamental, de quatro anos e complementar, de um ano, além de escola supletiva, de dois anos, que oferecia ensino àqueles que não haviam freqüentado o ensino fundamental, e, ainda que, o curso primário brasileiro era destinado a crianças a partir de sete anos de idade (LOURENÇO FILHO, 1940b).

A partir dos dados constantes no Quadro 5, é possível fazer uma estimativa do número de crianças habilitadas como leitores, pela escola.

2.2.3 O mercado editorial de livros para crianças

As mudanças na educação e na literatura, ligadas as projeto político-cultural das décadas de 1920 e 1930, repercutiram no mercado editorial de livros.

De acordo com Carvalho e Toledo (2004), o livro é instrumento de transformação cultural e, tendo-se fortalecido o mercado do livro escolar, a partir da década de 1920, garantiu-se o movimento de expansão da escolarização, o aumento do número de matrículas e a valorização da

[52] Referente aos anos de 1938, 1948, 1958e 1968, respectivamente.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

educação escolar. Além disso, ainda para essas autoras, a editora é a agência de desenvolvimento da cultural nacional e o editor de livros para uso escolar é o colaborador do programa de reforma da sociedade pela reforma da educação.

No Brasil, até a década de 1920, o mercado editorial de livros para crianças, seja o de livros didáticos[53], seja o de livros de literatura infantil, constituído, predominantemente, por traduções e adaptações (LOURENÇO FILHO, 1943c), caracterizava-se, em grande parte, por livros importados e impressos fora do Brasil (HALLEWELL, 1985). A partir do crescimento da rede escolar, com a formação e ampliação de um público leitor e com as mudanças culturais na sociedade brasileira, o mercado de livros para crianças expandiu-se, multiplicando-se títulos, tiragens, autores e editoras.

Lajolo e Zilberman (1991) assim analisam o período:

> [...] a indústria do livro se afirmara como conseqüência do trabalho da geração modernista. Para os autores novos, a tarefa não era mais a de conquistar um mercado, mas a de mantê-lo cativo e interessado.
> Para tanto, havia uma infra-estrutura de melhor nível, com editoras especializadas em literatura para crianças, como ocorreu com a Brasil, Melhoramentos e Saraiva e, em menor proporção, com a Brasiliense, herdeira da obra de Monteiro Lobato, principal acervo de nossas letras infantis. De sua parte, os escritores se profissionalizam nesse campo, produzindo apenas livros destinados ao público infanto-juvenil.
> A profissionalização, acompanhada de especialização, por parte de editoras e escritores, é um dos traços marcantes do período que ocupa as décadas de 1940 e 1960. Ele baliza, portanto, a etapa subseqüente do processo de industrialização que acompanha, em paralelo, a história dos livros para a infância no Brasil. Assim, após a fase de estruturação do gênero através de iniciativas pioneiras e corajosas, como a de Monteiro Lobato, o momento seguinte foi uma etapa de produção intensa e fabricação em série, respondendo de modo ativo às exigências crescentes do mercado consumidor em expansão. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 85-86)

O aumento da produção de livros de literatura infantil, no Brasil, pode ser verificado no Quadro 6.

---

[53] Informações sobre a nacionalização de materiais didáticos, podem ser obtidas, sobretudo, em: Mortatti (2000)

unesp

QUADRO 6: Números de livros de literatura infantil publicados no Brasil de 1930 a 1950:

	Número de livros de literatura infantil
1930	253
1940	605
1950	2.388

Fonte dos dados brutos: Lourenço Filho (1943); Fracarolli (1955); Coutinho (1978).

Os números desse Quadro correlacionados aos números do Quadro 5 apontam para a relação entre literatura e escola indicada anteriormente, ou seja, com o aumento do número de leitores, formados pela ampliação do processo de escolarização, ampliou-se também o público consumidor para o mercado editorial de livros de literatura infantil. Com o impulso desse mercado, as traduções e adaptações de livros estrangeiros deram lugar a uma produção nacional que se ampliava a cada ano, fortalecendo esse filão junto às editoras.

O aumento da produção de livros de literatura infantil com histórias originais, fortaleceu projetos editoriais que vinham sendo adotados, desde o final do século XIX, em relação aos livros didáticos para crianças, como a publicação de textos em séries ou coleções.

Segundo Carvalho e Toledo (2004), a edição de coleções é produto de interesses econômicos, marcado por uma lógica que visa a ampliar o mercado editorial. Ainda para as autoras, baseando-se em Roger Chartier e Michel de Certeau, a coleção é produto de estratégias editoriais dotada de características especiais, que adquirem contornos variáveis, adequando-se a condições específicas impostas pelo mercado editorial e reajustando-se segundo objetivos historicamente variáveis.

O mesmo se pode afirmar sobre as séries de literatura infantil, publicadas à época, uma vez que eram preferidas pelos editores, devido à economia que representava a padronização dos

unesp

aspectos gráficos e a destinação para uma faixa etária específica, com número de páginas, temas e linguagem adaptados à idade da criança. A estratégia das "séries" era meio de conquista e garantia do público leitor; uma vez lido e aprovado o primeiro título, supostamente passavam-se a "seguir" as aventuras do personagem que se repetia no título seguinte, pois esse personagem se tornara conhecido e "amado" pelo leitor.

PARTE III:

A PRODUÇÃO DE LOURENÇO FILHO *SOBRE* LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

1. Os textos

Neste capítulo, faço uma descrição de aspectos do conteúdo — incluindo os títulos —, do tratamento dado à estrutura e forma e dados sobre a publicação de cada texto da produção de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil, separadamente. Busco, também, relacionar os textos ao público a que se destinavam e apresentar, quando possível, as mudanças ocorridas ao longo das publicações do mesmo texto.

1.1 "Como aperfeiçoar a literatura infantil"

Conforme já informei, "Como aperfeiçoar a literatura infantil" foi originalmente produzido por Lourenço Filho (1943c) para ser proferido como palestra aos membros da Academia Brasileira de Letras, a convite do seu presidente, o Embaixador José Carlos de Macedo Soares, em 25 de agosto de 1943, tendo sido publicado: pela primeira vez em setembro daquele mesmo ano, na *Revista Brasileira* (Rio de Janeiro); em 1959, na revista *La educacción* (Washington/DC), sob o título "La literatura en el Brasil"; e, em 1975, no *Boletim Informativo* da Fundação Nacional de Literatura Infantil e Juvenil (Rio de Janeiro), com o título original.

Na *Revista Brasileira* — publicação semestral da Academia Brasileira de Letras — o texto assinado logo abaixo do título por Lourenço Filho e datado, ao final, ocupa 23 páginas, dividido em sete subtítulos, enumerados por algarismos romanos: "Resumo histórico"; "A literatura infantil no Brasil"; "Conceituação da 'literatura infantil'"; "Funções da literatura infantil"; "Modalidades da literatura infantil"; "Situação atual da literatura infantil no Brasil"; e, "Como melhorar a situação atual". Apresenta, ainda, seis notas de rodapé, sendo cinco delas bibliográficas e apenas uma explicativa.

unesp

Nos dois primeiros tópicos, partindo de dados históricos sobre as origens da literatura infantil no mundo e no Brasil, o autor determina a existência de uma literatura para crianças. Nos três tópicos seguintes, Lourenço Filho conceitua essa mesma literatura, aponta suas funções e modalidades, e, nos dois últimos, apresenta um balanço da situação então atual e sugere como aperfeiçoá-la. Desse modo, o conteúdo do texto pode ser subdividido em dois grandes grupos: um, de caráter histórico, com objetivo de situar o problema e sugerir soluções; e, outro, de caráter mais teórico, com objetivo de delimitar a questão, para aperfeiçoamento da produção de literatura infantil brasileira, à época.

Como se pode notar, o sugestivo título do texto traz um "dignóstico" negativo e aponta para uma prescrição: como aperfeiçoar a incipiente produção *de* literatura infantil brasileira de sua época. Para isso procura, de um lado, situar a literatura infantil e, de outro, sugerir medidas para melhorar a situação da produção dessa literatura, num percurso argumentativo que vai do geral para o particular e do "teórico" para o "prático".

Num primeiro momento, o autor dá sugestões, ensinando a escrever textos de literatura infantil, e, num segundo momento, indica os responsáveis e seus papéis no aperfeiçoamento dessa produção. Esse encaminhamento da palestra se dá porque está voltada para o público ao qual se destinava, os membros da Academia Brasileira de Letras, "[...]instituição a que, por destino natural e função verdadeira, cabe a defesa e o estímulo das boas letras no país, em todas as suas manifestações" (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 165), e a outros interessados, escritores de literatura infantil ou que pretendiam sê-lo.

O texto "La literatura en el Brazil", de 1959, é uma versão traduzida para o espanhol e publicada na revista *La educacción* (Washington/DC). Trata-se de versão reduzida, com nove subdivisões intituladas: "Preliminares"; "I Fase"; "II Fase"; "III Fase"; "Investigaciones"; "Comisión Nacional"; "Producción Actual"; "Cuentos 'em Quadros'";

unesp

"Conclusión", nas quais o autor atém-se aos aspectos históricos da constituição da literatura infantil brasileira. Em vista dessa redução do conteúdo, o texto ocupa cinco páginas.

Além da redução, as modificações ocorridas nessa versão em relação a "Como aperfeiçoar a literatura infantil" dizem respeito à atualização de informações, como o apontamento da produção brasileira de literatura infantil em 1.500 livros "[...] de los que 2/3 son traducciones y adaptaciones" (LOURENÇO FILHO, 1959b, p. 28), dados sobre estudos a respeito das histórias em quadrinhos e sobre o fomento havido no Brasil para se discutir e aperfeiçoar a produção de literatura infantil, ressaltando o importante papel dos educadores nesses casos, com especial destaque para o próprio Lourenço Filho e ressaltando também o lugar ocupado pelo gênero em relação à questão educativa.

> Durante algunos años, sobre todo entre 1940 y 1950, se editaron numerosas revistas infantiles y volúmenes de historia "en cuadros". Esa producción decayó bastante al tener la oposición de algunos educadores, o también como consecuencia de una amplia investigación realizada por el Instituto Nacional de Estudios Pedagógicos, dirigida entonces por el profesor Lourenço Filho, y publicada en la Revista Brasileira de Estudios Pedagógicos en los Nros. 5, 6 y 7 de noviembre de 1944 hasta enero de 1945. Esta investigación de carácter objetivo analizó el material de las revistas infantiles y juveniles, que recogió también la impresión de los pequeños lectores, de sus maestros y de gente de todo el país. Este trabajo se cita en la obra Educational Psychology de los profesores Edwin R. Guthrie y Francis F. Powers ("The Ronald Press, New York, 1950), como la mayor y mejor dirigida investigación de ese tipo que se ha realizado en el mundo.
> [...]
> [...] Algunas asociaciones educativas y culturales, entre las que se encuentran la Federación de Asociaciones de Padres de Familia y la Asociación de Educadores Católicos, han dedicado atención al asunto y han publicado crítica de orientación para el país y para los profesores. En 1958, una importante revista femenina, Joia, de Río de Janeiro, realizó una investigación entre los educadores y los escritores, y está ahora en busca de esa impresión entre los propios niños.
> Se observa por tanto, que el problema de la literatura infantil se considera ahora en el Brasil, en todas formas, como una cuestión educativa seria. (LOURENÇO FILHO, 1959b, p. 28-29)

A publicação do texto em 1975 no *Boletim Informativo* da Fundação Nacional de Literatura Infantil e Juvenil, na seção "Artigos e Opiniões", se deu em dois números — 30

e 31. No número 30, foi publicado apenas o primeiro tópico, "Resumo histórico" e, no 31, foram publicados os outros seis tópicos. Nessa publicação, além da atualização da ortografia, não houve mudanças em relação à de 1943.

1.2 "O valor das bibliotecas infantis"

"O valor das bibliotecas infantis" é a publicação, pela EBSA (Rio de Janeiro), da palestra de Lourenço Filho (1948a) proferida na Exposição do Livro Infantil, organizada pela Biblioteca do Instituto Brasil-Estados Unidos, em 1948, que, embora "relembre", numa espécie de síntese, algumas idéias de "Como aperfeiçoar a literatura infantil", "permuta" outras, como propõe o próprio Lourenço Filho, enfatizando o valor da literatura infantil. Essa ênfase foi explicitada no título desse texto que, de um lado, localiza historicamente a literatura infantil e, de outro, conceitua o gênero em sua característica principal, segundo o autor, a de sugerir o belo, entretendo e formando a criança.

Dessa forma, partindo de dados históricos, sintetizados do texto de 1943, o autor se propôs a "dizer" "[...] alguma coisa sôbre o valor da literatura infantil" (LOURENÇO FILHO, 1948a, p. 66), mesmo considerando que seria quase desnecessário, uma vez que se dirigia aos interessados pelo problema e que o tem estudado e também que "[...] aqui [na biblioteca] está um mostruário do melhor quilate, e que fala por si desde que dele nos aproximemos, para deixar reviver em nós a 'imperecível criança' que em todos nós, continua a existir" (LOURENÇO FILHO, 1948a, p. 66).

No entanto, atendendo ao pedido da comissão organizadora da Exposição e considerando a literatura infantil "coisa tão séria", o autor passa a definir e situar a literatura infantil no texto que ocupa três páginas, divididas em duas colunas cada uma. Assim, dividido em 20 parágrafos, sem subtítulos, o texto teve a seguinte distribuição: um

unesp

parágrafo introdutório, justificando o atendimento do autor ao pedido da comissão; cinco parágrafos que sintetizam um histórico da literatura infantil no mundo e no Brasil; um parágrafo determinando a existência da literatura "infantil"; dois parágrafos contendo citações de outros, sobre o caráter trivial de alguns textos do gênero e sobre a possibilidade de se dirigir à criança, sem escrever diretamente para ela; 11 parágrafos discutindo a "característica capital" da literatura infantil.

Esse texto não teve outra publicação.

1.3 "Literatura infantil e juvenil"

"Literatura infantil e juvenil", de Lourenço Filho (1957a), é um apêndice do livro *História da literatura*, de José Marques da Cruz (1957), o qual contém, também, uma introdução, intitulada "Divisão Geral da Literatura", que trata da composição literária e da versificação e cinco capítulos não-numerados, intitulados "Literatura dos Povos Orientais", "Literatura Grega", "Literatura Latina", "Literatura Portuguêsa" e "Literatura Brasileira", que trazem traços gerais da literatura de vários povos, todos escritos pelo autor do livro.

Segundo nota de rodapé do capítulo, feita pelo autor do livro, o apêndice é um resumo do texto "Como aperfeiçoar a literatura infantil", de Lourenço Filho (1943c). A leitura do texto, no entanto, demonstra que se trata de um texto original, em que se expandiram e atualizaram as idéias do texto de 1943.

O texto, ocupando oito páginas do livro, consta de uma introdução (sem indicação de subtítulo) e quatro partes, com os subtítulos: "Livros infantis no Brasil"; "Conceituação e funções da literatura infantil"; "Modalidades da literatura infantil e juvenil"; "As histórias em quadrinhos" e "Conclusão".

unesp

Na introdução e na primeira das quatro partes, mediante dados históricos sobre as origens da literatura infantil no mundo e no Brasil, respectivamente, o autor determina a existência de literatura "composta e editada" diretamente para crianças. Nos dois tópicos seguintes, Lourenço Filho conceitua e estabelece as funções e modalidades da literatura infantil e juvenil; no penúltimo tópico, faz uma crítica às histórias em quadrinhos; e, no último, conclui suas idéias, enfatizando o papel do escritor de literatura infantil.

Desse modo, seu genérico título, na verdade torna-se bastante específico, porque aponta para a essência de seu conteúdo: a questão das idades e da divisão que esse aspecto determina ao gênero, ou seja, o de haver uma literatura para crianças e para jovens, diferente de uma para adultos.

Por outro lado, o fato de o texto estar inserido em um livro de história da literatura, demonstra que se autor procurou situar a literatura infantil e juvenil no âmbito da literatura (para adultos), para conferir àquela o estatuto de *maioridade* aferido a esta, por meio da divulgação da literatura infantil e juvenil a interessados em literatura.

1.4 "Inquérito sôbre livros para crianças"

"Inquérito sôbre livros para crianças" consiste nas respostas de Lourenço Filho (1959a) ao inquérito sobre livros infantis, promovido pela revista *Leitores e Livros* (Rio de Janeiro), respondido pelo autor em outubro de 1958 e publicado no número 35 da revista, na seção "Literatura Infantil", na edição do trimestre janeiro/março de 1959[1].

Consta de dez questões tanto de ordem pessoal quanto de busca do pensamento do autor entrevistado sobre livros e literatura infantil, reproduzidas a seguir:

---

[1] Esse inquérito foi iniciado no número 33 da revista. Até o momento, não obtive informações sobre quem o respondeu antes e depois de Lourenço Filho e quais foram os resultados finais do inquérito.

unesp

> 1. Por que razões e em que circunstâncias resolveu escrever para crianças?
> 2. Quais são, no seu parecer, as características de um livro para crianças?
> 3. Que fins pretende o escritor que escreve para crianças?
> 4. Pensa que existem temas tradicionais na literatura infantil? Pensa que o papel de um escritor para crianças é utilizar tais temas, infundindo-lhes vida nova, ou procurar novos temas, novos assuntos?
> 5. Pensa que o escritor deve recorrer sempre ao maravilhoso?
> 6. Procura conhecer a opinião das crianças? dos pais? dos educadores? dos psicólogos e especialistas?
> 7. Que pensa do papel dos editôres? da imprensa? dos podêres públicos?
> 8. Que espera dos ilustradores? Julga importante a apresentação gráfica das obras para a infância?
> 9. Preocupa-se com a difusão de suas obras para a infância? Tem informações sôbre o público que elas atingem?
> 10. Tem observações pessoais a acrescentar a êste inquérito? (LEITORES E LIVROS, 1959. p. 172-179)

Em vista disso, as respostas de Lourenço Filho ora são de caráter pessoal, a respeito do processo de produção de seus livros para crianças, ora são considerações teóricas gerais sobre o assunto:

> [...] Não é apenas um depoimento pessoal do escritor, mas um estudo profundo do problema dos livros para crianças, analisado por um educador que vê nos livros infantis um veículo poderoso de formação (LEITORES E LIVROS, 1959, p. 172)

As respostas de Lourenço Filho são relativamente curtas, variando de um a sete parágrafos, mas contêm considerações teóricas consistentes e coerentes com sua produção *de* e *sobre* literatura infantil anteriores às respostas, a fim de garantir a esse texto uma circulação bastante ampla, haja vista as constantes reproduções de que foi objeto. Em 1960, o inquérito foi reproduzido da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (Rio de Janeiro), na seção "Livros para crianças", como transcrição do "[...] importante depoimento do professor Lourenço Filho" (REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS, 1960, p. 215). Em 1962, foi reproduzido na *Revista do Ensino* (Porto Alegre), na seção

"Literatura Infantil", "Apreciada por Lourenço Filho" (REVISTA DO ENSINO, 1962, p. 16). E, em 1971, foi reproduzida no *Boletim Informativo* da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (Rio de Janeiro), com o título "Um bom livro infantil segundo Lourenço Filho", como "resumo" de suas respostas. Em todas essas publicações, a despeito da atualização da ortografia, trata-se de reproduções literais do inquérito de 1959, como já informei.

1.5 "Oração do acadêmico Lourenço Filho"

A "Oração do acadêmico Lourenço Filho" é o discurso de Lourenço Filho (1966a) na cerimônia de posse do escritor Francisco Marins, da Cadeira nº 33, na Academia Paulista de Letras, ocorrida no dia 25 de março de 1966 e publicado por aquela Academia. Foi também publicado na revista da *Academia Paulista de Letras*, em agosto de 1968, sob o título "Discurso do acadêmico Lourenço Filho na recepção do acadêmico Francisco Marins".

Na publicação de 1966, dirigindo-se ao acadêmico Francisco Marins, Lourenço Filho iniciou seu discurso numa espécie de réplica ao discurso de Marins, que o antecedera, dialogando diretamente com o de seu amigo e "discípulo"[2].

Assim, em 18 páginas divididas em dez subtítulos — "Os predecessores", "Os escritores e o idioma", "A paragem natal", "Os primeiros escritos", "Afirmação do escritor", "Singularidade da obra", "Motivação dos livros para crianças", "Motivação do ciclo juvenil", "O ciclo do romance, fundo e forma", "Conclusão"—, Lourenço Filho faz

[2] Ao longo de sua vida, Lourenço Filho desenvolveu laços de amizade com o escritor Francisco Marins e influenciou sua produção de literatura. A esse respeito, ver, especialmente: Marins (1987; 1997); Souza (2002), além dos pareceres de Lourenço Filho aos livros de Marins, conforme se pode verificar no tópico 1.2.4.3 da Parte II desta Tese.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

uma apreciação da obra de Marins e considerações teóricas sobre literatura infantil e assuntos correlatos.

Na primeira parte, Lourenço Filho faz considerações sobre a diferença entre a glória acadêmica e a glória de escritor, sendo a entrada para a Academia, um símbolo da afirmação da primeira. No primeiro tópico intitulado, Lourenço Filho retoma os predecessores de Francisco Marins na Cadeira nº 33 — Amadeu Amaral e Altino Arantes —, comparando-os e apontando-os como "parnasianos". No segundo, faz considerações sobre a língua utilizada por aqueles escritores. No terceiro, retoma aspectos da vida de Francisco Marins em sua terra natal, Botucatu/SP, relacionando-a a sua produção literária inicial. Os primeiros escritos de Marins são comentados por Lourenço Filho no quarto tópico; sua afirmação como escritor, no quinto; e a singularidade de sua obra, no sexto. No sétimo, oitavo e nono tópicos, Lourenço Filho analisa a motivação de Francisco Marins para escrever para crianças, jovens e adultos, respectivamente, e conclui suas idéias no último tópico, situando Marins como um escritor eminentemente paulista.

A publicação desse texto em agosto de 1968 consiste em sua reprodução, não havendo nenhuma mudança em relação à publicação de 1966.

1.6 "Um livro básico sobre literatura infantil"

"Um livro básico sobre literatura infantil" é o "profético" título do prefácio de Lourenço Filho (1968) ao livro de Leonardo Arroyo (1968), *Literatura infantil brasileira* – ensaio de preliminares para a história e as fontes da literatura infantil brasileira. Profético, porque prevê o caráter básico, de obra de referência, que o livro prefaciado conquistou de fato ao longo do tempo e até os dias atuais.

Arroyo, na orelha da segunda edição, testemunhou a força desse prefácio:

unesp

> O breve, porém substancioso ensaio que o professor Lourenço Filho — das maiores autoridades que a educação e a literatura infantil brasileira jamais tiveram — escreveu especialmente para o livro de Leonardo Arroyo chamou a atenção dos professores, dos autores que freqüentam essa área literária, dos críticos e dos interessados em geral para algumas das qualidades mais enfaticamente claras desta obra [...] (ARROYO, 1968, s.p.)

Do mesmo modo, a influência do prefaciador se corrobora, não somente na repercussão do livro, mas também na maneira de encarar a questão da literatura infantil, como pode sugerir a afirmação no "Prefácio do Autor", em que Leonardo Arroyo assegura que Lourenço Filho lhe deu "[...] valiosas sugestões" (ARROYO, 1968, p.23).

De qualquer forma, esse texto, além de apresentar o livro de Arroyo como "[...] contribuição de inestimável valor, tanto pelo que contém, como pelo que possa influir em novas pesquisas" (LOURENÇO FILHO, 1968, p. 15), contribuindo para sua permanência, busca ainda estabelecer o que se poderia denominar contemporaneamente de um "programa de pesquisa" no campo de conhecimento da literatura infantil, uma vez que propõe temas para investigação sobre o gênero, visando a fins práticos de compreensão da formação que a literatura infantil propicia.

> Levantamentos deste gênero realmente facilitarão investigações de outros tipos. Por exemplo, acerca de aspectos psicológicos, os de motivos que levem os autores a escrever para crianças e dos que levem o público a bem aceitar ou refugar determinadas obras. Facilitarão estudos que tenham em vista análise literária pura, ou que a cada composição apreciem em seu mérito estético, em função dos níveis de desenvolvimento dos leitores. Será em resultados de maior número de estudos dessas classes, como de outras, que os próprios educadores encontrarão elementos para que bem possam compreender o papel da literatura na formação emocional e mental de nossas crianças e jovens, ou para que bem avaliem de seu préstimo na ação educativa intencional, cuja finalidade não se exaure em objetivos estritamente didáticos, mas, nos de apreciação e de criação estética se prolonga. (LOURENÇO FILHO, 1968, p. 15)

unesp

Ocupando seis páginas e dividido em quatro partes sem subtítulo, o prefácio, ao mesmo tempo em que apresenta o livro *Literatura Infantil Brasileira*, expõe considerações teóricas de Lourenço Filho, especialmente as relacionadas à temática do livro, sobre a história e as fontes da literatura infantil brasileira. Na primeira parte, Lourenço Filho discute o conceito de literatura infantil, explicitando seu conceito mais amplo desse gênero literário, indo ao encontro da opção de Leonardo Arroyo. Na segunda, apresenta uma explanação teórica sobre a tradição oral e a literatura escrita, apontando os aspectos escolhidos por Arroyo. Na terceira, sintetiza a "[...] substância da obra, que é o histórico da literatura infantil no Brasil, desde suas preliminares" (LOURENÇO FILHO, 1968, p. 13) e, na quarta, considera as conclusões do livro apresentando, como já destaquei e algumas possibilidades de pesquisa que seu conteúdo pode suscitar, além de exaltar seu caráter fecundo e possibilitador de reflexões críticas e debates úteis.

unesp

2. Circulação e influência exercida

Neste capítulo, analiso os dados relativos às publicações dos textos de Lourenço Filho apresentados no capítulo anterior, visando a apreender a influência exercida por esses textos a partir de sua circulação em publicações impressas. Para isso, verifico também as citações diretas dos textos de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil nos estudos e pesquisas *sobre* o gênero, no Brasil.

***

Como se pôde verificar, os textos de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil tiveram ampla circulação nacional e até internacional, a sua época. Desse modo, exerceram influências significativas nas concretizações e tematizações do gênero, a partir de então, no Brasil, haja vista não somente o número de reproduções/publicações que tiveram, como também os "lugares" dessa circulação, respaldados por instituições/livros de prestígio no que diz respeito à literatura infantil e juvenil.

Indo ao encontro de um público qualificado — os "interessados pelo problema" — a circulação em revistas, boletins e livros permite concluir que esses textos passaram a constituir referência acadêmica e profissional, conforme se pode constatar nas citações diretas de que foram objeto, como por exemplo, em Arroyo (1968), Góes (1984), Zilberman e Lajolo (1986) e Perrotti(1986), além de referências esparsas em outros livros sobre a história da literatura infantil e juvenil brasileira.

Arroyo (1968) destaca os artigos "Como aperfeiçoar a literatura infantil", de 1943, e "Literatura infantil e juvenil", de 1957, e aponta que Lourenço Filho realiza a sua época, estudos e pesquisas que ressalvavam a falta de estudos e o preconceito que se cultivava pela literatura infantil como gênero menor.

unesp

> A literatura infantil brasileira tem sido, entre nós, considerada sempre um gênero menor do universo literário. Poucos autores a ela se referem com objetivos críticos e nesta lista honrosa poderíamos citar Cecília Meireles, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo, além da poetisa Stela Leonardos, com importantes contribuições, inclusive com pesquisas originais, como no caso de Lourenço Filho e Lenyra C. Fracarolli[3]. (ARROYO, 1968, p. 216)

No último capítulo de *Um Brasil para crianças*: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos, Zilberman e Lajolo (1986), explicitam o posicionamento de Lourenço Filho sobre a literatura infantil, localizado na segunda parte do texto "Como aperfeiçoar a literatura infantil". Segundo Zilberman e Lajolo (1986), em virtude da aliança entre literatura infantil e escola, os pedagogos foram os primeiros a se preocupar com o valor e o aparecimento dos livros para crianças, no caso brasileiro, e assim permaneceram por muitos anos, haja vista a rala consistência e ausência de crítica aos textos destinados às crianças, à época. Para as autoras, Lourenço Filho foi um desses "pedagogos" que, em 1943, na conferência proferida na Academia Brasileira de Letras, delineou a quantidade notável e denunciou a qualidade menor da produção brasileira de literatura infantil até aquele momento. Embora o classifiquem como "pedagogo", as autoras consideram relevante a participação desse "lúcido intelectual" nessa denúncia.

No livro *O texto sedutor na literatura infantil*, Perrotti (1986) explicita a concepção de literatura infantil de Lourenço Filho, "[...] um dos primeiros a se referir a questão" (PERROTTI, 1986, p. 71), no texto "Como aperfeiçoar a literatura infantil", assegurando que o educador pretendia reconhecer o estatuto específico do discurso literário, preocupado com a especificidade do público da literatura infantil e reivindicando uma "estética evolutiva ou genética", "[...] que consiste na adequação do texto às condições de recepção dos destinatários" (PERROTTI, 1986, p. 71).

---

[3] A pesquisa de Lenyra Fracarolli consiste no levantamento bibliográfico de literatura infantil em língua portuguesa.

unesp

Como se pôde verificar, ao longo do tempo, os textos "Como aperfeiçoar a literatura infantil" e "Literatura infantil e juvenil" continuaram a ser citados diretamente nos estudos e pesquisas *sobre* literatura infantil e juvenil brasileira, adquirindo, especialmente o primeiro, o estatuto de "clássico", na produção *sobre* o gênero e garantindo ao seu autor destaque e referência indispensável nesses estudos e pesquisas. Além disso, as referências indiretas aos fundamentos do conteúdo desses textos tanto na produção *de* quanto na produção *sobre* literatura infantil e juvenil brasileira, contribuíram para a permanência desses fundamentos nessa produção e para sua influência sobre autores e pesquisadores do gênero, no Brasil.

unesp

3. Temas e problemas abordados

Neste capítulo, analiso os temas e problemas abordados por Lourenço Filho nos textos *sobre* literatura infantil e juvenil. Sempre que possível, apresentei essa análise de maneira geral, para dar um tratamento de conjunto a esses textos e oferecer uma visão global da produção. Quando necessário, no entanto, "centrei forças" no texto que melhor "representa" determinado tema e/ou problema, a fim de aprofundar a análise.

3.1 Histórico da literatura infantil e juvenil

Nos três primeiros textos de Lourenço Filho aqui considerados — "Como aperfeiçoar a literatura infantil", "O valor das bibliotecas infantis" e "Literatura infantil e juvenil" — o autor reconstituiu uma história da literatura infantil universal desde a "tradição oral", passando pelas traduções e adaptações de livros originalmente escritos para adultos, até a caracterização de uma literatura escrita intencionalmente para a criança.

> Composições que, hoje, reconhecemos como adequadas às primeiras idades, com narrativas mágicas, fábulas ou legendas, eram escritas para adultos, e só entre êles circulavam, a princípio, na forma escrita. É possível encontrar documentos desse gênero, entre papirus de muitos séculos anteriores a nossa era; fábulas sânscritas, como as de "*Panchatantra*" (Os cinco livros); as "*Fábulas de Esopo*", atribuidas a Planúdio, que viveu no V século antes de Cristo; o livro de "*Sinibad*" já do III século de nossa éra; as legendas medievais de variada forma e sentido; o fabulário do ciclo da "raposa", já do X século; a "*Gesta romanorum*", datada de 1326; e, de outra parte, o "*Livro da Pérsia*", quase da mesma época; as "*Mil e uma noites*", que se presume sejam de um original do século XVI; enfim, os "*Contos de ma Mère Oye*", de Perrault, publicados pela primeira vez em 1697.
> Por outro lado, histórias de viagens maravilhosas, como "*A vida e a muito maravilhosa aventura de R. C. York*", de Daniel Deföe, publicada em 1726, e que depois se tornou mundialmente conhecida como "*Robinson Crusoé*", e "*As viagens de Gulliver*", quasi da mesma época, de Jonathan Swift (1667-1745), não foram originariamente compostas para crianças[4]. (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 116-117, grifos do autor)

[4] A partir de então essa idéia, com esses exemplos, é retomada nos estudos brasileiros *sobre* literatura infantil e juvenil.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

Do mesmo modo, esses textos reconstituem as origens da literatura infantil brasileira, informando que o gênero *iniciou-se* em 1894, quando foi publicado o primeiro livro voltado à leitura recreativa de crianças — *Contos da Carochinha*, de Figueiredo Pimentel —, *afirmou-se* com a coleção Biblioteca Infantil e *firmou-se*, a partir de 1921, com os primeiros livros infantis com personagens brasileiros em ambientes brasileiros, auxiliada pela revista infantil *O Tico-Tico* (Rio de Janeiro): "Constituía-se, assim, uma literatura infantil e logo depois uma literatura juvenil, perfeitamente caracterizadas, no país" (LOURENÇO FILHO, 1957a, p. 579).

Os outros textos de Lourenço Filho que seguem tematizando a literatura infantil e juvenil, considerados nesta Parte, abandonam essa reconstituição histórica, por se deterem em aspectos conceituais de um gênero já determinado, à época em que circulam; porém a questão da "tradição oral" é retomada no prefácio "Um livro básico sobre literatura infantil", de 1968, devido à substância do livro prefaciado. Adotando o ponto de vista dos "especialistas da matéria", nesse prefácio, Lourenço Filho postula um conceito de literatura infantil "mais amplo", no qual literatura infantil é a expressão de cultura de um povo, ligada às raízes, sentimentos, tradição e aspirações desse mesmo povo.

Como afirmei no tópico anterior, nesse último caso, a opção do prefaciador se regula pela opção do autor do livro prefaciado; já nos textos "Como aperfeiçoar a literatura infantil", "O valor das bibliotecas infantis" e "Literatura infantil e juvenil", o "resumo histórico" apresentado por Lourenço Filho se justifica na medida em que os dados neles apresentados *determinam* a existência de uma literatura desenvolvida especificamente para crianças, como forma de garantir existência e manutenção do gênero. Em vista disso, o primeiro deles, "Como aperfeiçoar a literatura infantil", de 1943, por ter sido produzido numa época incipiente de tematizações do gênero, detém-se pormenorizadamente nessa

unesp

reconstituição histórica, apresentando um esforço eminente em determinar e realçar a especificidade da literatura infantil, corroborada por uma exaustiva enumeração de autores e títulos de livros ingleses, norte-americanos, dinamarqueses, italianos, portugueses, alemães e brasileiros e por uma problematização da oscilação inicial da literatura infantil, no Brasil e no mundo, entre livros de estudo, destinados às escolas, e livros compostos "[...] não com sentido informativo, ou puramente educacional, mas no sentido de 'arte', que pudesse ser apreciada pelo espírito infantil, e que, para sua formação, viesse a concorrer" (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 149).

> [...] como se pode ver na Itália, com a renovação de Luiz Alexandre Parravicini (1799-1880) em sua narrativa romanceada "Giannetto", de 1837; com Cesare Cantú (1804-1895) que, de par com estensa obra de historiador não desdenhou escrever para crianças, dando as suas "Letture giovanili" e "Il bambino"; e, sobretudo, com Edmundo d'Amicis (1846-1908) o imortal autor de "Cuore", livro escolar de que a primeira edição foi tirada em 1886.
> Tentativas semelhantes, embora de mais escasso valor, apareceram na França, na Inglaterra e na Alemanha, e tiveram reflexo mesmo na literatura escolar de Portugal, com as "*Viagens de Simão de Nântua*", e uma adaptação didática das aventuras dos "*Doze Pares de França*". (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 149, grifos do autor)

Não tendo sido antecedido por outros estudos que tracem este histórico (antes de 1943), nesse texto, a história apresentada por Lourenço Filho, embora se pretenda um "resumo", apresenta-se como fonte valiosa de dados, passando a servir de referência aos estudos sobre o gênero que o sucedem e garante-se como "verdade inquestionável" e fonte segura da história da literatura infantil a partir de então[5], sem, no entanto, seu autor explicitar as fontes utilizadas para esses dados [6].

---

[5] Os dados do texto "Como aperfeiçoar a literatura infantil', de 1943, foram ampliados somente em 1968, por Leonardo Arroyo, no livro *Literatura infantil brasileira* – ensaio de preliminares para a história e as fontes da literatura infantil brasileira, valendo-se de sugestões de Lourenço Filho.

[6] Ao que tudo indica, as viagens de Lourenço Filho ao exterior e sua atuação na Comissão Nacional de Literatura Infantil propiciaram ao autor um maior contato com as fontes da literatura infantil universal.

unesp

Também Lourenço Filho vale-se desses dados nos dois textos que se seguem sobre o gênero; de modo mais resumido no texto "O valor das bibliotecas infantis", pois nessa época e nesse texto seu objetivo é discutir o conceito e as funções de um gênero já "perfeitamente caracterizado" para aqueles que o ouvem, os "interessados" no assunto; e de modo reiterado, no texto "Literatura infantil e juvenil", com mínima ampliação de informações, para atualização dos dados e ênfase na questão que apenas insinuara em 1943: a existência da literatura "juvenil".

3.2 Crítica à literatura infantil brasileira

Em 1943, no texto "Como aperfeiçoar a literatura infantil", Lourenço Filho busca fazer o que pode ser considerado como princípios de uma crítica à produção de literatura infantil brasileira. Preocupado com o aumento quantitativo de livros para crianças em sua época, o autor traça as características do que considera a "terceira fase" do gênero no Brasil, iniciada em 1921, com a publicação de *Narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato[7], seguido de numerosos trabalhos originais, de tradução e adaptação pelo mesmo escritor, além de livros infantis de Viriato Correia, Gustavo Barroso, Humberto de Campos e Oswaldo Orico, dentre outros autores, e alcançando os últimos 20 anos, à época, de modo a sugerir medidas de aperfeiçoamento da produção de literatura infantil.

Essa fase, segundo o autor, marcou o "[...] estágio que se poderia dizer de constituição de uma 'literatura infantil', perfeitamente caracterizada em nosso país" (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 153), determinada pela produção de livros originais, por

[7] Os estudos e pesquisas *sobre* literatura infantil, que sucedem esse texto de Lourenço Filho, reiteram esses dados, assegurando que a literatura infantil brasileira iniciou-se com a produção de Monteiro Lobato.

unesp

maior abundância de produção, por maior qualificação dos autores e pela diferenciação da produção de livros para as "várias idades".

> [...] diferencia-se agora a produção para as várias idades, separando-se a literatura pròpriamente "infantil" da "juvenil"; e, ainda, dentro desta, as das idades de "pré-leitura", dominada pelos albuns de gravura, hoje numerosos; a da idade escolar inicial, especialmente atendida pelos contos de fada; as de idade mais avançada, em que se admitem quer com o fim de mera recreação, quer com os de iniciação ao estudo literário, livros de gênero variados, como aventuras, narrativas de viagens, biografias romanceadas, romances históricos, e a adaptação de grandes obras primas. (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 153)

Além disso, segundo Lourenço Filho, essa fase da produção brasileira de literatura infantil foi marcada pelo aperfeiçoamento do aspecto gráfico, que "[...] é também de grande importância no alcance educativo que cada obra pode exercer sôbre a criança" (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 164).

Como parte ativa dessa fase, Lourenço Filho — numa auto-propaganda, de maneira indireta — destaca o importante papel exercido pela coleção Biblioteca Infantil e a intensa movimentação para disseminação e delimitação de uma literatura infantil perfeitamente desenvolvida "[...] em todo o mundo, e com rápido crescimento em nosso país" (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 155), nesse período.

A respeito da coleção, que atraiu "[...] para o assunto [literatura infantil] a atenção de outros editores e autores" (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 152), o autor pondera:

> [...] Essa coleção de pequeninos livros de 40 a 60 páginas, cuidadosamente ilustrados, contendo traduções, ou visível adaptação de textos já traduzidos em Portugal, logra grande êxito e se constitui logo de mais de cincoenta volumes. A ela se deve, nessa fase, sem dúvida alguma, a expansão da literatura infantil no país, pois demonstrou, com os seus dois milhões de exemplares já editados, a pais e mestres, que um tipo especial de leitura deveria ser considerada para crianças. (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 152)

unesp

Em relação à movimentação indicada, Lourenço Filho destaca a produção de pesquisas e estudos sobre literatura infantil, desde 1926, como a realização de inquérito sobre a leitura de jovens, feito por ele mesmo, naquele ano[8], e por Cecília Meireles, em 1931[9]; a classificação de livros infantis, segundo a faixa etária, feita pela Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1926, e a publicação de um trabalho de Armanda Álvaro Alberto, também em 1926, pela ABE[10]; a divulgação de diversos estudos considerando o problema da literatura infantil, como o de Helena Antipoff, em 1929[11], o de Irene Lustrosa, em 1934[12], e o de Elvira Nizinska da Silva, entre 1934 e 1936[13]. Destaca também a criação e implantação, desde 1928, de bibliotecas infantis e, ainda, a criação, em 1936, da Comissão Nacional de Literatura Infantil, por iniciativa do Ministério da Educação e Saúde, Gustavo Capanema.

Destaca também — com conhecimento de causa — a ampliação dos esforços de autores e editores, graças à concorrência que se estabeleceu entre as editoras e um "[...] maior cuidado de preparação dos professores, que, de modo sensível, orientam a seleção de leituras" (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 165).

No entanto, ressalta que toda essa intensificação de iniciativas não conferiu "atestado de qualidade" à literatura infantil.

---

[8] Trata-se do estudo "Um inquérito sobre o que os moços lêem", de Lourenço Filho, descrito na Parte II, desta Tese.

[9] Segundo Lourenço Filho (1943c), Cecília Meireles realizou um inquérito sobre literatura infantil nas escolas do Rio de Janeiro/DF, mas não obtive, até o momento, maiores informações a respeito desse inquérito.

[10] Não obtive, até o momento, mais informações sobre esses dois trabalhos realizados pela Associação Brasileira de Educação (ABE).

[11] Lourenço Filho refere-se ao estudo "Idéias e interesses das crianças de Belo Horizonte", de Helena Antipoff. Nesse texto, a autora verificou que "[...] os autores preferidos pelas crianças eram, então Arnaldo de Oliveira Barreto, Figueiredo Pimentel, o autor da velha coletânea que começou a ser editada pela Livraria Quaresma, em 1894, e Monteiro Lobato" (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 154)

[12] De acordo com Lourenço Filho (1943c), o estudo de Irene Lustrosa foi semelhante ao de Helena Antipoff e foi publicado no volume de 1934, da *Revista do Ensino*, de Minas Gerais.

[13] O estudo sobre literatura infantil coordenado por Elvira Nizinska da Silva a que Lourenço Filho se refere como "mais larga pesquisa" foi publicado no artigo "Problemas de literatura infantil", em *O Jornal*, em 5 de abril de 1936.

unesp

> Pelo último levantamento das obras de literatura infantil, editadas no país, verifica-se que se encontram à venda, no ano de 1942, nada menos de 605 trabalhos, dos mais diversos gêneros e tipos.
> Dessas, 434 representam traduções, adaptações e mesmo grosseiras imitações de autores estrangeiros, especialmente franceses e alemães (estes quase sempre através de traduções francesas) como se pode ver da produção até 1930; e daí por diante, da tradução de originais norte-americanos, não, porém, dos mais recomendáveis.
> Dos autores europeus têm sido mais traduzidos ou adaptados, Perrault, D'Aulnoy, Cônego Schmid, Jordia, Júlio Verne, Rabier, Andersen, Grimm, Condessa de Ségur, Collodi.
> Mesmo em relação a êstes, cerca de metade das traduções feitas são de pobre linguagem, quando não inçadas de impropriedades e cochilos. As traduções de historietas americanas apresentam, quase sempre, deficiências mais graves[...]
> Das 171 obras originais de autores brasileiros, cêrca de metade são de medíocre qualidade, quer pela concepção e estrutura, quer também pela linguagem. Não mais da metade desses livros mereceria figurar em bibliotecas infantis, se devidamente apurados quanto à forma e ao fundo. (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 163-164)

Desse modo, "delineia" uma crítica à produção de literatura infantil da época, demonstrando uma preocupação não somente estética, mas também de "[...] adequação educativa das obras de literatura destinadas às crianças brasileiras" (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 165). Em outras palavras: essa crítica de Lourenço Filho não somente busca "incremento" e "defesa" da produção de literatura infantil, como denomina o autor, mas também busca o que considera como "brasilianismo", porque, para o autor, a elevação do nível artístico da literatura infantil é, ao mesmo tempo, elevação do alcance educativo.

Essa crítica se aproxima, portanto, de prescrições para alavancar o gênero, uma vez que é pautada em "[...] medidas sistemáticas tendentes à sua elevação, ou 'significação social'", devido à necessidade de "[...] mais precisa conceituação do gênero especialíssimo, que é a literatura infantil" (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 165).

Essas medidas sugeridas por Lourenço Filho consistiam no estudo da literatura infantil e no incentivo a sua produção com: medidas de esclarecimento social, medidas de estímulo aos autores nacionais, aos editores e aos ilustradores e "medidas de estímulo, em

unesp

geral". Elas podem ser assim resumidas: patrocínio a conferências nacionais sobre literatura infantil, divulgadas em folhetos; criação de biblioteca para documentação e estudos sobre o assunto; encorajamento, mediante atribuição de prêmios, a autores nacionais, para estudar, traduzir e produzir literatura infantil; aquisição de boa quantidade de obras, pela Academia, para estímulo às editoras; atribuição de prêmios a editores e ilustradores; e patrocínio a exposições do gênero, no país.

Tais propostas de medidas vão sendo reiteradas ao longo do tempo nos outros textos *sobre* literatura infantil e juvenil que seguem o de 1943, visando a *firmar* o ponto de vista do autor em relação ao que pode ser classificado como literatura infantil, bem como a fomentar a produção do gênero.

> Não me furto, porém, ao prazer de expor algumas observações, dizendo, em resumo, o seguinte:
> a) Será preciso que o público e os próprios autores sejam mais esclarecidos sôbre as funções da literatura recreativa infantil.
> b) Será preciso que os editores, por si mesmos, compreendendo a sua responsabilidade, procurem evitar a publicação de trabalhos de má linguagem, e composições que exprimam conflitos e ressentimentos dos autores, ensinem o atrevimento e o cafajestismo de idéias e sentimentos, precursor do cafajestismo do caráter.
> c) Será preciso difundir livros que imprimam às crianças o desejo de ser melhores, que lhes sugiram ideais de vida sadios; isso não se confunde, é evidente, com um falso moralismo de fórmulas vazias e aborrecidas. Mas, para que os livros sejam realmente recreativos ("recrear" quer dizer "criar de novo", recompor em novas e mais equilibradas bases" deverão ensinar a alegria de viver, de forma normal e saudável).
> d) Será preciso, enfim, que os autores compreendam que só devem escrever para crianças quando tenham uma delicada mensagem a comunicar-lhes, alguma coisa que concorra para elevar-lhes o espírito e o coração. Se a não tiverem, melhor será que não escrevam, e a infância lhes será grata por isso. (LOURENÇO FILHO, 1959a, p. 178-179)

unesp

3.3 A literatura infantil e juvenil como gênero

Embora no texto "Como aperfeiçoar a literatura infantil", Lourenço Filho busque situar a literatura infantil como "ramo específico" de letras, ao longo desse mesmo texto e dos outros textos da produção *sobre* o gênero que o seguem, Lourenço Filho considera a literatura infantil e juvenil como "gênero", diferenciando-o em suas "modalidades".

Enquanto gênero, a literatura infantil equivale, segundo o autor, à literatura (para adultos). As "modalidades", no entanto, são o que a diferenciam e garantem a especificidade da literatura infantil em relação à literatura, pois levam em consideração as idades infantis e sua adequação a muitas opções constitutivas do livro para crianças, nos níveis temático, formal e gráfico e, por isso, são estabelecidas (de modo mais sintético, no texto de 1943) e expandidas quando retomadas nos textos de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil. As citações que seguem referem-se aos textos "Como aperfeiçoar a literatura infantil" e "Literatura infantil e juvenil". Apesar da extensão, vale a pena reproduzi-las:

> a)álbuns de gravuras, coordenadas por um só motivo, ou não, com reduzido texto, ou ainda sem texto, para crianças de 4 a 6 anos;
> b)contos de fadas e narrativas simples (fábulas, apólogos), para crianças de 6 a 8 anos;
> c) narrativas de mais longo entrecho, para crianças de 8 a 10 anos;
> d) histórias de viagens e aventuras, para crianças de 10 a 12 anos;
> e)além de biografias romanceadas, idem.
> A esta classificação, que resume as modalidades da literatura infantil em prosa, poderá ser acrescido um item relativo a composições em verso, subdivido, por sua vez, em "coletâneas de pequenas composições" (geralmente pouco apreciadas pelas crianças), e "narrativas em verso", de fundo jocoso ou não. (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 160-161)
> [...]
>
> A. *Literatura Infantil*:
>
> 1. Álbuns de gravuras simples, de colorido intenso, coordenadas entre si, ou não, por um motivo principal da vida do lar; texto reduzido. Destinam-se a crianças de 4 a 6 anos.
> 2. Narrativas muito singelas, sempre apoiadas em ilustrações elucidativas, ou gravuras que "falem por si". Temas de folclore, da vida de animais, da vida familiar, a que se empreste sentido poético. Destinam-se a crianças de 5 a 8 anos, tal seja o desenvolvimento mental, sempre variável de uma para outra criança.

unesp

3. Narrativas menos singelas que as precedentes, seja pela extensão, seja pelo entrecho. Podem animar personagens imaginárias, ou não, ou emprestar a personagens reais atributos imaginários. Ação sempre movimentada, embora não muito complexa por incidentes. Especialmente indicadas para crianças de 7 a 9 anos.
4. Narrativas com maior número de personagens e ação mais complexa. Aproveitamento de temas reais, escolhidos embora por sua significação simbólica. Ligeiro sentido descritivo, que inspire compreensão da natureza e amor por ela. Pequenas aventuras. Para crianças de 8 a 10 anos, de desenvolvimento mental normal.
5. Aventuras e viagens; pequenas biografias de cunho esquemático, que instilem nobres idéias de vida, sem qualquer caráter de rigidez ou artificialidade. Ainda neste caso, o papel das ilustrações é da maior importância, pelo que possam sugerir, além de representar. Para leitores de 10 a 12 anos.

B. *Literatura juvenil*:

1. Aventuras, viagens, biografias; descrição ainda esquemática, mas animada de mais profundo sentido humano. Cenas que importem em situações problemáticas, com narrativa suspensa, que façam pensar ou indagar sôbre a solução. Para leitores de 11 a 13 anos.
2. Narrativas mais longas, embora sempre bem capituladas; temas de geografia, história natural, história pátria, romanceados. Para leitores de 12 a 15 anos.
3. Os mesmos temas, com maior desenvolvimento, biografias romanceadas, pequenas novelas de costumes, de cunho sentimental, ou não. Para leitores de 14 anos em diante. É de observar que, nestas idades, a escolha dos assuntos e das formas de seu tratamento, mais dependerão dos interêsses profissionais, que começam a afirmar-se e dos hábitos de leitura adquiridos, que mesmo de qualquer esquema que se possa prever.

À parte A dessa classificação, que indica apenas modalidades em prosa, podem ser acrescidos alguns ítens para composições em verso, sempre, de difícil tratamento, nas idades consideradas. Dois tipos, em geral, se apresentam: coletâneas de pequenas poesias, e narrativas seguidas, em versos humorísticos. Os versos devem ser simples, de construção direta tanto quanto possível, sem a preocupação de rimas ricas ou de efeitos de *enjambement*. Não quer isso dizer que a poesia deve ser pobre, ou insôssa. Pelo contrário. De outro modo, não a suporta a criança.

As composições em verso, para pré-adolescentes e adolescentes, são de modo geral as de ricos efeitos descritivos de côr, ou de efeitos dramáticos. As composições líricas, de delicado espírito, despertam grande interêsse, sobretudo às meninas. Temas históricos podem ser hàbilmente aproveitados. (LOURENÇO FILHO, 1957a, p. 581-582, grifos do autor)

Sem se ater a critérios então usuais de classificação dos livros — conforme explicita o autor —, Lourenço Filho traça uma ordenação geral dos livros de literatura infantil e juvenil, de modo a enquadrar a produção existente, com objetivo de satisfazer às necessidades de "ordem prática", consciente do "valor aproximativo" que esse enquadramento resulta e estabelece um critério básico: o das "idades infantis" (considerando também os "pré-adolescentes e adolescentes") para essa ordenação. Assim,

unesp

os aspectos constitutivos do livro são critérios relevantes aos livros infantis e juvenis, desde que adequados à idade do leitor, pois o que regula essa ordenação são, num primeiro plano, concepções psicológicas e educacionais. Esse critério passa a servir de base para classificação do gênero até os dias atuais[14].

Concepções estéticas e literárias se juntam a esse critério básico, quando considerada a forma "mais ampla" determinada pelo autor: a de que cada modalidade em prosa deve se caracterizar por conter "histórias" ou "narrativas":

> "Uma história" com o necessário tratamento literário, difere da simples narrativa, por subordinar-se a um princípio de seleção e organização, que opera no sentido de lhe imprimir graça e fôrça, com a utilização dos mais simples elementos, ou seja, numa palavra, de lhe imprimir "beleza".
> Uma narrativa, para efeitos de documentação, ou para divulgação técnica, deverá entrar em minúcias de cada ocorrência, seguir rigorosamente a ordem cronológica, explicar com clareza as causas e os efeitos prováveis; não poderá omitir certas relações particulares entre os fatos, nem eliminar incidentes, ao gôsto do narrador.
> Com a narrativa de cunho literário, outra deve ser a atitude do autor. Aqui os incidentes poderão ser escolhidos e reorganizados, segundo a intenção que tiver; incidentes de maior ou menor importância podem ser livremente eliminados; ao contrário, certos passos podem ser acrescidos de importância e engrandecidos em sua significação. O espírito do artista, à procura de efeitos de beleza, pode chegar a derrogar os princípios de causa e efeito, ou os de sucessão necessária dos acontecimentos.
> O interesse, que desperta a história, assim preparada, não será mais a de seu conteúdo, mas a arte havida na organização de seus elementos, o modo de dispô-los, com harmonia e graça, os efeitos de sugestão que dêles se possam tirar.
> Se, de uma parte, o entrecho se torna necessário, para atrair o espírito infantil, o seu valor como arte, e por isso mesmo, como efeito educativo, resultará não apenas do episódio, ou dos episódios descritos, mas, sim, de sua disposição, daquilo que poderíamos chamar de sua "plástica".
> É êsse o segredo dos verdadeiros artistas, seja na arte literária, seja nas artes plásticas em geral, ou, ainda mesmo, nas do ritmo. É êle que comunica à obra o seu aspecto característico de um ambiente, de uma atmosfera, de um poder de sugestão inefável. (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 161-162)

[14] Como exemplo da permanência do critério da idade cronológica e psicológica do leitor para classificação dos livros de literatura infantil e juvenil, basta verificar os catálogos de divulgação das editoras de livros desse gênero, nos quais os livros vêm categorizados por "faixa de idades".

unesp

3.4 Conceituação e caracterização da literatura infantil e juvenil

O conceito de literatura infantil é amplamente traçado em todos os textos de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil e permanece o mesmo ao longo de todos esses textos.

> A expressão "literatura infantil" permite a compreensão lata de todo material de letras produzido para o uso de crianças. (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 155)
> [...]
> Em sentido lato, a expressão *literatura infantil* pode abranger toda a produção destinada a crianças, em livros de cunho didático, ou de fins puramente recreativos. Contudo, vem ela sendo empregada, não só no Brasil, como em outros países, para indicar tão somente as obras dêste último gênero. (LOURENÇO FILHO, 1957a, p. 579, grifos do autor)
> [...]
> No uso corrente, "literatura infantil" significa o conjunto de publicações que, sem conteúdo especialmente didático, sejam destinadas a crianças. Para especialistas na matéria, poderá significar realidade mais ampla. Entendem eles que, como os demais ramos das letras, também esse há de ser em cada país considerado expressão geral de sua cultura, com profundas raízes no passado, portanto ligado aos sentimentos do povo, suas tradições e aspirações. E têm toda razão. (LOURENÇO FILHO, 1968, p. 11)

Diferentemente do "resumo histórico" que o autor traça sem explicitar as fontes, na conceituação da literatura infantil Lourenço Filho vale-se de fontes explícitas que não somente conceituam, caracterizam e justificam o gênero, mas também atestam o que *não é* literatura infantil, garantindo credibilidade ao conceito e aos textos.

> [...] Há na realidade, um gênero de literatura para crianças que não é a da história açucarada, ou de preocupação educativa *á outrance*, ou a de artificialismo pueril, e que não é também, a de fins didáticos. (LOURENÇO FILHO, 1948a, p. 67, grifo do autor)
> [...]
> Como para o adulto, a obra literária destinada ás crianças há de ser objeto de contemplação estética; deve ser poética, no bom e original sentido dessa palavra; deve saber criar e canalizar essa capacidade de sonho e de evasão própria e natural na infância; deve poder gerar, como a propósito de tôda a literatura assinala Marcel Proust, êsse estado dalma que êle mesmo chamou com tanta propriedade, de "estranha solidão povoada". Assim a leitura permitirá a fuga ou a

> evasão acoroçoando a liberdade de espírito. (LOURENÇO FILHO, 1948a, p.67-68)
> [...]
> [...] Não se poderá negar [...] que esta literatura está cheia de disparates e trivialidades. A tendência de fazê-la veículo de formação moral tornou-a, muitas vezes, insossa. Ao invés de deixar falar as coisas e os fatos, fala o autor em demasia. Ao invés da vida real, aparece, a meúdo, a caricatura, em que se exageram os bons e os maus caracteres, com tipos extremados, nos dois sentidos — de modo que se recompensa excessivamente o bem e se castiga da mesma forma o mal. As "patriotadas" e os prejuízos de ordem sentimental abafam quasi sempre todo sentimento normal e são. As narrativas são pouco artísticas, sem cuidado de minúcias, sem plasticidade intuitiva; não atraem pela forma, nem pelo interêsse na matéria. E é esta, muitas vezes, tão mal conduzida, que tais livros se tornam prejudiciais, senão ao menos, inteiramente inúteis para a educação estética das crianças. A grande afeição pela leitura, que se desperta, naturalmente, aos dez anos de idade, estiola-se, por isso, sem maior fruto, como um pêso morto que não chega a transformar-se em fôrça criadora. (BARTH apud LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 149-150)
> [...]
> Não é segredo para ninguém que, em todos os países, proliferam composições para crianças, sem expressão de maior beleza, valor sugestivo, comunicação poética verdadeira. São pequenas histórias destinadas a incentivar o hábito de leitura, por usa feição simplesmente anedótica, ou burlesca, ou pelo encanto das ilustrações que ensejam. Úteis, ainda assim. Mas serão expressões de arte?... Claro que não. Representam "artesanato", mais que arte verdadeira, assim como uma espécie de tricô das letras: dois pontos adiante, dois pontos atrás, uma laçada, e tome pontos e laçadas, até a página final... Essa a razão por que o velho cético do Anatole dizia que a maior parte dos livros infantis não despertam senão enfado ou repugnância aos leitores a que se destinam. (LOURENÇO FILHO, 1966a, p. 24)

O conceito de literatura infantil vai-se firmando ao longo dos textos de Lourenço Filho *sobre* o gênero, mediante definições que buscam:

- *comparar* a literatura (para adultos) com a literatura infantil, pois ambas são "expressão de arte" e devem: "oferecer evasão e sonho", ser "objeto de contemplação estética", levar a uma "atmosfera de sugestão que leve o leitor a criar", servir de "deleite para o espírito, evasão e recreação"; mas também *separá-las*, pois a literatura infantil é "gênero literário especialíssimo";
- *diferenciar* a literatura infantil da literatura escolar ou didática, pois, embora ambas tenham um "fim prático", somente a primeira tem um sentido "criador positivo";

unesp

- *determinar* a especificidade da literatura infantil pela criança que a "consome" e que apresenta "níveis gradativos de evolução";
- *estabelecer* "funções" e "modalidades" da literatura infantil e também juvenil que assegurem a produção do gênero.

Nos textos *sobre* literatura infantil e juvenil, Lourenço Filho conceitua, portanto, o gênero como *arte*.

> [...] Que arte, porém?... Ainda que vise ao absoluto, objetivamente considerada tem expressão relativa, segundo as capacidades de cada autor e também as daqueles a quem se dirija e a quem deva suscitar os sentimentos do *belo*. (LOURENÇO FILHO, 1957a, p. 580, grifos do autor)

Por ser arte, portanto, a literatura infantil tem como fim a expressão do belo, "[...] mas o belo das idades infantis", tornando-se "[...] instrumento de profunda ação educativa" (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 157).

> E não será êsse, afinal, o apanágio de toda expressão de arte verdadeira?... Já assim o reconheciam os antigos. "Não é possível que, tomando de mira ao que é belo, não se alcance o que é bom", escrevia Platão, num de seus diálogos. Ao que, Cícero havia de acrescentar depois: "É privilégio do belo não poder dissociar-se do bem". *Decori ea vis est, ut ab honesto non possit separari.* (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 157, grifos do autor)

Em outras palavras: a comunicação de emoção estética e desinteressada da literatura infantil, ao mesmo tempo, deve ser "[...] motivo para reflexões de estímulo a interêsses normais e sadios" (LOURENÇO FILHO, 1948a, p. 68), pois o gênero, segundo o autor, tem um "fim prático", revelando um sentido "criador positivo".

> Justamente por desinteressada, por não pretender senão fazer admirar o belo, a literatura infantil — arte que é — há de suscitar o bom gosto, o senso de medida, o desejo de superação; há de concorrer para o uso, crescentemente aprimorado, da linguagem, instrumento natural de comunicação e de expressão entre os homens, por si mesmo arte também; há de, enfim, cooperar, com as demais formas e processos de educação para a compreensão do pequenino mundo da criança,

unesp

> reflexo do mundo maior de coisas, idéias e sentimentos que a cerca. (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 157-158)
> [...]
> [...] Mas, para que seja arte, será preciso que o livro nos envolva numa atmosfera de sugestão, mais que de informação, e nos leve também a criar, conjuntamente com o autor.
> [...]
> Certo é, no entanto, que na vida mental, como na vida real, a liberdade não é um fim em si mesma. Esse sentimento de liberação só será útil na medida em que leve a construir, e nos ensina o bom gôsto, o senso de medida, o desejo de aprimoramento de nossas próprias capacidades [...] (LOURENÇO FILHO, 1948a, p. 67-68)

Desse modo, o conceito de literatura infantil traçado nos textos de Lourenço Filho *sobre* o gênero dissemina um ponto de vista que considera especialmente a criança que a "consome", associando, por vezes de maneira ambígua e/ou paradoxal, às concepções estéticas e literárias, concepções psicológicas e educacionais.

A essas concepções teóricas, o autor junta concepções de ordem mais "práticas" e busca traçar também as características dos livros do gênero, a seguir resumidas: o livro de literatura infantil deve representar uma mensagem "sincera e digna", ter unidade e harmonia, ter sentido sugestivo ou poético, adequar sua forma (estrutura, vocabulário e sintaxe) à idade da criança, valer-se tanto de temas tradicionais, adaptados, como de temas novos e utilizar-se ou não do maravilhoso.

> Dos quatro aos oito anos, especialmente, as crianças movem o seu espírito num mundo de sonho e fantasia. Já alguém disse que, nessa idade, há uma coisa que tôdas as crianças compreendem: são os acontecimentos impossíveis... Lidar com elas representa um primeiro esfôrço para criar o "mundo interior", o mundo afetivo e intelectual, o mundo simbólico em que cada um de nós, mesmo adultos, vai encontrar refrigério para penas e decepções inevitáveis. A observação e a experiência nos mostram que essa fabulação desempenha um papel necessário no desenvolvimento psicológico, na infância, e ainda depois, como válvula de evasão.
> Os que escrevem devem saber disso, mas devem também compreender que será preciso temperar o maravilhoso com o real, em doses gradativas. Do mundo egocêntrico, que se satisfaz com criações irreais, será preciso elevar as crianças ao de pensamento socializado, ou de características lógicas normais. Parece-me mesmo que é essa uma das grandes funções da literatura infantil e juvenil: utilizar do maravilhoso para sugerir o belo, o bom gôsto, o ritmo e a cor, o movimento e

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

> o repouso, as visões ideais da bravura, desprendimento, bondade, valor do sacrifício.
> Usar, porém, do maravilhoso pelo maravilhoso, nada significa. "Histórias bôbas", dizem as crianças... E têm razão. (LOURENÇO FILHO, 1959a, p. 175-176)

3.5 A função formadora da literatura infantil

Como se pôde verificar acima, a literatura infantil, para Lourenço Filho, são os livros escritos para crianças que tanto servem para "deleite"/"evasão" quanto para "sugestão"/"recreação". O primeiro está relacionado à essência da literatura infantil enquanto literatura e, por isso, arte, que visa a levar emoção estética à criança; a segunda, condiciona-se ao adjetivo "infantil", devido ao fato de a criança, ser em formação, precisar ter desenvolvido o seu "mundo interior".

Esse conceito aqui retomado, indica a "função formadora" da literatura infantil, segundo Lourenço Filho, reiterada em todos seus textos *sobre* o gênero.

> Sua função capital é a de sugerir o *belo*, dentro dos recursos da mentalidade da criança. Fazendo-o, sugere o bem; concorre para a formação do gosto artístico; coopera no equilíbrio emocional da criança; dá-lhe horas de sadio entretenimento e de liberação espiritual; faz amar o idioma nacional; desperta o gôsto literário, estimulando a criação; e, mais generalizadamente, sem dúvida, pelo hábito que inculca da boa leitura, prepara o consumidor das belas letras no homem do futuro. (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 160, grifos do autor)
> [...]
> Por certo que a literatura infantil — não fôsse ela literatura — há de contentar a imaginação. Mas há de ser motivo para reflexões de estímulo a interêsses normais e sadios. A necessidade de adaptação aos diferentes níveis ou graus da mentalidade infantil será uma consequência natural; harmoniosa, graça, beleza não hão de excluir a conveniência. A função capital do livro infantil será, portanto, a de sugerir o belo, despertando as fôrças intimas, mais profundas, no sentido de que a criança se anime a conquistá-lo. Será a de oferecer horas de equilibrados entretenimento e de liberação espiritual. Paralelamente, há de fazer amar o idioma, despertar o gosto literário, e preparar, enfim, na criança, o futuro consumidor das boas letras. (LOURENÇO FILHO, 1948a, p.68)
> [...]
> A literatura infantil há de suscitar, dentro dêsse critério, o bom gôsto, o senso de medida, o incentivo de mais altos níveis de aspirações; há de concorrer para o aperfeiçoamento do uso da linguagem e o equilíbrio sentimental. Ademais,

unesp

> deverá facilitar a compreensão entre o pequeno mundo das crianças e o mundo das coisas, idéias e sentimentos do adulto.
> Admitida essa maneira de ver, dela se infere as funções da obra literária destinada a crianças ou a adolescentes. A primeira dessas funções é a de servir, pelo motivo e pela forma, como *objeto de contemplação*, isto é, de deleite do espírito, fonte de sugestão, evasão e recreação. No poderoso sentido desta última palavra, deverá criar "de novo", estimular formas de nova sensibilidade e pensamento. Uma obra de arte sugere e faz sonhar, move o espírito de quem a contemple entre o seu motivo e o devaneio que suscita. (LOURENÇO FILHO, 1957a, p. 580)
> [...]
> Tenham ou não em vista o desenvolvimento de noções práticas, no mundo das coisas ou no mundo moral, os bons trabalhos de literatura infantil e juvenil normalmente se associam ao trabalho escolar quando convenientemente orientado. Numa palavra, servem à formação humana, representando valioso instrumento de transmissão e de aperfeiçoamento cultural. (LOURENÇO FILHO, 1957a, p. 584)

Tal função de formação humana da literatura infantil é sintetizada pelo autor na retomada de Aristóteles do termo *catarsis*, como o "[...] poder de purificar os sentimentos, imprimindo-lhes harmonia [...]" (LOURENÇO FILHO, 1957a, p. 580) para aplicação do sentido psicanalítico ao termo — confirmado pelo psicanalistas modernos, segundo o autor —, como o de significar a transformação/depuração pelo espírito de complexos primitivos, elaborados na infância, ao aceitar os valores lógicos, morais e estéticos da cultura. E acrescenta que os estudos então mais modernos defendem que nas relações humanas é que surge o equilíbrio instável entre os sentimentos de segurança e insegurança.

> Seja como fôr, concordam todos em que não se deve proporcionar às crianças situações de angústia, ou de terror; nem situações que façam prevalecer exemplos de maldade e crueldade; ou cenas que exaltem os sentimentos de conflito de cada idade. Ao contrário, tudo deverá concorrer para que se crie no espírito a resolução dêsse conflito, por incentivo a um desejo de aperfeiçoamento ou sublimação. Por essa forma é que a literatura infantil concorrerá para harmonizar e construir, tornando-se entretenimento saudável que a cada pequenino leitor acrescente uma provisão de sonho e de beleza. (LOURENÇO FILHO, 1957a, p. 580-581)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

Essa formação "emocional e mental" das crianças propiciada pela literatura infantil acima descrita e delimitada está baseada na psicologia e diz respeito às modificações internas do indivíduo propiciadas pela leitura.

3.6 A criança "consumidora" da literatura infantil e juvenil

O adjetivo "infantil" é bastante realçado nos textos de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil, pois a criança, assumida do ponto de vista da psicologia, ocupa um lugar central no gênero, não somente determinando o destinatário dos livros, como também condicionando-o à "estética evolutiva" própria desse destinatário, segundo o autor.

> Há uma "literatura" específica para as crianças, justamente porque estas a consomem; porquanto se torna possível levar-lhes a emoção estética, através das letras, nas condições naturais de seu gradativo desenvolvimento mental, emocional e cultural.
> Não admití-lo, seria negar a própria substância da coisa. E, admití-lo, como parece necessário, será aceitar também a compreensão desses níveis gradativos da evolução infantil, para que possa haver, no caso, a desejada comunicabilidade do *belo*.
> A compreensão artística da literatura infantil demanda, portanto, a aceitação de uma estética "evolutiva", ou genética, a ser estudada ou, ao menos, sentida pelos que escrevem para crianças. E como, também necessariamente, êsse desenvolvimento estético se relaciona com a demais evolução psicológica da criança, e, em particular, com a de sua formação ética — tomado aquí o têrmo, no mais largo sentido, de ajustamento e integração da personalidade [...] (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 157)

Assim, nesses textos, a criança não somente é considerada por "consumir" literatura infantil, mas também para ser conhecida e servir de parâmetro para os meios e os fins do gênero. Os meios, referem-se à expressão do *belo* da literatura infantil enquanto *arte* e os fins referem-se à adequação desse *belo* às "idades infantis", de modo a tornar-se *bom*.

Desse modo, nos textos *sobre* literatura infantil, há a insistente e reiterada idéia do autor de adaptação, aos diferentes níveis de desenvolvimento dos seus leitores, de

conteúdos, temas, ilustrações, forma e linguagem dos livros de literatura infantil, formando o que considera um "todo harmônico", a serviço do *bom*.

Essa necessidade de associação entre o *belo* e o *bom*, parece relacionar-se à concepção romântica adotada por Lourenço Filho em relação à criança. A criança, para o autor, é a "linfa pura das fontes", é densa de ingenuidade e de boa alma simples; tem na infância sua personalidade nascente e o preparo de seu estilo de vida; seu mundo é reflexo do "mundo maior das coisas".

Nessa perspectiva , em virtude de a criança estar ainda em evolução "mental, emocional e cultural", a "emoção estética" do gênero deveria adequar-se aos seus níveis de desenvolvimento, mediante "recursos e técnicas específicas", pois, como adverte Lourenço Filho, "Colhe-se o que se semeia...", ou pela voz de outrem, "[...] o traço todo da vida é um desenho de criança aparentemente esquecido pelo homem, mas ao qual êle terá de se cingir sempre, sem mesmo que o saiba..." (JOAQUIM NABUCO apud LOURENÇO FILHO, 1959a, p. 179).

Nos textos de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil, portanto, esse gênero serve para "equilibrar" ou desequilibrar a personalidade da criança, para "transformar" os "complexos primitivos", para "harmonizar ou construir" personalidades "retas", pois a criança tem a personalidade "nascente" e é nessa fase da vida que, segundo o autor, se prepara o "estilo de vida" do homem futuro.

3.7 O escritor de literatura infantil

O escritor de literatura infantil está, destacadamente, entre os "interessados" pelo gênero a quem se dirigem os textos de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil, por isso, é alvo constante, desde o primeiro desses textos, das considerações do autor.

unesp

Nessas considerações, Lourenço Filho enfatiza o papel do escritor e se dirige a ele de duas maneiras: uma, de modo prescritivo, ensinando-o a escrever literatura infantil e outra, de modo indicativo, referindo-se a si próprio e ao processo de produção e repercussão de seus textos de literatura infantil e listando autores, de modo a indicar, com esses nomes, exemplos a serem seguidos.

O escritor de literatura infantil, ensina Lourenço Filho, além de ter preparação especial do ponto de vista literário, precisa conhecer os níveis de desenvolvimento infantil, assim como a psicologia da criança. Mais do que uma pessoa culta ou informada e capaz de imaginação, o escritor precisa sentir o mundo do espírito infantil, penetrar nele, comovendo e inspirando, para tornar-se "[...] o artista que todo e qualquer gênero reclama" (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 163).

Esse caracterização do escritor parece encontrar eco em autores de "primeira qualidade" listados nos textos *sobre* literatura infantil, como: Monteiro Lobato, Viriato Correia, Gustavo Barroso, Erico Veríssimo, Osvaldo Orico, Tales de Andrade, Narbal Fontes, Ofélia Fontes, Lucia de Almeida, Cecília Meireles, Renato Fleury, Jorge de Lima, Francisco Marins, dentre outros. Vale lembrar que este último mereceu um discurso na cerimônia de posse na Academia Paulista de Letras e foi reconhecido por Lourenço Filho como escritor fecundo e original que associou à "glória de escritor" a "glória acadêmica".

Embora Lourenço Filho não se auto-indique nessa lista de autores, informa que seus escritos para crianças foram conseqüência de seus estudos em psicologia e em educação e que as razões que o levaram a escrever para crianças giravam em torno do desejo de "contribuir para a tese" de que é possível produzir trabalhos para as crianças que contribuam com sua formação, completando: "Só comecei a escrever para crianças depois dos cinqüenta anos, quando deixei de vez as atividades de administração escolar"

unesp

(LOURENÇO FILHO, 1959a, p. 172). Ao referir-se a sua produção, Lourenço Filho deixa subentendido como se caracteriza um escritor:

> Quando alguém componha uma história para a infância com elevados propósitos, vela por ela como uma parte de seu próprio espírito; procura verificar no que acertou e no que tenha errado; e procura corrigir. (LOURENÇO FILHO, 1959a, p. 177)

Além disso, revela-se como sinônimo de sucesso, ao comentar, com otimismo, a difusão de seus livros para crianças e o público que eles atingiam.

> As informações sôbre o público interessado por meus trabalhos me têm sido fornecidas, a cada ano, pela editôra a que entreguei a publicação. E êsses resultados muito me contentam. Da série de pequeninas *Histórias do Tio Damião*, em 12 fascículos, já se imprimiram mais de meio milhão de exemplares, em quinze anos. Da série *Pedrinho*, composta de cinco livros de uso escolar, mas também por muitas crianças lidos como recreação, já se divulgaram mais de um milhão de exemplares, em seis anos. De um livro maior, *São Paulo*, da série *Viagens através do Brasil*, publicado em 1954, tiraram-se 30 mil exemplares, em duas edições, e já se prepara a terceira. (LOURENÇO FILHO, 1959a, p. 177-178, grifos do autor)

3.8 Escola, mercado e literatura infantil

Como se pôde verificar nos tópicos anteriores, Lourenço Filho considera a literatura infantil também como "instrumento de educação", em vista disso, a relação desse gênero com a escola é amplamente explicitada em todos os textos aqui considerados, de duas maneiras: a literatura infantil encontra sua gênese ligada à escola e a escola é um lugar privilegiado para o trabalho com a literatura infantil.

De acordo com a primeira, o autor tem o cuidado de separar a literatura escolar ou didática da literatura infantil, uma vez que aquela é formada por "livros próprios para estudo". Essa relação, no entanto, não é apresentada por Lourenço Filho como um

unesp

problema a ser vencido, pois, para ele, a literatura infantil obteve sua expansão em virtude da "disseminação do ensino primário", da organização de bibliotecas escolares e de estudos desenvolvidos por educadores. Além disso, ela pode também servir de veículo de "informação, conhecimento e ensinamentos", apontando para a segunda maneira de como Lourenço Filho considera a relação entre literatura infantil e escola, na qual são os professores que "orientam a seleção das leituras" e, por isso, são, também, responsáveis pela expansão da literatura infantil, à época. Correspondendo aos objetivos da escola primária, a literatura infantil coopera, segundo o autor, com os processos de educação e para a compreensão do mundo da criança.

Essa relação leva a outra, apontada por Lourenço Filho nos textos *sobre* literatura infantil: a do mercado de livros para crianças, revelando as concepções editoriais do autor, cultivadas ao longo de sua carreira. Fomentado pela escola, o mercado editorial teve sua expansão a partir da década de 1940, revela Lourenço Filho, por ter-se tornado mais amplo e mais remunerador, estabelecendo-se uma concorrência que ampliou os esforços de autores e editores, afirma, com conhecimento de causa.

4. O "especialista na matéria"

Neste capítulo, numa tentativa de interpretar parcialmente os dados apresentados nesta Parte III, destaco a figura de Lourenço Filho na produção *sobre* literatura infantil e juvenil, em relação à imagem desse intelectual que se foi delineando ao longo do tempo. Devo lembrar que o estabelecimento de relações mais amplas, envolvendo toda a configuração textual dessa produção, encontra-se na Parte V, desta Tese.

***

Conforme se pôde verificar no capítulo 1 da Parte II desta Tese, em 1943, ano do início de sua produção mais sistematizada *sobre* literatura infantil e juvenil, residindo no Rio de Janeiro, Lourenço Filho já era bastante conhecido e respeitado em âmbito nacional no campo da literatura infantil devido, sobretudo: à produção de textos sobre assuntos correlatos ao gênero, como livros e leitura; a sua condição de membro da Academia Paulista de Letras e autor premiado pela Academia Brasileira de Letras; à função de organizador da coleção Biblioteca Infantil, revisando textos e orientando autores/adaptadores de literatura infantil, e de consultor editorial da Companhia Melhoramentos de São Paulo emitindo pareceres a textos do gênero; ao fato de ser autor dos dois primeiros números da Série Histórias do Tio Damião; e a sua atuação como presidente da Comissão Nacional de Literatura Infantil.

Em vista disso, Lourenço Filho assumiu um papel de "vanguarda" como tematizador do gênero, articuladamente às urgências educacionais e culturais de âmbito nacional da época, em relação à disseminação da leitura, por meio da escola pública. Assim, o reconhecimento e respeito adquiridos se acentuam e se ratificam nos textos *sobre* literatura infantil a partir de então, à época de circulação e ainda hoje, em relação ao texto "Como aperfeiçoar a literatura infantil", uma vez que Lourenço Filho assume a literatura

infantil como "instrumento de educação", inserindo-a num projeto maior de educação. Para isso, considera a literatura infantil como *arte*, revelando conhecimentos sobre literatura infantil e sua história, mas acaba por restringir essa *arte* a um "fim prático". Esses conhecimentos podem ser averiguados não somente nos aspectos teóricos difundidos em seus textos e nos aspectos históricos, que *determinam* a existência do gênero em âmbito universal e nacional, mas também nos termos e conceitos avançados para a época em que foram publicados, utilizados pelo autor para o tratamento da matéria, como "produção"; "consumação"; "literatura juvenil"; "trivialidades"etc.

Além disso, à época, Lourenço Filho era considerado "escritor" de literatura infantil, sobretudo pela Academia Brasileira de Letras, pelas editoras e pelos escritores. Em vista disso, o esforço empreendido por esse autor em tematizar o gênero em sua produção à época, propiciou-lhe a oportunidade de sistematizar, no que se refere à constituição da literatura infantil como objeto de estudo, a literatura infantil brasileira, num discurso de autoridade, e, não somente ser reconhecido, mas também auto-intitular-se como "especialista" que "[...] uma já longa experiência do assunto e a observação dos fatos, no país e no estrangeiro permitem apontar" (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 165-166).

Essa "especialização", ainda, pode ser compreendida pela permanência, ao longo do tempo de publicação de seus textos *sobre* literatura infantil e juvenil, dos mesmos fundamentos teóricos, geralmente retomados e ratificados e, poucas vezes atualizados e retificados, como se pôde verificar no capítulo anterior desta Parte. Essa permanência permitiu ao autor fornecer pistas para o "assentamento", em 1968, de bases para um "programa de pesquisa" nesse campo de conhecimento, coincidindo com o conhecido *boom* do gênero no Brasil, graças à circulação de seu texto em um livro que se tornou obra de referência para os estudos sobre literatura infantil, no Brasil. Em outras palavras: poucas

unesp

foram as mudanças ocorridas na tematização do gênero feita por Lourenço Filho nesses textos, transmitindo uma certa credibilidade e, como já dito, "especialização na matéria" a esse autor.

Essa credibilidade se explica também pela fundamentação desses textos em pressupostos teóricos de "autoridades" nacionais e internacionais do assunto, "antigos" ou "novos", como quer o próprio autor: Platão, Cícero, Aristóteles, De Bonald, Taine, Brunnetière, Mendes dos Remédios, Paul Barth, Storm, Marcel Proust e Anatole France. Assim, Lourenço Filho imprimiu rigor, cientificidade e erudição a seus textos *sobre* literatura infantil, contribuindo significativamente para elevar a literatura infantil a gênero e campo de conhecimento específicos e, ao mesmo tempo, incentivar o aperfeiçoamento da produção do gênero, aproximando-o da literatura (para adultos).

> Quer-nos parecer, no entanto, que esteja a faltar entre nós mais precisa conceituação do *gênero literário especialíssimo*, que é a literatura infantil; e, para sermos francos, tem-nos faltado medidas sistemáticas tendentes à sua elevação, ou "significação social", digamos assim, e que encorajem maior número de autores de alta qualificação a juntar-se aos que, do mesmo valor, de modo continuado ou acidentalmente, tenham já dedicado a necessária atenção ao assunto. (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 165, grifos meus)
>
> [...]
>
> [...] a literatura infantil é coisa tão séria que não será demais que relembremos algumas idéias e permutemos outras.
>
> [...]
>
> Em nosso entender, *a literatura para gente meuda não se diferencia da de gente grande*[...] (LOURENÇO FILHO, 1948a, p. 66-67, grifos meus)
>
> [...]
>
> *A obra literária infantil tem como objetivos gerais os mesmos da de belas-artes, em geral, isto é, a expressão estética.* (LOURENÇO FILHO, 1957a, p. 579, grifos meus)

Esse incentivo ao aperfeiçoamento da produção se guiava pela tônica de acusação da má qualidade dos textos, pelo apontamento dos avanços, pela indicação de nomes de "bons" autores de literatura infantil e por sugestão de medidas de melhoria. Desse modo,

unesp

Lourenço Filho contribuía para formar a opinião de escritores, editores, acadêmicos, ilustradores, pais, professores e público infantil e juvenil quanto ao problema e sua solução, contribuindo, ainda, para a ampla divulgação do gênero não somente para os especialistas e interessados, conforme apontado, mas para o mercado editorial, do qual fazia parte.

Assim, de modo amplo, ao adotar uma racionalidade para abordagem do objeto, Lourenço Filho conferiu um estatuto acadêmico-científico aos estudos *sobre* literatura infantil. Para tanto, esse autor explicita sua maturidade etária e profissional quando ele próprio se propôs a escrever para crianças e acentua a fundamentação de seus livros para crianças em estudos de psicologia e educação, como exemplo a ser seguido.

Em suma, os textos de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil, apresentados como "simples descrição" ou "relatório", de quem vai apenas "dizer alguma coisa" sobre literatura infantil, pelo estilo prescritivo, normativo e doutrinário na apresentação de seu conteúdo, oferecem medidas sistemáticas, pautadas em discussões amplamente fundamentadas e em argumentações cerradas, "ensinam" a produzir e a criticar literatura infantil, buscam interlocução com os "entendidos" e com os interessados no assunto, configurando-se em textos de referência para a produção e teorização do gênero, até os dias atuais.

unesp

PARTE IV:

A PRODUÇÃO DE LOURENÇO FILHO *DE* LITERATURA INFANTIL

1. A Série Histórias do Tio Damião

Neste capítulo, faço uma descrição de aspectos relativos à trajetória editorial e ao projeto gráfico da Série Histórias do Tio Damião. Na trajetória editorial da Série, destaco números relativos às edições, reedições e tiragens, a fim de compreender a importância desses números na concorrência que se estabeleceu no mercado editorial de livros de literatura infantil, nas décadas de 1940 e 1950. Para isso, busco compreender o papel da editora nessa concorrência.

Quanto ao projeto gráfico, busco identificar aspectos que caracterizem Histórias do Tio Damião, como "série", em relação aos dispositivos gráficos, bem como as inovações conseguidas por meio desses aspectos.

Sempre que necessário, apresento Quadros.

1.1 Trajetória editorial

Os títulos da Série Histórias do Tio Damião tiveram suas primeiras edições publicadas entre 1942 e 1951, com reedições até 1958, conforme apresento no Quadro 7.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

QUADRO 7: Edições e reedições dos títulos da Série Histórias do Tio Damião, por ano.

Título	1942	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949	1950	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958
Totó	1ª	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8ª
Baianinha	1ª	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Papagaio Real	-	1ª	2ª	3ª	4ª	-	5ª	-	6ª	-	-	-	-	-	-	-	7ª
Tão pequenino...	-	1ª	2ª	3ª	-	4ª	-	5ª	6ª	-	-	-	-	-	-	-	-
Saci-Pererê	-	-	1ª	2ª	-	-	3ª	-	4ª	-	-	-	-	-	-	-	5ª
O indiozinho	-	-	1ª	2ª	-	-	3ª	-	4ª	-	-	-	-	-	-	-	5ª
A irmã do indiozinho	-	-	-	-	1ª 2ª	-	-	3ª	-	-	-	4ª	-	-	-	-	-
A Gauchita	-	-	-	-	1ª 2ª	-	-	3ª	-	-	-	4ª	-	-	-	-	-
A formiguinha	-	-	-	-	1ª	-	-	2ª	-	-	-	3ª	-	-	-	-	-
No circo	-	-	-	-	1ª	-	-	-	2ª	-	-	-	3ª	-	-	-	-
Maria do Céu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1ª	-	-	-	-	-	-	2ª
E eu, também...	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1ª	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Monarcha; Lourenço Filho (2001)

Conforme se pôde verificar no Quadro acima, os livros que compõem a Série Histórias do Tio Damião tiveram de uma a oito edições num intervalo de 16 anos. Esse longo período de circulação e a média de reedições de seus títulos dão mostra da importância dessa Série para a formação de leitores em um determinado período da história de nossa literatura infantil, dado o aspecto quantitativo que esses dados apontam, especialmente quando comparados com a concorrência que se instalou no mercado editorial de livros de literatura infantil, a partir da década de 1940, graças à expansão desse mercado.

unesp

Mesmo os intervalos sem publicação de reedições ou de novas edições ou, ainda, o decréscimo do número de reedições de cada título, não são fatores que atestam contra essa importância que se traduz em sucesso, uma vez que, a cada reedição de título, foram aumentadas suas tiragens. No Quadro 8, apresento a tiragem total de exemplares de cada título da Série[1].

QUADRO 8: Tiragem total de exemplares de cada título da Série Histórias do Tio Damião.

Títulos	**Tiragem total**
Totó	---------
Baianinha	---------
Papagaio Real	111.000
Tão pequenino...	91.000
Saci-Pererê	90.000
O indiozinho	90.000
A irmã do indiozinho	66.000
A Gauchita	66.000
A formiguinha	56.000
No circo	56.000
Maria do Céu	40.000
E eu, também	20.000
Total	**686.000**

Fonte: Monarcha; Lourenço Filho (2001)

[1] O número de exemplares das tiragens de cada título da Série, por edição, encontra-se em Apêndice.

Como se pode perceber pelos dados do Quadro 8, as tiragens que pude obter variaram entre 20.000 e 110.000 exemplares, sendo que cada título teve, em média, tiragens totais que somaram mais de 60.000 exemplares. Esses dados correlacionados com o aumento do número de leitores, por meio da expansão da escolarização (ver Quadro 5) são bastante significativos e o são, mais ainda, se considerados junto ao número de crianças alfabetizadas na população do estado de São Paulo — local da publicação da Série — em 1950, conforme o Quadro 9.

QUADRO 9: Crianças em idade escolar alfabetizadas[2], na população do estado de São Paulo, em 1950.

Idade	Alfabetizadas
7 anos	46.369
8 anos	82.000

Fonte dos dados brutos: *Educação e Sociedade no Brasil* (apud ROMANELLI, 2003)

Pode-se verificar que o número total de tiragens da Série Histórias do Tio Damião supria o número total de crianças alfabetizadas para quem se destinava em seu estado de origem, o que denota um projeto ousado, mas em consonância com um mercado amplo e remunerador.

As tiragens das primeiras edições, geralmente, eram de 5.000 ou 10.000 exemplares, aumentando para 10.000 ou 16.000 já na 2ª edição e se mantendo ou aumentando para 20.000 exemplares nas edições seguintes. O número menor de tiragens das primeiras

[2] Considerei apenas as crianças com idades dos destinatários da Série. Não obtive, no entanto, dados sobre o número de crianças de seis anos alfabetizadas. É possível que esse número seja pequeno, uma vez que a idade a que o curso primário atendia era a partir de sete anos, o que leva a inferir que a Série se destinava, também, para leitura no lar, pelos pais.

unesp

edições parece fazer parte do projeto editorial da Série; a editora demonstrava um certo cuidado com a concorrência e, para se garantir, "sondava" inicialmente o mercado e só depois "ousava" um pouco mais, aumentando as tiragens. O aumento do número de exemplares por tiragem, por sua vez, pode ser considerado mais um dos indicadores da boa receptividade que tiveram os livros da Série.

Grande parte dessa importância da Série deve-se, portanto, também à editora[3]. A Companhia Melhoramentos de São Paulo foi uma das editoras que empreendeu pioneiramente a difusão e nacionalização de cartilhas, livros de leitura, de literatura infantil e de livros de teorias educacionais.

Participando da concorrência do mercado editorial de livros infantis, essa editora priorizou a publicação de livros para crianças, investindo no aprimoramento gráfico desses livros, na ampliação do circuito de comercialização de livros, aceitando pedidos mediante mensagem telegráfica, conforme códigos difundidos nas páginas de rostos dos livros da Série e entregando o trabalho editorial a "entendidos" no assunto da leitura, literatura e crianças: professores e autores voltados para a história e a educação (LIMA, 1985), a exemplo de Arnaldo Barreto e Lourenço Filho.

Acumulando atividades gráficas, editoriais e a fabricação do papel, na década de 1940, representadas pelo slogan "Do pinheiro ao livro – uma realização Melhoramentos", a editora contribuiu com a expansão do mercado editorial pela edição e comercialização de livros dos principais expoentes do pensamento escolanovista, priorizando os livros para crianças, tanto didáticos quanto recreativos e teóricos sobre a educação infantil, adotando a decisão de consolidar a literatura infantil como gênero literário (DONATO, 1990).

---

[3] É importante lembrar que Lourenço Filho participava ativamente da editora Melhoramentos, como "segundo ego", o que indica sua influência nas decisões editoriais ligadas à literatura infantil.

unesp

O empreendimento na área gráfica, editorial e industrial da Companhia Melhoramentos pode ser apontado como uma das possíveis justificativas para seu êxito editorial no mercado livreiro, além da propaganda extensiva para divulgação dos livros nas terceiras ou quartas capas, em folhetos ou catálogos, nas propagandas em revistas, nas campanhas de vendas, na publicação em periódicos, em textos de crítica literária e em resenhas de livros, em exposições, mostras e feiras e na publicação de livros para crianças, especialmente, em séries ou coleções.

1.2 Projeto gráfico

A Série Histórias do Tio Damião conta com um projeto gráfico bem cuidado e inovador para sua época. Todos os livros têm formato pequeno, que oscila entre 10,5 x 24 cm e 10,5 x 23,5 cm, o que se deve ao recorte não linear das margens direita e superior que acompanham os contornos da ilustração da capa. Esse formato é bastante original e inusitado para a época (Anexo 3), representando o incremento do aspecto gráfico conquistado pelas artes gráficas em geral, e, especialmente, pelos livros para crianças, no Brasil, a partir da década de 1930.

As mensagens publicitárias nas terceiras capas de alguns livros da Série, enfatizam esse caráter original e bem cuidado do projeto gráfico da Série:

> Livrinhos atraentes pelo seu formato original, bem ilustrados, contam, às crianças que se iniciam na leitura, histórias leves e agradabilíssimas (MELHORAMENTOS, 1958, s.p)

A encadernação dos livros foi feita em brochura, o que se generalizou na década de 1920 (LIMA, 1985); a impressão foi feita em papel jornal, de boa qualidade, sendo a

impressão das capas em papel cartonado. Essas características também atestam os cuidados dispensados e as renovações gráficas da Série empreendidos pela Companhia Melhoramentos, que mantinha em sua empresa uma seção de aprendizado para o gráfico que se iniciava, geralmente, aos 17 anos, visando ao aperfeiçoamento de seu produto (LIMA, 1985). Além disso, Lourenço Filho se empenhava no cuidado de todos os detalhes da confecção de seus livros, acompanhando, orientando e sugerindo o que deveria ser feito[4].

Todos os exemplares da Série têm capa e quarta capa ilustradas e coloridas.As capas dos 11 livros analisados são compostas pelos mesmos elementos: fundo colorido, figura que ocupa toda a largura e altura do livro (exceção feita ao título *Maria do Céu* (1951a)) e título do livro no rodapé da página. Essa distribuição deixa transparecer grande preocupação com a forma, não somente pelo desenho figurativo das capas dos títulos da Série, como também por sua disposição no papel. O título, ao pé da página, funciona como uma legenda da ilustração da capa que, no todo, busca agir como um quadro. As tonalidades vivas, compactas e vibrantes das ilustrações das capas também contribuem para a inferência de que se trata de um quadro com legenda que busca atrair o leitor por seu colorido, sua beleza e forma (Anexo 4).

Além disso, produzem grande efeito gráfico as inovadoras e interessantes quartas capas, criadas para dar uma dimensão dupla da ilustração da capa, pois nelas há a mesma ilustração da capa estando, no entanto, invertida a posição da figura. Ou seja, aberto o livro, pode-se visualizar a figura da capa de frente e de costas ou do lado direito e do lado esquerdo, na mesma posição e colorida da mesma forma (Anexo 5). Esse efeito é conseguido em dez dos 11 livros analisados. Em *Maria do Céu* (1951a), como exceção,

[4] Informação obtida em conversa informal com o Dr. Ruy Lourenço Filho, disponível em: Bertoletti (1997).

mas com o mesmo efeito, a quarta capa foi criada para dar uma dimensão total do livro, ou seja, aberto o livro pode-se visualizar a continuidade da ilustração da capa.

As páginas de rosto dos 11 livros da Série, por sua vez, buscam oferecer informações não somente sobre o título da Série, o título e o número do livro, mas também o nome do ilustrador, o que se caracteriza como uma inovação de época, como valorização da profissão de ilustrador[5]. No entanto, o nome do autor dos livros, na maioria das edições, não aparece indicado.

Na maioria das páginas de rosto há vinhetas[6] extraídas de páginas do miolo dos livros, uma vez que, a partir da década de 1920, com o crescimento do setor gráfico no Brasil, tornou-se comum o fato de a ilustração da página de rosto estar associada ao miolo do livro, repetindo exatamente uma de suas ilustrações (LIMA, 1985). Essas vinhetas, como todas as ilustrações do interior dos livros da Série, tinham apenas detalhes coloridos por uma só cor, geralmente variações de tons de vermelho.

A impressão do texto a partir da página 3 é feita com letras de tamanho médio (equivalente à fonte *Times New Roman*, 14, nos padrões de hoje) em mancha que ocupa em média 7 x 10 cm da página, antecedida por cabeções[7] que têm, em média, 7 x 7 cm separados do texto por, aproximadamente, 1 ou 2 cm (Anexo 6). Como se pode perceber, há espaço e margem suficiente para não "poluir" a página, nem tampouco deixar o texto "solto" demais, demonstrando cuidado com a aparência do livro.

As ilustrações revelam-se sóbrias e eficientes, com ênfase em seu caráter narrativo, elucidativo e/ou referencial, em decorrência da idéia de integração entre texto e imagem e,

---

[5] Até a década de 1920, não era comum a indicação do nome do ilustrador nas capas e frontispícios dos livros. A esse respeito, ver, sobretudo: Werneck (1991); Camargo (1995).
[6] A vinheta é uma ilustração pequena que ocupa até cerca de ¼ da página, de acordo com Camargo (1995).
[7] O cabeção é a vinheta que se posiciona no alto da página, antes de iniciar o texto escrito, de acordo com Camargo (1995).

unesp

em especial nessa Série, porque, segundo Lourenço Filho (1959a), a ilustração reforça o poder de verdade e fantasia do texto literário. Essas observações valem para os 11 livros analisados da Série, haja vista que, mesmo tendo sido ilustrados por diferentes artistas, como se pode verificar no Quadro 10, o projeto gráfico permaneceu o mesmo.

Quadro 10: Ilustradores dos 11 livros analisados da Série Histórias do Tio Damião.

Número	Título	Ilustradores
1	*Totó*	Dorca
2	*Baianinha*	Dorca
3	*Tão pequenino...*	Marianne Müllenhoff[8]
4	*Saci-Pererê*	Acquarone
5	*O indiozinho*	Acquarone
6	*A irmã do indiozinho*	M. Colonna
7	*A Gauchita*	M. Colonna
8	*A formiguinha*	Dorca
9	*No circo*	Dorca
10	*Maria do Céu*	Oswaldo Storni

Fonte: Histórias do Tio Damião (1942-1951)

Pode-se considerar que o projeto gráfico dos ilustradores apontados no Quadro acima para as ilustrações dos livros da Série não as caracteriza como "arte do tempo", mas

[8] Na 4ª edição de *Tão pequenino...*, o nome da ilustradora aparece como Marianne Jolewicz. Trata-se, no entanto, da mesma ilustradora, pois as ilustrações são as mesmas nessa e na 1ª edição. Não obtive, até o momento, mais informações sobre essa ilustradora para compreender o porquê da mudança de nome. Não obtive também maiores informações sobre os outros ilustradores, uma vez que faltam estudos sobre ilustradores e ilustração.

sim como "arte do espaço"[9], pois as ilustrações são ligadas à síntese do texto escrito, como se o leitor entrasse em contato com o texto escrito por meio da evocação narrativa que a ilustração sugere e não como extensão da leitura.

[9] As ilustrações ligadas à "arte do tempo" provocam uma evocação narrativa no leitor, como se este entrasse em contato com o texto escrito por meio da ilustração, num processo de extensão da leitura; as ilustrações ligadas à "arte do espaço" têm seu conteúdo percebido num só golpe de vista, que leva a imaginação a continuar trabalhando depois dessa brusca percepção. A esse respeito, ver, especialmente: Werneck (1991).

unesp

2. A narrativa

Neste capítulo, faço uma descrição e análise de aspectos do conteúdo da Série Histórias do Tio Damião. Para isso, apresento um rápido resumo de cada história e, em seguida, descrevo e analiso aspectos dos personagens, tempo, espaço e núcleos temáticos da Série, em conjunto.

2.1 As histórias

2.1.1 *Totó*

Em *Totó*, tem-se a história de um filhote de cachorro que apareceu na casa de Dedé, vindo "não se sabe de onde", "sem ensino" e sem "bom comportamento" e que comete, por isso, algumas travessuras. Devido ao seu mau comportamento, Totó é castigado, ficando preso à coleira no quintal, onde aprende a ser obediente e é, por isso, solto, sendo recompensado com o carinho de todos da casa.

2.1.2 *Baianinha*

Em *Baianinha*, tem-se a história em que Dedé passou a ser chamada de "Baianinha", porque havia participado, sem que ninguém soubesse, de um baile de Carnaval na casa de titia, fantasiada de baiana. Apesar da travessura, a menina não foi castigada, pelo contrário, foi aplaudida pela graça e desenvoltura que demonstrou no baile.

2.1.3 *Papagaio Real*

Em *Papagaio Real*, tem-se a história em que Dedé ganhou do Tio Damião um papagaio que não falava. Após uma longa espera pela fala do papagaio, Dedé descobriu que se o chamasse de "Papagaio Real, de Portugal", ele falava e, se o chamasse de "papagaio

louro", ele calava. Dominando a fala do papagaio, Dedé conseguiu que não o mandassem de volta para o Tio Damião, pois a ave passou a ser considerada "ensinada".

2.1.4 *Tão pequenino...*

Em *Tão pequenino...*, tem-se a história em que Dedé ganhou um gato da vizinha, Dona Amélia, ao qual ela deu o nome de Gato-flor. Como era ainda muito pequeno, o gatinho miava muito e, por isso, Dedé teve que devolvê-lo à vizinha que, junto com a gata Mimosa, mãe do gatinho, cuidou dele até ele crescer. Após algum tempo sem ver o gatinho, Dedé encontrou-o novamente e ele estava crescido, gordo e forte, por isso a menina não acreditou que aquele fosse o seu Gato-flor.

2.1.5 *Saci-Pererê*

Em *Saci-Pererê*, tem-se a história em que Dedé, indo brincar na casa do vizinho, conheceu outras crianças — Tininha, Maria Amélia, Selene, Naná e Evaristinho — e também a lenda do Saci-Pererê, a qual foi narrada por Tia Sabina, uma velha criada da casa, cheia de superstições. Ao final, as crianças não se convenceram das crendices de Tia Sabina e encararam a lenda com muito bom humor.

2.1.6 *O indiozinho*

Em *O indiozinho*, tem-se a história de Amberé, narrada por Tio Damião a Dedé. Amberé era um indiozinho de 12 anos, valente, habilidoso, esperto e observador que, de acordo com o Tio Damião, representa os índios em geral em sua força, valentia, bondade e ajuda para construir o Brasil.

unesp

2.1.7 *A irmã do indiozinho*

Em *A irmã do indiozinho*, tem-se a história de Panambi, narrada por Tio Damião a Dedé. Panambi, irmã de Amberé, tinha a idade de Dedé, era uma indiazinha boa, viva e alegre que exercia na tribo todo o trabalho que cabia às mulheres daquela cultura. Ao ouvir a história de Panambi, Dedé, que quisera ser uma indiazinha, desiste da idéia, preferindo o papel da criança de sua cultura branca.

2.1.8 *A Gauchita*

Em *A Gauchita*, tem-se a história em que Rosa, a gauchita, conversa com Dedé a respeito do estado do Rio Grande do Sul. Na conversa, Rosa informa aspectos da linguagem e dos usos e costumes do povo gaúcho, enaltecendo-os por sua força e coragem.

2.1.9 *A formiguinha*

Em *A formiguinha*, tem-se a história narrada por Vovó a Dedé, da formiguinha que, aborrecida por ficar no formigueiro, devido à chuva, sai de lá e fica presa à lama, por mais de meia hora, até o sol desfazê-la. A formiguinha começa, então, a perceber que embora a lama seja forte, o sol é ainda mais e a observar que havia outras coisas mais fortes ainda — o morro que escondia o sol, o rato que roía o morro, o gato que comia o rato, o cão que mordia o gato, o homem que batia no cão —, até perceber que Deus era mais forte que todos, pois foi Ele que fez todas essas coisas, sendo Ele a bondade acima de todas as coisas.

Vovó concluiu que quando somos bons, amamos e servimos a Deus.

unesp

2.1.10 *No circo*

Em *No circo*, tem-se a história em que Dedé foi ao circo com Tio Damião e conheceu a rotina, os costumes, os artistas e os funcionários, até ser beijada nas faces por um palhacinho, que descera de pára-quedas, como se caísse das nuvens, e ter a pintura da cara dele passada inteira para seu rosto.

11. *Maria do Céu*

Em *Maria do Céu*, tem-se a história em que Maria do Céu conversa com Dedé sobre o estado do Ceará. Na conversa, Maria do Céu informa aspectos da linguagem, dos usos e costumes do povo cearense, enaltecendo-os por sua força, alegria e bondade e ressaltando que as migrações dos cearenses para o Norte e para o Sul, provam que todos somos brasileiros.

12. *E eu, também...*[10]

Em *E eu, também...*, tem-se a história de Dedé e seu tio que brincam de "E eu, também..." e Dedé, ganhando o jogo, ganha uma boneca baiana[11].

---

[10] Neste tópico, procurei registrar as poucas informações obtidas sobre o livro *Maria do Céu* a título de curiosidade e também para garantir uma visão total da Série Histórias do tio Damião, porque, como já informei, não conseguir localizar nenhum exemplar.

[11] Informações obtidas em: Fracarolli (1955).

unesp

2.2 Personagens

Além do aspecto gráfico, outro aspecto que caracteriza Histórias do Tio Damião como Série é a presença de personagens que transitam de um livro para outro. Dedé é a única personagem que está presente em todas as histórias; Tio Damião, Mamãe, Papai, Vovô e Vovó também "transitam" entre as histórias, porém com menos freqüência que a personagem menina. Curioso, nesse aspecto é a ausência do Tio Damião em todas as histórias, uma vez que é seu nome que se encontra no título da Série.

Outro aspecto relevante em relação às personagens na Série é o fator idade que, embora não venha explicitado no texto, é requisito para a composição dos personagens centrais. Os personagens crianças como protagonistas de histórias para crianças são explorados à exaustão na literatura infantil moderna, assim como jovens são, em geral, protagonistas da literatura juvenil, visando a garantir a empatia do leitor que se identifica com o personagem, pois compartilha com ele os mesmos problemas e visão de mundo, assim como os animais antropomorfizados, representantes da interioridade da criança e, por isso "[..] refúgio, desforra, pausa recreativa e compensadora que permitirá melhor enfrentar esse universo de regras [o mundo adulto]" (HELD, 1980, p. 106).

Em vista disso, na Série Histórias do Tio Damião, personagens crianças, como Dedé, Tininha, Maria Amélia, Seiene, Nana, Evaristinho, Amberé, Panambi, Rosa e Maria do Céu e animais antropomorfizados, como Totó, Gato-flor, o papagaio e a formiguinha ocupam um plano central no conjunto das narrativas.

Essa posição de centralidade da criança ou do animal que a representa pode ser verificada em suas ações e caracterizações e em suas relações com os personagens adultos, no cotidiano familiar, visando a refletir não somente na imagem da criança que se quer

unesp

transmitir para o leitor de uma faixa etária específica — seis a oito anos —, mas também representar o novo modo de ver a criança, sob a ótica da psicologia.

Dedé representa essa centralidade. Menina pequena, presumivelmente com a idade do leitor previsto para a Série, Dedé apresenta-se inocente, curiosa, carinhosa, questionadora, esperta, espirituosa, educada, bem humorada e sapeca nas histórias da Série, embora essas características sejam apresentadas de maneira indireta, pelas ações do personagem, uma vez que se trata de narrativas econômicas e breves.

Dedé mantém uma relação de respeito e obediência em relação à família, comum à época, como se pode observar nos fragmentos:

> — Abra a porta, Baianinha!
> — Pronto, titia.
> — Baianinha, venha cá!
> — Fique quieta, Baianinha!
> — Sim, senhora, mamãe. (LOURENÇO FILHO, 1942b, p. 3)
> [...]
> — *Baianinha*!
> — Já vou indo, papai... (LOURENÇO FILHO, 1942b, p. 16, grifo do autor),

mas, também revela alguma autonomia, independência e poder, quando:

- intervém, adia e ameniza o castigo de Totó: "Dedé pediu que não o castigassem. E, desta vez, Totó não foi castigado" (LOURENÇO FILHO, 1942a, p. 6); "Mas Dedé chegou e pediu que, ainda desta vez, o Totó não fôsse castigado. — *Sim*, mas ele vai é para a corrente!" (LOURENÇO FILHO, 1942a, p. 8, grifo meu);
- interpela as ordens de Mamãe e resolve realizar seu desejo de ir ao baile de Carnaval, não recebendo, por isso, nenhuma punição; pelo contrário, Dedé consegue ser aplaudida em sua atuação:

unesp

> A titia voltou à sala, chamando ainda:
> — Dedé! Dedé! onde é que você está?
> Então, Dedé tirou a máscara e cantou, assim:
> *Você já foi à Baía?...*
> *Não?!... pois vá, titia!...*
> Todos bateram palmas, rindo-se muito.
> A Mamãe não ficou zangada, não.
> Achou até muita graça.
> E todos acharam também muita graça na idéia da menina. (LOURENÇO FILHO, 1942b, p. 15, grifos do autor);

- defende e consegue a permanência do papagaio em sua casa e descobre como fazê-lo calar ou falar:

> — Dedé, mande êsse bicho outra vez para o Tio Damião!
> A Dedé pediu que o bicho ficasse ali mais alguns dias.
> Porque ela queria pedir-lhe que gritasse menos.
> — Papagaio *louro*, grite menos, grite menos, papagaio *louro*...
> Ouvindo isto o papagaio se calou.
> E ficou triste, muito triste, no seu poleiro, o dia todo, fechando os olhinhos como se quisesse dormir...
> Então Dedé já sabia, e fazia o papagaio falar ou calar:
> Quando dizia *Papagaio Real, de Portugal*, ele gritava.
> Quando dizia *Papagaio louro*, ele calava. (LOURENÇO FILHO, 1943a, p. 14-16);

- curiosa pela história do Saci, busca conhecê-la pela voz adulta de Tia Sabina, mas não se influencia por ela; a exemplo das crianças da casa do vizinho, Dedé não se convence do ponto de vista "antigo" da velha senhora e, mesmo não conhecendo a história do Saci, desbanca a crendice de Tia Sabina:

> — Saci-Pererê? que história é essa? perguntou ela.
> — Pois é mesmo uma história que os antigos contavam, explicou a Tininha.
> — Uma história?...
> — Sim. Diziam que nas matas morava um menino de uma perna só. Mesmo assim ele saltava muito depressa. E diziam que tinha sempre na cabeça um barretinho vermelho...
> — Que coisa engraçada!... e que fazia o Saci?
> — Dizem que ele assobiava e corria atrás das pessoas, que passassem na estrada para lhes pedir fogo.
> — Pedir fogo?... mas pedir fogo para quê?... (LOURENÇO FILHO, 1944a, p. 5-6)

unesp

> [...]
> — Mas estava tudo muito escuro, Tia Sabina? perguntou a Dedé.
> — Sim, estava mesmo...
> — Mas, Tia Sabina, se estava tão escuro, como é que seu pai viu que o barrete era vermelho e que o cachimbinho estava apagado?...
> — *Hum*! *Hum*! isso agora é que também não sei, não...
> As crianças olharam uma para as outras e seguraram a boca para não rir. (LOURENÇO FILHO, 1944a, p. 14, grifos do autor);

- interrompe, solicita informações suplementares, incorpora sua realidade às histórias narradas por contadores de histórias e dá sua opinião, como expectadora ativa daquilo que vive:

> — Que é *tribo*? titio.
> — *Tribo* quer dizer uma parte do povo dos índios. (LOURENÇO FILHO, 1944b, p. 3, grifos do autor)
> [...]
> Dedé estava se lembrando da história do indiozinho.
> — Nadar no rio... trepar as árvores... caçar com arco e flecha... ouvir os passarinhos na mata... brincar com os macaquinhos...
> Como seria bom, pensou ela, viver assim!
> — Mas, isso, logo pensou também, se eu fosse um menino. Um menino, como o indiozinho Amberé.
> Mas, sendo uma menina... Também seria assim com as meninazinhas índias? (LOURENÇO FILHO, 1946a, p. 3)
> [...]
> — Como é mesmo a casa dos índios, titio?
> — É um rancho de ramos e fôlhas de palmeiras.
> Ali quase não há mobília.
> Uma armação de varas, num canto finge de armário. É o caritó, ou jirau. (LOURENÇO FILHO, 1946a, p. 7)

> [...]
> — E, onde dormem êles?... no chão? perguntou a Dedé.
> — Não. Dormem em rêdes. Em redes trançadas de tucum. Também de outras fibras que os índios tiram de palmeiras ou dos ramos tenros de certas árvores.
> Algumas tribos fiam e tecem o algodão.
> E fazem bonitos tecidos.
> — Mas isso deve dar muito trabalho. Não é mesmo?...
> — Se dá trabalho?... Certo que sim.
> E tudo é feito pelas mulheres, ajudadas pelas moças e meninas da tribo.
> — Também as meninas, assinzinho, do meu tamanho?
> — Assim mesmo. Panambi tinha a sua idade e já sabia tecer muito bem. (LOURENÇO FILHO, 1946a, p. 8-9)
> [...]
> Dedé pensou um pouco, imaginando como seriam essas bonecas. Seriam bonitas? seriam feias?...

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

> Depois olhou para o tio Damião, e disse:
> — Quando você chegou, titio, eu ia dizer que havia de gostar de ser uma indiazinha. Mas agora já não estou querendo, não...
> — Preguiçosa! Só porque as indiazinhas trabalham muito?...
> Dedé não respondeu. Mas seus olhinhos, muito vivos, e as covinhas do rosto, tão brejeiras, estavam dizendo que era por isso mesmo. (LOURENÇO FILHO, 1946a, p. 16)
> [...]
> Havia um artista que se virava duas vezes no ar, e caía, em pé.
> — Até parece que ele tem asas! disse a Dedé.
> Engraçado é que, no meio deles, voltou o *Tóni*.
> — Que trapalhão! Errava tudo e caía sempre.
> E quando caía, ouvia-se um barulho de tábua: *tá, tá, tá...*
> — É porque não sabe, que ele cai assim? perguntou a Dedé.
> — Não, explicou o Tio Damião. Ele cai de propósito. O *Tóni* se finge de tonto, mas não é. Quase sempre ele é dos melhores artistas da companhia. (LOURENÇO FILHO, 1946d, p. 9-10);

- se junta a outras crianças e, independentes dos adultos, conseguem elas mesmas ensinar umas às outras o que não sabem, a exemplo das relações de Dedé com as crianças da casa do vizinho e com Rosa e Maria do Céu. Com essas duas últimas, no entanto, estabelece-se um paradoxo: embora crianças, Rosa e Maria do Céu demonstram mais do que uma criança poderia saber sobre seus estados de origem e, por isso, assumem uma postura adulta diante de Dedé, ensinando, com informações parciais e objetivas, aspectos da cultura das regiões Sul e Nordeste, respectivamente, e secundarizando a posição da criança. O modo educado e formal com que se relacionam, revela também essa posição secundária de Dedé:

> — Perdoe, Rosa. Mas, que são *estâncias*?
> — Estâncias significa sítios, fazendas. *Assim que* uma fazenda de gado por ali se chama estância.
> — E como é a vida na estância, Rosa?
> — Na estância se criam bois. Ou carneiros. Ou cavalos.
> Muito cedo, os empregados se levantam.
> Tomam uma cuia de mate, sem açúcar, e por isso chamado o *amargo* ou *chimarrão*.
> Montam depois no seu *pingo*. Quero dizer, no seu cavalo. E vão ver o gado. (LOURENÇO FILHO, 1946b, p. 7-8, grifos do autor)
> [...]
> E Maria do Céu olhou para longe como se estivesse recordando a sua terra.

> O Brasil inteirinho é bonito, disse Maria do Céu. Eu sei, porque tenho viajado. Mas o Nordeste tem coisas especiais...
> — Por exemplo?... perguntou a Dedé.
> — Por exemplo? O sertão. Por exemplo? As praias..., as jangadas..., as rendas..., os coqueirais..., os cajueiros..., os cantadores... Até o falar cantado da gente!... (LOURENÇO FILHO, 1951a, p. 5-6)

Seguindo essa tônica, Dedé revela sua fragilidade de criança e a legitima em seu papel social e cultural da época, quando:

- precisa da ajuda do adulto para realizar pequenas atividades, acentuando a assimetria da relação entre adulto e a criança:

> No domingo a Dedé pediu que pusessem o poleiro no chão.
> Porque ela mesma o queria limpar. Ela mesma queria dar água e comida ao papagaio.
> E, aí, olhando aquêles pés tão feios, prêtos, riscados, como se tivessem cortes, ela viu uma gotinha vermelha. Uma gotinha de sangue que descia da perna, do lugar onde estava a corrente, que prendia o papagaio ao seu poleiro.
> [...]
> — Mamãe! venha depressa ver o pobre bichinho, que não fala porque está machucado. E até está saindo sangue, coitado!...
> Então, a mamãe veio e desprendeu a correntinha.
> Prendeu-a de novo na outra perna, com cuidado.
> Ajudou a Dedé a limpar o poleiro, e pendurou-o outra vez no lugar. (LOURENÇO FILHO, 1943a, p. 8-9);

- precisa da proteção do adulto: "Mamãe teve de viajar com a Dedé, porque ela era também pequenina. E, como Gato-flor, não podia ficar sòzinha" (LOURENÇO FILHO, 1943b, p. 11);
- não tem voz, nem participação ativa nas situações cotidianas familiares:

> Mas Gato-flor miava, miava muito. Miava tanto que mamãe se aborreceu.
> — Não quero mais este gato em casa! foi o que ela disse, zangada.
> — Mamãe, eu cuido dele... disse a Dedé.
> — Não adianta, minha filha, não adianta. Este gato é ainda muito pequenininho, tão pequenininho que cabe na palma da mão. (LOURENÇO FILHO, 1943b, p. 5)

Desse modo, Dedé legitima a imagem da criança com "fases de desenvolvimento natural" ou "etapas de evolução psicológica" a cumprir e legitima também o papel reservado à criança na produção literária brasileira para crianças, à época, acentuando o efeito pretendido no leitor previsto. A literatura infantil cumpre seu papel de "instrumento de educação", conforme pretendido pelo autor da Série, ou seja, embora o espaço escolar não seja cogitado nas histórias, Dedé é o modelo da criança exemplar e feliz, equilibrada, bem humorada e educada, indicando um dos lugares onde a educação deve se dar: no seio familiar.

Esses aspectos se acentuam na antropomorfização dos animais, dada a relevância que adquirem aos olhos da criança, a exemplo de Dedé, para quem são "como gente".

Assim, Totó é castigado — embora a corrente que o prenda não apareça na voz de Papai como um castigo — para aprender a ser obediente. Preso à corrente, Totó sofre muitas perdas:

> Prêso não pode brincar.
> Prêso não pode correr.
> Prêso não pode estar junto de Dedé. (LOURENÇO FILHO, 1942a, p. 9)

Essas perdas são sentidas pelo cachorrinho, que passa a vigiar o quintal — "[...] dia e noite, êle ali estava de olhos abertos" (LOURENÇO FILHO, 1942a, p. 10) — e, por isso, denuncia um ladrão com seus latidos, recuperando sua liberdade. O castigo aplicado em Totó parece "educar" o cachorro, ou seja, torna-o obediente, e, por isso, amado. O mesmo acontece com o papagaio, que, embora não tenha recebido nenhum castigo, passa a obedecer sua dona e graças a seu "ensino", de "papagaio louro" (mudo, triste, encorujado) — portanto, comum —, passa a "Papagaio Real" (falante, vistoso, de penas brilhantes).

unesp

Gato-flor, por sua vez, assim como Dedé, precisa da figura adulta para protegê-lo e "educá-lo":

> A gata Mimosa gostou de ver Gato-flor, que era seu filho pequenino, tão pequenino que cabia na palma da mão (LOURENÇO FILHO, 1943b, p. 9)
> [...]
> Gato-flor corria e Mimosa miava baixinho.
> Miava baixinho como se o repreendesse. (LOURENÇO FILHO, 1943b, p. 12)
> [...]
> Mas ele era ainda tão pequenino, que decerto ia chorar muito, porque ia ficar longe da gata Mimosa (LOURENÇO FILHO, 1943b, p. 13).

A figura de Dona Amélia também representa o adulto e, por isso, é quem cuida do gatinho até ele crescer:

> — Pode deixar que eu trato dele. Trato dele com todo o cuidado, disse a boa vizinha Dona Amélia.
> — Você sabe! ele é ainda tão pequenino...
> Então Dedé foi mais consolada.
> Ninguém judiaria de Gato-flor.
> Ninguém furtaria Gato-flor.
> Ninguém faria Gato-flor chorar...
> Dona Amélia era uma boa senhora.
> Cuidaria, sim, cuidaria do gatinho. Então Dedé foi mais consolada. (LOURENÇO FILHO, 1943b, p. 13-14)

Ao ficar ao lado de Mimosa, na casa de Dona Amélia, tendo a proteção necessária, Gato-flor cresceu fisicamente:

> Três meses depois Dedé voltou.
> E, ao chegar, correu logo à casa da vizinha.
> — Dona Amélia, onde está o Gato-flor?
> — Pois você não vê, Dedé? É este gato grande, de corpo rajado, as patinhas muito brancas, e os olhos muito verdes.
> É esse gato gordo, crescido e forte... (LOURENÇO FILHO, 1943b, p. 15)

unesp

A formiguinha, por sua vez, compreende sua fragilidade e reconhece a força de Deus. Assim os animais são exemplos a serem seguidos, uma vez que se tornam melhores após sua "transformação", por meio da educação e do ensino.

Outras crianças personagens das histórias da Série que merecem atenção especial são os indígenas Panambi e Amberé. Por sua situação racial, essas crianças são diferentes das da raça branca, pois precisam trabalhar para viver; porém são tão espertas e inteligentes quanto as outras.

Legítimos representantes de sua raça, Panambi e Amberé têm conhecimentos adquiridos fora do ambiente urbano e habilidades próprias a sua cultura:

> — O indiozinho tinha doze anos e chamava-se Amberé.
> Era o mais belo menino da *tribo*. Não só o mais belo: era também o mais forte.
> Nadando no rio, ninguém o vencia.
> Subindo às árvores, ninguém o vencia. (LOURENÇO FILHO, 1944a, p. 3, grifos do autor)
> [...]
> — Pois Panambi era uma boa menina, viva e alegre.
> E, como tôda menina índia, trabalhava.
> [...]
> [...] Panambi tinha sua idade e já sabia tecer muito bem.
> Também sabia ralar mandioca.
> E sabia fazer com ela um bôlo muito bom. (LOURENÇO FILHO, 1946a, p. 3-9)

Esses conhecimentos atendem a dois motivos contrastantes na Série: um que aproxima as culturas, mediante a constatação de que o índio é parte ativa na construção do Brasil e merece ser respeitado por isso, porque também é brasileiro; e outro que diferencia as culturas e busca a manutenção dessas diferenças para conservação da cultura nacional.

> — Assim vivia o indiozinho, e assim ainda vivem os índios. É gente forte e boa, que já morava nas terras do Brasil quando a nossa terra foi descoberta.
> E, desde aí, quero dizer há mais de quatrocentos anos, os índios têm ajudado a construir o Brasil que nós conhecemos.
> — Como, titio?...

> — Trabalhando com os portugueses, que chegaram; ajudando-os na descoberta dos sertões, e misturando-se com êles. Os caboclos têm avós ou bisavós índios puros. E quase todos nós, Dedé temos um pouco de sangue índio. É sangue de gente forte, valente e boa! (LOURENÇO FILHO, 1944a, p. 16)
> [...]
> — Quando você chegou, titio, eu ia dizer que havia de gostar de ser uma indiazinha. Mas agora já não estou querendo, não...
> — Preguiçosa! Só porque as indiazinhas trabalham muito?...
> Dedé não respondeu. Mas os seus olhinhos, muito vivos, e as covinhas do rosto, tão brejeiras, estavam dizendo que era por isso mesmo. (LOURENÇO FILHO, 1946a, p. 16)

Tal contraste parece justificar porque somente depois de dois anos[12], a vida da irmã do indiozinho, Panambi, tenha sido tema de uma das histórias do Tio Damião na Série, ou seja, depois de exaltada a cultura indígena, o autor sentiu a necessidade de "situar melhor" para seu leitor o lugar ocupado por cada raça, inclusive, por situar o lugar da raça branca, uma vez que, como Dedé, as crianças leitoras da Série poderiam ter desejado ocupar um lugar que não era o seu:

> Dedé estava se lembrando da história do índiozinho.
> — Nadar no rio... trepar às árvores... caçar com arco e flecha... ouvir os passarinhos na mata... brincar com os macaquinhos...
> *Como seria bom, pensou ela, viver assim!*
> — Mas, isso, logo pensou também, se eu fosse um menino. Um menino, como o indiozinho Amberé.
> Mas, sendo uma menina... Também seria assim com as meninazinhas índias? (LOURENÇO FILHO, 1946 a, p. 3, grifos meus)

Os personagens adultos Tio Damião, Papai, Mamãe, Vovô, Vovó, Dona Amélia, Tia Sabina e titia, por sua vez, ocupam um plano circundante ao das crianças em cada narrativa, sustentando as ações das crianças e dos animais, ora para castigá-los, ora para auxiliá-los nas tarefas, ora para contar-lhes histórias. Além da idealização que se busca nessa relação,

---

[12] Vale lembrar que *O indiozinho* teve sua 1ª edição em 1944 e *A irmã do indiozinho*, em 1946. Fato curioso, uma vez que, nesse último, há uma alusão ao primeiro e retomada da temática relativa à vida indígena, sendo o espaço de dois anos, um período relativamente longo para essa retomada, em se tratando das características e finalidades de série, como Histórias do Tio Damião.

unesp

pois todas as histórias da Série apresentam uma família feliz e completa, o poder de sustentação dos adultos sobre as crianças contribui para o fluir da narrativa e para o estereótipo dos papéis sociais das famílias da época em que circula a Série: a última palavra é de Papai, e Mamãe é quem cuida de Dedé, por exemplo.

Os contadores de histórias — Tio Damião, Tia Sabina e Vovó —, por sua vez, "materializam" o narrador, adquirindo a responsabilidade pela narração, a fim de criar, desse modo, maior proximidade com o leitor, ao se dirigirem a ouvinte "real", Dedé e serem mediados por ela.

Esse narrador ficcionalizado foi e continua sendo bastante aproveitado na literatura infantil. Resgatado da tradição oral, esse recurso consegue garantir, dentre outras, dinamicidade na narrativa, uso de uma linguagem mais próxima do coloquial e apelo para a atenção do leitor, atraindo-o pelos diálogos travados entre contadores e ouvintes das histórias.

Tio Damião, curiosamente assume esse papel em apenas duas histórias; Vovó e Tia Sabina, assumem-no em outras duas. Devido à ligação com a tradição oral, são as duas últimas quem mais se aproximam desse papel, à maneira tradicional. Vovó, devido a sua idade, conta histórias antigas resgatadas da oralidade; Tia Sabina, devido a sua idade e origem, representa uma mentalidade popular e, por isso, pouco esclarecida.

> [...] Eu queria ouvir uma história *nova*, *bem nova*...
> Bem nova, Vovó, e bem bonita!"...
> — Ah! disse a Vovó, uma história bem nova, *bem nova*, eu não sei contar...
> Só sei mesmo velhas histórias, daquelas que minha avó também já sabia...
> (LOURENÇO FILHO, 1946c , p. 5, grifos do autor)
> [...]
> Tia Sabina era a velha criada da casa.
> Saíram todos à procura dela.
> — Tia Sabina, como é mesmo a história do Saci-Pererê? perguntou a Maria Amélia.

unesp

> — *Hum*! *hum*! não brinca não minha filha. Agorinha mesmo bateu meio-dia. Saci também aparece no meio do dia. É só a gente falar muito nele... Cruz! Credo!...
> Todos riram daquele receio da pobre Tia Sabina, já tão velhinha, tão velhinha. (LOURENÇO FILHO, 1944a, p. 7, grifos do autor)

Tio Damião, por sua vez, assume um papel social típico de tios e, apesar de ser um contador de histórias, não se assemelha ao estereótipo tradicional do contadores, como Vovó e Tia Sabina. Homem de meia idade, Tio Damião é esclarecido, bem humorado, paciente e sabe "histórias novas", como as de Panambi e Amberé.

Os personagens adultos nomeados genericamente — denominações relativas ao papel desempenhado na família, grafadas com letras iniciais maiúsculas — são assim denominados, visando a representarem quaisquer pais, mães, avôs e avós e estenderem suas funções aos familiares da criança leitora. Desse modo, esses personagens dão a última palavra, demonstrando seu poder em relação ao personagem criança, o que aponta para o sentido de formação das mentalidades infantis almejado pela Série, ou seja, para o "fim prático" da literatura infantil, segundo Lourenço Filho.

De acordo com Lourenço Filho, a criança leitora da Série tem necessidade inerente de formação, no que diz respeito ao seu "mundo interior". Esse "mundo interior" da criança vem explicitado nas histórias da Série por imagens muito próximas do ideal romântico da infância, como se pode verificar em *Maria do Céu*, pela voz do Tio Damião, numa referência à proveniência das crianças: "[...] Todas as crianças vêm do céu. Vêm mandadas por Deus para enfeitarem a Terra e alegrarem o coração dos pais" (LOURENÇO FILHO, 1951a, p. 3), antes indicada em *No circo*, na imagem do palhacinho caindo do céu.

A discussão dessa etapa da vida "angelical" vem também indicada em *Tão pequenino*... Nessa história, a imagem da infância torna-se uma etapa da vida a ser vencida

unesp

com o tempo, o que Dedé reluta em aceitar, por seu "egocentrismo" ou incapacidade de lidar com a "lógica coerente", de acordo com a psicologia.

O "mundo interior" da criança, como se pode depreender por meio das histórias da Série é "angelical" e, portanto, ingênuo e inocente, sendo a infância o preparo para a vida adulta.

A posição de centralidade da criança na Série Histórias do Tio Damião, portanto, reflete o lugar ocupado pela infância, de acordo com a nova concepção daquele momento histórico, que a Escola Nova busca disseminar, fundamentada na psicologia, a saber: a criança não mais é vista como um adulto em miniatura, nem tampouco a infância precisa ser encurtada, pois a vida é encarada como uma mudança contínua de profundo aperfeiçoamento interior e a criança é um ser em formação, a ser orientada e ter seu potencial desenvolvido no sentido de alcançar esse aperfeiçoamento. Esse ponto de vista psicológico é a base de sustentação que dá sentido à imagem da criança que o adulto — o autor-narrador — que a produziu tem, apontando para a afinidade almejada pela Série entre histórias e leitores. Nesse caso, a criança leitora identifica-se com a criança ou animal pequeno das histórias e pode tê-los para exemplo; assim, o "deleite para o espírito" serve de motivo para reflexão e formação de valores e atitudes.

2.3 Tempo

Decorrendo em curtos espaços de tempo, as histórias da Série Histórias do Tio Damião visam à realidade, de modo objetivo. Essa objetividade temporal configura o encadeamento "natural" dos acontecimentos, numa seqüência cronológica linear que segue o fluxo dos acontecimentos.



Desse modo, não há complexidade no encadeamento das ações, podendo ser mensuradas em alguns dias, por meio da alternância de dias e noites. Há, entretanto, em *Baianinha* a apresentação preliminar ao leitor *do que* aconteceu à menina, para atrair sua curiosidade e levá-lo a se dispor para a leitura e descobrir *como* e *por quê* aquilo aconteceu, não interferindo, no entanto, na simplicidade temporal.

> Todos chamam Dedé, assim, de Baianinha.
> Mas Dedé não nasceu na boa terra que é a Baía, não.
> Então, por que será?
> É o que vamos saber nesta história. (LOURENÇO FILHO, 1942b, p. 3-4)

Em *Saci-Pererê*, por sua vez, há um jogo temporal, no qual o passado vem à tona de duas maneiras: uma, pela história de Tia Sabina do seu tempo de menina, e, outra, pela "vida real", no comportamento das crianças que se divertem com a história, mas não crêem nela, impondo seu ponto de vista do presente. O tempo da narração duplica o tempo na narrativa, tematizando o passado a fim de rejeitá-lo e de sugerir o novo; buscando diluí-lo e originando uma aspiração à rejeição do pensamento mítico — e, por isso, não racional — que o move, assegurado pela intervenção dos que representam as novas gerações à história que se conta, pois questionam e interferem na história, concluindo-a, inclusive.

> Depois da merenda, Dedé lembrou o caso do Saci.
> Tia Sabina estava escolhendo feijão, e sem parar o seu trabalho, foi contando:
> — Pois é! Naquele tempo, *nhô* pai trabalhava na fazenda.
> Era de noite, e *nhô* pai vinha na estrada.
> Já passava das dez horas e estava tudo muito escuro!...
> De repente, *nhô* pai ouviu um assobio fininho, fininho, que até doía nos ouvidos da gente...
> — Seria desse jeito? disse o Evaristinho assobiando muito fino.
> — Decerto era assim mesmo. Fininho que até doía nos ouvidos... Então *nhô* pai espiou para trás. E viu um molecote, assinzinho, que pulava numa perna só.
> Depois êle chegou perto de *nhô* pai. Mostrou um cachimbinho apagado e pediu fogo... *Hum*! *hum*!... pediu fogo, três vezes, assim:
> — Me dá fogo! me dá fogo! me dá fogo!...
> — E que fez seu pai?... perguntou a Dedé.
> — *Hum*! *hum*!ele tirou o isqueiro da algibeira e deu para o Saci acender.
> Mas não era isqueiro desses que se usam agora, não.

unesp

> Era isqueiro de bater com um ferrinho numa pedra que dá faísca. Saía faísca e pegava numa isca de pano. Então se punha aquele foguinho no cachimbo, e o cachimbo acendia.
> (LOURENÇO FILHO, 1944a, p. 10 -12, grifos do autor)

De qualquer modo, a marcação temporal em todas as histórias da Série é feita de modo objetivo pelo narrador, e sua importância é evidente no eixo narrativo, em vários níveis. Primeiro, porque confere exatidão e veracidade à história narrada, objetivando-a em um tempo preciso e conhecido: o tempo passado. Depois, porque facilita a leitura do leitor almejado — a criança de seis a oito anos. E, ainda, porque esse tempo é mensurável, em dias, semanas, meses, num ritmo narrativo acelerado em algumas histórias, lento, em outras, mas sempre adequado à necessidade de garantir a adesão do leitor.

O ritmo acelerado garante o dinamismo da narrativa, centrada na ação; o ritmo lento enfatiza as ações, chamando a atenção do leitor para detalhes que se querem realçados.

O tempo passado, privilegiado em todas as narrativas, é modificado pelo narrador, no final da narrativa, quando passa a "falar" no presente. Esse artifício, além de trazer a subjetividade do narrador, como autor, busca trazer a "realidade" para a ficção. Assim, um tempo "real" é utilizado para produzir o efeito desejado no pequeno leitor: o de passar do "[...] mundo egocêntrico, que se satisfaz com criações irreais, [para o] de pensamento socializado, ou de características lógicas normais" (LOURENÇO FILHO, 1959a, p. 176).

2.4 Espaço

O espaço predominante nas narrativas da Série Histórias do Tio Damião é o espaço urbano. Embora não haja preocupação, na maioria das histórias, em particularizar sua caracterização, as ações dos personagens apontam para essa constatação, uma vez que se

comportam como habitantes da cidade que freqüentam bailes de Carnaval (*Baianinha*), mudam de ares — vão para ares rurais — quando doentes (*Tão pequenino...*), recusam lendas como verdades (*Saci-Pererê*), participam de espetáculos circenses (*No circo*) etc.

A representação do urbano diz respeito à urbanização crescente à época, servindo para conferir verossimilhança às histórias, a fim de permitir ao leitor identificação com o espaço representado. Nesse caso, há bastante afluência ao espaço que assume uma função que se quer predominantemente estética, na maioria das histórias, pois serve apenas de cenário à ação, que busca representar a realidade diretamente pelo processo mimético.

Em vista disso, a indicação do espaço regional brasileiro, serve de cenário para os propósitos das histórias da Série: divulgar o Brasil aos brasileiros.

> O nome recorda a boa e bela terra do Brasil, a Baía. (LOURENÇO FILHO, 1942a, p. 16)
> [...]
> — E que lindos são os meus pagos! continuou Gauchita.
> Ali, não existem montanhas altas.
> Ali, não existem matas grandes.
> Ali, os campos verdes parecem não ter fim.
> A campanha se estende a perder de vista...
> E, no meio dela, aparecem as estâncias. Tudo tão bonito, tão bonito! (LOURENÇO FILHO, 1946b, p. 7)
> [...]
> — O Brasil inteirinho é bonito, disse Maria do Céu. Eu sei, porque tenho viajado. Mas o Nordeste tem coisas especiais...
> — Por exemplo?... perguntou a Dedé.
> — Por exemplo? O sertão. Por exemplo? As praias..., as jangadas..., as rendas..., os coqueirais..., os cajueiros..., os cantadores... Até o falar cantado da gente!... (LOURENÇO FILHO, 1951a, p. 5-6)

E ainda, o espaço indígena serve de cenário e de parâmetro para a cultura branca. Desse modo, enfatiza-se o espaço ocupado, de modo, a "recriar" no espírito infantil, com maior equilíbrio, "os sonhos e fantasias" que o povoam, por meio das cenas "reais" que se descrevem, sem caricaturas (LOURENÇO FILHO, 1959a).

unesp

2.5 Núcleos temáticos

Os núcleos temáticos priorizados nas histórias da Série Histórias do Tio Damião podem ser sintetizados em Educação e Nacionalismo.

A Educação, entendida como auto-controle, para civilizar e diferenciar o homem, é valorizada por meio do ensino, privilegiando a alma, a cultura e o espírito em detrimento do corpo, da natureza e da matéria.

Em *Totó* e *Papagaio Real* o autor-narrador destaca a importância do "ensino" — e não adestramento — aos animais, o que os aproxima do ser humano e os valoriza, pois cachorrinho e papagaio "obedientes", tornando-se amado, o primeiro, e "Real", o segundo.

Embora em ambos os casos não haja castigos físicos diretos, a exemplo da "escola tradicional", nem tampouco o "ensino" dado ao cachorro e ao papagaio sejam considerados pelo narrador como forma de punição, Totó fica preso à coleira e o papagaio é "ameaçado" por Dedé:

> Papagaio, *se você não falar, se você não falar...* eu não gosto mais de você, ouviu mesmo, seu *Papagaio Real, de Portugal*! (LOURENÇO FILHO, 1943a, p. 11, grifos do autor)

Tão pequenino e *Saci-Pererê*, da mesma forma, exploram a temática da Educação. O gatinho "não é gente", mas olha e sofre "como gente", aos olhos de Dedé que, como criança, identifica-se com a fragilidade do pequeno animal. A lenda do Saci, por sua vez, é enunciada por meio de dois pontos de vista em que os representantes da modernidade são os "esclarecidos", em oposição aos antigos, representantes das "trevas". Assim, a Educação e sua importância permeiam essas narrativas, ou para indicar os adultos como responsáveis pelo "crescimento" da criança, indivíduo psicologicamente diverso do adulto

unesp

e "menor", ou para mostrar a mentalidade moderna — educada/civilizada — como a melhor e mais promissora.

A Educação, ainda, é tema de *A formiguinha*, uma vez que, depois de uma experiência traumática — ficar presa à lama — e instrutiva, a formiguinha recebe um ensino religioso e compreende por que se "libertou". Esse apelo religioso cristão busca trazer a figura de Deus como criador de todas as coisas. "Deus está na moda", afirmava André Gide em relação à literatura francesa da época (GIDE apud CANDIDO, 1989). Valendo-se dessa "moda" e buscando estrategicamente interlocução com os intelectuais católicos, contrários ao pensamento escolanovista, Lourenço Filho tematiza a fé, como dimensão estética e parece contribuir, por meio da literatura infantil, para abrandar a longa disputa entre católicos e liberais escolanovistas acerca do ensino religioso nas escolas públicas brasileiras[13].

O nacionalismo, por sua vez, é explorado na Série, por meio da exaltação e valorização da natureza, do povo e das regiões brasileiras, para "abrasileirar" o brasileiro, pois, segundo Lourenço Filho, não se ama aquilo que não se conhece. Em *Baianinha,* o estado da Bahia é exaltado; em *O indiozinho* e *A irmã do indiozinho*, há a exaltação do povo indígena e sua contribuição para o desenvolvimento nacional; em *A Gauchita* e *Maria do Céu*, o nacionalismo se expressa por juízos elogiosos e entusiasmados ao povo gaúcho e cearense, respectivamente.

Nos livros acima citados, o tom eufórico preside a descrição dos estados de cada região mencionada, numa espécie de ufanismo nacionalista, destacado pelo uso intenso de adjetivos qualificativos. A Bahia é uma "boa e bela terra", o Rio Grande do Sul é uma

[13] A respeito da luta entre católicos e liberais escolanovistas acerca do ensino religioso, na década de 1930, ver: Romanelli (2003).

unesp

"terra linda" e o Ceará é um "lugar especial"; os povos desses vários "brasis", considerados pela Série são também variados, mas servem a uma campanha de unidade nacional. São as Mães Pretas, "[...] as velhas africanas que ajudaram a criar a nossa terra" (LOURENÇO FILHO, 1942a, p. 16); são os índios, "gente forte e boa", que já habitavam o Brasil quando foi descoberto e que têm ajudado a construí-lo, "[...] trabalhando com os portugueses, que chegaram; ajudando-os na descoberta dos sertões, e misturando-se com eles" (LOURENÇO FILHO, 1944b, p. 16); são os gaúchos, fortes, corajosos e ativos que amam o Brasil e buscam servir ao país; são os cearenses, gente forte, alegre e boa que compõe a terra brasileira.

As peculiaridades desses estados não terminam aí. Há também a questão da linguagem que, incorporada pelos personagens, especialmente por Rosa e Maria do Céu, representam as especificidades lingüísticas de seus respectivos estados, de modo a valorizá-los.

A exaltação ao Ceará merece atenção especial, pois foi o estado em que Lourenço Filho morou entre janeiro de 1922 a dezembro de 1923, tendo, por isso, "conhecimento de causa" para retratar a região. Além disso, a cidade de Juaseiro, no Ceará, fora tematizada em *Joaseiro do Pe. Cícero* (1926), numa visão muito negativa desse padre estendida para a região. Em virtude disso, *Maria do Céu* parece a "redenção" de seu autor, numa espécie de pedido de desculpas ao povo cearense, por meio da exaltação do Ceará, na voz de Maria do Céu, a simpática cearense que, em primeiro lugar, é brasileira, depois, é nordestina, mas no fundo do coração, é mesmo cearense.

A Bahia e o Rio Grande do Sul, por sua vez, são estados que também tiveram grande ligação com o autor de Histórias do Tio Damião. A Bahia, por sua ligação a Rui Barbosa e Anísio Teixeira, baianos com quem Lourenço Filho manteve relações

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

intelectuais e, no caso do segundo, também pessoais, de amizade; e o Rio Grande do Sul, pela assistência e assessoria prestada por Lourenço Filho naquele estado, quando colaborou diretamente para a renovação de seu sistema escolar, permanecendo lá por um mês, na década de 1940 (ABU-MERHY, 1997).

De qualquer modo, no entanto, o Rio Grande do Sul e o Nordeste brasileiro são as regiões privilegiadas pela literatura "de ponta" da época; o primeiro, por sua projeção política e o segundo, pela consciência nacional que despertou para seus problemas e peculiaridades (CANDIDO, 1989). Segundo Candido (1989), nessa época houve a extensão das literaturas regionais e sua transformação em cujo âmbito e sentido se tornaram nacionais.

3. O modo de narrar

Neste capítulo, faço uma descrição e análise de aspectos da forma da Série Histórias do Tio Damião. Para isso, descrevo e analiso aspectos da organização da narrativa, do narrador e ponto de vista e da linguagem da Série, em conjunto. Ao destacar a organização da narrativa, busco também interpretar os possíveis "sentidos" que cada história assume no conjunto dessa organização, categorizando-os. Apesar dos riscos dessa categorização, consciente da inexistência de formas fixas na literatura, considerei necessário atribuir esses "sentidos", para melhor compreensão da literatura infantil de Lourenço Filho.

3.1 Organização da narrativa

As histórias da Série Histórias do Tio Damião se organizam em torno de 12 e 13 páginas, sem divisão de capítulos, numa seqüência cronológica linear, conforme já informado, almejando a "simplicidade", com exceção de *Baianinha*, em que a narrativa se inicia numa espécie de *flashback*.

Todas as narrativas se desenvolvem por meio de situações breves, encadeadas a partir de relações lógico-causais, condensadas em torno de um único conflito, com poucos personagens, em tempos curtos e em espaços restritos e centram-se na ação. Nesse sentido, o dinamismo característico de todas as histórias da Série distribui-se em situações particulares em que predominam aspectos especializados.

Numa tentativa de categorizar essas situações particulares, cheguei à seguinte divisão:

a. narrativas exemplares: *Totó*, *Papagaio Real*, *Tão Pequenino...* e *A formiguinha*;
b. narrativas informativas: *O indiozinho*, *A irmã do indiozinho*, *A Gauchita* e *Maria do Céu*;

c. narrativas lúdicas: *Baianinha*, *Saci-Pererê* e *No circo*.

Nas *narrativas exemplares* da Série, o eixo narrativo desenvolve-se nos moldes da tradição literária para crianças, em que a seqüência de acontecimentos que se desenvolvem buscam um equilíbrio final para o desequilíbrio provocado por origens diversas: o cachorrinho desobediente, porque não tinha "ensino", o papagaio que não fala, o gatinho frágil devido ao seu tamanho e a busca da formiguinha. Coincidentemente ou não, os animais antromorfizados são os protagonistas dessas narrativas na Série, o que leva a supor que, para amenizar o tom instrutivo, o autor optou por representar metaforicamente a criança, de modo a alcançar o resultado final motivado pela relação de causalidade como princípio.

As *narrativas informativas* baseiam-se na lógica, supostamente dialógica, de perguntas e respostas, típica dos livros didáticos. Em *O indiozinho* e *A irmã do indiozinho*, Dedé interfere na narração das histórias por parte do Tio Damião mediante esse recurso. Em *A Gauchita* e *Maria do Céu*, o caráter informativo é mais enfatizado, devido ao diálogo estabelecido entre Dedé e as outras meninas, em forma de perguntas e respostas diretas, que buscam direcionar a leitura para uma leitura prevista de adesão ao ponto de vista do narrador.

Nas *narrativas lúdicas*, há um esforço maior na busca de evasão e sonho, uma vez que buscam aguçar a curiosidade do leitor, por meio de sugestões, surpresa e humor. Em seu conteúdo exploram-se: crianças ativas, criativas e participantes; o pensamento crítico em oposição ao senso comum; o conhecimento e a habilidade infantil.

É importante salientar que o esforço de categorização diz respeito à predominância de um aspecto que especifica cada narrativa, numa tentativa de leitura possível, pois a fluidez e a relatividade que caracterizam o gênero e, em particular, as histórias analisadas,

unesp

impossibilitam a existência de formas narrativas puras e fixas. Nas narrativas indicadas, vários aspectos se mesclam e se sobrepõem, de modo a amenizar o caráter predominante: exemplar, informativo ou lúdico.

Um recurso importante utilizado nas histórias que ameniza o tom exemplar ou informativo é a utilização do humor e da surpresa. Estes últimos buscam suavizar o caráter instrutivo e didático da natureza da literatura infantil de Lourenço Filho, mesmo nas histórias por mim classificadas como *exemplares* ou *informativas*. Com a utilização do humor e da surpresa, passa-se para um *tom* bastante leve, propiciado também pela narração de fatos do cotidiano e pela não-presença de qualquer aspecto que cause medo ou terror.

Diante disso, a surpresa busca despertar a curiosidade do leitor e não o medo. A ausência de medo ou terror na Série parece ser uma espécie de réplica ao que se propunha e se fazia em termos de literatura infantil no período anterior ao seu, de modo a propor uma mudança na concretização do gênero[14].

> — Aconteceu que um dia não passaram cotias.
> Também não passaram mocós.
> A mata estava quieta, muito quieta.
> Nem mesmo os passarinhos cantavam.
> Só se ouvia o vento que passava nas fôlhas.
> Amberé coçou a cabeça e pensou um pouco.
> — Ah, já sei, disse ele, *iaguá etá*!
> Era como se dissesse: *muitas onças andam por aqui.*
> [...]
> [...] Pensando nisso, Amberé correu para a taba. Ia avisar seu pai, o índio Cambá.
> — A onça não só espanta a caça. Ela é também perigosa para os índios.
> Por isso, Cambá chamou dois de seus amigos.
> Conversou com êles, combinando a caçada.
> [...]
> E depois, e depois? perguntou aflita a Dedé. Mataram a onça?...
> — Espere. Logo que os índios grandes entraram na mata, riram-se muito...
> A onça não andava por aqueles lados.

[14] Em virtude de a criança ser encarada como um adulto em miniatura, até o século XVII, participava do mundo "adulto" trabalhando, testemunhando processos naturais, como nascimento, doença e morte e participando da vida pública. (ZILBERMAN, 2003). Muitas histórias dirigidos a ela, a partir dessa concepção, buscavam amedrontar e horrorizar.

unesp

> O que estava espantando a caça miúda era um macaco sabido, que aprendera a gritar quase como o miado da onça. (LOURENÇO FILHO, 1944b, p. 9-12, grifos do autor)
>
> [...]
>
> — Olá, Tóni! Você quer ganhar dez cruzeiros?...
> — Decerto que quero...
> — Então me responda: quando é que o cavalo fala?...
> — Quando é que o cavalo fala?...
> — Sim. Quando é que o cavalo fala?...
> — Ah! o que você perguntou foi mesmo *quando é que o cavalo fala*?...
> — Sim, homem! Quando é que o cavalo fala?...
> — Ah! bem! Eu pensei que você queria saber quando é que o cavalo fala... (LOURENÇO FILHO, 1946d, p. 14, grifos do autor)

O desfecho de cada narrativa é organizado de maneira separada e suplementar à história, com exceção a *Tão pequenino*, *A irmã do indiozinho*, *No circo* e *Maria do Céu* que apresentam finais interessantes e muito bem humorados, "mais abertos" que nas outras narrativas. Nestas últimas, os desfechos servem ou como pretexto ou para indicação direta da lição que se quer transmitir.

> Até os animais precisam de educação.
> Totó era um pobre cãozinho sem dono, que não tinha ensino.
> Depois, tornou-se querido por todos [...] (LOURENÇO FILHO, 1942a, p. 15)
>
> [...]
>
> Desde êsse dia, Dedé ficou sendo chamada de *Baianinha*.
> Ninguém a chama mesmo de outro nome.
> E ela gosta disso. Porque, não?
> O nome recorda os primeiros tempos de nossa terra.
> O nome lembra a Mãe Preta, as velhas africanas que ajudaram a criar a nossa terra [...] (LOURENÇO FILHO, 1942b, p. 16, grifos do autor)
>
> [...]
>
> A verdade é que nenhuma delas [as crianças] podia acreditar mais no Saci-Pererê.
> E tôdas faziam muito bem.
> O Saci é uma simples história para divertir, nada mais...
> Na casa do vizinho, o Saci que existe é o Evaristinho.
> Mas esse não anda pelas matas, de noite, assustando ninguém.
> Esse dorme cedo e é bem comportado... (LOURENÇO FILHO, 1944a, p. 15)
>
> [...]
>
> — Ah! é então por isso, Rosa, que você gosta que a chamem de Gauchita?
> — Assim é. Gauchita sou com muita alegria, nascida no Rio Grande do Sul, assim como tu te alegras de ser baianinha. Gauchita sou para servir sempre à nossa terra...
> E as duas meninas se abraçaram. (LOURENÇO FILHO, 1946b, p. 16)

unesp

> [...]
> E a formiguinha compreendeu que a bondade é a maior e a mais forte de todas as coisas, porque mora no coração de Deus.
> — Sim, explicou a Vovòzinha, a bondade mora mesmo no coração do Criador.
> E tão forte ela é que daí se reflecte em nosso coração, quando queiramos amar e servir a Deus.
> Assim compreendeu a formiguinha, Dedé, e assim, também, todos nós devemos compreender.
> Quando somos bons, estamos amando e servindo a Deus. (LOURENÇO FILHO, 1946c, p. 16)

3.2 Narrador e ponto de vista

Na Série Histórias do Tio Damião o narrador ocupa um espaço maior do que apenas o daquele que, de fora dos fatos, narra imparcialmente os fatos conforme eles ocorrem. Em vista disso, o narrador busca "falar" com o leitor, limitando sua participação dentro de um recurso de perguntas/respostas e, muitas vezes, julga diretamente o comportamento dos personagens.

> Mas o caso é que Totó era levado da breca!
> Vejam o que êle fez no dia seguinte: puxou a toalha da mesa.
> [...]
> Já viu uma coisa dessas?... (LOURENÇO FILHO, 1942a, p. 3-4)
> [...]
> Imaginem que a mesa do café estava pronta. (LOURENÇO FILHO, 1942a, p. 7)
> [...]
> Mas por que não se comportou direito? (LOURENÇO FILHO, 1942a, p. 9)
> [...]
> Quando Dedé se viu ao espelho, achou muita graça.
> Ela estava como uma figura que já tinha visto num jornal.
> *Que figura era aquela?...*
> *Ah! era a figura de uma baiana, vendedora de cocadas.* (LOURENÇO FILHO, 1942b, p. 7, grifos meus)
> [...]
> *E , agora? Dedé estava ou não igual à figura?...*
> *Não. Ela ainda não estava igual à figura.*
> *Faltava ainda alguma coisa.*
> *Que é que faltava?*
> *Faltavam as cocadas da cestinha.*(LOURENÇO FILHO, 1942b, p. 9-10, grifos meus)

O narrador vê os acontecimentos, fingindo-se neutro, mas conhece de antemão a história, por isso comenta, responde o que pergunta e analisa. Busca, com isso, não somente firmar o exemplo e explicitar a "lição", mas também trazer o leitor para "dentro" da narrativa, conseguir a sua empatia e garantir sua presença e compreensão.

Em relação ao exemplo, os modelos narrativos da Série centram-se numa seqüência de acontecimentos que se desenvolvem buscando um equilíbrio final para o desequilíbrio provocado. O comportamento dos personagens, o desenrolar da ação, a ocupação do espaço, o tempo decorrido, tudo aponta para o alcance do resultado final, ou seja, a narrativa se centra na ação em busca da "lição" que se quer transmitir.

Para essa "lição", o narrador organiza a narrativa segundo seus critérios e expõe seu ponto de vista, garantindo sua presença na narrativa como aquele que comunga efetivamente do cotidiano dos personagens que transitam pelas narrativas da Série e, por isso, pode tecer comentários, analisar e julgar o comportamento deles.

Os verbos na terceira pessoa do singular marcam lingüisticamente a posição assumida pelo narrador que vai penetrando no pensamento dos personagens e passa a ser uma espécie de "filtro", por meio do qual a narrativa flui.

> — Por que Gato-flor miava tanto assim?...
> Por que chorava como se fosse gente?
> Decerto, porque tinha fome.
> Decerto, porque tinha frio.
> Decerto, porque estava longe da mãe dele, a boa gata Mimosa.
> Decerto, porque era muito pequenino, tão pequenino que cabia na palma da mão. (LOURENÇO FILHO, 1943b, p. 7)
> [...]
> — Então, a gente não pode ser pequenina?...
> — Pode, disse a Mamãe, mas *gato não é gente.*
> *Não é gente, mas olha como gente.*
> *Não é gente, mas sofre como gente.*
> Tudo isso pensava a Dedé, daquele gato pequenino, tão pequenino que cabia na palma da mão. (LOURENÇO FILHO, 1943b, p. 6, grifos meus)
> [...]
> — Por que Gato-flor miava tanto assim?...

> Por que chorava *como se fosse gente*? (LOURENÇO FILHO, 1943b, p. 7, grifos meus)
> [...]
> Dedé tinha notado que Rosa dizia sempre *tu*, e não *você*.
> Que dizia, por exemplo, *abre tu a porta*, e não *abra você a porta*.
> Que dizia também tama*inho*, e não tama*ninho*; verme*linho* e não verme*lhinho*...
> Que dizia, muitas vêzes, *assim que*:
> — *Assim que* está bonito o dia...
> — *Assim que* tu és uma guapa menina...
> — *Assim que* sou Gauchita... (LOURENÇO FILHO, 1946b, p. 5, grifos do autor)
> [...]
> Dedé já sabia que, no Ceará, *legume* quer dizer feijão, arroz, mandioca... Que *fruteiras brotam* quer dizer que os pés de fruta dão fruta... Também não estranhava que Maria do Céu dissesse *sei, não — estou, não — sou, não*... É um modo de dizer do Norte, muito gracioso. (LOURENÇO FILHO, 1951, p. 9, grifos do autor)

Assim, o narrador não abre mão do seu ponto de vista e, como "todo poderoso" e onisciente, conduz o desenrolar dos acontecimentos para firmar o exemplo. Em vários momentos ele dá prova disso, revelando aspectos que afirmam seu poder sobre a situação, narrando, explicitamente ou pela voz de algum personagem, o "bom" e o "belo", conforme o seu ponto de vista e garantindo à narrativa o caráter de "verdade" e "realidade" para produção de um efeito sobre o leitor.

Explicitando sua opinião, ao final das narrativas, como indiretas "morais", o autor-narrador secundariza o eixo narrativo e demonstra, de forma marcante, a significação mais direta, ampla e perene que cada narrativa representa.

Sua aparente objetividade é, na verdade, um modo de dissimular a subjetividade do autor-narrador adulto. A fala dos personagens, especialmente dos "contadores de histórias" não é outra coisa senão a "fala" do autor-narrador, assim como toda a organização da narrativa não é obra do narrador "autônomo", mas de um dissimulado autor.

Por outro lado, apesar de, na Série Histórias do Tio Damião, as histórias serem apresentadas de um ponto de vista adulto, as pequenas travessuras, tipos, usos e costumes

regionais e aspectos do folclore brasileiro são vividas/apresentadas por personagens que, ao menos virtualmente, partilham com seu leitor a mesma faixa etária, os mesmos valores, visões de mundo parecidas, ou seja, encontram-se em "pé de igualdade" com o leitor. O narrador encontra aí o limite de seu poder, pois, preso a uma faixa etária e buscando a empatia de seu leitor, vê-se obrigado a selecionar quantitativa e qualitativamente a informação, narrando parcialmente a história.

3.3 Linguagem

Além do aspecto gráfico, a linguagem utilizada na Série Histórias do Tio Damião apresenta-se como o aspecto mais renovador, em sua época[15].

As narrativas buscam ser simples, adaptadas às idades a que se destinam, pois se utilizam de uma linguagem bastante simples com vocabulário comum e estruturas sintáticas formadas por períodos curtos, de acordo com o ponto de vista de seu autor. Além disso, lançam mão de muitas repetições e de um "tom" de oralidade, coloquial para a época, que aproxima o narrador do leitor, exigindo maior participação deste último, mesmo que seja uma "participação conduzida".

De acordo com Lourenço Filho (1943c; 1959a), a linguagem tem uma dupla função: a de significar/informar e a de sugerir/criar, residindo nesta última a elaboração artística característica da literatura infantil. Para tentar cumprir essa função, a linguagem nas narrativas da Série centra-se no recurso de perguntas/respostas já mencionado, ou em que o narrador pergunta e responde, ou em diálogos travados entre os personagens, em que, ao

---

[15] O aspecto criador da linguagem utilizada por Lourenço Filho em seus textos para crianças é apontado por Lajolo e Zilberman (1981) ao afirmarem que o escritor "imita" Monteiro Lobato e Graciliano Ramos nesse aspecto.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

mesmo tempo em que se dá voz ao personagem, o narrador "filtra" e conduz diretamente esses diálogos, para o efeito desejado no leitor.

Mesmo nos diálogos entre os personagens, portanto, a presença do narrador adulto é perceptível, uma vez que transfere para a fala dos personagens — mesmo os personagens crianças — uma posição adulta frente à realidade, a exemplo de Rosa e Maria do Céu.

Por outro lado, o sentido sugestivo e criador da linguagem da Série pode ser vislumbrado no aproveitamento das variações lingüísticas regionais e no humor e suspense imprimido à narração.

> — Espere. Logo que os índios grandes entraram na mata, riram-se muito...
> A onça não andava por aqueles lados.
> O que estava espantando a caça miúda era um macaco sabido, que aprendera a gritar quase como o miado da onça. (LOURENÇO FILHO, 1944b, p. 12)
> [...]
> Dedé estava se lembrando da história do indiozinho.
> — Nadar no rio... trepar as árvores... caçar com arco e flecha... ouvir os passarinhos na mata... brincar com os macaquinhos...
> Como seria bom, pensou ela, viver assim!
> — Mas, isso, logo pensou também, se eu fosse um menino. Um menino, como o indiozinho Amberé.
> Mas, sendo uma menina... Também seria assim com as meninazinhas índias? (LOURENÇO FILHO, 1946a, p. 3)
> [...]
> Dedé pensou um pouco, imaginando como seriam essas bonecas. Seriam bonitas? seriam feias?...
> Depois olhou para o tio Damião, e disse:
> — Quando você chegou, titio, eu ia dizer que havia de gostar de ser uma indiazinha. Mas agora já não estou querendo, não...
> — Preguiçosa! Só porque as indiazinhas trabalham muito?...
> Dedé não respondeu. Mas seus olhinhos, muito vivos, e as covinhas do rosto, tão brejeiras, estavam dizendo que era por isso mesmo. (LOURENÇO FILHO, 1946a, p. 16)
> [...]
> Dedé foi ao circo.
> — Com quem ela foi?!
> — Ora, naturalmente que foi com o Tio Damião. (LOURENÇO FILHO, 1946b, p. 3)
> [...]
> O mais difícil foi quando a moça se atirou de um trapézio para o outro, e foi dar nele, bem certinho.
> Também, se não desse... Nem é bom falar. (LOURENÇO FILHO, 1946b, p. 4)
> [...]

unesp

> Mas, depois, foi uma gargalhada também geral.
> Todos, todos riam.
> E querem saber por quê? (LOURENÇO FILHO, 1946b, p. 16)
> [...]
> — Olá, Tóni! Você quer ganhar dez cruzeiros?...
> — Decerto que quero...
> — Então me responda: quando é que o cavalo fala?...
> — Quando é que o cavalo fala?...
> — Sim. Quando é que o cavalo fala?...
> — Ah! o que você perguntou foi mesmo *quando é que o cavalo fala*?...
> — Sim, homem! Quando é que o cavalo fala?...
> — Ah! bem! Eu pensei que você queria saber quando é que o cavalo fala... (LOURENÇO FILHO, 1946d, p. 14)
> [...]
> Ela [Dedé] ficou tão contente que se aproximou do palhacinho e o beijou em ambas as faces.
> [...]
> Mas, depois, foi uma gargalhada também geral.
> Todos, todos riam.
> E querem saber por quê?
> Porque a pintura da cara do palhacinho havia passado toda inteirinha para o rosto da menina... (LOURENÇO FILHO, 1946b, p. 16)
> [...]
> — Pois o meu Ceará é assim, terra de gente forte, alegre e boa! Do Ceará tem ido muita gente para povoar o extremo Norte, o Acre, o Amazonas, o Pará. Muitos cearenses têm vindo também para o Sul...
> — Eu sei, Maria do Céu. O Tio Damião me disse que os cearenses são os *bandeirantes do Norte*.
> — Decerto que são. Por isso, eu já disse a você que, em primeiro lugar eu sou *brasileira*. Depois, sou *nordestina*. Mas, no fundo do coração, eu sou mesmo... *cearense*!
> E falando muito cantado, por brincadeira, Maria do Céu perguntou:
> — *Não ouviu, não, bichinha*?! (LOURENÇO FILHO, 1951, p. 16, grifos do autor)

Desse modo, a linguagem utilizada na Série remete a dois aspectos principais: um, ligado a uma concepção estética consciente em que a linguagem constitui expressão de arte, "[...] devendo obedecer a cânones de harmonia, de graça, de nitidez" (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 159), e outro ligado a uma concepção pedagógica de formação em que o "belo" sugerido pela linguagem deve se guiar prioritariamente pela utilidade que pode propiciar e pelo "bom" em que pode resultar.

unesp

4. Relações intertextuais

Neste capítulo, apresento as relações intertextuais da Série Histórias do Tio Damião, pela alusões e referências — em traços implícitos e explícitos — a outros textos em suas histórias.

***

Totó inaugura, no âmbito da Série, um intercâmbio discursivo, dando ao seu protagonista o mesmo nome do cachorrinho de Dorothy, no livro *O mágico de Oz*, de Frank Baum, cuja 1ª edição é de 1900. Embora neste último texto Totó não seja mais de que o companheiro da protagonista, atuando literalmente como um cachorrinho e ainda tenha características diversas do Totó da Série— é preto, de pelo comprido e sedoso —, a utilização de seu nome no cachorrinho de Dedé parece sedimentar uma tradição de referência a cachorros em geral, como "Totós". A despeito disso, a referência ao Totó, de Baum, sedimentou-se como uma metonímia que se mantém até os dias atuais.

Em *Baianinha*, a referência ao carnaval, espetáculo popular, de caráter ritual que serve de pano de fundo para a travessura da menina, é uma referência direta à festa popular que teve seu crescimento acentuado, no Brasil, na década de 1930, revelando-se como citação, absorção e transformação daquele espetáculo, sem palco e sem separação entre atores e espectadores, num intertexto peculiar. A alusão indireta à figura da atriz e cantora Carmem Miranda remete à importância do cinema e ao crescimento e destaque dado às escolas de samba, naquele momento histórico.

> Dedé, então, começou a cantar:
> *Que é que a baiana tem?*
> *Que é que a baiana tem?*
> A orquestra tocou a música acompanhando. (LOURENÇO FILHO, 1942b, p. 12, grifos do autor)
> [...]
> A titia voltou à sala, chamando ainda:

> — Dedé! Dedé! onde é que você está?
> Então, Dedé tirou a máscara e cantou, assim:
> *Você já foi à Baía?...*
> *Não!?... pois vá, titia!...* (LOURENÇO FILHO, 1942b, p. 15, grifos do autor)

Ainda em relação à *Baianinha*, em 1945, foi produzido o filme *The three cabaleros*, de Walt Disney, cuja tradução do título é a frase pronunciada por Dedé: *Você já foi à Bahia*?. Tal frase foi utilizada por Leonardo Arroyo, em 1950, como título de um de seus livros de literatura infantil.

Papagaio Real é homônimo de *O Papagaio Real*, conto de encantamento da tradição oral, em que um papagaio, como o de Dedé sofre uma transformação. No entanto, na narrativa da Série, a transformação é na própria ave, quando chamada de "Papagaio Real" enquanto, no conto da tradição oral, o papagaio se transforma em um belo e elegante rapaz. A transformação do papagaio de Dedé, embora ocorra no plano "real" — de papagaio mudo a papagaio que fala — e não no plano fantástico como a do papagaio do conto de encantamento, fica melhor compreendida quando estabelecida a identidade com aquele conto, pois, numa leitura distanciada em que a história original não é conhecida, a transformação da ave da Série fica descontextualizada e pouco explicada. Dedé, ao referir-se ao papagaio como "Papagaio Real", nada mais faz do que aludir ao pequeno conto da tradição oral, esperando de seu papagaio a extraordinária transformação que em seu papagaio abstratamente ocorre.

A formiguinha é uma adaptação brasileira de *A Formiga e a Neve* em que os episódios sucedem-se consecutivamente encadeados. Esse texto é o exemplo típico dos chamados "contos acumulativos", buscados na tradição oral, de origem africana, segundo Nair Starling (STARLING apud CARVALHO, 1985), mas atribuída por Carvalho (1985) a Buda, sendo "[...] pouco provável uma lenda brasileira, de origem africana, ter, por cenário,



a neve" (CARVALHO, 1985, p. 39). Na adaptação brasileira, autor adapta o cenário, "abrasileirando-o" e, ao fazê-lo, toma uma licença poética, pois a lama — antes neve — derrete-se pela força do sol, como acontecera com a neve na versão original[16].

Nessas duas últimas histórias comentadas, o folclore aparece revisitado, servindo de material para as recriações que mantêm diálogo com a tradição oral. O folclore, segundo Câmara Cascudo (19--), é fonte privilegiada para a literatura, revelando-se, portanto, como intertexto peculiar para a literatura infantil. Desse modo, além das histórias já citadas, as fontes folclóricas de que se vale a Série são o Saci-Pererê enquanto lenda em *Saci-Pererê*, as canções, quadrinhas e desafios advindos da tradição oral, presentes em *A Gauchita* e *Maria do Céu*.

O Saci é uma das lendas folclóricas que alcança maior interesse e foi mais explorada na literatura brasileira, tendo sido desenvolvida nas regiões sul e sudeste brasileiras. A exemplo de outras lendas que se tornam mitos, o Saci, admitido numa concepção sociológica como reflexo de uma estrutura social, surge do relacionamento da mentalidade antiga com o pensamento moderno, ou seja, o mito é o irracional, o intuitivo, contraposto ao pensamento científico e racional. Desse modo, *Saci-Pererê*, de Lourenço Filho (1944a), mantém uma intertextualidade que contesta a imagem do saci de *Sacy-Pererê*: resultado de um inquérito, de Monteiro Lobato, no qual Lobato (1918) reafirma a imagem do Saci, por meio de depoimentos de pessoas que atestam a sua existência.

A Gauchita e *Maria do Céu* apresentam-se mais com aspectos informativos do que ficcionais. Essa característica parece revelar a proximidade desses dois livros da Série ao famoso livro — leitura obrigatória à época — de Olavo Bilac e Manoel Bonfim, *Através do*

---

[16] Transformação idêntica da neve em lama foi feita por Lourenço Filho na tradução de *O patinho feio*, de H. C. Andersen. A esse respeito, ver: Menin (1999).

unesp

Brasil, de 1910, ao qual, por sua vez, se remete diretamente a Série Viagem através do Brasil, organizada e revisada por Lourenço Filho, entre as décadas de 1940 e 1950. Essa proximidade se revela, também, por meio do destaque às riquezas naturais, às belas paisagens, à cultura, aos usos e costumes regionais associados à grandeza do povo de cada região do país expressa no amor à pátria, numa espécie de divulgação do Brasil aos brasileiros para exaltação e valorização do país.

Em relação ao "diálogo" entre as histórias dentro da Série, esse não é tão freqüente como se poderia supor inicialmente. O trânsito de personagens de uma história a outra não garante a retomada de aspectos da história anterior na seguinte, exceto nos seguintes casos:

- em *A irmã do indiozinho*, Dedé faz alusão à história do livro anterior da Série, *O indiozinho*, embora tenham decorrido dois anos entre o lançamento de um e outro livro; e,

- em *A Gauchita*, Rosa refere-se a Dedé como "Baianinha", ignorando o intervalo de quatro anos entre a publicação de um livro e outro e a total ausência de referências a Dedé como "Baianinha" em histórias que a antecederam.

5. O escritor Lourenço Filho na produção de literatura infantil

Neste capítulo, numa tentativa de interpretar parcialmente os dados apresentados nesta Parte, destaco a figura de Lourenço Filho na produção *de* literatura infantil, em relação à imagem desse intelectual que se foi delineando ao longo do tempo. Devo lembrar que o estabelecimento de relações mais amplas, envolvendo toda a configuração textual dessa produção, encontra-se na Parte V, desta Tese.

***

Na produção da Série Histórias do Tio Damião, Lourenço Filho contribuiu para a constituição da literatura infantil de sua época, ressaltando a importância do gênero graças aos cuidados dispensados por ele nessa produção quanto aos aspectos gráficos, editoriais e lingüísticos.

Para isso, o escritor tornou-se *autor* de um projeto de livros originais, no sentido de adequar esses livros ao mercado de livros de literatura infantil, de propiciar sua circulação em uma Série e de adequá-los à faixa etária do leitor, com relação aos interesses da criança, à linguagem utilizada e à forma de apresentação gráfica.

De acordo com seu ponto de vista, buscou conciliar o desejo do escritor de difusão de sua obra com o do editor de vender livros em larga escala (LOURENÇO FILHO, 1961) e buscou tematizar o cotidiano de uma criança (como seu leitor), que transita de um livro para outro, dentro de um projeto de educação, enfatizando a formação propiciada por seus livros.

Para isso, a Série Histórias do Tio Damião foi produzida e publicada sob os auspícios de uma grande editora à época na produção de literatura infantil, e as histórias circularam em forma de uma série de livros explicitando a estreita relação entre a literatura infantil de Lourenço Filho e o mercado editorial — vale ressaltar o papel desempenhado

unesp

por Lourenço Filho na editora Melhoramentos — e a explícita intenção em estabelecer comunicação imediata com o leitor, bem como conquistar pais e professores, buscando-se facilitar a escolha, agrupando, sob a mesma rubrica, histórias diversas em seu conteúdo.

Desse modo, Lourenço Filho concretizava um modo de fazer o gênero, caracteristicamente ambíguo, pois, ao mesmo tempo em que se distinguia como inovador, apresentava-se ligado à tradição que se instalara no gênero. As concepções literárias e estéticas do escritor Lourenço Filho articulavam-se a concepções educacionais, editoriais e psicológicas, que funcionavam como "freio" às inovações. A idéia de fazer da leitura, especialmente da leitura de literatura infantil, elemento de formação estética e não de difusão de civismo e patriotismo, de linguagem modelar e de ensino como "fim primacial e direto", encontrava seus limites, exatamente no modo como o escritor admitia o leitor da Série: um *destinatário* em formação "mental e emocional e cultural". A criança leitora, para o escritor Lourenço Filho em sua produção *de* literatura infantil, era considerada pela ótica da psicologia e da educação, o que acabava por limitar as opções literárias e estéticas dos livros da Série Histórias do Tio Damião.

unesp

PARTE V:
AS POSSÍVEIS RELAÇÕES ESTABELECIDAS

Nos capítulos a seguir, numa tentativa de ensaio, busco retomar todas as informações que apresentei nas partes anteriores, a fim de compreender a produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil, relacionando os aspectos que considero necessários para essa compreensão. Dada a tentativa de síntese, busquei ser direta e objetiva, não recorrendo, na maioria das vezes, a citações diretas ou a retomada de exemplos, para evitar repetições, uma vez que tudo a que me refiro nesta Parte encontra-se minuciosamente descrito nas Partes anteriores.

1. Aspectos da produção de Lourenço *sobre* literatura infantil e juvenil

1.1 Pioneirismo e influência

Na produção *sobre* literatura infantil e juvenil brasileira, "Como aperfeiçoar a literatura infantil", de Lourenço Filho (1943c), configura-se como pioneiro na tematização do gênero, uma vez que vem contribuir para a produção de estudos específicos *sobre* literatura infantil e juvenil, até então, de acordo com Mortatti (2000a), geralmente encontrados em formato de prefácios de livros e artigos em periódicos e versando sobre livros para crianças, especialmente, para leitura escolar[1].

O pioneirismo consiste, principalmente, no tratamento mais sistematizado dado à literatura infantil e juvenil, uma vez que Lourenço Filho esboça uma história, formula um teoria e expõe princípios para uma crítica específica do gênero. Por meio desse tipo de tratamento, Lourenço Filho organiza dados e os problematiza, a fim de apresentar um balanço da produção *de* literatura infantil e juvenil, determinar e realçar a especificidade do gênero, contribuir para o "aperfeiçoamento" da produção e [...] oferecer sugestões para seu mais demorado estudo" (LOURENÇO FILHO, 1943c, p. 169).

---

[1] Referências completas da produção *sobre* literatura infantil brasileira, desde 1879 — ano da primeira tematização localizada —, podem ser consultadas no acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (GPHELLB), localizado na FFC-Unesp-Marília.

unesp

Como se pode constatar, até a década de 1970, os estudos *sobre* literatura infantil e juvenil apresentam essas mesmas preocupações e, por vezes, reiteram muitos dos dados organizados por Lourenço Filho no texto "Como aperfeiçoar a literatura infantil", especialmente os dados históricos. Lourenço Filho, no entanto, ao longo de sua produção *sobre* literatura infantil e juvenil aproveita, de modo mais resumido, do esboço histórico traçado por ele, no texto de 1943, e relega a um segundo plano a crítica à produção *de* literatura infantil e juvenil. Os conceitos teóricos, por sua vez, permanecem os mesmos ao longo de sua produção *sobre* literatura infantil e juvenil, nos quase 30 anos em que foi publicada.

1.2 Influências recebidas

A produção de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil é resultado de inúmeras atuações desse intelectual, nem sempre diretamente relacionadas ao gênero, mas a ele correlatas.

A crítica literária exercida pelo "moço", em 1915 e 1916, despertou o olhar de Lourenço Filho — que também produzia artigos literários — para o processo de criação literária, oportunizando ao escritor a formulação de uma concepção de literatura, depois sistematizada e também concretizada em sua produção *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil, mediante influências, dentre outras, da leitura de Euclides da Cunha e Fialho de Almeida.

A opção pelo magistério, propiciada por sua formação, no entanto, apontou novas possibilidades a Lourenço Filho que se empenhou no movimento da Escola Nova brasileira, visando à reforma da educação escolar — superando as formas tradicionais de ensino — como forma de operar mudanças essenciais na sociedade, então em processo de "modernização". A função de consultor editorial e de revisor, orientador, organizador e prefaciador, junto à Companhia Melhoramentos de São Paulo, de inúmeros livros de cunho escolanovista e de literatura infantil e juvenil, ao que tudo indica, delimitou essas possibilidades, no sentido de lhe

unesp

permitir utilizar-se do "impresso como arma" (Carvalho, 2002) e de pensar mais pontualmente a educação renovada por meio da disseminação da leitura como instrumento de alcance da cultura e de combate ao analfabetismo, para formação do cidadão, das elites dirigentes e de mão-de-obra especializada. Os estudos em psicologia e o conhecimento da criança, propiciado por essa "ciência fonte da educação", apontou, a meu ver, para a questão da literatura infantil e juvenil.

1.3 As concepções ambíguas

A incipiente produção *de* literatura infantil e juvenil — com crescente aumento quantitativo, mas não qualitativo — e a escassa produção *sobre* o gênero, à época da produção de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil foram duas grandes motivações para sua tematização pioneira, não foram, entretanto, as motivações primeiras.

A correlação entre o pensamento do escritor e o do educador e o do psicólogo na formação e atuação de Lourenço Filho e, ainda, a importância que aspectos da educação escolar renovada tiveram em sua vida e obra, permitem a constatação do modo ambíguo, mas não incoerente, que Lourenço Filho empregou na tematização da literatura infantil e juvenil. Concepções estéticas e literárias combinaram-se a concepções educacionais, psicológicas e editoriais, uma vez que a literatura infantil tematizada por esse intelectual faz parte de um projeto maior de educação.

Partindo do pressuposto de que a criança tem necessidade inerente de "formação", no que diz respeito a seu "mundo interior" e de que a leitura exerce uma "ação cultural", influenciando a formação de valores "lógicos, sociais e morais", a literatura infantil e juvenil, para Lourenço Filho, é instrumento de ação "educativa". Essa ação, de acordo com o autor, é uma questão de "brasilianismo", ou seja, de progresso social.

unesp

A "formação" propiciada pela leitura de literatura infantil e juvenil, ao seu destinatário se fazia necessária, porque, segundo Lourenço Filho, a criança tem a "personalidade nascente" e é na infância que se prepara o "homem futuro" e o consumidor das "boas letras". Desse modo, a literatura infantil tanto "equilibra" quanto desequilibra a personalidade da criança que, mais alcança o equilíbrio quanto mais elevado for o "nível artístico" da literatura infantil.

Desse modo, o *belo* está a serviço do *bem*. Em outras palavras, a qualidade literária do gênero correspondia à qualidade educativa propiciada, estando a estética a serviço de razões externas a ela, para agir sobre a criança leitora. O "nível artístico" encontra seu eixo no destinatário, mais como um "discurso utilitário" (PERROTI, 1986).

Esse parece ser o papel a ser desempenhado pela literatura infantil e juvenil tematizada por Lourenço Filho. Embora a "função capital" da literatura infantil seja a de sugerir o *belo*, este deve girar em torno dos "recursos da mentalidade da criança".

> O pensamento da criança é diferente, por sua estrutura e funcionamento, do pensamento do adulto. O caráter dominante, que parece condicionar todos os outros, é o egocentrismo — ou seja a capacidade de relacionamento com os quadros da lógica coerente. A criança "ouve" o seu pensamento, sofre-lhe a ação mágica sem o contraste do pensamento socializado dos adultos. Serve de início apenas à satisfação de interesses imediatos, não à pesquisa da verdade. Ou, como diz um dos mais autorizados psicólogos da infância — Jean Piaget — "tem uma função o jôgo, o prazer da atividade pela atividade, revestindo-se de uma forma de imaginação quasi alucinatória, na qual os desejos apenas esboçados, são já sentidos quasi como realizados".
> O pensamento infantil, nos primeiros anos, é assim, como o do primitivo, impermeável à experiência. Daí, as explicações artificialistas, animistas, e daí, também, o sincretismo e a justaposição das representações. É nesse mundo de sonho, de ilusão e de evasão, comum a todas as crianças, que se encontra, porém, a fonte da poesia da alma infantil. No seu poder de fabulação é que reside, pròpriamente, o segrêdo da arte de fazer viver a criança na literatura. (LOURENÇO FILHO, 1948b, p. 106-107)

unesp

Como se pode perceber, a criança é vista pela ótica da psicologia e, Lourenço Filho não apenas "ensina" como essas crianças "devem ser", nem apenas aponta o que o adulto deve saber sobre elas, mas também contempla a criança e sua interioridade.

Por meio dessa ótica e compreendendo uma "estética evolutiva" na criança, com níveis de desenvolvimento e diferenciado de acordo com as "várias idades", o autor revela cuidados com o que possa servir de motivo para interesses "normais e sadios", reprovando situações de medo ou terror nos livros de literatura infantil e juvenil[2].

Como se pode perceber, em relação ao que foi exposto até aqui, literatura infantil e juvenil, segundo Lourenço Filho, são os livros escritos para crianças e jovens que tem como função primacial servir para "deleite do espírito" e "evasão" e, por isso, são fontes de "sugestão" e de "recreação". Sugestão e recreação remetem àquele "modo ambíguo" utilizado por Lourenço Filho: o "fim prático" e "criador positivo" da "arte". A ambigüidade, assim, está diretamente relacionada com a intersecção de concepções educacionais e psicológicas que norteavam a produção de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil, articuladas a concepções estéticas e literárias.

Em vista disso, as concepções estéticas e literárias de composição e organização das narrativas do gênero também se encontram em função da "adequação educativa", proposta por Lourenço Filho. Harmonia, graça, sugestão e naturalidade são algumas das características do livro de literatura infantil e juvenil, conseguidas, de acordo com Lourenço Filho, por meio: da adequação dos livros aos "interesses naturais" (temas e apresentação dos temas), à linguagem, à estrutura própria das "várias idades"; da utilização de poucos personagens, diálogos, notas descritivas, pequenas digressões, ação direta, narrativas movimentadas, surpresa, humor; da

---

[2] Estudando a importância dos contos de fadas para o desenvolvimento da personalidade infantil, Bruno Bettelheim tenta mostrar o contrário disso. Para esse autor, histórias desse tipo "[...] representam sob forma imaginativa aquilo em que consiste o processo sadio de desenvolvimento humano [...] (BETTELHEIM, 1980, p. 18)

unesp

capacidade de "ligar" o real ao imaginário; da conciliação aos interesses das editoras. As concepções estéticas e literárias do autor se apresentam combinadas em diferentes critérios, ora formais, ora conteudísticos, ora editoriais, talvez dada a incipiente teorização da época.

1.4 Permanência

As poucas mudanças ocorridas nos conceitos teóricos ao longo da produção de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil encontram-se relacionadas a sua ligação a um projeto de educação, mantido e sustentado nessa produção, especialmente, pelos princípios que respondiam às urgências educacionais e culturais das décadas de 1920 e 1930.

A partir da década de 1940, esses princípios tornam-se hegemônicos e Lourenço Filho reafirma seu papel, pois tanto sua atuação quanto sua produção escrita crescem e se acentuam a partir de então, contemplando aspectos da educação escolar até então esquecidos ou relegados a um segundo plano, como a leitura e a literatura infantil. Para citar alguns exemplos da produção escrita de Lourenço Filho que buscam afirmar e firmar os princípios das décadas de 1920 e 1930, posso destacar o papel de síntese e de sistematização de informações desempenhado por *Introdução ao estudo da escola nova* (1930); de sistematização teórico-prática, baseado na psicologia e em relação à alfabetização, desempenhado por *Testes ABC* (1934); de sistematização pioneira em relação à literatura infantil, desempenhado por "Como aperfeiçoar a literatura infantil" (1943); de concretização da leitura escolar desempenhado por *Cartilha do povo* (1928) e pela Série de Leitura Graduada Pedrinho (1953-1957); e de concretização da literatura infantil desempenhado por Histórias do Tio Damião (1942-1951).

Nesses exemplos, conforme afirmei no início deste tópico, as primeiras idéias sobre educação sistematizadas pelo educador em seus primeiros escritos, foram constantemente

unesp

retomadas por ele e, em geral, permaneceram sendo reiteradas na produção que se seguiu, mantendo uma coerência com os primeiros textos produzidos.

Ao manter os princípios que serviram às aspirações das décadas de 1920 e 1930 em toda sua obra e, no caso específico de que trata este capítulo, em sua produção *sobre* literatura infantil e juvenil, Lourenço Filho advogou ideais "modernos" em sua época e contribuiu para a permanência desses ideais ao longo do tempo, muitos dos quais, certamente, por serem "impermeáveis" ao tempo, tornaram-se "tradicionais" aos olhos do presente.

Ainda quanto à permanência desse pensamento e práticas, é no período denominado Estado Novo, que Lourenço Filho se mantém atuante, mantendo vivos seus ideais iniciais. Assim, ao contrário das análises de alguns autores que acusam Lourenço Filho de "acomodado à ditadura", penso como Antonio Candido (1989) que o serviço público não significou nem significa, necessariamente, identificação com ideologias e interesses dominantes, pois no caso de Lourenço Filho, a ocupação de cargos estratégicos naquele período significou uma luta pela permanência dos ideais então "modernos".

A esse propósito, na produção *sobre* literatura infantil e juvenil, Lourenço Filho buscou preencher a falta de estudos e pesquisas *sobre* o gênero, baseando-se nos estudos que desenvolvera até então em relação à educação e à psicologia e também em sua experiência literária e editorial.

A influência alcançada por essa produção extrapolou sua época, o que mais uma vez pode ser explicado pela atuação estratégica de Lourenço Filho e também pela ausência de uma história, teoria e crítica específicas de literatura infantil, além do caráter pioneiro, fecundo e original dessa produção.

unesp

2. Aspectos da produção de Lourenço Filho *de* literatura infantil

2.1 Diálogo

A Série Histórias do Tio Damião, de Lourenço Filho, participa das renovações de sua época na produção *de* literatura infantil, não no que diz respeito aos "fermentos renovadores" da então atuante geração modernista, mas, especialmente, no diálogo que mantém com essa produção, quanto às condições de emergência dos textos do gênero — produção, difusão, circulação —, às condições de aprendizagem da leitura, às instâncias legitimadoras — escola e mercado — e a imagem da criança leitora e da leitura. Assim, essa Série corresponde à progressiva emancipação das condições de produção *de* literatura infantil de sua época, relacionadas sobretudo às mudanças operadas na sociedade e não às mudanças havidas na arte nacional.

O aumento populacional, a consolidação de grupos urbanos, em decorrência do avanço industrial, e o aumento da escolarização desses grupos consistem nas principais mudanças sociais relacionadas à ampliação das condições de produção *de* literatura infantil a que Histórias do Tio Damião corresponde, sendo a quantificação e qualificação do público leitor o maior vínculo da literatura infantil às urgências educacionais e culturais da época, fomentando o mercado editorial de livros para crianças, didáticos e de literatura infantil.

Assim, os limites escolares foram os espaços de diálogo da produção *de* literatura infantil, e a ampliação do mercado de livros para crianças foi o resultado desse diálogo a partir da década de 1930 , do qual a Série Histórias do Tio Damião participou.

De acordo com Lajolo e Zilberman (1991), a ampliação desse mercado com a criação e publicação de histórias originais, fortaleceu alguns projetos de literatura infantil com as seguintes características:

unesp

- predomínio do campo ou do espaço rural como cenário para o desenvolvimento do ação — meio agrário, pequenas propriedades ou ambientes mais primitivos como a vida selvagem e animal;
- fixação de um elenco de personagens, principalmente crianças, que transitam de um livro a outro. Esses personagens raramente vivem alguma transformação interna. "[...] É preciso conservá-las idênticas, para que possam se transferir de um enredo a outro sem amadureceram física ou psicologicamente, nem deixarem de ser reconhecidas com facilidade pelo leitor" (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 81-82)
- utilização de um acervo já consolidado como fonte de criação literária, seja o de adaptação de clássicos, seja o da utilização de material folclórico, seja o de aproveitamento da história do Brasil;
- a linguagem foi criadora, rompendo laços de dependência à norma escrita e ao padrão culto, "[...] procurando incorporar a oralidade sem infantilidade, tanto na fala das personagens, como no discurso do narrador" (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 83)

Ainda de acordo com as autoras, Lourenço Filho "imita" Monteiro Lobato quanto à segunda e última característica do período, arroladas por elas. A meu ver, essas características — com exceção da primeira — orientam a produção da Série Histórias do Tio Damião, aproximando-a da produção do período e fazendo-a "funcionar" como literatura infantil.

2.2 Importância

O crescimento quantitativo da produção *de* literatura infantil, a partir da década de 1940, demonstrava que o mercado era favorável aos livros que, como "instrumento de cultura" promoviam reformas na educação necessárias para reforma social. A Série Histórias do Tio Damião participa desse mercado favorável, não somente investindo no aumento do número de

tiragens e edições, mas também pelas inovações gráficas, contribuindo para a continuidade do "mercado favorável" e permanecendo publicada por 16 anos.

Dentre as estratégias editorias que podem justificar essa permanência, estão, sobretudo: a "etiqueta Lourenço Filho"[3], a especialização da editora, a circulação desses livros em uma "série".

A "etiqueta Lourenço Filho" era dispositivo de legitimação do empreendimento editorial e, por isso, garantia de permanência para a Série Histórias do Tio Damião. Em relação à importância da Companhia Melhoramentos de São Paulo, esta empenhou-se pioneira e sistematicamente na empresa renovadora da educação escolar, mudando o perfil dos livros *de* e *para* educação.

As séries pressupunham: um mesmo projeto gráfico para todos os livros, o trânsito de personagens de uma história a outra, a destinação a uma faixa etária específica, no que diz respeito ao tema e sua apresentação, à linguagem, à extensão dos livros e aos interesses da idade do leitor. Eram "preferidas" pelos editores e garantia de efetivação da "intenção natural" da editora: vender, o que é conseguido com Histórias do Tio Damião que, além do longo período de circulação, caracteriza-se, também por uma boa média de reedições e de número de tiragens, dando mostra da importância da literatura infantil de Lourenço Filho.

2.3 Influências recebidas

A organização da Biblioteca Infantil, a partir de 1926, e a função de consultor editorial na Companhia Melhoramentos de São Paulo, são as atividades exercidas por Lourenço Filho que parecem ter tido papel fundamental na configuração da Série Histórias do Tio Damião. O contato com o acervo de histórias tradicionais, orientadas e revisadas por Arnaldo de Oliveira Barreto, e

[3] Expressão tomada de Carvalho; Toledo (2004).

unesp

com os originais, traduções e adaptações, que aspiravam à publicação, além de seu trabalho de correção do "fundo" e "forma" desses trabalhos, levaram o autor a produzir seus próprios livros de literatura infantil, como exemplo a ser seguido.

Para a produção da Série, Lourenço Filho valeu-se de estudos em educação e em psicologia, — como ele afirma — estando a Série a serviço de um projeto de educação, e a criança vista pela ótica da psicologia. Essa afirmação é possível, uma vez que a Série é produzida, em sua organização, do mesmo modo que o autor pensa uma "boa série de leitura", ou seja, como uma série escolar.

Segundo Lourenço Filho (1957b):

> Uma boa série de leitura deverá proporcionar inicialmente conhecimentos em relação à *vida do lar*, que se estenderá depois a assuntos que as crianças possam observar na *vizinhança* ou na *comunidade próxima*; ainda depois, as ampliará quanto à região e ao *conjunto do país*; e, enfim, em relação a outras terras e países ou a todo *mundo da cultura*. Em tudo isso, os livros devem dar às crianças uma crescente compreensão das *relações humanas*, de modo a bem dispô-las a atitudes e propósitos na vida do lar, da escola, da comunidade em geral. Deverá, enfim, concorrer para o alargamento dos interêsses, com a ampliação de propósitos e projetos de vida, isto é, tornando-se realmente educativa. (LOURENÇO FILHO, 1957b, p. 15, grifos do autor)

Assim, embora a Série Histórias do Tio Damião seja literatura infantil por seu "funcionamento" e, de acordo com a intenção de seu autor que, produziu uma série de leitura escolar separada daquela Série, sua organização revela sua estreita relação com a educação, o que a aproxima da obra de Lourenço Filho em favor da reforma da educação escolar.

2.4 Permanência

Na produção de Histórias do Tio Damião, Lourenço Filho advogou ideais "modernos" em relação às urgências educacionais e culturais de sua época, no entanto, "tradicionais" aos olhos do presente, uma vez que pressupunham: idéias a respeito da importância da educação para

unesp

civilização, para ingresso na "modernidade", com culto da Razão; idéias ufanistas e "neutras" da pátria; idéias de unificação cultural do que era regional e fragmentado, reconhecendo o Brasil como um conjunto diversificado, mas solidário; uso da figura de Deus, como "estado de espírito" e dimensão estética; apreensão de regiões como o nordeste brasileiro; a tematização da infância e do índio; a utilização do folclore.

Essas idéias e orientações não deixavam de responder a alguns temas e problemas colocados pelo movimento literário modernista. Todavia, salientam-se diferenças em relação às intenções com que são utilizadas: a perspectiva adotada na Série relaciona essas idéias e orientações ao momento anterior de produção da literatura infantil brasileira, na época de seu "aparecimento"; Histórias do Tio Damião articula-se aos princípios que respondiam a urgências educacionais e culturais das décadas de 1920 e 1930.

Assim, se por um lado, a Série mantém-se coerente com a produção de sua época, de outro, vincula-se a uma tradição herdada e aproxima-se exatamente da produção de que seu autor dizia discordar: a de textos moralizantes e insossos.

Embora, muitas vezes, essa Série se apresente como uma espécie de réplica ao que se propunha e se fazia em relação à produção de literatura infantil anterior a ela — a questão do medo, comum à literatura infantil; a ausência de destinação específica à criança, por "faixa de idades", por exemplo — , manteve-se distante das aspirações e renovações da literatura (para adultos) de sua época, distanciando-se do "compromisso" firmado por Lourenço Filho de pensar e fazer literatura infantil como arte e não como pedagogia.

Sua permanência, no entanto, assegura-se na medida em que elementos consolidados pela relações estabelecidas entre a Série Histórias do Tio Damião e livros de autores como Tales de Andrade e Olavo Bilac e Manoel Bonfim, vêm a se integrar ao espírito de época, sobretudo nas

unesp

décadas de 1930 e 1940, quando a ampliação da escola primária aumenta o número de leitores, e o regime autoritário e centralizador explora o veio patriótico e nacionalista.

Produto de um processo de modernização da sociedade, a permanência da Série Histórias do Tio Damião decorre do fato de que suas histórias aproximam a criança leitora das peculiaridades de sua época e retratam os cuidados dispensados para essa literatura infantil, contribuindo para a *maioridade* do gênero.

unesp

3. O possível diálogo entre as produções

Embora a relação entre a produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil não se caracterize, a primeira vista, como um diálogo entre concretização e tematização, não se pode afirmar a existência de grandes diferenças entre elas.

Por ser resultado de um projeto de educação, a produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil busca responder a urgências educacionais e culturais, seja para suprir faltas e necessidades — de tematização da literatura infantil num primeiro plano, de produção original brasileira, com realidade brasileira, para crianças brasileiras, apostando nas renovações gráficas —, seja para agir como réplica ao que se propunha e se fazia na literatura infantil da época, por isso de distancia dos aspectos sócio-políticos do período histórico de circulação da produção, as décadas de 1940 a 1960. Lourenço Filho não tematiza a guerra ou o período ditatorial, por exemplo, apostando que a criança é "pura" e não precisa dessa "época de horror", produzindo uma literatura infantil aparentemente "neutra", o que não significa que esse intelectual não concretiza o que tematiza.

A proximidade entre a produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil pode ser sintetizada nas seguintes características:

- na Série Histórias do Tio Damião não há lugar para situações que causem medo ou horror na criança, assim como tematizava seu autor nos textos *sobre* literatura infantil e juvenil;
- o medo é substituído pela surpresa e pela curiosidade que desperta no leitor, ou seja pela "plástica" que propunha Lourenço Filho;
- a "plástica" reside na habilidade do artista em produzir "histórias", em apelar para a estética;

- a estética tematizada e concretizada por Lourenço Filho diz respeito às opções constitutivas dos livros do gênero: forma, tema, aspecto gráfico de acordo com a idade da criança;
- a Série Histórias do Tio Damião composta para crianças entre seis e oito anos representa a modalidade de "narrativas singelas", apoiadas na ilustração "elucidativa", com temas do folclore, da vida cotidiana e dos animais, permeada por um sentido poético, como tematizava seu autor;
- embora se proponha um sentido poético, o "real" é o meio e o fim da literatura infantil de Lourenço Filho, para a criança "elevar-se" ao pensamento socializado;
- tanto na Série quanto nos textos *sobre* literatura infantil e juvenil, a criança é o centro, aquela que determina a produção dos livros do gênero; e,
- as concepções editoriais tematizadas, como a circulação em uma Série adaptada às idades da criança, estão concretizadas nas Histórias do Tio Damião.

Como se pode perceber, muitas são as características que aproximam e possibilitam o diálogo da produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil. Essa proximidade se dá em virtude do princípio básico do pensamento de Lourenço Filho: a literatura infantil serve para *formar* a criança, no sentido de amadurecimento interno do leitor como ser em formação e que orienta as opções constitutivas dos livros do gênero. Essa "formação", no entanto, corresponde ao seu projeto de educação, que implica em formação de valores "lógicos, sociais e morais", para progresso social.

Em Histórias do Tio Damião os aspectos mais "práticos" e "diretivos" desse projeto são concretizados e a formação pretendida se aproxima da transmissão de normas, sob a ótica temática, realçando a égide familiar, o bom comportamento, o ensino, a racionalidade, o

unesp

trabalho, a pátria. Em vista disso, à primeira vista, a produção de Lourenço Filho *de* literatura infantil se distancia de sua produção *sobre* o gênero, pois, embora as tematizações de Lourenço Filho condenem nos livros de literatura infantil a existência de moralidade expressa e orientem para a função primacial da literatura infantil de levar emoção estética e não ter a preocupação direta de ensinar, essa Série se aproxima mais de um projeto de promoção de valores, almejando, em primeiro plano, o ensino

Apesar dessa ressalva, volto a insistir no possível diálogo entre a produção *sobre* e produção *de* literatura infantil e juvenil, desse autor, pois a insistência de Lourenço Filho na "utilidade" do *belo*, relativa à tentativa de colocar o agradável a serviço da educação, corresponde à maneira como a "formação" se configura na Série Histórias do Tio Damião. Embora a crítica literária atual pareça não aceitar que a literatura seja considerada, prioritariamente, pelo princípio da utilidade, que desequilibraria sua constituição artística, reside aí a influência de Lourenço Filho na produção *sobre* e *de* literatura infantil a partir de sua produção. Por tematizar pioneiramente e concretizar competitivamente o gênero, Lourenço Filho, perspicazmente "fundou" uma tradição.

O "silêncio" imposto à produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil — e a tantos outros escritores das décadas de 1940 a 1960—, no presente, é a negação da compreensão dessa tradição característica de uma determinada época e que serve de referência a seus pósteros, exercendo influências na produção *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil até os dias atuais, dada a força e importância.

unesp

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta Tese, buscando contribuir para a produção de uma história, teoria e crítica específicas da literatura infantil e juvenil brasileira, procurei compreender a produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil, mediante análise da configuração textual dos textos escolhidos como *corpus*.

Após essa análise, é possível depreender a importância e relevância das tematizações e concretizações de Lourenço Filho, haja vista, pelo menos, três características essenciais que marcam sua produção *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil: seu pioneirismo, sua influência e sua permanência no tempo.

O pioneirismo diz respeito ao papel de vanguarda exercido por Lourenço Filho na história, teoria e crítica da literatura infantil, por isso caracteriza especialmente sua produção *sobre* o gênero. A influência diz respeito à estratégica circulação e repercussão de sua produção e ao homem público Lourenço Filho que exerce cargos também estratégicos. A permanência diz respeito à manutenção dos mesmos conceitos teóricos ao longo da produção de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil, à longevidade da trajetória editorial da Série Histórias do Tio Damião e à presença ao longo do tempo histórico das tematizações e concretizações da produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil, na produção *sobre* e *do* gênero até os dias atuais.

Essas três características permitem a inferência de que em sua produção *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil, Lourenço Filho "funda" uma tradição: sintonizado com as urgências de sua época em relação à educação e cultura, o escritor tematiza e concretiza a literatura infantil e juvenil como um gênero destinado a leitores em fase de escolarização e que serve como motivo de reflexão, formação sentimental, estímulo à ordem social e moral (LOURENÇO FILHO, 1943c), dentro de um projeto de educação.

unesp

Essa tradição não somente pode ser verificada nas tematizações e concretizações do gênero, como também na utilização e abordagem de textos *de* literatura infantil e juvenil, até os dias atuais.

Talvez essa "fundação de tradição" possa ser explicada pelo fato de essa produção atribuir *maioridade* e destinatário pré-determinado ao gênero, chamando a atenção para a importância da literatura infantil e juvenil e delegando responsabilidades aos "entendidos" — editores, escritores, ilustradores, professores — aos pais e aos próprios leitores, a fim de garantir manutenção ao gênero. Em vista disso, a literatura infantil e juvenil se *firma* e se *afirma* e as tematizações e concretizações de Lourenço Filho servem de orientação e de exemplo a partir de então.

***

A abordagem histórica demanda opções. Procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação pressupõem escolhas. Minhas opções levaram à compreensão da produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil, conforme foi materializada discursivamente nesta Tese. Ao chegar ao final, no entanto, me pergunto se minhas opções foram as melhores dentro do conjunto de possibilidades e, ainda, se chegaria a outras interpretações, caso tivessem sido outras as escolhas.

De acordo com Mortatti (1999):

> [...] todo ato interpretativo, enquanto atividade discursiva, é construção de uma representação, a partir da problematização de outras representações construídas e tomadas como fontes documentais. (MORTATTI, 1999, p. 73)

Espero ter construído adequadamente essa representação e ter contribuído, de fato, para a compreensão da produção de Lourenço Filho *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil e,

unesp

desse modo, contribuído para a produção de uma história, teoria e crítica específicas do gênero, no Brasil.

De qualquer modo, venci mais uma etapa de minha formação acadêmica. Se este trabalho for criticado, adotado, continuado, aprofundado ou levar a novas pesquisas, significa que minhas opções foram válidas, mesmo que não tenham sido as "verdadeiras". O tempo dirá!

unesp

REFERÊNCIAS

ABU-MERHY, Nair Fontes. Lourenço Filho, administrador escolar. In.: MONARCHA, Carlos. *Centenário de Lourenço Filho:* 1897 – 1970. Londrina: Universidade Estadual de Londrina; Marília: Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Educação, 1997. p.91-122.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira* - ensaio de preliminares para sua história e suas fontes. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (ABE). *Um educador brasileiro*: Lourenço Filho. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1959. *Livro Jubilar.*

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. *Ofício*. Rio de Janeiro, DF, 1 jun. 1936.

AZEVEDO, Fernando de. A literatura infantil numa perspectiva sociológica. *Sociologia* (Escola de Sociologia e Política), São Paulo, v. XIV, n. 1, p. 43-63, mar. 1952.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Cartilha do povo e Upa, cavalinho!* – o projeto de alfabetização de Lourenço Filho. 1997. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista, Marília/SP.

BLOCH, Marc. *Introdução à História*. 4. ed. Sintra: Europa América, s.d.

BOTTO, Carlota. Nova história e velhos dilemas. *Revista USP*, São Paulo, n. 23, p. 23-33, set/nov. 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. Comissão Nacional de Literatura Infantil. Boletim da Comissão de Literatura Infantil. Rio de Janeiro, DF, [1936]. 1 p. Manuscrito.

_____. *20 livros que poderão ser tradusidos ou adaptados para crianças entre 8 e 14 anos*. Rio de Janeiro, DF, 28 maio [1936]. 2 p. Datilografado.

_____. *Literatura Infantil*. Rio de Janeiro, DF, 7 maio 1936. 2 p. Datilografado.

_____. *Ofício.* Rio de Janeiro, DF, 20 maio 1937. Opinião a respeito do livro *ABC de João e Maria* de Marques Rebelo e Santa Rosa. Manuscrito.

_____. *Concurso de livros* – 2ª categoria (8 a 10 anos). Rio de Janeiro, DF, 1937. Relação de livros selecionados no Concurso de livros infantis e seus respectivos pareceres.

_____. *Concurso de livros*- 3ª categoria (mais de 10 anos). Rio de Janeiro, DF, 1937. Relação de livros selecionados no Concurso de livros infantis e seus respectivos pareceres.

_____. *Organização das bibliotecas infantis*. Rio de Janeiro, DF, 14 setembro 1937. Datilografado.

CARONE, Edgard. *O Estado Novo* (1937-1945). Rio de Janeiro: Difel, 1977. (Corpo e Alma do Brasil).

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos, v. 163)

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Estudo de teoria e história literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

_____. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, v. 24, n. 9, p. 803-839, set. 1972.

_____. A revolução de 30 e a cultura. In.: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo:Ática, 1989, p. 181-188.

_____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CARNEIRO, Levi. O problema do livro nacional. Estudos Brasileiros, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 83-93. jul./ago. 1938.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Pedagogia da Escola Nova, produção da natureza infantil e controle doutrinário da escola. In.: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN JR., Moysés (Org.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 373-408.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A Coleção como estratégia editorial de difusão de modelos pedagógicos: o caso da Biblioteca de Educação organizada por Lourenço Filho. In.: *II Congresso Brasileiro de História da Educação*, 2004, Curitiba.

CECCANTINI, João Luís Cardoso Tapias. *Uma estética de formação*. vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978-1997). 680 p. Tese (Doutorado em Letras – área de Literaturas de Língua Portuguesa) UNESP – Assis 2 v. – v. 1 tese 461 p. e v. 2 Anexos 219 p., 2000.

_____. Perspectivas de pesquisa em literatura infanto-juvenil. In.: _____ (Org.). *Leitura e literatura infanto-juvenil*. Memória de Gramado. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2004.

CELSO, Maria Eugenia. Palavras de quem tem uma creança. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, DF, 10 maio 1936.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil*. História – Teoria – Análise. São Paulo: Quíron; Brasília, INL, 1987.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE RÁDIO DIFUSÃO. *Ofício*. Rio de Janeiro, DF, 19 ago. 1936.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. 2. ed., 1978.

CRUZ, José Marques da. *História da literatura*. São Paulo: Melhoramentos, 1957a.

DONATO, Hernani. *Cem anos de Melhoramentos*: 1890-1990. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura*: uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*: sua história. Trad. M. da P. Villalobos e L. L. de Oliveira. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1985.

HELD, Jaqueline. *O imaginário do poder*: as crianças e a literatura fantástica. São Paulo: Summus, 1980.

IANNI, Octávio. *O colapso do populismo no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

INSTITUTO NACIONAL DE CINEMA EDUCATIVO. Ofício. Rio de Janeiro, DF, 19 ago. 1936.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In.: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola*: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 51-62.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira*: história & histórias. São Paulo: Ática, 1984.

_____. _____. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

LEITORES E LIVROS. Entrevista. In.: LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Inquérito sobre livros para crianças. *Leitores e Livros*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 35, p. 172-179, jan./mar 1959.

LIMA, Yone Soares de. A ilustração na produção literária. São Paulo – década de vinte. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros – USP, 1985.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. *O Pião*. Porto Ferreira,1905.

_____. *Joaseiro do Pe. Cicero*. São Paulo: Melhoramentos, 1926. 301 p., il.

_____. Um inquérito sobre o que os moços lêem. *Educação*. São Paulo, v.1, n.1, p. 30-9, out. 1927.

_____. *Cartilha do povo* – para ensinar a ler rapidamente. São Paulo: Melhoramentos, 1928. 47 p., il.

_____. *Carta de Lourenço Filho a Anísio Teixeira*. São Paulo, 1 nov 1929. 2f.

_____. Hoje fala Lourenço Filho. *Formação*, Rio de Janeiro, ano III, n. 19, p. 3-18, fev. 1940a.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

_____. *Educação e cultura*. In.: BRASIL. Ministério das Relações Exteriores, 1940b.

_____. Como aperfeiçoar a literatura infantil. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p. 146-169, 1943c.

_____. Ensino e biblioteca. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 6, n.16, p. 5 – 24, out. 1945.

_____. O valor das bibliotecas infantis. *EBSA*, São Paulo, v. 1, n. 12, p. 66 – 68, out. 1948a. Palestra por ocasião da exposição do livro infantil.

_____. A criança na literatura brasileira. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, v. 11, n. 44, p. 85-117, dez. 1948b.

_____. *São Paulo*. São Paulo: Melhoramentos, 1954. v. 9, 207 p., il.(Série Viagens através do Brasil, v. 9)

_____. Literatura infantil e juvenil. In.: CRUZ, José Marques da. *História da literatura*. São Paulo: Melhoramentos, 1957a. p. 577-584.

_____. A resposta de Lourenço Filho, 1926. In.:AZEVEDO, Fernando de. *A educação na encruzilhada*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos,1957b.(Obras completas, v. VI)

_____. *Upa, cavalinho*!. Ilustrações de Oswaldo Storni. São Paulo: Melhoramentos, 1957c. 61 p., il. (Série de Leitura Graduada Pedrinho).

_____. *Guia do Mestre para o ensino da leitura*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1957d. (2 v.)

_____. *Parecer a João Pracinha*. Rio de Janeiro, 28 dez. 1959. 2f.

_____. Inquérito sobre livros para crianças. *Leitores e Livros*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 35, p. 172-179, jan./mar 1959a.

_____. La literatura em el Brasil. *La educacción*, Washington, DC, v. 4, n. 14, p. 25-9, abr/jun 1959b.

_____. *Parecer a Simplicidade*. Rio de Janeiro, 31 jan. 1960.

_____. *Parecer a Dona História da Silva*. Rio de Janeiro, 10 maio 1961

_____. *Parecer a Clarão da Serra*. Rio de Janeiro, 16 out. 1961.

_____. *Parecer a Sempre alerta, Rondon*. 5 dez. 1962.

_____. Um romance paulista: "Clarão da Serra". *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 3-4, 19 maio 1962a.

_____. Prefácio. In.: NERY, Luis M. *Nuvens choronas*, 1962b.

_____. *Parecer a Grotão do café amarelo*. Rio de Janeiro, 25 ago. 1963 e 23 set. 1963.

_____. *Parecer a Cinguri, o indiozinho*. Rio de Janeiro, 1 jun. 1964.

_____. *Parecer a Os fósforos mágicos*. Rio de Janeiro, s.d.

_____. Redução das taxas de analfabetismo no Brasil entre 1900 e 1960. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 100, p. 250-272, out/dez, 1965.

_____. Oração do acadêmico Lourenço Filho. In.: ACADEMIA Paulista de Letras, cadeira n. 33. *Recepção do acadêmico Francisco Marins*. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1966a. p. 15-31.

_____. Como tornar cada criança e cada adolescente um bom consumidor de leitura. *Educação*, Rio de Janeiro, n. 87, p. 7-13, set. 1966.

_____. Um livro básico sobre literatura infantil. In.: ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira* – ensaio de preliminares para sua história e suas fontes. São Paulo: Melhoramentos, 1968. p. 11-16

_____. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

_____. *Joaseiro do Pe. Cícero*. 4. ed. aum. Brasília: INEP/MEC, 2002. (Coleção Lourenço Filho, 5)

_____. Apresentação. In.: PAULI, Hertha. *A história da árvore de Natal*. (trad. Aída de Carvalho Bergström). São Paulo: Melhoramentos. s. d.

_____. *Lúcia Benedetti e o teatro infantil*. S.l. s.d. 3f.

_____. Literatura infantil e linguagem. S.l.s.d. 2f.

_____. Presente de anos, 1916 apud LOURENÇO FILHO, Ruy. Lourenço Filho, escritor. In.: MONARCHA, Carlos (Org). *Centenário de Lourenço Filho:* 1897 – 1970. Londrina: Universidade Estadual de Londrina; Marília: Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Educação, 1997. p. 17-45

_____. *Totó*. São Paulo: Melhoramentos, 1942a.16 p., il. (Série Histórias do Tio Damião, n. 1)

_____. *Baianinha*. São Paulo: Melhoramentos, 1942b. 16 p., il. (Série Histórias do Tio Damião, n. 2)

_____. *Papagaio Real*. São Paulo: Melhoramentos, 1943a. 16 p., il. (Série Histórias do Tio Damião, n.3)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

_____. *Tão pequenino...* São Paulo: Melhoramentos, 1943b. 16 p., il. (Série Histórias do Tio Damião, n.4)

_____. *Saci-Pererê*. São Paulo: Melhoramentos, 1944a. 16 p., il. (Série Histórias do Tio Damião, n. 5)

_____. *O indiozinho*. São Paulo: Melhoramentos, 1944b. 16 p., il. (Série Histórias do Tio Damião, n.6)

_____. *A irmã do indiozinho*. São Paulo: Melhoramentos, 1946a. 16 p., il. (Série Histórias do Tio Damião, n. 7)

_____. *A Gauchita*. São Paulo: Melhoramentos, 1946b. 16 p., il. (Série Histórias do Tio Damião, n. 8)

_____. *A formiguinha*. São Paulo: Melhoramentos, 1946c. 16 p., il. (Série Histórias do Tio Damião, n. 9)

_____. *No circo*. São Paulo: Melhoramentos, 1946d. 16 p., il. (Série Histórias do Tio Damião, n. 10)

_____. *Maria do Céu*. São Paulo: Melhoramentos, 1951a. 16 p., il. (Série Histórias do Tio Damião, n. 11)

_____. *E eu, também...* São Paulo: Melhoramentos, 1951b. 16 p., il. (Série Histórias do Tio Damião, n. 12)

LOURENÇO FILHO, Ruy; LOURENÇO FILHO, Márcio. Notícia bibliográfica de Lourenço Filho. In.: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (ABE). *Um educador brasileiro*: Lourenço Filho. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1959. *Livro Jubilar.* p. 190-203.

LOURENÇO FILHO, Ruy. Lourenço Filho, escritor. In.: MONARCHA, Carlos (Org). *Centenário de Lourenço Filho:* 1897 – 1970. Londrina: Universidade Estadual de Londrina; Marília: Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Educação, 1997a. p. 17-45

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Leitura, literatura e escola* - sobre a formação do gosto. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 121 p.

_____. Entre a literatura e o ensino: um balanço das tematizações brasileiras (e assisenses) sobre literatura infantil e juvenil. *Miscelânea*, Assis, v. 3, p. 247-257, 1998.

MARINS, Francisco. Lourenço Filho e a arte de ensinar. *O Estado*, São Paulo, 3 out. 1987.

_____. Literatura infantil e Lourenço Filho. In.: MONARCHA, Carlos (Org). *Centenário de Lourenço Filho:* 1897 – 1970. Londrina: Universidade Estadual de Londrina; Marília:

Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Educação, 1997. p. 77-89

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1951.

MELHORAMENTOS. 3ª capa. Histórias do Tio Damião,1958.

MENDES, Murilo. *Literatura infantil e ideologia*. Rio de Janeiro, DF, 1936. 4f.

_____. *Comentário aos squemas de uma ficha-padrão*. Rio de Janeiro, DF, 1936. 5f.

MENECOZI, Arnaldo Rodrigues. Tendências ideológicas da Geografia e sua influência nos livros didáticos. In.: _____. *Ciência Geográfica e produção do espaço*. Campo Grande: Ed. da UNIDERP, 2000.

MENIN, Ana Maria da Costa Santos. *O patinho feio de H. C. Andersen*: o "abrasileiramento" de um conto para crianças. 1999. 280 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista, Assis.

MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy (Org). *Por Lourenço Filho*: uma biobibliografia. Brasília: INEP/MEC, 2001. (Coleção Lourenço Filho).

MONARCHA, Carlos. *O sertão cearense segundo Lourenço Filho*. 2001. 163 f. Tese (Livre-Docência em História da Educação Brasileira) _ Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista, Marília.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação. *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 6, p. 69-77, out. 1999.

_____. *Os sentidos da alfabetização* (São Paulo/ 1876 – 1994). São Paulo: Editora UNESP: CONPED, 2000a.

_____. Leitura crítica da literatura infantil. *Leitura*: teoria & prática, Porto Alegre, n. 36, p. 11-17, dez. 2000b.

_____. 2. ed. *Leitura, literatura e escola* - sobre a formação do gosto. São Paulo: Martins Fontes, 2000c.

_____. Produção didática e de literatura infantil. In.: MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy (Org.). *Por Lourenço Filho*: uma biobibliografia. Brasília: INEP/MEC, 2001. p.127-134 (Coleção Lourenço Filho).

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na primeira república*. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1974.

PEREGRINO JÚNIOR. Lourenço Filho, escritor. In.: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (ABE). *Um educador brasileiro*: Lourenço Filho. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1959. 231 p. *Livro Jubilar*. p. 182-183

PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.

PLOEGER, Alfred Karl. *Discurso*. São Paulo: Melhoramentos, 1987.

REBELO, Marques; ROSA, Santa. *Ofício*. Rio de Janeiro, DF, 19 maio 1937.

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS. Livros para crianças. In.: LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Livros para crianças. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v. 33, n. 77, p. 215-221, jan./mar 1960.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. *História da Educação Brasileira* – a organização escolar. 17. ed. rev. ampl. Campinas: Autores Associados, 2001. (Coleção Memória da Educação)

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

SALEM, Nazira. *História da Literatura infantil*. 2. ed. (ampl. reform.). São Paulo: Mestre Jou, 1970.

SANDRONI, Laura C. *De Lobato a Bojunga*: as reinações reinventadas. São Paulo: Ática, 1987.

SÃO PAULO. Quarta capa. In.: LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. *São Paulo*. São Paulo: Melhoramentos, 1954. v. 9, 207 p., il.(Série Viagem através do Brasil, v. 9)

SILVA, Elvira Nizinska da. *Literatura infantil* – sua delimitação. Rio de Janeiro, DF, 7 maio 1936.

_____. *O nacionalismo e a literatura infantil*. Rio de Janeiro, DF, 5 ago. 1936.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *A semear horizontes*: leituras literárias na formação da infância, Argentina e Brasil (1915 – 1954). 2002. 339 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo/SP.

STARLING, Nair apud CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A literatura infantil* – visão histórica e crítica. 4. ed. São Paulo: Global, 1985. (Coleção Crítica e Teoria Literária)

TEIXEIRA DE FREITAS. *Ofício*. Rio de Janeiro, DF, 23 jun. 1938.

VASCONCELOS, Mário Sérgio. *A difusão das idéias de Piaget no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. (Coleção Psicologia e Educação).

VIEIRA, M. P. A.; PEIXOTO, M. R. C.; KHOURY, Y. M. A. A pesquisa em história. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991. (Princípios).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1981.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura infantil*: autoritarismo e emancipação. São Paulo: Ática, 1982. (Ensaios 82).

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças*: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos. São Paulo: Global, 1986.

BIBLIOGRAFIA

I. Apoio teórico:

ABRAMO, Márcio. *O livro no Brasil*: alguns dados sobre sua história e evolução. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 65, n. 13, abr. 1971.

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. *Teoria da Literatura*. 8. ed. Coimbra: Almedina. 1992.

ARIÈS, Phillipe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. Ensaio de preliminares para sua história e suas fontes. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (ABE). *Um educador brasileiro*: Lourenço Filho. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1959. *Livro Jubilar*.

AUERBACH, Erich. *Mimeses* - a representação da realidade na literatura ocidental. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. 4. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1963.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética* (A Teoria do Romance). 4. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

BOTTO, Carlota. Nova história e velhos dilemas. *Revista USP*, São Paulo, n. 23, p. 23-33, set/nov. 1994.

_____. Educar para a leitura e educar pela leitura: manuscritos, impressos e telas... *Todas as letras*, São Paulo, v. 2, p. 1-13, 2000.

CAMARGO, Luís. *Ilustração do livro infantil*. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1995.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Estudos de teoria e história literária. 3. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

_____. _____. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

_____. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, v. 24, n. 9, p. 803-839, set. 1972

_____. *O discurso e a cidade*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. *A literatura infantil* – visão histórica e crítica. 4. ed. São Paulo: Global, 1985. (Crítica e Teoria Literária).

BIBLIOGRAFIA

I. Apoio teórico:

ABRAMO, Márcio. *O livro no Brasil*: alguns dados sobre sua história e evolução. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 65, n. 13, abr. 1971.

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. *Teoria da Literatura*. 8. ed. Coimbra: Almedina. 1992.

ARIÈS, Phillipe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. Ensaio de preliminares para sua história e suas fontes. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (ABE). *Um educador brasileiro*: Lourenço Filho. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1959. *Livro Jubilar*.

AUERBACH, Erich. *Mimeses* - a representação da realidade na literatura ocidental. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. 4. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1963.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética* (A Teoria do Romance). 4. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

BOTTO, Carlota. Nova história e velhos dilemas. *Revista USP*, São Paulo, n. 23, p. 23-33, set/nov. 1994.

_____. Educar para a leitura e educar pela leitura: manuscritos, impressos e telas... *Todas as letras*, São Paulo, v. 2, p. 1-13, 2000.

CAMARGO, Luís. *Ilustração do livro infantil*. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1995.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Estudos de teoria e história literária. 3. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

_____. _____. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

_____. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, v. 24, n. 9, p. 803-839, set. 1972

_____. *O discurso e a cidade*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. *A literatura infantil* – visão histórica e crítica. 4. ed. São Paulo: Global, 1985. (Crítica e Teoria Literária).

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Saber histórico, saber escolar: perspectiva de pesquisa no campo da História da Educação. *Estudos e documentos*. A Pesquisa em educação e o intercâmbio cultural, São Paulo, v. 30, 1991.

_____. Pedagogia da Escola Nova, produção da natureza infantil e controle doutrinário da escola. In.: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN, Moysés Jr. (Org.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 373-408.

_____. *A Escola e a República e outros ensaios*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Reforma escolar, pedagogia da escola nova e usos do impresso. *Contemporaneidade e Educação*, Rio de Janeiro, v. 7, p. 71-92, 2000.

_____. A Coleção como estratégia editorial de difusão de modelos pedagógicos: o caso da Biblioteca de Educação organizada por Lourenço Filho. In.: *II Congresso Brasileiro de História da Educação*, 2004, Curitiba.

CHARTIER, Roger. *A história cultural* – entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Difel, 1990. (Memória e Sociedade)

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil*. História – Teoria – Análise. São Paulo: Quíron; Brasília, INL, 1981.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura*: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

GÓES, Lúcia Pimentel. *Introdução à literatura infantil*. São Paulo: Pioneira, 1984.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*: sua história. Trad. M. da P. Villalobos e L. L. de Oliveira. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1985.

KHEDE, Sônia S. (Org). *Literatura infanto-juvenil* – um gênero polêmico. Petrópolis: Vozes, 1983.

LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola*. Bilac e a literatura escolar na República Velha. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira*: história & histórias. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

LOPES, Eliane Marta T.; FILHO, Luciano Mendes F.; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Leitura, literatura e escola* - sobre a formação do gosto. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

unesp

_____. Leitura e cultura: Considerações sobre a produção didática de Lourenço Filho. In.: MONARCHA, Carlos (org). *Centenário de Lourenço Filho:* 1897 – 1970. Londrina: Universidade Estadual de Londrina; Marília: Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Educação, 1997. p. 145-157.

_____. Entre a literatura e o ensino: um balanço das tematizações brasileiras (e assisenses) sobre literatura infantil. *Miscelânea*: FCT/UNESP/Assis, v. 3, p. 247-257, 1998.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1951.

MENIN, Ana Maria da Costa Santos. *O patinho feio de H. C. Andersen* – o "abrasileiramento" de um conto para crianças. 1999. 280f. Tese (Doutorado em Letras) _ Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista, Assis/SP.

MONARCHA, Carlos (org). *Lourenço Filho*: outros aspectos, mesma obra. Campinas: Mercado de Letras; UNESP, 1997.

_____. *Centenário de Lourenço Filho:* 1897 – 1970. Londrina: Universidade Estadual de Londrina; Marília: Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Educação, 1997.

_____. Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999.

_____. *O sertão cearense segundo Lourenço Filho*. 2001. 163f. Tese (Livre-Docência em História da Educação Brasileira) _ Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista, Marília/SP

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação. *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 6, p. 69-77, out. 1999.

_____. *Os sentidos da alfabetização* (São Paulo/ 1876 – 1994). São Paulo: Editora UNESP: CONPED, 2000.

_____. Leitura crítica da literatura infantil. *Leitura*: teoria& prática, n. 36, p. 11-17, dez. 2000.

_____. Produção didática e de literatura infantil. In.: MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy (Org.). *Por Lourenço Filho*: uma biobibliografia. Brasília: INEP/MEC, 2001. p.127-134 (Coleção Lourenço Filho).

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na primeira república*. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1974.

PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.

PFROMM NETO, Samuel; ROSAMILHA, N.; DIB, C. *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL/MEC, 1974.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

ROSEMBERG, Fúlvia. Análise de conteúdo em literatura infantil: reflexões sobre a escolha de amostra. *Boletim Informativo da Fundação Nacional do Livro Infantil*, Rio de Janeiro, v.8, n.35, p.16-20, jun./set. 1976.

_____. A mulher na literatura infantil: revisão e perspectivas. *Boletim Informativo da Fundação Nacional do Livro Infantil*, Rio de Janeiro, v.7, n.32, p.5-9, out./dez. 1975.

SALEM, Nazira. *Literatura Infantil*. São Paulo: Mestre Jou, 1959.

SANDRONI, Laura C. Retrospectiva da literatura infantil brasileira. *Cadernos da PUC/RJ* , n. 33, 1980.

SOSA, Jesualdo. *A literatura infantil* (Ensaio sobre a Ética, a Estética e a Psicopedagogia da literatura infantil)(trad. James Amado). São Paulo: Edusp/Cultrix, 1978.

SOUZA, Claudete Cameschi. *A literatura infantil e juvenil de Francisco Marins:* uma representação de certa realidade brasileira. 2002. 369f. Tese (Doutorado em Educação) _ Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista, Marília/SP.

SOUZA, Rosa Fátima. *Templos de Civilização*: um estudo sobre a Implantação dos Grupos Escolares no Estado de São Paulo (1890-1910). 1996. 307f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação. USP, São Paulo.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In.: LOPES, Eliane Marta T.; FILHO, Luciano Mendes F.; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. *O exercício disciplinado do olhar*: livros, leituras e práticas de formação docente. Bragança Paulista: EDUSF, 2001.

VIDAL, Diana Gonçalves; SOUZA, M. C. (Coord.) *A memória e a sombra*. A escola brasileira entre o Império e a República. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WERNECK, Regina Iolanda. A importância da imagem nos livros. In.: SANDRONI, Laura Constância; MACHADO, Luiz Raul (Org.). *A criança e o livro*: guia prático de estímulo à leitura. 3. ed. São Paulo: Ática, 1991. p. 38-45.

YUNES, Eliana. Brasil: um balanço crítico. *Casas de las Americas*, v.30, n.175, p.82-86, 1989.

ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil e ensino. *Educação & Sociedade*, Campinas, v.3, n.8, p.115-40, jan. 1981.

_____. Literatura infantil para crianças que aprendem a ler. *Cadernos de Pesquisa,* São Paulo, v.52, p.79-83, fev. 1985.

_____. *A literatura infantil na escola*. 7. ed. rev. e ampl. São Paulo: Global, 1989.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

_____. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças*: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos. São Paulo: Global, 1993.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura infantil*: autoritarismo e emancipação. São Paulo: Ática, 1982. (Ensaios 82).

II. Obras de Referência:

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*: séculos XIX e XX. São Paulo: Edusp, 1984.

DONATO, Hernani. *Cem anos de Melhoramentos*: 1890-1990. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *Análise dos temas e modelos culturais veiculados por livros infanto-juvenis brasileiros*. São Paulo: FCC, 1979. 9v.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. *Retrospectiva histórica da literatura infantil e juvenil brasileira*: de Lobato a Bojunga - pesquisa. Rio de Janeiro: PUC, 1992. 47p. (Apoio: Fundação Biblioteca Nacional).

MELO, Luís C. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Saraiva, 1969.

MENEZES, R. *Dicionário literário brasileiro*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy (Org.). *Por Lourenço Filho*: uma biobibliografia. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2001. Coleção Lourenço Filho).

REIS, C.; LOPES, A C. M. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina, 1994.

ACERVOS, INSTITUIÇÕES E SITES CONSULTADOS

- Acervo da Companhia Melhoramentos de São Paulo/SP
- Acervo Ruy Lourenço Filho, Rio de Janeiro/RJ
- Arquivos do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC/FGV/RJ
- Biblioteca da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
- Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista - Campus de Marília/SP
- Biblioteca do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista – Campus de São José do Rio Preto
- Biblioteca Central da Universidade Estadual de Campinas/SP
- Biblioteca do Centro do Professorado Paulista – Instituto de Pesquisa "Sud Menucci" – São Paulo/SP
- Biblioteca do Colégio Rio Branco, São Paulo/SP
- Biblioteca da Escola Caetano de Campos, São Paulo/SP
- Biblioteca Pública Municipal de Três Lagoas/MS
- Centro de Referência para Pesquisa Histórica em Educação – UNESP – Campus de Marília/SP
- Divisão de Informação Documental da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro/RJ
- Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ – Rio de Janeiro/RJ
- http://www.unicamp.br/bc

- http://inep.gov.br
- http://www.bn.br/bivirtual/catalogos/acervogeral.htlm
- http://www.bv.ufmg.br
- http://wwwcrmariocovas.sp.gov.br/memorial.php
- http://www.educacaobrasileira.pro.br
- http://www.iie.min-edu.pt/bd.htm
- http://scielo.br
- http://www.fnlij.org.br
- http://anped.org.br
- http://uff.br
- http://bce.unb.br
- http://ufrgs.br
- http://ufrj.br
- http://cgb.unesp.br
- http://google.br
- http://ufscar.br
- http://cpdoc.fgv.br
- http://dedalus.usp.br
- UNIBIBLI (USP, UNESP,UNICAMP)
- ATHENA (UNESP)
- MINERVA (UFRJ)

APÊNDICE :

PRODUÇÃO DE LOURENÇO FILHO *SOBRE* E *DE* LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Apresentação

O presente texto objetiva ordenar a produção do educador brasileiro Manoel Bergström Lourenço Filho (1897-1970) *sobre* e *de* literatura infantil e juvenil, resultante de procedimentos de localização, recuperação, reunião e seleção de dados referentes a essa produção, publicada no período de 1915 a 1970.

Os dados foram recuperados, reunidos e selecionados mediante consulta, especialmente, à "Biobibliografia" do autor, organizada por Carlos Monarcha e Ruy Lourenço Filho (2001) em *Por Lourenço Filho*: uma biobibliografia e os documentos foram localizados por meio de consultas realizadas nos seguintes acervos e instituições de pesquisas: Acervo da Companhia Melhoramentos de São Paulo (São Paulo), Acervo Ruy Lourenço Filho (Rio de Janeiro), Arquivos do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC/FGV (Rio de Janeiro), Arquivo da Escola Caetano de Campos (São Paulo), Biblioteca do Centro do Professorado Paulista – Instituto de Pesquisa "Sud Menucci" (São Paulo), Centro de Referência para Pesquisa Histórica em Educação – CRPHE/UNESP (Marília) e Divisão de Informação Documental da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro).

Organizei as referências bibliográficas de acordo com as normas da ABNT-2003 (NBR 6023), em quatro seções, relacionadas a seguir com a correspondente quantidade:

- Seção 1: Produção *de* literatura - 10
- Seção 2: Produção *de* literatura infantil e juvenil: 21
- Seção 3: Produção didática para crianças para o ensino da leitura: 07
- Seção 4: Produção *sobre* literatura infantil e juvenil e assuntos correlatos: 67

Como se pode observar, ao organizar as seções, optei por incluir, além das seções da produção *de* e *sobre* literatura infantil (seções 2 e 4, respectivamente), mais duas seções, uma, da produção de literatura (para adultos) do autor (seção 1), e outra, de sua produção didática para crianças ligada à leitura (seção 3), uma vez que a primeira antecede a produção de literatura infantil e juvenil de Lourenço Filho e pode ser, por isso, o germe dessa produção, e a segunda precisa ser considerada, para se reconhecer que o autor se envolveu e concretizou uma produção específica de literatura infantil e juvenil.

Na seção 1, "Produção *de* literatura", incluí o livro *Joaseiro do Pe. Cicero* e os artigos literários produzidos por Lourenço Filho, entre 1915 e 1916, na revista *Vida Moderna* e em 1919 e 1923, n' *O Estado de S. Paulo*.

Na seção 2, "Produção *de* literatura infantil e juvenil", considerei a Série Histórias do Tio Damião, com seus 12 títulos, o livro *São Paulo* da Série Viagem através do Brasil e os títulos da coleção Biblioteca Infantil e da Série Pátria Brasileira revisados e orientados por Lourenço Filho[1].

Na seção 3, "Produção didática para crianças para o ensino da leitura", considerei as cartilhas: *Cartilha do povo* – para ensinar a ler rapidamente e *Upa, cavalinho*! e os livros de leitura da Série de Leitura Graduada Pedrinho.

Na seção 4, "Produção *sobre* literatura infantil e juvenil e assuntos correlatos", considerei todos os textos de Lourenço Filho recuperados, publicados ou não, que tematizam a literatura, a literatura infantil e/ou juvenil, a leitura e o livro, produzidos entre 1915 e 1971, veiculados em capítulo de livro, artigos, conferências, separatas, periódicos, pareceres, artigos

[1] A atuação de Lourenço Filho como revisor e orientador de textos, extremamente significativa à época, foi por mim considerada na seção "Produção *de* literatura infantil e juvenil", baseada nas considerações de Menin (1999) que, estudando a revisão de Lourenço Filho de *O patinho feio*, de Andersen, da coleção Biblioteca Infantil, afirma que ele não apenas revisou, mas recriou o texto, segundo um projeto e com autonomia de trabalho.

unesp

de crítica literária, "recepção de acadêmico", introdução, apresentação e prefácios a livros *de* e *sobre* literatura infantil (33 documentos) e em documentos produzidos em 1936 e 1937 pela Comissão Nacional de Literatura Infantil (34 documentos), da qual Lourenço Filho foi presidente, nesses dois anos.

É importante ressaltar que, a despeito dos esforços, nem sempre foi possível obter exemplares de todos os documentos, nem tampouco obter informações completas a respeito do número de edições e tiragens de todas as publicações, a exemplo dos títulos que compõem a coleção Biblioteca Infantil em que os dados permanecem, até o momento, incompletos.

Em cada uma das seções, ordenei as referências em ordem cronológica de acordo com a data de publicação da edição mais antiga que localizei de cada texto. Quando o documento teve mais de uma publicação e/ou edição, a fim de facilitar a visualização, apresentei-as com recuo da margem esquerda maior do que o utilizado para a edição mais antiga.

Na elaboração das referências, utilizei-me de todos os elementos descritivos apresentados no documento e mantive a ortografia de época.

Seção 1: Produção *de* literatura

1. LOURENÇO FILHO, M. B. Suicida (das cartas de Noel Felix). *Vida Moderna*, São Paulo, n. 260, p. 11-12, 15 mar. 1915.

2._____. Conto de Serão. *Vida Moderna,* São Paulo, n. 268, p. 14-15, 29 jul. 1915.

3._____. Clarita (notas para um conto). *Vida Moderna*, São Paulo, n. 286, p. 15, 24 fev.1916.

4._____. De Pierrete. *Vida Moderna*, São Paulo, n. 283, p. 9, mar. 1916.

5._____. O Bock (notas para um conto*). Vida Moderna*, São Paulo, n. 286, p. 15-16, 27 abr.1916.

6._____. Carta de amor. *Vida Moderna*, São Paulo, n. 294, p. 10, 24 ago.1916.

7._____. Presente de anos. *Vida Moderna*, São Paulo, n. 296, p. 21, 21 set.1916.

8._____. O carvalho arrancado. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 abr. 1919.

9._____. A Padaria Espiritual. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1923.

10._____. *Joaseiro do Pe. Cícero:* scenas e quadros do fanatismo no nordeste. São Paulo: Melhoramentos, 1926. 301 p. il. (3.000 exemplares) (Além de Prefácio, constam do volume os seguintes capítulos: "Em caminho"; "A Méca dos Sertões"; "Transpondo as trincheiras..."; "No reino da insânia"; "'Ecce Homo!'"; "O 'alter ego'"; "Os milagres"; "O 'Boi Santo'"; "A sedição de 1913 – Causas"; "A Sedição – Início da lucta"; "A Sedição – O frustrado assedio á Méca"; "A marcha sobre Fortaleza"; "A Sedição – conseqüências"; "O Joaseiro no folk-lore"; "Conclusão"; e "Notas" finais)

2. ed., 1929. 221 p., il. (2.200 exemplares)

3. ed., 1959. 217 p., il. (Obras Completas de Lourenço Filho, v. 1) (5.000 exemplares) (Grafia do título atualizada: *Juazeiro do Padre Cícero*) (Inclusão da nota "Um livro atual" e de dois anexos na seção "Notas Finais": "Testamento do padre Cícero Romão Batista" e "Trecho de um discurso do deputado Floro Bartolomeu")

4. ed. aum. Brasília: MEC/INEP, 2002. 178 p. (Coleção Lourenço Filho, 5) (Inclusão de Prefácio, escrito por Carlos Monarcha e de Índice onomástico)

Seção 2: Produção *de* literatura infantil e juvenil

2.1 Livros de literatura infantil e juvenil

1. LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. *Totó.* Ilustrações de Dorca. São Paulo: Melhoramentos, 1942.16 p., il. 10,5cm X 23,5cm. (Série Histórias do Tio Damião, n. 1)

8. ed., 1958. (20.000 exemplares)[2]

2. _____. *Baianinha.* Ilustrações de Dorca. São Paulo: Melhoramentos, 1942. 16 p., il. 10,5cm X 24cm. (Série Histórias do Tio Damião, n. 2)

3. _____. *Papagaio Real.* Ilustrações de Dorca. São Paulo: Melhoramentos, 1943. 16 p., il. 10,5cm X 24cm. (Série Histórias do Tio Damião, n. 3) (5.000 exemplares)

2. ed., 1944. (10.000 exemplares)
3. ed., 1945. (20.000 exemplares)

[2] Até o momento, não foi possível o levantamento sistemático de todas as edições e tiragens desse e do livro nº 2 da Série Histórias do Tio Damião.

4. ed., 1946. (16.000 exemplares)
5. ed., 1948. (20.000 exemplares)
6. ed., 1950. (20.000 exemplares)
7. ed., 1958. (20.000 exemplares)

4. _____. *Tão pequenino...* Ilustrações de Marianne Müllenhoff. São Paulo: Melhoramentos, 1943. 16 p., il. 10,5cm X 23,5cm. (Série Histórias do Tio Damião, n. 4) (5.000 exemplares)

2. ed., 1944. (10.000 exemplares)
3. ed., 1945. (20.000 exemplares)
4. ed., 1947. (Ilustrações de Marianne Jolewicz) (16.000 exemplares)
5. ed., 1949. (20.000 exemplares)
6. ed., 1950. (20.000 exemplares)

5. _____. *Saci-Pererê*. Ilustrações de Acquarone. São Paulo: Melhoramentos, 1944. 16 p., il. 10,5cm X 23,5cm. (Série Histórias do Tio Damião, n. 5) (10.000 exemplares)

2. ed., 1945. (20.000 exemplares)
3. ed., 1948. (20.000 exemplares)
4. ed., 1950. (20.000 exemplares)
5. ed., 1958. (20.000 exemplares)

6. _____. *O indiozinho*. Ilustrações de Acquarone. São Paulo: Melhoramentos, 1944. 16 p., il. 10,5cm X 24cm. (Série Histórias do Tio Damião, n. 6) (10.000 exemplares)

2. ed., 1945. (20.000 exemplares)
3. ed., 1948. (20.000 exemplares)
4. ed., 1950. (20.000 exemplares)
5. ed., 1958. (2.000 exemplares)

7. _____. *A irmã do indiozinho*. Ilustrações de M. Colonna. São Paulo: Melhoramentos, 1946. 16 p., il. 10,5cm X 24cm. (Série Histórias do Tio Damião, n. 7) (10.000 exemplares)

2. ed., 1946. (16.000 exemplares)
3. ed., 1949. (20.000 exemplares)
4. ed., 1953. (20.000 exemplares)

8. _____. *A Gauchita*. Ilustrações de M. Colonna. São Paulo: Melhoramentos, 1946. 16 p., il. 10,5cm X 23,5cm. (Série Histórias do Tio Damião, n. 8) (10.000 exemplares)

2. ed., 1946. (16.000 exemplares)
3. ed., 1949. (20.000 exemplares)
4. ed., 1953. (20.000 exemplares)

9. _____. *A formiguinha*. Ilustrações de Dorca. São Paulo: Melhoramentos, 1946. 16 p., il. 10,5cm X 24cm. (Série Histórias do Tio Damião, n. 9) (16.000 exemplares)

2. ed., 1949. (20.000 exemplares)
3. ed., 1953. (20.000 exemplares)

10. _____. *No circo*. Ilustrações de Dorca. São Paulo: Melhoramentos, 1946. 16 p., il. 10,5cm X 24cm. (Série Histórias do Tio Damião, n. 10) (16.000 exemplares)

2. ed., 1950. (20.000 exemplares)
3. ed., 1954. (20.000 exemplares)

11. _____. *Maria do Céu*. Ilustrações de Oswaldo Storni. São Paulo: Melhoramentos, 1951. 16 p., il. 10,5cm X 23,5cm. (Série Histórias do Tio Damião, n. 11) (20.000 exemplares)

2. ed., 1958. (20.000 exemplares)

12. _____. *E eu, também...* São Paulo: Melhoramentos, 1951. 16 p., il. 10,5cm X 24cm. (Série Histórias do Tio Damião, n. 12) (20.000 exemplares)

13. _____. *São Paulo*. Ilustrações de Percy Lau. São Paulo: Melhoramentos, 1954. 207 p., il.(Série Viagem através do Brasil, v. 9) (10.000 exemplares)

2. ed., 1956. (20.000 exemplares)

2.2 Revisão de textos e orientações a autores e adaptadores/tradutores de literatura infantil

14. ANDERSEN, Hans Christian. *O patinho feio.* Revisão do professor Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, [19--] (Coleção Biblioteca Infantil)

15. AULNOY, Marie Catherine Jumelle de Berneville. *A veadinha cor de neve*, *O rei orgulhoso*. Adapt. Arnaldo de Oliveira Barreto. Orientação do professor Lourenço Filho. 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1951. 47 p., il. (Coleção Biblioteca Infantil)

16. BARRETO, Arnaldo de Oliveira. *Ali Babá e os quarenta ladrões e outras histórias*. Orientação do professor Lourenço Filho. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, [19--]. (Coleção Biblioteca Infantil)

17. FERREIRA, Miguel Ângelo Barros. *A conquista da Cidade Sagrada.* Adaptação para a infância da obra "Jerusalém Libertada", Torquato Tasso. Orientação do professor Lourenço Filho. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1951. 46 p., il. (Coleção Biblioteca Infantil)

18. FLEURY, Luiz Gonzaga de Camargo. *O cisne dourado.* Orientação do professor Lourenço Filho. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1951.46 p., il. (Coleção Biblioteca Infantil)

19. FONTES, Ofélia. *Novas histórias de Esopo*. Orientação do professor Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1956. 45 p., il. (Coleção Biblioteca Infantil)

20. SCHNEIDER, Otto. *A história do príncipe feio e da princesa bonita. A história do rei que mandou construir dois palácios. O rei Alexandre e o príncipe andrajoso. O rei Salomão e a sabedoria do porco-espinho*. Orientação do professor Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1958. 45 p., il. (Coleção Biblioteca Infantil)

21. FLEURY, Renato Seneca. *Leitura V*. Orientação do professor Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1953. 187 p. (Série Pátria brasileira)

Seção 3: Produção didática para crianças para ensino da leitura

3.1 Cartilhas

1. LOURENÇO FILHO, Manoel Berström. *Cartilha do povo*- para ensinar a ler rapidamente. Ilustrações de Fernando Dias da Silva[3]. São Paulo: Melhoramentos, 1928. 47 p., il. 14cm X 19cm (1.080.000 exemplares) (Constam da *Cartilha*: "Nota" e 40 lições)

276. ed., 1942. (300.000 exemplares)[4]
286. ed., 1944. (50.000 exemplares)
306. ed., 1944. (100.000 exemplares)
326. ed., 1945. (100.000 exemplares)
346. ed., 1945 (100.000 exemplares)
386. ed., 1946. (200.000 exemplares)
396. ed., 1946. (50.000 exemplares)
416. ed., 1946. (100.000 exemplares)
456. ed., 1947. (200.000 exemplares)
496. ed., 1947. (200.000 exemplares)
516. ed., 1948. (100.000 exemplares)
556. ed. 1948. (200.000 exemplares)
586. ed., 1949. (150.000 exemplares)
606. ed., 1949. (100.000 exemplares)
626. ed., 1949. (100.000 exemplares)
666. ed., 1950. (200.000 exemplares) (Há expansão da "Nota" e acréscimo da letra do *Hino Nacional Brasileiro*, após as lições)

[3] Não foi possível, até o momento, precisar a data em que Fernando Dias da Silva foi substituído por Gioconda Uliana Campos na ilustração dessa cartilha.
[4] Não foi possível, até o momento, obter dados completos a respeito do número de edições e tiragens de *Cartilha do povo*.

706. ed., 1950. (200.000 exemplares)
726. ed., 1951. (100.000 exemplares)
756.ed., 1951. (150.000 exemplares)
796. ed., 1951. (200.000 exemplares)
832. ed., 1952. (200.000 exemplares)
876. ed., 1953. (200.000 exemplares)
916. ed., 1953. (200.000 exemplares)
956. ed., 1953. (200.000 exemplares)
1.016. ed.,1954. (300.000 exemplares)
1.076. ed., 1954. (300.000 exemplares)
1.156. ed., 1955. (400.000 exemplares)
1.256. ed., 1956. (500.000 exemplares)
1.356. ed., 1957. (300.000 exemplares)
1.416. ed., 1958. (500.000 exemplares)
1.516. ed., 1959. (500.000 exemplares)
1.576. ed., 1960. (300.000 exemplares)
1.636. ed., 1960. (300.000 exemplares)
1.710. ed., 1961. (400.000 exemplares)
1.796. ed., 1962. (400.000 exemplares)
1.846. ed., 1963. (250.000 exemplares)
1.916. ed., 1963. (350.000 exemplares)
1.940. ed., 1965. (120.000 exemplares)
1.960. ed., 1965. (100.000 exemplares)
2.020. ed., 1965. (300.000 exemplares)
2.047. ed., 1967. (136.000 exemplares)
2.077. ed., 1967. (150.000 exemplares)
2.089. ed., 1970. (60.000 exemplares)
2.101. ed., 1970. (60.000 exemplares)
2.113. ed., 1971. (60.000 exemplares)
2.125. ed., 1971. (60.000 exemplares)
2.130. ed., 1972. (50.000 exemplares)
2.143. ed., 1972. (40.000 exemplares)
2.147. ed., 1973. (23.000 exemplares)
2.155. ed., 1973. (40.000 exemplares)
2.163. ed., 1974. (40.000 exemplares)
2.171. ed., 1974. (40.000 exemplares)
2.179. ed., 1975. (40.000 exemplares)
2.187. ed., 1976. (40.000 exemplares)
2.195. ed., 1977. (40.000 exemplares)
2.196. ed., 1978. (40.000 exemplares)
2.197. ed., 1981. (5.000 exemplares)
2.198. ed., 1982. (10.000 exemplares)
2.199. ed., 1983. (5.000 exemplares)
2.200. ed., 1984. (5.000 exemplares)



2. _____. *Upa, cavalinho*!. Ilustrações de Oswaldo Storni. São Paulo: Melhoramentos, 1957. 61 p., il. 14,5cm X 20,5cm (Série de Leitura Graduada Pedrinho) (1.000.000 exemplares) (Além de 51 lições não numeradas, essa cartilha apresenta orientações teóricas sobre a aprendizagem da leitura e a utilização da cartilha, com os seguintes subtítulos: "Três condições para aprender a ler"; "Como utilizar 'Upa, cavalinho!'"; e, "Cuidados de ordem geral")

2. ed., 1958. (120.000 exemplares)
3. ed., 1958. (100.000 exemplares)
4. ed., 1960. (60.000 exemplares)
5. ed., 1960. (75.000 exemplares)
6. ed., 1961. (150.000 exemplares)
7. ed., 1962. (100.000 exemplares)
8. ed., 1962. (120.000 exemplares)
9. ed., 1964. (100.000 exemplares)
10. ed., 1965. (100.000 exemplares)
11. ed., 1968. (50.000 exemplares)
12. ed., 1970. (20.000 exemplares)

3.2 Livros de leitura

3. LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. *Pedrinho*. Ilustrações de Maria Boes. São Paulo: Melhoramentos, 1953. 128 p., il. col. Inclui mapa. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, v. 1) (30.000 exemplares)

2. ed., 1953. (50.000 exemplares)
3. ed., 1954. (38.000 exemplares)
4. ed., 1955. (100.000 exemplares)
5. ed., 1956. (1.000.000 exemplares)
6. ed., 1957. (100.000 exemplares)
7. ed., 1958. (120.000 exemplares)
8. ed., 1959. (120.000 exemplares)
9. ed., 1960. (50.000 exemplares)
10. ed., 1960. (80.000 exemplares)
11. ed., 1961. (100.000 exemplares)
12. ed. 1962. (120.000 exemplares)
13. ed., 1964. (85.000 exemplares)
14. ed., 1966. (30.000 exemplares)
15. ed., 1967. (30.000 exemplares)
16. ed., 1968. (30.000 exemplares)
17. ed., 1969. (25.000 exemplares)
18. ed., 1970. (15.000 exemplares)



4. _____. *Pedrinho e seus amigos*. Ilustrações de Oswaldo Storni. São Paulo: Melhoramentos, 1954. 128 p., il. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, v. 2) (50.000 exemplares)

2. ed., 1954. (50.000 exemplares)
3. ed., 1955. (100.000 exemplares)
4. ed., 1955. (100.000 exemplares)
5. ed., 1957. (100.000 exemplares)
6. ed., 1958. (120.000 exemplares)
7. ed., 1959. (100.000 exemplares)
8. ed., 1961. (50.000 exemplares)
9. ed., 1961. (70.000 exemplares)
10. ed., 1962. (100.000 exemplares)
11. ed., 1963. (80.000 exemplares)
12. ed., 1965. (30.000 exemplares)
13. ed., 1966. (20.000 exemplares)
14. ed., 1967. (30.000 exemplares)
15. ed., 1967. (40.000 exemplares)
17. ed., 1970. (13.000 exemplares)

5. _____. *Aventuras de Pedrinho.* Ilustrações de Oswaldo Storni. São Paulo: Melhoramentos, 1955. 172 p., il. Inclui mapa. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, v. 3) (50.000 exemplares)

2. ed., 1955. (75.000 exemplares)
3. ed., 1957. (60.000 exemplares)
4. ed., 1957. (100.000 exemplares)
5. ed., 1959. (80.000 exemplares)
6. ed., 1960. (40.000 exemplares)
7. ed., 1961. (70.000 exemplares)
8. ed., 1961. (70.000 exemplares)
9. ed., 1964. (60.000 exemplares)
10. ed., 1965. (60.000 exemplares)
11. ed., 1967. (40.000 exemplares)
12. ed., 1969. (2.376 exemplares)
13. ed., 1969. (10.000 exemplares)
14. ed., 1970. (6.000 exemplares)

6. _____. *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*. Ilustrações de Oswaldo Storni. São Paulo: Melhoramentos, 1956. 175 p., il. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, v. 4) (50.000 exemplares)

2. ed., 1955. (75.000 exemplares)
3. ed., 1957. (60.000 exemplares)
4. ed., 1957. (100.000 exemplares)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

5. ed., 1959. (80.000 exemplares)
6. ed., 1960. (40.000 exemplares)
7. ed., 1961. (70.000 exemplares)
8. ed., 1961. (70.000 exemplares)
9. ed., 1964. (60.000 exemplares)
10. ed., 1965. (60.000 exemplares)
11. ed., 1967. (40.000 exemplares)
12. ed., 1969. (2.376 exemplares)
13. ed., 1969. (10.000 exemplares)
14. ed., 1970. (6.000 exemplares)

7. _____. *Pedrinho e o mundo*. São Paulo: Melhoramentos, 1957. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, v. 5)[5]

Seção 4: Produção *sobre* literatura infantil e assuntos correlatos

4.1 Capítulo de livro sobre literatura infantil

1. LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Literatura infantil e juvenil. In.: CRUZ, José Marques da. *História da literatura*. São Paulo: Melhoramentos, 1957. p. 577-584.

4.2 Artigos, Separatas, Conferências, Publicações em periódicos e similares.

2. LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. O que a criança lê. *Jornal do Commercio*, São Paulo, 24 maio 1920.

3. _____. Um inquérito sobre o que os moços lêem. *Educação,* São Paulo, v.1, n.1, p. 30-9, out. 1927.

3.1 Separata de: *Educação*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 3-12, 1928.

4. _____. O problema do livro nacional. *Estudos Brasileiros*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 96 – 97 e 101 – 103, jul./ago. 1938. Debate sobre a conferência do Dr. Levi Carneiro.

5. _____. O cinema e a literatura na educação da criança. Rio de Janeiro: *Imprensa Oficial*, 1939. 42 p.

6. _____. Como aperfeiçoar a literatura infantil. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p. 146-69, 1943.

---

[5] Não foram obtidas informações sobre a trajetória editorial desse livro da Série de Leitura Graduada Pedrinho, apontando para a possibilidade de que ele não foi publicado.

6.1 *La educacción*, Washington, DC, v. 4, n. 14, p. 25-9, abr/jun 1959. Publicado sob o título La literatura en el Brasil.

6.2 *Boletim informativo*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 30, p. 5-7, abr./jun., 1975. Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

6.3 *Boletim Informativo*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 31, p. 5-15, jul./set., 1975. Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

7. _____. O ensino e a biblioteca. *Departamento Administrativo do Serviço Público*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1944. 24 p. Primeira Conferência da Série "A educação e a biblioteca", pronunciada na Biblioteca do DASP, em 05/07/1944.

7.1 Biblioteca e ensino. *Formação*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 73, p. 4-21, ago. 1944. Conferência.

7.2 Ensino e biblioteca. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 6, n.16, p. 5 – 24, out. 1945.

7.3 Biblioteca e ensino. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, v. 8, n. 32, p. 30-51, dez. 1945.

8. _____. O valor das bibliotecas infantis. *EBSA*, São Paulo, v. 1, n. 12, p. 66 – 68, out. 1948. Palestra por ocasião da exposição do livro infantil.

9._____. A criança na literatura brasileira. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, v. 11, n. 44, p. 85-117, dez. 1948.

10. _____. Inquérito sobre livros para crianças. *Leitores e Livros*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 35, p. 172-179, jan./mar 1959.

10.1 Livros para crianças. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 77, p. 215-221, jan/mar, 1960.

10.2 Literatura Infantil. *Revista do Ensino*. Porto Alegre, v. 11, n. 85, p. 16-18, jul. 1962.

10.3 Um bom livro infantil segundo Lourenço Filho. *Boletim Informativo*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 13, p. 6 – 10, mar. 1971. Resumo das respostas de Lourenço Filho ao inquérito promovido pela revista *Leitores e Livros*, Rio de Janeiro, 1959.

11._____. Como tornar cada criança e cada adolescente um bom consumidor de leitura. *Educação*, Rio de Janeiro, n. 87, p. 7-13, set. 1966.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

12._____. Lúcia Benedetti e o teatro infantil. [S. l] [19--]. 3 f. Artigo sobre a importância das peças infantis dessa autora. Datilografado.

4.3 Pareceres a textos *de* literatura infantil

13. LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. *Parecer.* Rio de Janeiro, 28 dez. 1959. 2f. Parecer ao texto *João Pracinha* de Francisca Rodrigues Gregory. Há também uma carta de Lourenço Filho, de 26 de dezembro de 1959, na qual além de felicitar a autora, comunica o envio dos originais à Editora Melhoramentos. Datilografado

14. _____. *Parecer.* Rio de Janeiro, 31 jan. 1960. 3 f. Parecer à 3ª edição do livro *Simplicidade* de Walter Nieble de Freitas, o qual o solicita por carta, datada de 28 de janeiro de 1960. Junto, acompanha carta de Lourenço Filho em que tece considerações críticas sobre o livro. Datilografado.

15. _____. *Parecer.* Rio de Janeiro, 10 maio 1961. 4 f. Parecer, em forma de carta, ao texto *Dona História da Silva* de Francisca Rodrigues Gregory. Datilografado.

16. _____. *Parecer.* Rio de Janeiro, 16 out. 1961. 4 f. Parecer, em forma de carta, ao livro *Clarão da Serra* de Francisco Marins. Datilografado.

17. _____. *Parecer.* Rio de Janeiro, 5 dez. 1962. 1 f. Parecer, em forma de carta, ao texto *Sempre alerta, Rondon* de Francisca Rodrigues Gregory. Datilografado.

18. _____. *Parecer.* Rio de Janeiro, 25 ago. 1963 e 23 set. 1963. 3 f. Parecer, em forma de carta, ao romance *Grotão do café amarelo* de Francisco Marins. Datilografado.

19. _____. *Parecer.* Rio de Janeiro, 1 jun. 1964. 2 f. Parecer ao texto *Cinguri, o indiozinho* de F. Lyra Silva. Datilografado.

20. _____. *Parecer.* Rio de Janeiro, [196-?]. Parecer ao texto *Os fósforos mágicos.* 2 f. Datilografado.

4.4 Crítica literária e recepção de acadêmico

21. LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Impressionismo nas Letras. *Vida Moderna*, São Paulo, n. 264, p. 14, 24 maio 1915.

22. _____. Chronica (sobre escritos de Fialho de Almeida). *Vida Moderna*, São Paulo, n. 276, p. 9-10, 25 nov. 1915.

23. _____. Chronica (sobre estilo de Euclides da Cunha). *Vida Moderna*, São Paulo, n 292, p. 7, 20 jul 1916.

24. _____. O menino e o palacete. *Correio da Manhã,* Rio de Janeiro, 25 dez. 1954.2º Caderno: Literatura e Arte. p. 5.

25. _____. O simbolismo de "O menino e o palacete. *Correio da Manhã,* Rio de Janeiro, 15 jan. 1955. 1º Caderno: Literatura e Arte. p. 9.

26. _____. Um romance paulista: "Clarão da Serra". *O Estado de São Paulo,* São Paulo, p. 3-4, 19 maio 1962.

27. _____. Linguagem num romance paulista. *Veritas*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 75-82, mar. 1964.

28. _____. Oração do acadêmico Lourenço Filho. In.: ACADEMIA Paulista de Letras, cadeira n. 33. *Recepção do acadêmico Francisco Marins*. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1966. p. 15-31.

28.1 _____. Discurso na recepção do acadêmico Francisco Marins. *Revista da Academia Paulista de Letras*. São Paulo, v. 25, n. 71, p. 149-174, ago. 1968.

4.5 Introdução, apresentação e prefácios a livros *de* e *sobre* literatura infantil

29. LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Prefácio. In.: ANDRADE, Maria de Lourdes Nunes de. *Vamos recitar*: poesia e teatro infantil. Rio de Janeiro: Conquista, 1959.p.

30. _____. Introdução. In.: *Brasil*: paisagens e costumes. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

31. _____. Prefácio. In.: NERY, Luis M. *Nuvens choronas*, 1962. Datilografado.

32. _____. Um livro básico sobre Literatura Infantil Brasileira. In.: ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira* - ensaio de preliminares para sua história e suas fontes. São Paulo: Melhoramentos, 1968. p. 11 – 16

32.1 2.ed., 1988. Acréscimo de Nota assinada por Glória Pondé.

33. _____. Apresentação. In.: PAULI, Hertha. *A história da árvore de Natal* (trad. Aída de Carvalho Bergström). São Paulo: Melhoramentos. [s.d]

4.6 Documentos produzidos pela Comissão Nacional de Literatura Infantil em 1936 e 1937

34. BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. Comissão Nacional de Literatura Infantil. *Squema do 1º Boletim da Comissão de Literatura Infantil*. Rio de Janeiro, DF, [1936]. 1 p. Manuscrito.

35. _____. *Literatura infantil*. Rio de Janeiro, DF, 7 maio 1936. 2 p. Texto endereçado ao Ministro da Educação. Datilografado

36. SILVA, Elvira Nizinska da. *Literatura Infantil* – sua delimitação. Rio de Janeiro, DF, 7 maio 1936. 3 p. Manuscrito.

37. _____. *Tipos de literatura infantil*. Rio de Janeiro, DF, 7 maio 1936. 2 p. Manuscrito.

38. CELSO, Maria Eugenia. Palavras de quem tem uma criança. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, DF, 10 maio 1936.

39. SILVA, Elvira Nizinska da. *Classificação da literatura infantil*. Rio de Janeiro, DF, 14 maio 1936. 3 p. Datilografado.

40. LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Literatura infantil e linguagem. [S.l] [19--]. 2 p. Datilografado. Incompleto.

41. BRASIL. Ministério de Educação e Saúde. Comissão Nacional de Literatura Infantil. *Revista ou Jornal Infantil:* plano. Rio de Janeiro, DF, 21 maio 1936. 2 p. Manuscrito.

42. _____. *20 livros que poderão ser tradusidos ou adaptados para crianças entre 8 e 14 anos*. Rio de Janeiro, DF, 28 maio [1936]. 2 p. Datilografado.

43._____. *Lista*. Rio de Janeiro, DF, 28 maio [1936]. 2 p. Lista de livros ingleses, holandeses, russos, franceses, suecos e espanhóis, fornecida por Manuel Bandeira. Datilografado.

44. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. *Ofício*. Rio de Janeiro, DF, 1º jun. 1936. Ofício-resposta de Hebert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, a Lourenço Filho, presidente da Comissão Nacional de Literatura Infantil, no qual designa o Senhor Pinheiro de Lemos, de *O Globo*, para atender à Comissão. Remete, em anexo, o ofício endereçado ao Senhor Pinheiro de Lemos.

45. REGO, José Lins do. *Sugestões para uma ficha*. Rio de Janeiro, DF, 4 jun. 1936. 1 p. Datilografado

46. MENDES, Murilo. *Schema de uma ficha-padrão para classificação de livros infantis*. Rio de Janeiro, DF, 4 jun. 1936. 1 p. Datilografado

47. BANDEIRA, Manuel. *Ficha.* Rio de Janeiro, DF, 4 jun. 1936. 1 p. Datilografado.

48. LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. *Ante-projeto de padrão para apreciação de livros de literatura infantil (até 7 anos); (de 8 a 10 anos); (10 anos em diante).* Rio de Janeiro, DF, 4 jun. 1936. 4 p. Datilografado.

49. BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. Comissão Nacional de Literatura Infantil. *Ante-projeto de ficha-padrão para apreciação de livros de literatura infantil (7 a 13 anos de idade).* Rio de Janeiro, DF, 1936. 1 p. Datilografado.

50. _____. *Comentário aos squemas de uma ficha-padrão*. Rio de Janeiro, DF, 1936. 5 p. Manuscrito. Incompleto.

51. MENDES, Murilo. *Ofício*. Rio de Janeiro, DF, 15 jul. 1936. Ofício ao Presidente da Confederação Brasileira de Radio Difusão, assinado por Murilo Mendes, secretário da Comissão de Literatura Infantil, no qual solicita àquele que estude o problema dos programas de rádio destinados às crianças.

52. _____. *Ofício.* Rio de Janeiro, DF, 15 jul. 1936. Ofício ao Ministro da Educação e Saúde, no qual solicita seu exame quanto ao edital de concurso de livros infantis e à inscrição para prêmios aos três melhores livros infantis aparecidos em 1936, assinado por Murilo Mendes.

53. BRASIL Ministério da Educação e Saúde. Comissão de Literatura Infantil.*Premios para os 3 melhores livros infantis aparecidos em 1936.* Rio de Janeiro, DF, 1936.

54. _____. *Concurso de livros infantis.* Rio de Janeiro, DF, 1936. Edital de Concurso. Incompleto.

55. MENDES, Murilo. *Literatura Infantil e ideologia*. Rio de Janeiro, DF, 20 julho 1936. 4 p. Manuscrito.

56. SILVA, Elvira Nizinska. *O nacionalismo e a literatura infantil*. Rio de Janeiro, DF, 5 ago. 1936. 4 p. Datilografado.

57. CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE RÁDIO DIFUSÃO. *Ofício*. Rio de Janeiro, DF, 19 ago. 1936. Ofício assinado por Durval Tinoco, da Confederação Brasileira de Radiodifusão ao Secretário da Comissão de Literatura Infantil, Murilo Mendes, aceitando o convite de buscar um entendimento a respeito da organização de programas radiofônicos destinados às crianças.

58. INSTITUTO NACIONAL DE CINEMA EDUCATIVO. *Ofício*. Rio de Janeiro, DF, 16 nov. 1936. Ofício assinado por Sérgio Vasconcelos, do Instituto Nacional de Cinema Educativo (Ministério da Educação e Saúde Publica), à Srª Maria Eugenia Celso, destinando 10 minutos das irradiações da PRA 2 para as irradiações de Literatura Infantil.

59. BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. Comissão Nacional de Literatura Infantil. *Relatório das actividades da Comissão de Literatura Infantil.* Rio de Janeiro, DF, 31 mar. 1937. Relatório das atividades dos meses de janeiro e fevereiro, período em que Lourenço Filho se encontrava na Europa, em comissão.

60. _____. *Lista de Livros Aprovados e Recomendados*. Rio de Janeiro, DF, 1937. Listagem retirada da sessão de 6 de janeiro de 1937.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

61. _____. *Avaliação de fundo, forma e apresentação de livros da Biblioteca Escolar Recreativa*- Editorial Paulista- São Paulo. Rio de Janeiro, DF, 1937.

62. _____. *Relatório.* Rio de Janeiro, DF, 8 abr. 1937. Relatório das atividades do mês de março da Comissão de Literatura Infantil, no qual consta o resultado do concurso de livros infantis, relativo à idade pré-escolar.

63. REBELO, Marques e ROSA, Santa. *Ofício*. Rio de Janeiro, DF, 19 maio 1937. Ofício de Marques Rebelo e Santa Rosa, solicitando opinião da Comissão de Literatura Infantil sobre o livro *ABC de João e Maria.*

64. BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. Comissão Nacional de Literatura Infantil. *Ofício.* Rio de Janeiro, DF, 20 maio 1937. Opinião a respeito do livro *ABC de João e Maria* de Marques Rebelo e Santa Rosa. Manuscrito.

65. _____. *Concurso de livros* – 2ª categoria (8 a 10 anos). Rio de Janeiro, DF, 1937. Relação de livros selecionados no Concurso de livros infantis e seus respectivos pareceres.

66. _____. *Concurso de livros*- 3ª categoria (mais de 10 anos). Rio de Janeiro, DF, 1937. Relação de livros selecionados no Concurso de livros infantis e seus respectivos pareceres.

67. _____. *Organização das bibliotecas infantis*. Rio de Janeiro, DF, 14 setembro 1937. Datilografado.

ANEXOS

20 Livros

que poderão ser traduzidos ou adaptados para crianças entre 8 e 14 anos:

1) – Scènes et biographies des temps anciens et modernes – par G. Dhombres et G. Monod.
2) – Contes et récits en prose tirés des auteurs des XVIIe et XVIIIe siècles – par Henri Bornecque.
3) – Contes de Shakespeare, par Macleod, traduits par S. Godet.
4) – Les Enfants de l'aurore, contes mythologiques, traduits par S. Godet.
5) – Les Enfants et leurs amis, par S. Conar.
6) – Contes de fées – Perrault.
7) – Contes d'Anderser
8) – Contes de Grimm
9) – Enfances célèbres – par Mme. Colet.
10) – La jeunesse des hommes célèbres, – Müller.
11) – Histoires comme ça – Kipling.
12) – Enfants célèbres – M. Masson
13) – Légendes et récits pour la jeunesse – Mme. de Witt.
14) – Histoires de bêtes – Mme. de Witt – Guizot.
15) – Contes Cosmopolites – Leila Haroun

Anexo 1: "20 livros que poderão ser tradusidos ou adaptados para crianças entre 8 e 14 anos". Acervo: Arquivos do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC/FGV/RJ.

) – The Jungles Book – Kipling
) – Stories of Robin Hood – by J. M. Mc. Spadden.
) – Gleanings in Buddha fields – by Lafcadio Hearn.
) – The Golden Windows. by Laura R. Richards.
) – Indian fairy Tales, (Joseph Jacobs)

BLIOTECA ESCOLAR RECREATIVA - Editorial Paulista - S. Paulo.

V - CATIMATITA

Fundo -	Concepção geral	8	
	Adequação aos interesses normais da idade	10	
	Fantasia realizadora	7	
	Alcance educativo	20	
		32	32
Forma-	Vocabulario adequado à idade	5	
	Correção da linguagem	10	
	Simplicidade de expressão	5	
			20
Apresentação -	Formato e encadernação	5	
	Papel	5	
	Impressão	5	
	Ilustrações	3	18
			70

A CABANA MISTERIOSA

Fundo -	Concepção geral	8	
	Adequação à idade	10	
	Fantasia realizadora	7	
	Alcance educativo	[illegible]	[illegible]
Forma -	Vocabulario adequado à idade	5	
	Correção da linguagem	10	
	Simplicidade de expressão	5	20
Apresentação -	Formato e encadernação	5	
	Papel	5	
	Impressão	5	
	Ilustrações	3	
			18
			70

I - CRIANÇAS MODERNAS

Fundo -	Concepção geral	0	
	Adequação à idade	0	
	Fantasia realizadora	0	
	Alcance educativo	0	
Forma -	Vocabulario adequado à idade	5	0
	Correção da linguagem	10	
	Simplicidade de expressão	5	
Apresentação -	Formato e encadernação	5	20
	Papel	5	
	Impressão	5	
	Ilustração	3	18
			38

o 2: "Biblioteca Escolar Recreativa – Editorial Paulista/SP". Acervo: Arquivos do o de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC/FGV/RJ.

Concepção fraquissima, desenxabida, não adequada ao espirito infan-
l; alem disso desenvolvida sem a menor graça. A linguagem é em geral cer-
a, se bem se possa notar à pag. 6 mau emprego do verbo assistir; mas não
implos (pag. 26: se me não devolves) e contem lusitanismos(pag. 10 e 28:
a).

Fundo folklorico passavel, mas desenvolvido sem graça nem animação,
linguagem correcta, mas complicada xxxxxxxxxx (pag. 6: para que se não
; pag. 6: estridularam; pag. 7: desatar o fio das lagrimas, bruxoleava;
27: uma jovem; pag. 29: debulhada em lagrimas)

Fundo folklorico passavel, mas desenvolvido sem graça nem animação, em
uagem correcta mas complicada (abuso do preterito mais que perfeito sin-
ce; pag. 10: anfora; pag. 20: embargou-lhe os passos; pag. 21: te entre-
l; pag. 26: tragam-na)

1210



Totó vigiava o quintal.

Dia e noite, êle ali estava de olhos abertos.

Nem os gatos Totó deixava chegar.

— *Au, au, au!* latia êle.

Era como se estivesse dizendo:

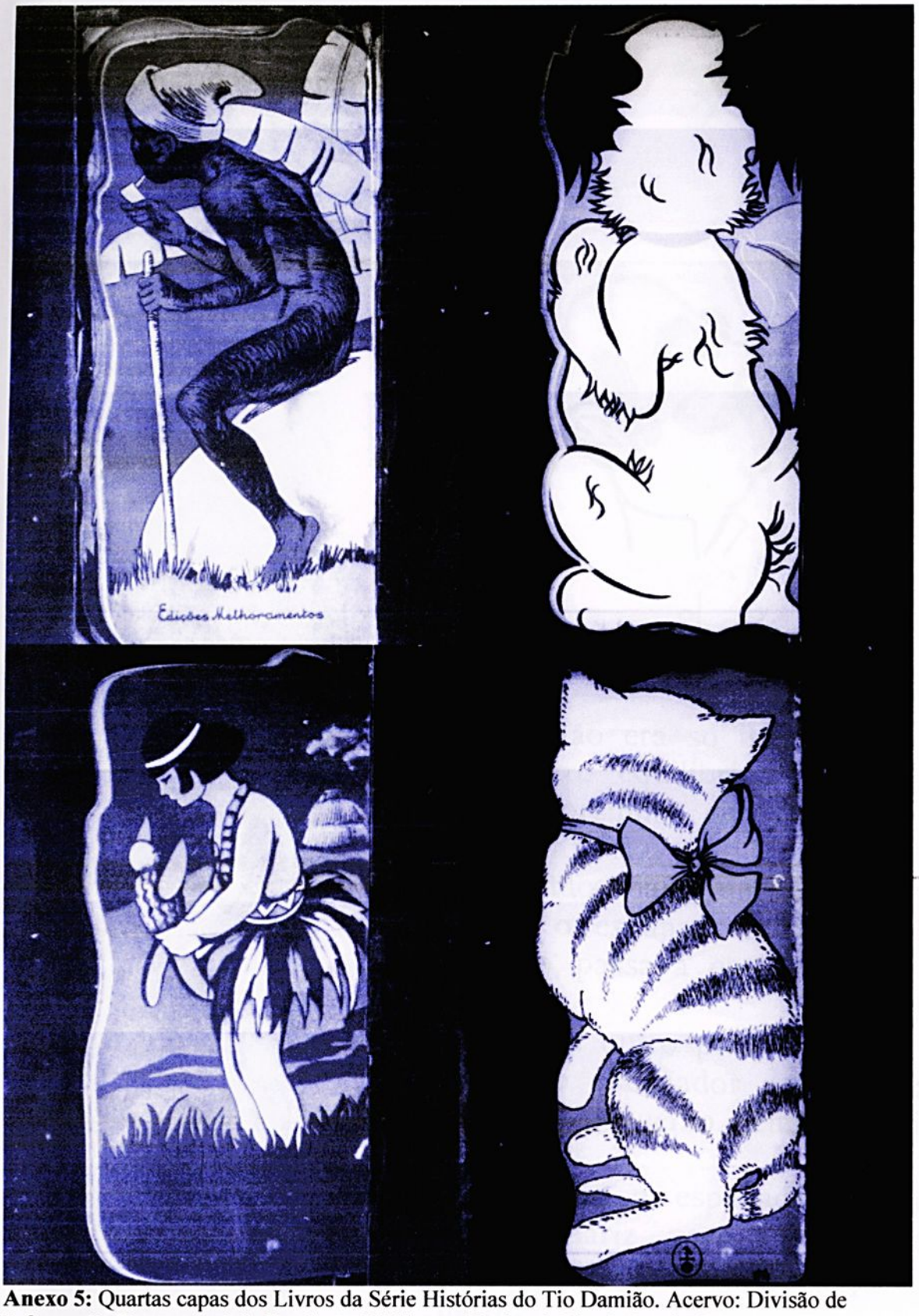
— Não quero aqui ninguém! *não quero ninguém! ninguém! ninguém aqui!*

Anexo 3: Formato do livro *Totó* (Série Histórias do Tio Damião, n. 1). Acervo: Divisão de Informação/Documentação da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro/RJ.



Anexo 4: Capas dos Livros da Série Historias do Tio Damião. Acervo: Divisão de Informação Documenta da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro/RJ.


A
FORMICUINHA
Edições
Melhoramentos
Indiozinho
NO CIRCO
EDIÇÕES MELHORAMENTOS



Anexo 5: Quartas capas dos Livros da Série Histórias do Tio Damião. Acervo: Divisão de Informação Documental da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro/RJ.



E não era só isso.

Outro equilibrista punha um espanadorzinho, em pé, bem no meio da testa.

Então, dava um pinote.

E o espanador, sempre em pèzinho, passava para a ponta do nariz.

Dava outro pinote.

E o espanador passava para a ponta do queixo, sempre direito, sem cair!

Depois o espanador voltava para o nariz, para a testa, para o queixo, para a testa, para o nariz...

E não caía!

O espanador parecia mágico!

Anexo 6: Página do livro *No circo* (Série Histórias do Tio Damião, n. 10). Acervo: Divisão de Informação/Documentação da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro/RJ.

